



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

DAYSE HELENA VIANA DE ALBUQUERQUE GOUVEIA

**TRAVESSIAS ATLÂNTICAS: ANÁLISE DESCRITIVA DA TRADUÇÃO
PARA O ESPANHOL DO ROMANCE *A REPÚBLICA DOS SONHOS*, DE NÉLIDA
PIÑON**

JOÃO PESSOA

2022

DAYSE HELENA VIANA DE ALBUQUERQUE GOUVEIA

**TRAVESSIAS ATLÂNTICAS: ANÁLISE DESCRITIVA DA TRADUÇÃO
PARA O ESPANHOL DO ROMANCE *A REPÚBLICA DOS SONHOS*, DE NÉLIDA
PIÑON**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura, Cultura e Tradução

Linha de pesquisa: Tradução e Cultura

Orientadora: Profa. Dra. Marta Pragana Dantas

Coorientadora: Profa. Dra. María Hortensia Blanco García
Murga

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G719t Gouveia, Dayse Helena Viana de Albuquerque.

Travessias atlânticas : análise descritiva da tradução para o espanhol do romance A república dos sonhos, de Nélida Piñon / Dayse Helena Viana de Albuquerque Gouveia. - João Pessoa, 2022.
175 f. : il.

Orientação: Marta Pragana Dantas.

Coorientação: María Hortensia Blanco García Murga.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura brasileira - Estudos da tradução. 2. Literatura brasileira - Tradução - Espanhol. 3. Nélida Piñon - Escritora brasileira. I. Dantas, Marta Pragana. II. Murga, María Hortensia Blanco García. III. Título.

UFPB/BC

CDU 821.143.3(81) (043)

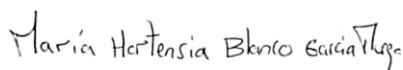
DAYSE HELENA VIANA DE ALBUQUERQUE GOUVEIA

**TRAVESSIAS ATLÂNTICAS: ANÁLISE DESCRITIVA DA
TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL DO ROMANCE *A REPÚBLICA
DOS SONHOS*, DE NÉLIDA PIÑON**

BANCA EXAMINADORA



Prof^a Dr^a Marta Pragana Dantas (PPGL/UFPB) – Orientadora



Prof^a Dr^a María Hortensia Blanco García Murga (DLEM/UFPB) - Coorientadora



Prof^a Dr^a Andrea Cristiane Kahmann (PPGL/UFPel) - Examinadora externa



Prof. Dr. Roberto Carlos de Assis (PPGL/UFPB) - Examinador interno

João Pessoa, 11 de dezembro de 2020

AGRADECIMENTOS

À Marta Pragana, minha orientadora, pelas oportunidades que me foram dadas desde a graduação ao participar do seu projeto de iniciação científica. Essa experiência me permitiu conhecer uma nova área e perspectiva de pesquisa que se refletem na presente dissertação. Também agradeço pela disponibilidade, pela acessibilidade e aprendizado durante esses anos. Por tudo, muito obrigada!

À minha coorientadora, María Hortensía Blanco, por todo seu incentivo e palavras motivadoras desde que eu estava no processo seletivo do mestrado. Por sua leitura dedicada, suas sugestões e a sua ajuda desde sempre. Por ser esse exemplo de professora que almejo um dia ser e que levarei na memória.

Ao tradutor Elkin Obregón Sanín (*In memoriam*) por sua disponibilidade e sua prontidão em ajudar-me em quaisquer dúvidas que me surgiram sobre a sua tradução de *A república dos sonhos*.

Aos membros da banca examinadora: Professoras Andrea Cristiane Kahmann e Ana Cristina Bezerril Cardoso e o Professor Roberto Carlos de Assis pelo tempo que dedicaram ao meu trabalho com suas leituras atentas contribuindo com suas considerações e sugestões.

A todos os professores que compõem o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras.

Aos funcionários da Biblioteca Nacional de España pelo auxílio prestado que me permitiu o acesso às informações que buscava.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras por todo o auxílio durante esses anos de mestrado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa concedida.

Agradeço aos colegas e amigos que compartilharam esse momento comigo me trazendo uma palavra de ânimo e incentivo.

A todos aqueles que, de alguma forma, tornaram possível a conclusão desta dissertação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DRAE – Diccionario de la Real Academia Española

IEC – Item de especificidade cultural

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Número de títulos traducidos de Nélida Piñon por país - (1960-2019).....	39
Figura 2: Número de títulos de Nélida Piñon publicados na Espanha por década – (1960 - 2019).....	40
Figura 3: Capa de <i>La república de los sueños</i> , edição de 1999 – Alfaguara.....	70
Figura 4: Capa de <i>La república de los sueños</i> , edição de 2005 – Alfaguara.....	71
Figura 5: Capa de <i>La república de los sueños</i> , edição comemorativa de 2013- Alfaguara.....	72
Figura 6: Capa de <i>La república de los sueños</i> , edição comemorativa de 2013, com destaque à cinta vermelha – Alfaguara.....	73
Figura 7: Capa de <i>La república de los sueños</i> , edição de 2014 – Círculo de Lectores.....	74
Figura 8: Capa de <i>A república dos sonhos</i> , edição de 2004 Editorial Galaxia	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os IECs e suas possíveis manipulações segundo Aixelá (2013)	64
Quadro 2: Classificação de estratégias tradutórias para os IECs proposto por Bentes (2005).	67
Quadro 3: Elementos presentes nas capas das traduções de <i>A república dos sonhos</i> publicadas na Espanha.....	77
Quadro 4: Uso do verbo tornar(se) em <i>La república de los sueños</i>	85
Quadro 5: Uso da conjunção adversativa <i>mas</i> em <i>La república de los sueños</i>	86
Quadro 6: Uso da construção verbal <i>gustar de</i>	87
Quadro 7: Estratégia de repetição para a tradução dos antropônimos	93
Quadro 8: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos antropônimos	95
Quadro 9: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos antropônimos	96
Quadro 10: Estratégia de tradução integral de nome próprio para a tradução dos topônimos	98
Quadro 11: Estratégia de tradução parcial de nome próprio para a tradução dos topônimos	101
Quadro 12: Estratégia de repetição para a tradução dos topônimos	104
Quadro 13: Estratégia de eliminação para a tradução dos topônimos	107
Quadro 14: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos topônimos	108
Quadro 15: Estratégia de explicação intratextual para a tradução dos topônimos.....	109
Quadro 16: Estratégia de universalização absoluta para a tradução de comidas e bebidas ..	111
Quadro 17: Estratégia de naturalização para a tradução de comidas e bebidas	117
Quadro 18: Estratégia de eliminação para a tradução de comidas e bebidas.....	119
Quadro 19: Estratégia de tradução linguística para a tradução de comidas e bebidas	119
Quadro 20: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução de comidas e bebidas.....	120
Quadro 21: Estratégia de repetição para a tradução de comidas e bebidas.....	121
Quadro 22: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos gentílicos.....	122
Quadro 23: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos gentílicos	122
Quadro 24: Estratégia de repetição para a tradução dos gentílicos.....	123
Quadro 25: Estratégia de repetição para a tradução das formas de entretenimento	124
Quadro 26: Estratégia de universalização absoluta para a tradução das formas de entretenimento	124
Quadro 27: Estratégia de tradução linguística para a tradução das formas de entretenimento	125

Quadro 28: Estratégia de universalização absoluta para a tradução das expressões idiomáticas	126
Quadro 29: Estratégia de tradução linguística para a tradução das expressões idiomáticas.	128
Quadro 30: Estratégia de eliminação para a tradução das expressões idiomáticas.....	128
Quadro 31: Estratégia de universalização absoluta para a tradução da fauna	129
Quadro 32: Estratégia de tradução linguística para a tradução das instituições locais	130
Quadro 33: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação	131
Quadro 34: Estratégia de repetição para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação ...	133
Quadro 35: Estratégia de universalização absoluta para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação	134
Quadro 36: Estratégia de repetição para a tradução dos locais.....	135
Quadro 37: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos personagens fictícios....	136
Quadro 38: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos personagens fictícios.	137
Quadro 39: Estratégias utilizadas para a tradução dos antropônimos.....	139
Quadro 40: Estratégias utilizadas para a tradução dos topônimos.....	140
Quadro 41: Estratégias utilizadas para a tradução dos outros IECs.....	141
Quadro 42: Somatório das estratégias tradutórias conforme a tendência	142

RESUMO

A escritora brasileira Nélide Piñon (1937) ao longo de sua carreira literária publicou romances, coletâneas de contos, crônicas, livros de ensaios e memórias. Desde o início de sua trajetória, ela vem estabelecendo um diálogo com outros países seja pelo fluxo de viagens para palestras, lançamentos de livros, participações em feiras literárias internacionais ou através de suas traduções. Até a presente data, a escritora publicou 23 livros dentre os quais 16 foram traduzidos para 11 países, sendo a Espanha o país que mais publicou seus títulos, totalizando 16. O romance *A república dos sonhos* (1984) desponta como a sua obra mais traduzida e editada no exterior, com edições nos Estados Unidos, Inglaterra, Colômbia, França e Espanha. Diante do exposto, esta dissertação tem como objetivo principal realizar uma análise descritiva da tradução para o espanhol do romance *A república dos sonhos*. Essa análise descritiva consistirá, primeiramente, no exame dos paratextos editoriais a fim de verificar como esses foram inseridos no sistema receptor espanhol. No nível macrotextual, se identificará como as diretrizes editoriais e o projeto tradutório de Elkin Obregón Sanín se refletiram em *La república de los sueños*. Finalmente, a análise microtextual buscará identificar o tratamento dado aos denominados itens de especificidade cultural com o intuito de responder quais foram as estratégias adotadas pelo tradutor para traduzi-los e se essas tiveram como efeito o apagamento ou a acentuação desses elementos culturais. A partir de identificados esses dados, será realizada uma análise quantitativa na qual se pretende verificar quais foram as estratégias tradutórias que predominaram no texto alvo com o intuito de responder se a tradução analisada segue a tendência domesticadora ou estrangeirizadora segundo Lawrence Venuti (2004). Como aporte teórico, essa pesquisa tomará como referência o modelo metodológico para a descrição de traduções proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011). Para a análise dos paratextos editoriais, serão indicados os estudos de Gerárd Genette (2018), Marie-Hélène Catherine Torres (2011) e Teresa Dias Carneiro (2014). Para o exame macrotextual, será abordado o conceito de espanhol neutro e sua influência no mercado editorial literário a partir das pesquisas empreendidas por Eva Bravo García (2008), Julia Benseñor (1993) e Norma Carriburo (2003). Finalmente, para a análise microtextual, será adotado o conceito de itens de especificidade cultural e suas possíveis manipulações segundo Javier Franco Aixelá (2013) e Carla Melibeu Bentes (2005). A partir do levantamento dos itens de especificidade cultural encontrados em *La república de los sueños* constatou-se que o tradutor lançou mão de onze diferentes estratégias para traduzi-los, de acordo com a classificação de Aixelá (2013) e Bentes (2005). Por fim, análise quantitativa revelou que Obregón Sanín utilizou um maior número de estratégias de tendência estrangeirizadora em relação às domesticadoras e, por último aparecem as estratégias classificadas como híbridas, contabilizando 63%, 28% e 9%, respectivamente.

Palavras-chave: Estudos da tradução, Literatura brasileira, Espanha, Nélide Piñon.

RESUMEN

La escritora brasileña Nélida Piñon (1937) a lo largo de su carrera literaria ha publicado novelas, cuentos, crónicas, libros de ensayos y memorias. Desde el inicio de su trayectoria, ha venido estableciendo un diálogo con otros países, ya sea a través del continuo flujo de viajes para impartir conferencias, presentaciones de libros, participación en ferias literarias internacionales o a través de sus traducciones. Hasta la fecha, la escritora ha publicado 23 libros, de dieciséis de los cuales han sido traducidos en once países, siendo España el país que más títulos suyos ha publicado, un total de 16. La novela *A república dos sonhos* (1984) aparece como su obra más traducida y editada en el exterior, con ediciones en Estados Unidos, Inglaterra, Colombia, Francia y España. Dado lo anterior, esta disertación tiene como objetivo principal realizar un análisis descriptivo de la traducción al español de la novela *A república dos sonhos*. Este análisis descriptivo consistirá, en primer lugar, en el examen de los paratextos editoriales con el fin de verificar cómo fueron introducidos en el sistema de recepción español. A nivel macrotextual, se identificará cómo las directrices editoriales y el proyecto de traducción de Elkin Obregón Sanín se plasmaron en *La república de los sueños*. Finalmente, el análisis microtextual buscará identificar el tratamiento dado a los llamados items de especificidad cultural para responder qué estrategias adoptó el traductor para traducirlos y si estas tuvieron como efecto el apagamiento o la anulación de esos elementos culturales. Una vez identificados estos datos, se hará un análisis cuantitativo, en el que se pretende verificar qué estrategias de traducción prevalecieron en el texto de destino para responder si la traducción analizada sigue la tendencia domesticadora o extranjerizante, según Lawrence Venuti (2004). Como aporte teórico, esta investigación adoptará el modelo metodológico para la descripción de traducciones propuesto por José Lambert y Hendrik Van Gorp (2011). Para el análisis de los paratextos editoriales se tomarán como base los estudios de Gérard Genette (2018), Marie-Hélène Catherine Torres (2011) y Teresa Dias Carneiro (2014). Para el análisis macrotextual, se abordará el concepto de español neutro y su influencia en el mercado editorial literario a partir de las investigaciones de Eva Bravo García (2008), Julia Benseñor (1993) y Norma Carriburo (2003). Finalmente, para el análisis microtextual, adoptaremos el concepto de items de especificidad cultural y sus posibles manipulaciones, según Javier Franco Aixelá (2013) y Carla Melibeu Bentes (2005). A partir de la identificación de los items de especificidad cultural encontrados en *La república de los sueños*, se constató que el traductor adoptó once estrategias para traducirlos, según la clasificación de Aixelá (2013) y Bentes (2005). Finalmente, los resultados revelan que Obregón Sanín utilizó un mayor número de estrategias con tendencia extranjerizante en comparación con las domesticadoras y, por último, aparecen las estrategias clasificadas como híbridas, que representan el 63%, 28% y 9%, respectivamente.

Palabras clave: Estudios de traducción, Literatura brasileña, España, Nélida Piñon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 NÉLIDA PIÑON NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO	18
2.1 Nélda Piñon: uma escritora herdeira de duas culturas.....	18
2.2 <i>A república dos sonhos</i> : do processo de criação à recepção crítica no Brasil.....	26
2.3 Fazer as Américas e o desejo de chegar à república brasileira dos sonhos	32
3 NÉLIDA PIÑON NO SISTEMA RECEPTOR ESPANHOL	39
3.1 A circulação das traduções de Nélda Piñon na Espanha	39
3.2 Recepção de <i>La república de los sueños</i> na Espanha	50
3.3 Elkin Obregón Sanín: tradutor de <i>La república de los sueños</i>	52
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	56
4.1 O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp para a descrição de traduções	56
4.2 Paratextos editoriais.....	59
4.3 Itens de especificidade cultural em tradução	61
5 ANÁLISE DESCRITIVA DA TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL DE <i>A REPÚBLICA DOS SONHOS</i>	68
5.1 Análise das capas das traduções de <i>A república dos sonhos</i> publicadas na Espanha	68
5.2 Análise macrotextual	77
5.3 Procedimentos metodológicos para a análise microtextual	88
5.4 Análise microtextual.....	91
5.4.1 Antropônimos	92
5.4.2 Topônimos	96
5.4.3 Outros itens de especificidade cultural	110
5.4.3.1 Comidas e bebidas	111
5.4.3.2 Gentílicos.....	121
5.4.3.3 Formas de entretenimento	123
5.4.3.4 Expressões idiomáticas.....	125
5.4.3.5 Fauna	129
5.4.3.6 Instituições locais	130
5.4.3.7 Fenômenos naturais e vegetação	131
5.4.3.8 Locais.....	134
5.4.3.9 Personagens fictícios	136
5.4 Análise microtextual: conclusão.....	138
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
ANEXO A.....	157
ANEXO B.....	159
ANEXO C.....	160
ANEXO D.....	162
APÊNDICE A	164
APÊNDICE B.....	171

1 INTRODUÇÃO

*Trago, pois, na imaginação, vestígios de uma viagem que não fiz – com meu corpo –
e o gosto do sal inerente à travessia atlântica.*

(Nélida Piñon)

Esta dissertação tem como objetivo principal realizar uma análise descritiva da tradução para o espanhol do romance *A república dos sonhos* (1984), de autoria da escritora brasileira Nélida Piñon. Essa análise descritiva consistirá, primeiramente, no exame dos paratextos editoriais a fim de verificar como esses foram apresentados aos leitores espanhóis. Igualmente, ainda no campo da análise, examinaremos no nível macrotextual como as diretrizes editoriais e o projeto tradutório de Elkin Obregón Sanín se imprimiram em *La república de los sueños*. Finalmente, na análise microtextual, buscaremos identificar o tratamento dado aos denominados itens de especificidade cultural (doravante IEC) a fim de responder quais foram as estratégias tradutórias adotadas pelo tradutor. A partir da identificação desses dados, sucederemos de uma análise quantitativa na qual pretendemos identificar quais dessas estratégias tradutórias predominaram no texto alvo para finalmente detectarmos se a tradução analisada segue a tendência domesticadora ou estrangeirizadora segundo Venuti (2004).

A motivação para esta pesquisa surge durante a participação como bolsista no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) intitulado *Tradução, história e desigualdades literárias: o cânone da literatura brasileira traduzida na Espanha*, sob a orientação da professora Marta Pragana Dantas. Nesse projeto tivemos como um dos objetivos fazer um levantamento de quais obras da literatura brasileira foram traduzidas na Espanha entre 2000 e 2016. A partir desses dados, foram identificados os escritores mais traduzidos, os respectivos títulos e editoras a fim de compreender qual era o cânone das letras brasileiras traduzidas naquele país europeu. O nome da escritora Nélida Piñon surgiu várias vezes, nos motivando a questionar como ela se mostrava tão relevante diante do cenário no qual a literatura brasileira ocupava a margem dentro das literaturas traduzidas.

No entanto, ainda durante a graduação em Letras, o seu nome despontou pela primeira vez durante a disciplina de Introdução aos estudos literários. Aquele sobrenome, de sonoridade distinta, nos revelava uma escritora que possivelmente não era de nacionalidade brasileira, suscitando-nos a curiosidade de saber qual era a sua origem. Naquele momento, líamos o conto

I love my husband, que também não nos fornecia dados precisos de onde ela poderia ter nascido. A partir dessa simples indagação, o nome *Nélida Piñon* se tornaria tão presente nos anos seguintes. Anos depois, em uma livraria, ao folhear o romance *A república dos sonhos*, o seu exemplar parecia tão volumoso e ao mesmo tempo desafiador, daquela já conhecida escritora. Suas páginas também revelavam pontos convergentes de sua biografia de filha e neta de imigrantes galegos e da própria história do Brasil.

De acordo com a citação de Nélida Piñon na epígrafe que abre esta introdução, a sua biografia e a dos personagens de *A república dos sonhos* perpassa essa travessia atlântica. Esses laços que unem o Brasil e a Espanha ou, mais especificamente a Galícia, estão fortemente presentes no romance. Escolher essa obra como *corpus* de pesquisa é igualmente embarcar nessa travessia, é questionar o que se esconde por trás da vinda de dois imigrantes espanhóis que escolheram o Brasil como sua república dos sonhos. Desse modo, tem-se o Brasil, com a língua portuguesa, tão cultuada por Nélida Piñon, e a sua tradução para o espanhol, na Espanha que desde os laços familiares abraça as obras da escritora que ali são traduzidas e editadas.

Em *A república dos sonhos* somos apresentados ao Brasil dos sonhos de Madrugá e Venâncio, que aqui aportaram em 1913, na cidade do Rio de Janeiro. No período temporal de quase oito décadas, a vida desses imigrantes e dos descendentes de Madrugá se confunde com a história desse país tão novo e instigante para eles. Esse cenário político, histórico e cultural nos pareceu uma opção profícua para analisar como os IECs foram traduzidos no par linguístico português-espanhol. A tradução, aqui analisada, foi realizada pelo tradutor colombiano Elkin Obregón Sanín, com primeira edição na Colômbia em 1991. Finalmente, essa mesma tradução foi publicada na Espanha em 1999. Até a presente data o romance foi editado em quatro ocasiões no país.

Para a realização da análise descritiva, utilizaremos o modelo proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011). Esse modelo se subdivide em quatro grandes fases: dados preliminares, análise macrotextual, análise microtextual e contexto sistêmico. A partir dessas etapas são propostas uma série de indagações que fornecerão direcionamentos de quais caminhos o estudioso pode seguir. Para a presente análise, selecionamos as três primeiras etapas do modelo metodológico de Lambert e Van Gorp (2011).

Na primeira etapa, dos dados preliminares, tomamos como objeto de análise os paratextos editoriais presentes em cinco edições publicadas na Espanha; quatro edições traduzidas para o espanhol, e uma para o galego. A análise desses paratextos estará fundamentada nos estudos de Gérard Genette (2018), Marie-Hélène Catherine Torres (2011) e

Teresa Dias Carneiro (2014) na qual buscamos compreender o papel desses elementos que compõem o livro e a sua influência na recepção ao ser traduzido no exterior.

A análise macrotextual buscará compreender a influência do denominado espanhol neutro e seus efeitos no mercado editorial literário e sua influência em *La república de los sueños*. Para tal, recorreremos a Eva Bravo García (2008), Julia Benseñor (1993) e Norma Carriburo (2003).

Para a análise microtextual, a pesquisa terá como fundamentação teórica o estudo realizado pelo espanhol Javier Franco Aixelá (2013) sobre o conceito dos IECs e suas possíveis manipulações nos estudos da tradução. De acordo com Aixelá (2013), compreendemos que os IECs são aqueles termos que oferecem dificuldade ao serem traduzidos por sua carga linguística e cultural que molda essa interpretação segundo o sistema receptor. A partir desse conceito, são formuladas onze diferentes estratégias tradutórias das quais o tradutor pode lançar mão no processo tradutório. Essas estratégias são agrupadas em dois grandes blocos: as de conservação e substituição. Tomando como base a teoria de Aixelá (2013), a pesquisadora brasileira Carla Melibeu Bentes (2005) propôs uma recategorização e uma reformulação dessas estratégias baseando-se nos conceitos de estrangeirização e domesticação, segundo Lawrence Venuti (2004). A partir do levantamento dos IEC presentes em *A república dos sonhos*, organizamos em três grandes categorias: antropônimos, topônimos e outros IECs. Por sua vez, o que denominamos de outros IECs são desde termos de comidas, bebidas, instituições etc. Para essa organização e classificação de termos relativos à cultura, aplicamos a categorização apresentada por Elaine Espíndola (2005) em sua dissertação.

Finalmente, para concluir essa introdução, apresentaremos como esta dissertação está estruturada. O capítulo inicial trará a trajetória literária de Nérida Piñon e os seus mais importantes livros publicados. Como o romance *A república dos sonhos* é o objeto de análise, esse será apresentado desde o seu processo de criação à sua recepção no Brasil. Igualmente, também se apreciará um resumo do romance a fim de compreender a sua narrativa.

No terceiro capítulo, que pode compreendê-lo como complemento do anterior, estará dedicado à circulação das traduções de Nérida Piñon na Espanha e, mais precisamente, à recepção de *La república de los sueños* no país. Finalmente, o capítulo é finalizado com uma apresentação de Elkin Obregón Sanín e a sua trajetória como tradutor.

O capítulo seguinte apresentará conceitos e fundamentos teóricos que nortearão a análise. Primeiramente, explicaremos o modelo metodológico proposto por Lambert e Van Gorp (2011) para a análise descritiva de traduções. Logo, será tratado o conceito de paratextos editoriais e seus efeitos nos livros traduzidos a partir dos estudos de Gérard Genette (2018),

Marie-Hélène Catherine Torres (2011) e Teresa Dias Carneiro (2014). A última seção do capítulo abordará os IECs e suas possíveis manipulações a partir de Javier Franco Aixelá (2013) e Carla Melibeu Bentes (2005).

Finalmente, no último capítulo iniciaremos a análise proposta. Conforme já mencionado, seguiremos o modelo proposto por Lambert e Van Gorp (2011) para a descrição de traduções. A primeira etapa identificará os elementos encontrados nas capas das edições de *La república de los sueños* e *A república dos sonhos*, sua tradução para o galego, publicadas na Espanha. Na etapa seguinte, na análise macrotextual, discorreremos sobre o projeto tradutório de *La repúblicas de los sueños* segundo Obregón Sanín e os efeitos do espanhol neutro na mencionada tradução. Em seguida, apresentaremos os procedimentos metodológicos que foram necessários para realizar os objetivos aqui propostos. Esses procedimentos metodológicos se subdividirão: em levantamento dos IECs no *corpus* mencionado, seguido da categorização desses a partir da organização e classificação propostos por Elaine Espíndola (2005). Na última etapa, a análise microtextual, apresentará os IECs encontrados no romance e suas respectivas traduções. Por último, concluiremos a análise microtextual com a exposição dos dados quantitativos levantados a partir da seção anterior.

2 NÉLIDA PIÑON NO SISTEMA LITERÁRIO BRASILEIRO

Escrever é o que sei fazer. Narrar me insere na corrente sanguínea do humano e me assegura que assim prossigo na contagem dos minutos da vida alheia. Pois nada deve ser esquecido, deixado ao relento. Há que pinçar a história dos sentimentos a partir da perplexidade sentida pelo homem que, na solidão da caverna, acendeu o primeiro fogo.

(Nélida Piñon, *Uma furtiva lágrima*, 2019)

Neste capítulo, abordaremos a trajetória de Nélida Piñon no sistema literário brasileiro através de um breve panorama desde o seu primeiro romance – *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961) até *Um dia chegarei a Sagres* (2020) – último livro publicado até a presente data. Nessa seção, também mencionaremos alguns fatos biográficos da escritora, assim como acontecimentos relevantes para a sua carreira. A segunda seção terá como objetivo tratar do romance *A república dos sonhos* desde o seu processo de criação até a sua recepção crítica em nosso país. Finalmente, na seção intitulada *Fazer as Américas e o desejo de chegar à república brasileira dos sonhos* apresentaremos o romance *A república dos sonhos* trazendo alguns elementos necessários para a compreensão da obra literária.

2.1 Nélida Piñon: uma escritora herdeira de duas culturas

Nélida Cuiñas Piñon, nascida em 3 de maio de 1937, no bairro carioca de Vila Isabel, traz em suas raízes familiares a Espanha, e mais precisamente, a Galícia. Filha do galego *Lino Piñón* Muíños e Olivia Carmen Cuiñas *Piñón*, brasileira de pais galegos, a escritora sempre exaltou como sua origem familiar influenciou em suas obras.

O seio familiar lhe proporcionou vivenciar novas experiências que a fizeram compreender que as suas raízes galegas lhe trariam um novo entendimento de sua identidade: “um súbito amor que além de me esclarecer a origem, afirmava quem eu era para estar no mundo. E que me levou a jurar inextinguível amor por Galícia.” (PIÑON, 2014, p. 19)

Autodenominada herdeira de duas culturas, ela pôde vivenciar na infância o que significava pertencer à uma família de galegos com raízes recentes no Brasil. A chegada à chuvosa e fria Galícia, terra que contrastava com a ensolarada Rio de Janeiro, provocaria sentimentos ambíguos na menina. No entanto, foi esse período em terras galegas que lhe

proporcionou receber heranças de seus ancestrais que reverberariam posteriormente em suas narrativas.

Naomi Hoki Moniz (1993), no livro *As viagens de Nélida Piñon, a escritora*, analisa que essa experiência da infância de passar alguns anos na Galícia se imprimiria em muitas de suas obras ao trazerem o imaginário celtibero como uma de suas matrizes, principalmente em seus primeiros romances. Dessa forma, ser uma escritora que desde a infância transitou entre diferentes culturas permitiu-lhe aprender as línguas espanhola e galega, a admirar a tradição oral de contar lendas e o conhecimento de um imaginário mítico celta.

Aos 10 anos, Piñon chegou à aldeia galega de Cotobade, onde tornou-se mais consciente da sua origem familiar e daquele cenário rural que se diferenciava da vida urbana do Rio de Janeiro. Essa estância na Galícia se veria refletida posteriormente em suas obras, como, por exemplo, em *A república dos sonhos*. Assim como Madruga, o protagonista desse romance, o seu avô Daniel imigrou para o Brasil ainda bem jovem, instalando-se no Rio de Janeiro. Ele foi um dos seus maiores incentivadores para seguir a carreira de escritora.

Na infância, Piñon já demonstrava afeição pela literatura. Aos oito anos, ela escrevia pequenos contos e os vendia para os pais e familiares. Recebendo grande incentivo de sua família, principalmente do pai que compreendia a importância da história familiar na vida da garota: “segundo ele, chegara o momento de a filha aprender os ensinamentos das culturas brasileira e espanhola, e sair fortalecida desta difícil fusão.” (PIÑON, 2009, p. 101).

Ainda menina, Piñon teve acesso aos mais diversos escritores ocidentais que a motivaram no futuro a optar pelo ofício de escritora. “Guardo desde menina, irrestrita fidelidade ao destino da escritura. Apraz-me proclamar, sem pressa ou arrogância, que sou filha dos livros e da imaginação” (PIÑON, 1996, n.p). Na adolescência, Piñon, que se aventurava na escrita de contos, já se mostrava consciente sobre quais direções seguiria em sua carreira de escritora.

Já aos quinze anos comecei a escrever uns contos muito tradicionais, umas histórias com sequências rígidas, de linguagem convencional, em que se podia prever a frase seguinte. [...] Certa vez, o personagem de um conto estava dominado pela angústia. Então escrevi: “Fulano subia a ladeira íngreme”. Lembro-me bem deste episódio. Era um conto bem-feitinho, até batido à máquina. Sei apenas que levei um choque tão grande ao ler “ladeira íngreme” que logo descobri que não pretendia passar a minha vida, que eu sabia que ia ser fecunda, rica, voraz, ansiosa por expor-se simplesmente escrevendo “ladeira íngreme”. (PIÑON, 1986, p. 14-15)

Paralelamente aos seus primeiros passos na literatura, Piñon formou-se no curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, porém não se dedicou à profissão, com raras exceções. Conforme menciona Carmen Villarino Pardo (2000), ela

estagiou por um mês no jornal *O Globo*, no ano de 1956. Sobre a escolha de Jornalismo ao invés de Letras, Piñon posteriormente respondeu a Marisa Raja Gabaglia (1972, p. 12) “Eu já tinha bagagem literária. Queria um mundo mais excitante, mais exposto, mais nervoso. Sem pensar em nenhum momento participar deles.”

Ainda na década de 1950, Piñon publicou alguns contos em periódicos. Mas logo, a simplicidade dos contos escritos na adolescência deu lugar a uma escritora que tinha a linguagem como matéria-prima de sua narrativa, conforme analisa Moniz (1993). Com a publicação de seu primeiro romance, *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), Piñon recebeu da crítica os adjetivos de uma escritora “difícil” e “hermética” por sua obra densa que buscava a inovação e o experimentalismo com o texto literário. Esses adjetivos a iriam perseguir por toda a sua trajetória, inclusive como justificativa para intitulá-la de uma escritora de difícil acesso aos leitores. Fato que a desagradaria profundamente.

Moniz (1993) identifica que a obra literária nelidiana pode ser compreendida em duas fases: a primeira, dita vanguardista e experimental agrupa os romances de *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961) a *Tebas do meu coração* (1974). A segunda fase, pós-moderna, se inicia com *A força do destino* (1977). Segundo a pesquisadora Maria Inês Marreco (2013), os dois primeiros romances de Piñon – *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* e *Madeira feita cruz* – já trarão elementos que marcarão toda a trajetória da escritora. Suas narrativas são povoadas por símbolos ambíguos como a floresta, a madeira, o verde e a pedra.

Ainda segundo Marreco (2013), *Tempo das frutas* (1966) trouxe um desafio para os leitores. Novamente classificado como uma obra hermética e de difícil entendimento, os personagens eram imorais, perversos e pervertidos como uma tentativa de Piñon em submergir à mente humana. Nos 18 contos que compõem o volume, a escritora explora os sentimentos daqueles que foram oprimidos numa busca em compreender não apenas o universo interno, mas um olhar para o social.

O final dessa década lhe traria seu primeiro prêmio literário. Ela foi distinguida com a Menção honrosa do Prêmio Walmap, em 1969, pelo romance *Fundador*. Essa também viria a ser a sua primeira obra traduzida em 1973, pela editora argentina Emecé. Villarino Pardo (2009) aponta que o romance foi publicado sem grandes expectativas por José Alves Editor, mas que logo foi bem recebido pela crítica jornalística.

Ainda nos anos 1970, Nélida Piñon conheceu a agente literária catalã Carmen Balcells. O primeiro contato entre as duas ocorreu em 1971, quando a escritora enviou o livro *Fundador* à agente literária através de Elisa Barreto. Naquele momento, o escritor Mario Vargas Llosa, amigo de Piñon, também dava ânimo para o início dessa futura relação profissional ao tecer

comentários positivos sobre a brasileira para Balcells (COSTA, 2011). No ano seguinte, a agente literária viria ao Brasil se hospedando na residência da família de Nélida Piñon. A partir desse momento surgiu uma relação profissional e amical entre as duas que perdurou até 2015, ano de falecimento de Carmen Balcells. Naquela mesma década, Balcells abriu uma filial de sua agência literária no Rio de Janeiro, onde regressaria algumas vezes.

Entre 1972 e 1973, a escritora carioca viveu em Barcelona onde pôde conviver com importantes escritores como Mario Vargas Llosa, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez que eram representados pela mesma agência literária. Logo, Fuentes e Vargas Llosa se tornariam admiradores da escritora. Fuentes foi o responsável pelo discurso em homenagem a Piñon durante o galardão Premio de literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo (1995) que a teve como a grande ganhadora da noite. O mexicano também seria um dos seus ávidos leitores tecendo comentários favoráveis sobre a sua obra literária. Vargas Llosa dedicou o livro *La guerra del fin del mundo* (1981) a Nélida Piñon, além de participar de alguns lançamentos dos livros da escritora na Espanha.

Em 1972, foi publicado o romance *A casa da paixão* pela editora Sabiá. Na época de seu lançamento, Piñon relatou à jornalista Gabaglia (1972) de que se tratava de uma história de amor e de um vínculo estabelecido entre uma jovem e o sol, que descobre o erotismo através da natureza. A protagonista Marta busca o autoconhecimento explorando o seu erotismo. O seu corpo é compreendido pela metáfora da casa da paixão que é estimulado sem pudores. Para Moniz (1993), há um fio condutor nas obras de Piñon, o arquétipo da jovem em sua jornada em aprendizagem no seio da natureza que vai aparecer principalmente nos contos de *Tempo das frutas* (1966) e nos romances *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), *Madeira feita cruz* (1963) e *A casa da paixão* (1972).

No ano seguinte, publicou pela editora José Olympio o livro *Sala de armas*. Composto por 16 contos, a escritora percorre os recônditos da natureza humana misturando o grotesco e o onírico. Em 1974, Nélida Piñon lançou *Tebas do meu coração* pela editora José Olympio, seu primeiro romance de grande fôlego. Segundo Marreco (2013), para concretização de sua publicação, Piñon datilografou 3.600 páginas até finalmente sua versão final editada com 380 páginas. Em *Tebas do meu coração*, a escritora traz a cidade de Santíssimo e os mais peculiares personagens que ali habitam trazendo o humor para fazer uma crítica à sociedade brasileira da época.

O seu próximo romance, *A força do destino* (1977), publicado pela editora Record, surge a partir da inspiração da ópera homônima de Giuseppe Verdi. O romance narra a história de amor entre Álvaro, um cavaleiro sem fortuna, e Leonora, de família nobre. A paz conjugal é

perturbada por Carlos, irmão da moça, culminando em um final trágico. Essa foi a primeira obra de Piñon a ser levada ao teatro pelo Centro Cultural TELEMAR, em 2006.

Com *O calor das coisas* (1980), a autora retorna às narrativas breves. Esse livro foi lançado pela Editora Nova Fronteira trazendo 13 contos que têm como ponto central o homem e os seus vários sentimentos. De acordo com Marreco (2013), essas narrativas são traçadas com fina ironia permitindo vislumbrar o universo particular de cada personagem, seus amores, temores e ódios. Esses contos também trazem fatos do cotidiano da sociedade brasileira da década de 1970.

Finalmente, em 1984, foi publicado *A república dos sonhos*, romance que tomamos como objeto de análise na presente pesquisa e que dedicaremos a próxima seção a ele. Publicado pela Francisco Alves, esse livro foi o responsável por premiá-la com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), como Melhor Livro de Ficção (1985) e com o Prêmio PEN Clube do Brasil como Melhor Livro do Ano (1985).

Em *A doce canção de Caetana* (1987), romance publicado pela Editora Guanabara, Nélida Piñon apresenta a protagonista homônima ao título que retorna à cidade de Trindade após 20 anos viajando com uma trupe circense. O sonho de Caetana era tornar-se uma Maria Callas e se apresentar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Após tentativas fracassadas, ela frustra-se retornando à sua cidade natal. Nesse retorno, ela reencontra Poliodoro a quem tinha abandonado. A narrativa transcorre na década de 1970, na véspera em que o Brasil foi campeão da Copa do Mundo de Futebol. Ainda nesse romance, a escritora também mostra o lado obscuro da ditadura.

No final da década de 1980, em 1989, Nélida Piñon disputou a cadeira nº 30 para tornar-se a quarta escritora a entrar para a Academia Brasileira de Letras. Em 1996, ela foi eleita como a primeira mulher a presidir a instituição, na ocasião do aniversário de 100 anos de sua fundação, em 1997. A entrada de Piñon para os imortais da literatura brasileira revela sua importância para as letras do país e, consequentemente, contribuiu para a sua visibilidade no exterior. O seu nome a partir de então será figura constante nas mais importantes feiras literárias internacionais e seus romances passam a ser traduzidos na Colômbia, nos Estados Unidos e na França.

A escritora avalia que dois fatores podem ter influenciado para que o seu nome recebesse uma maior visibilidade a partir dos anos 1990: os seus livros serem traduzidos para línguas menos periféricas que o português e críticas positivas recebidas por importantes meios de comunicação.

Acho que pesou muito, no meu caso, o fato de meus livros serem traduzidos para línguas menos periféricas. Porque a verdade é que a língua portuguesa tão deslumbrante, é, em termos de reconhecimento literário, uma língua periférica. Portanto a literatura brasileira é uma literatura periférica, independentemente da sua grandeza. Mas quando você é traduzido, o seu nome começa a chamar a atenção. E meus livros tiveram resenhas maravilhosas no “New York Times”, no “Washington Post”, no “Libération”, e também em “Le Monde”, “El País”, “La prensa”. Tudo isso fez meu nome circular. (PIÑON apud ALMEIDA, 1998, p. 5)

Em 1995, Nélida Piñon recebeu o Premio de literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo otorgado pela Universidad de Guadalajara, pela editora Fondo de Cultura Económica e pelo Consejo Nacional para la Cultura y las Artes mexicano. Piñon concorreu com outros 110 autores e foi a primeira escritora de língua portuguesa a receber tal premiação. Esse foi o primeiro grande prêmio internacional recebido pela autora que logo se somaria a outros no Brasil e no exterior.

Em 1998, a autora passa a compor o catálogo de autores da editora Record. Dez dos seus já treze livros publicados foram relançados pela nova casa editorial e a escritora mostrou-se contente pelo feito ao ser entrevistada por Mànya Millen (1998) do jornal *O Globo*:

Nem sempre o leitor tem acesso à trajetória de um autor de uma forma tão completa. (...) É uma boa forma de acompanhar o que uma escritora vem produzindo ao longo dos anos e perceber de que modo a vida, a experiência e a realidade brasileiras foram afetando a obra e suas decisões estéticas e, eu diria éticas também. É saber que uma autora que ainda é produtiva está aí, na grande liça da criação. (PIÑON apud MILLEN, 1998, p. 3)

Alguns dos títulos relançados estavam esgotados havia alguns anos. São os casos de *Tempo das frutas* (1966), *Fundador* (1969) e *Tebas do meu coração* (1974). No entanto, a escritora manifestou o desejo de que *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961) – seu primeiro livro publicado – fosse outra vez reeditado. Piñon acrescenta que, por ser uma obra escrita quando tinha 17 anos, ela gostaria que essa hipotética edição trouxesse uma apresentação crítica que explicasse a sua imaturidade literária comprometida pela sua paixão, com os deslocamentos verbais e uma imagística intensa (PIÑON apud MILLEN, 1998). Ainda nessa década, ela também publicou obras inéditas. O livro intitulado de *O pão de cada dia* (1994), composto de pequenos fragmentos sobre suas reflexões, e *A roda do vento* (1999), seu único livro dirigido ao público infantojuvenil.

Em 2003, na Espanha, a escritora foi a grande vencedora do Premio Internacional Menéndez Pelayo. O discurso da homenageada ficou a cargo de Vargas Llosa que naquele

momento disse “*A través de su amistad enriqueció mi vocación literaria y mi vida*”¹. (VARGAS LLOSA apud MORA, 2003, n.p) Posteriormente, o peruano também participou de eventos promovidos na Espanha para o lançamento de seus livros e a escritora foi convidada a compor o júri do I Premio Bienal de novela Mario Vargas Llosa (2014) em Lima, no Peru.

Vozes do deserto (2004) surgiu muitos anos após o seu último romance publicado, *A doce canção de Caetana* (1987). Em *Vozes do deserto*, Piñon traz Scherezade como protagonista da sua releitura das *Mil e uma noites*. Para ela, a sua protagonista “não teme a morte. Não acredita que o poder do mundo representado pelo Califa, a quem o pai serve, decreta por meio da sua morte o extermínio da sua imaginação” (PIÑON apud LUZ, 2017, n.p). No romance, Piñon explora a faceta de Scherezade como narradora de histórias e dona da sua própria narrativa. *Vozes do deserto* foi o vencedor do Prêmio Jabuti (2005) de Livro do ano de ficção e o primeiro lugar na categoria de romance.

Após o romance *Vozes do deserto* (2004), Nélida Piñon afastou-se por um período dos textos ficcionais para dedicar-se aos livros de memórias, ensaios e crônicas. Em 2008 publicou *Aprendiz de Homero* no qual ela faz um testemunho aos grandes escritores que mais lhe foram importantes para se tornar a escritora que ela é. Nele se encontram homenagens ao poeta da *Ilíada*, a Miguel de Cervantes e Machado de Assis, escritor brasileiro que ela aclama por onde passa com a sua habitual citação: “Costumo repetir uma frase: se Machado de Assis existiu, o Brasil é possível. O Brasil não pode falhar tanto, porque Machado, tendo existido, é uma prova de que somos capazes” (PIÑON apud NOGUEIRA PINTO, 2019, n.p). Além desses escritores, ela também evoca os seus amigos Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes.

No seu próximo livro, *Coração andarilho* (2009), a autora descreve sua trajetória íntima ao reviver seus pais Lino e Carmen como coprotagonistas da obra. Através dele, os leitores são levados à sua infância na Vila Isabel e à aldeia galega de Cotobade. Na busca pelo seu passado familiar, ela seleciona fatos que recontam a vida de seus antepassados, como a chegada do avô Daniel ao Rio de Janeiro quando esse tinha apenas doze anos e trazia consigo o sonho de “fazer as Américas.” Como o próprio nome indica, o livro não apenas traz uma trajetória de memórias familiares, mas de seu deslocamento espacial passando por cidades como Madri, Barcelona, Nova Iorque, Paris e Washington.

Continuando nos livros de Nélida Piñon que fazem uma viagem ao seu universo particular, em 2012 foi publicado o *Livro das horas*. Essa obra traz reflexões da escritora sobre os mais diversos temas desde viagens, anedotas do cotidiano, suas leituras e pensamentos

¹ “A través de sua amizade enriqueceu minha vocação literária e minha vida.” (VARGAS LLOSA apud MORA, 2003, n.p, tradução nossa)

íntimos. Em entrevista a Elias Fajardo (2012), do jornal *O Globo*, Piñon revelou que enquanto seus personagens são destituídos do pudor, ela preserva a sua intimidade. Sua odisséia é vivida no interior de sua casa.

Após uma temporada debruçada sobre o gênero autobiográfico e ensaístico, em 2014 a escritora volta à ficção com *A camisa do marido*. O livro reúne nove contos que têm como fio condutor as relações humanas e suas vicissitudes, como a traição, o luto, a loucura e os problemas familiares. No lançamento do livro, Piñon (2014) explicou ao jornalista Maurício Meireles de *O Globo* que “o conceito de família engendrou todas as narrativas, as trajetórias dos sentimentos. O cotidiano pode ser maravilhoso, mas pode ser brutal também” (PIÑON apud MEIRELES, 2014, p. 10).

Publicado em 2016, o livro *Filhos da América* mais uma vez evoca as figuras literárias do passado para criar uma espécie de testamento literário sobre suas obras e inspirações. Ela recorre aos gregos como inspiradores para a sua estética até os escritores como Machado de Assis, Juan Rulfo e Guillermo Cabrera Infante. Outra figura importante no livro é a sua amiga e agente literária Carmen Balcells. A maioria dos ensaios ali reunidos fazem parte do material produzido enquanto a escritora ocupou a Cátedra José Bonifácio, na Universidade de São Paulo em 2015.

Após três anos do seu último livro, a escritora surge com *Uma furtiva lágrima* (2019), novamente uma obra de teor autobiográfico. *Uma furtiva lágrima* reúne algumas confissões sobre sua vida íntima, suas viagens, suas inspirações literárias e seu amor por seus mascotes, fato que lhe fez dedicá-lo *in memoriam* a Gravetinho, seu cão. A inspiração para esse livro de memórias surgiu após a sentença de seu oncologista de que lhe restavam poucos meses de vida. Diante dessa finitude, a escritora resolveu eternizar suas heranças literárias. No ano seguinte, ela foi galardoada com mais um Prêmio Jabuti pelo livro *Uma furtiva lágrima* na categoria de crônica.

Ainda em 2020, Piñon publicou pela editora Record o romance *Um dia chegarei a Sagres*, seu último livro até a presente data. Após um período vivendo em Portugal, a escritora reuniu inspirações para o novo romance ambientado no país. *Um dia chegarei a Sagres* foi finalmente publicado depois de seu projeto ser iniciado em 2005. É o seu primeiro romance inédito depois de *Vozes do deserto* (2004), após um longo período dedicado às crônicas e textos autobiográficos. Pouco depois de seu lançamento, a escritora confessou à imprensa que Carmen Balcells a havia motivado a continuar o projeto em 2005, quando esse apenas tinha algumas linhas escritas. Após longo período de pesquisas na Europa, Piñon voltou ao Brasil com os manuscritos do romance finalizado. Em maio de 2020, a escritora entregou-os à sua editora,

que com relutância, aceitou publicá-lo durante a pandemia do coronavírus porque Piñon afirmava o desejo de provar que a literatura brasileira permanece viva mesmo em tempos adversos.

Lançado no Brasil, em outubro de 2020, *Um dia chegarei em Sagres* já tem previsão para ser publicado em 2021 em Portugal e na Espanha pelas editoras Porto e Alfaguara, respectivamente.

2.2 *A república dos sonhos: do processo de criação à recepção crítica no Brasil*

Lançado em 1984, *A república dos sonhos* é o décimo livro de autoria de Nélida Piñon, que antes já havia publicado seis romances e três coletâneas de contos. Essa obra marca a sua estreia pela tradicional Livraria Francisco Alves editora². O novo contrato também incluiu a reedição dos romances *Fundador* (1969) e *Tebas do meu coração* (1974) no segundo semestre daquele mesmo ano, conforme noticia Napoleão Sabóia (1984) para o *Jornal do Brasil*.

Em 1982, dois anos antes da publicação de *A república dos sonhos*, conforme observa Villarino Pardo (2000), Piñon já havia divulgado na imprensa que estava escrevendo um romance de grande extensão sobre a história do Brasil vista sob a lente de imigrantes espanhóis. A pesquisadora analisa que a escritora assume essa prática habitual de constante divulgação de suas obras desde o seu processo de criação ao lançamento. Dessa forma, leitores e críticos literários estavam sempre informados de cada passo atingido para a publicação de um novo livro.

O primeiro passo dado por Piñon para a criação do seu romance foi refugiar-se numa pensão na cidade mineira de Congonhas do Campo, onde permaneceu por 20 dias. A escritora guarda na memória a data de 24 de agosto de 1981, dia em que chegou na cidade. Na mala, além de seus objetos pessoais, estavam duas máquinas de escrever, a estrutura do seu novo romance e o perfil de 14 personagens, conforme informa a Heloísa Daddario (1984), jornalista de *O Globo*. Na entrevista, a autora confessa sobre o desafio de escrever uma obra que abarca oito décadas da história de uma família dividida entre a Espanha e o Brasil:

O drama era escrever a primeira linha, que é um desafio para todo escritor. Faltava também encontrar uma linguagem compatível com o tempo narrativo que eu havia escolhido. Se a história é contada linearmente, fica exaustiva. Eu precisava saber como contar a história e onde iniciá-la. (PIÑON apud DADDARIO, 1984, p. 19)

² A Livraria Francisco Alves foi criada por Francisco Alves D'Oliveira em 1854, na cidade do Rio de Janeiro. A editora foi fundada como Livraria Clássica pelo português Nicolau Antônio Alves e tornou-se a primeira grande editora do país (excetuando-se a Imprensa Nacional) e a mais antiga em atividade.

Durante o processo de escrita de *A república dos sonhos*, Piñon estabeleceu uma rotina longa de trabalho. Acordava às seis da manhã e se mantinha ocupada até às oito da noite. Nos últimos meses antes da sua finalização, a sua jornada ficou ainda mais intensa, perdurando até as madrugadas. A escritora explica que sempre teve o hábito de utilizar a máquina de escrever, mas que descobriu o prazer de fazer as modificações à caneta.

Eu prendia as folhas na prancheta e apoiava os pés num banquinho. E comecei a usar a caneta quando acabei o livro e iniciei as grandes modificações. Eu, que sempre escrevi à máquina, porque achava que a caneta era um empecilho para a rapidez do pensamento, descobri um enorme prazer em riscar as palavras que eu não desejava no texto. (PIÑON apud DADDARIO, 1984, p. 19)

Após mais de um ano de intensa dedicação, em setembro de 1982, a escritora carioca finalmente divulgou para o *Jornal do Brasil* o título do seu novo romance. Ela ainda acrescentou que o enredo se centraria na saga de uma família galega que veio morar no Brasil no início do século XX perdurando até 1980. Posteriormente, Piñon explicou a origem do título de *A república dos sonhos*.

A vinda do imigrante em busca de fartura, riqueza e sonho é a ilusão de cada homem que ambiciona sua própria república. Todos os indivíduos morrem com o sentimento de haver perdido a sua república, que talvez não tenha existido e só se concretize para as gerações futuras que o seguirão. Sempre se luta em vida pela construção de uma república, que está ligada a um sentimento de sonho e fracasso, a algo mais nostálgico que esperançoso. Para mim, o Brasil é essa república dos sonhos. (PIÑON apud ANDRADE, 1984, p. 8)

Até ser finalmente publicado, *A república dos sonhos* teve sete versões contabilizando mais de 5 mil páginas datilografadas para finalmente serem transformadas no romance de 761 páginas. Naquele momento, a escritora o descreveria como oceânico onde várias vertentes se cruzam, compondo um painel da sociedade brasileira. (PIÑON apud SCHILD, 1984)

A primeira das vertentes apontadas pela autora refere-se ao núcleo familiar de Madrugada e de como as três gerações apresentadas no livro vivenciam suas paixões e conflitos. A outra vertente toma o Brasil como matéria-prima da obra. Segundo Piñon, ela empresta sua consciência para refletir sobre o seu próprio país trazendo alguns acontecimentos históricos importantes do século XX que vão influenciar diretamente na vida dos personagens. E, por outro lado, também há uma homenagem à Galícia retratando sua tradição oral de transmitir suas lendas.

Apesar de Piñon ter iniciado o romance com elementos bem definidos, como o perfil dos personagens, o período histórico que a narração abarcaria e os temas principais, ela estava

ciente de que apenas uma boa história era insuficiente. Mas, principalmente, ela preocupava-se com a linguagem que empregaria para narrar a vida daqueles imigrantes espanhóis.

Na realização de um livro você conta com muitos elementos. Não basta ter o que contar – ter uma boa história, por exemplo – e não basta dominar as estruturas narrativas. Você precisa conferir à história uma luminosidade própria – a linguagem – e através dela criar uma atmosfera. As nuances são imensas: a utilização dos tempos verbais, o jogo da sombra e da luz, a escolha entre frases longas (com um sentido de sombra), ou a escolha de frases curtas, um foco de luz. Não há um elemento que não esteja a teu serviço. (PIÑON apud SCHILD, 1984, p.1)

Finalmente, após três anos dedicados ao romance, *A república dos sonhos* teve sua apresentação oficial ao público durante a 8ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em 1984³. O stand da editora Francisco Alves – que no momento comemorava 130 anos de existência – recebeu Nélida Piñon para uma sessão de autógrafos. O livro foi bem recebido pelo público ganhando uma segunda edição após um mês do lançamento.

Para alguns críticos, conforme analisa Villarino Pardo (2000), é surpreendente que o livro atingisse boas vendas apesar de sua extensão e do preço elevado para a época. A pesquisadora avalia que uma das razões para essa repercussão se deve ao intenso trabalho de divulgação realizado pela editora e por Nélida Piñon. Uma das medidas adotadas foi a apresentação do romance pelo Brasil afastando-se do eixo Rio de Janeiro-São Paulo. Dessa forma, a autora percorreu o país visitando cidades do Nordeste como Campina Grande, Recife, Fortaleza e Salvador. Além de Belo Horizonte, Vitória e Curitiba.

Em Campina Grande, a escritora participou como madrinha do III Seminário Internacional de Literatura e VII Congresso Brasileiro de Teoria e Críticas Literárias. No evento, informa Villarino Pardo (2000), Dalma Nascimento, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, apresentou uma análise do recém-publicado *A república dos sonhos*. Posteriormente, ela viria a ser uma das pesquisadoras das obras de Nélida Piñon no Brasil.

Ainda no Nordeste, em Recife⁴, o romance teve seu lançamento nacional na livraria Livro Sete, realizado em 18 de setembro de 1984. Dias anteriores, o *Jornal do Comércio do Recife* apontava que a crítica sulista do país apresentava o romance como uma leitura obrigatória para o momento em que o país se indagava sobre quais eram os valores de uma nação. A mídia local também destacou dados biográficos da autora e de suas obras publicadas apresentando-a a um público que ainda não a conhecia. O lançamento na cidade atraiu leitores,

³ A 8ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo ocorreu entre 15 e 24 de agosto de 1984 no parque do Ibirapuera. O evento atraiu uma média de 700 mil pessoas que puderam visitar 168 stands de 633 editoras de 21 países. (MESTRINEL, 1984)

⁴ Anos depois, Nélida Piñon regressaria ao Recife para lançar o romance *A doce canção de Caetana* (1987).

escritores e intelectuais pernambucanos amigos de Piñon. A jornalista Zélia Prado (1984) avalia a recepção do livro logo após o seu lançamento.

Nas livrarias desde agosto, *A república* não teve um lançamento oficial no Rio de Janeiro. Ainda assim, a Livraria Francisco Alves Editora fez um investimento caro, apostando no sucesso e na exigência do leitor de hoje. Acertou em cheio e, agora, no final de setembro, o livro já está em sua segunda edição, com planejamento todo especial. Em lugar da noite de autógrafos carioca, um lançamento oficial no Recife. (PRADO, 1984, n.p)

O jornalista Marcus Prado (1984), do *Diário de Pernambuco*, noticia que no dia 19 de setembro a escritora compareceu à Universidade Federal de Pernambuco a convite do Departamento de Letras para debater sobre *A república dos sonhos* com os alunos da instituição. Na ocasião, ela tratou de questões estruturais e estéticas do romance, além de refletir sobre a posição ocupada pelas escritoras no panorama literário brasileiro.

Esses eventos promocionais do romance pelo Nordeste deram abertura a uma série de outros pelo país. Eles geralmente consistiam em uma sessão de autógrafos em alguma livraria ou espaço cultural, uma palestra da escritora em uma Faculdade de Letras e entrevistas para jornais locais, conforme aponta Villarino Pardo (2000).

Por exemplo, a passagem de Piñon por Recife rendeu algumas entrevistas sobre *A república dos sonhos* e sobre sua trajetória como escritora. A edição do dia 12 de outubro de 1984 do *Diário de Pernambuco* dedicou um longo espaço para comentar sobre o lançamento do livro e os eventos realizados pela cidade. Indagada por Lêda Rivas (1984) sobre o processo de criação do romance, Piñon explica que:

Eu, de modo geral, vou pensando, organizando os textos. Parto muito de ideias. Conceituo muito. Mas eu sei bem que o ato de conceituar em narrativa é falho, você tem que dar um corpo ficcional àquilo que você quer enunciar. Então eu preciso de uma história. Para falar do Brasil destes 80 anos, de um modo passional e ao mesmo tempo lúcido, eu achava que essa reflexão devia se fazer de fora para dentro, para gerar uma expectativa de dentro para fora. (...) Quando comecei a escrever, tive de eleger um procedimento narrativo determinado, que vinha desde o início do século até 1980. Não desejei uma cronologia rígida, linear, que tiraria a flexibilidade do texto. (PIÑON apud RIVAS, 1984, p.1)

Logo após o lançamento, os jornalistas e críticos literários começaram a tecer comentários sobre o romance. Muitos deles centravam-se na extensão do livro ou fazendo uma apresentação geral da narrativa, mas sem emitir juízos de valor. Para Miguel de Almeida (1984), jornalista da *Folha de S. Paulo*:

De cara, seu nome já causa impacto: Nélida Piñon. Como também a alcunha de seu décimo romance – *A república dos Sonhos* (Francisco Alves, 761 páginas, Cr\$ 26.000) – e a frase com que inicia essa saga de imigrantes – “Eulália começou a morrer na terça-feira.” Foram dois anos e meio de trabalho de máquina de escrever, para produzir uma grande reflexão sobre os últimos oitenta anos do Brasil. (ALMEIDA, 1984, p. 61)

Ele opina que um livro dessas proporções pode assustar um leitor que não está acostumado a uma leitura tão extensa. O jornalista agrega que na literatura brasileira contemporânea há poucos exemplos de romances que ultrapassam as 700 páginas, sendo *A crônica do Valente Parintins*, de Ewelson Soares Pinto um deles. Almeida (1984) ainda acrescenta que o livro estava repercutindo nacionalmente com o pedido de várias livrarias para vendê-lo e os seus direitos estavam sendo negociados para publicá-lo no exterior.

Sônia Régis (1985), ensaísta e crítica do *Suplemento literário* de *O Estado de São Paulo*, inicia sua resenha sobre *A república dos sonhos* constatando que romances que resgatam episódios da história da memória nacional geralmente não são bem acolhidos pelos leitores. No entanto, para ela o livro de Piñon surpreende por dois motivos: primeiro, pelo trabalho realizado para resgatar a influência dos imigrantes na história do país; segundo, por repensar o conceito de romance em seu próprio espaço ficcional. De acordo com a ensaísta, Nélida Piñon cria um enredo que imita seriamente um “retrato do Brasil”. (RÉGIS, 1985, p. 8)

A característica mais importante deste livro vigoroso e sensível é que os fatos fundantes dessa “república” pertencem tanto ao domínio do sonho quanto ao domínio da realidade, ganhando verdade e reconhecimento histórico. A conjunção dessas duas vertentes, a da imaginação e a da História, se realizam plenamente na definição dos dois amigos: o destemido Madruga, de origem galega, consegue realizar o “sonho americano” a que a “tentação do ouro” o instigou, permanecendo na História como vencedor, enquanto Venâncio, de origem cigana, desprendido da realidade que faz questão de pisar “o solo brasileiro com o pé esquerdo”, para não compactuar com nenhuma norma que lhe perturbe o sentimento. (RÉGIS, 1985, p.8)

Villarino Pardo (2000) constata que dificilmente as escritoras brasileiras se arriscaram a apropriar-se da história em suas narrativas. Esse tema, tido como tradicionalmente da escrita masculina, teve algumas representantes nas letras brasileiras, contemporâneos ao romance de Nélida Piñon. É o caso de Heloísa Maranhão [*Lucrécia*, (1979), *A rainha de Navarra* (1986)] e Marilene Felinto [*As mulheres de Tijucopapo*, (1980)]. Para a pesquisadora, Piñon assume uma posição audaciosa e que acabaria por suscitar a curiosidade nos leitores, principalmente se considerar a data de publicação de *A república dos sonhos*, 1984. Naquele mesmo ano, outra obra também tomava a história do Brasil como enredo principal. O romance *Viva o povo*

brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro e *A república dos sonhos* “examinam a questão do que seria uma alma nacional”. (MONIZ, 1993, p. 144)

O escritor Fernando Sabino (1985) aponta outro elemento comum entre as duas obras: o seu volume de páginas ou como ele intitula de “piramidais”, face aos chamados “biscoitos” que seriam livros mais condensados ou geralmente os contos. Apelido inspirado na frase que Guimarães Rosa lhe dizia “não faça biscoitos, faça pirâmides”. Ao que parece, as décadas de 1970 e 1980 foram propícias para a publicação de livros caudalosos.

Uma sucessão de pirâmides se prolongou até nossos dias, com o próprio Guimarães Rosa, Gilberto Freyre, Octavio de Faria, Érico Veríssimo, Pedro Nava com suas memórias, Jorge Amado com o seu recente “Tocaia Grande”, Josué Guimarães com o seu “A ferro e fogo”, Autran Dourado com seus monumentos romanescos de tão elaborada arquitetura. Mais recentemente ainda foram lançadas com sucesso duas obras-piramidais, “Viva o povo brasileiro”, de João Ubaldo Ribeiro, e “A república dos sonhos”, de Nélida Piñon. (SABINO, 1985, p. 2)

Outra vez mais, observa-se que a extensão do livro e o preço cobrado por ele é destacado em outra crítica. Além de traçar um resumo do romance, Marli Berg (1985) elogia o estilo da obra ressaltando a importância de que se faça uma reflexão, ainda mais quando se tem o Brasil como seu tema.

Quanto ao fôlego da autora, de escrever 761 páginas em estilo suave, discreto de um classicismo quase renascentista, vem sendo motivo de elogios desde que foi lançado. E apesar do preço de capa, é obra que merece ser lida, apreciada e levada à reflexão de todos. Afinal, *A república dos sonhos* é o Brasil. Com todas as suas contradições. (BERG, 1985, p. 96)

A forte campanha de divulgação pelo país e pela imprensa influenciou para que o livro estivesse entre os mais vendidos na época. Conforme indica Villarino Pardo (2000), era habitual que *A república dos sonhos* figurasse entre os livros recomendados por publicações como as revistas *Veja* e *Afinal* e pelos jornais *O Globo*, *Correio da Bahia* e *Jornal de Casa*. Um ponto a ser observado, como assinala a autora, é que na lista dos livros mais vendidos encontravam-se grandes nomes da literatura estrangeira, não necessariamente canonizados, mas também dos que se classificavam na categoria de *best-sellers*. Assim, o nome de Piñon estava ao lado de Umberto Eco, Charles Bukowski, Thomas Mann, Gore Vidal, Harold Robbins e Frederick Forsyth. E do outro lado estavam os escritores brasileiros Luís Fernando Veríssimo, Clarice Lispector, Haroldo de Campos, Jorge Amado, Roberto Drummond, Sônia Nolasco Ferreira e Rubem Braga.

Anos mais tarde, em 1998, Piñon avaliou a importância de *A república dos sonhos* em sua trajetória como escritora. Para ela, o romance é a sua “suma teológica”, pois, em suas palavras, “conta a história desse país nos últimos cem anos, mas, mais do que isso, conta a história das utopias europeias em relação à Europa e da utopia brasileira inventada por seus brasileiros” (PIÑON apud PROENÇA FILHO, 1998, p. 4).

A república dos sonhos não apenas assumiu esse lugar de destaque na carreira da escritora, mas ele foi responsável para que ela ultrapassasse barreiras sendo lida em países como Colômbia, Estados Unidos, Inglaterra, França e Espanha através de suas traduções. Não obstante, o livro também atravessou gerações recebendo edições comemorativas em homenagem aos seus 30 anos de lançamento, não apenas no Brasil, mas em Portugal e na Espanha.

2.3 Fazer as Américas e o desejo de chegar à república brasileira dos sonhos

Em *A república dos sonhos*, o leitor é apresentado à saga familiar do imigrante galego Madruga através de 37 capítulos que com uma estrutura circular inicia-se com a frase “Eulália começou a morrer na terça-feira”. (PIÑON, 2015, p. 34) O romance transcorre ao longo de uma semana enquanto a matriarca da família agoniza em sua mansão no Leblon. Dessa forma, nesse breve transcurso, passado e presente confundem-se como uma tentativa de recompor os fragmentos da memória. Para compor essa tessitura ficcional, os personagens Madruga e Breta aparecem como narradores em primeira pessoa de 8 capítulos cada um. Enquanto os demais são relatados através de um narrador-onisciente.

Susan Quinlan (2010), no artigo intitulado *A história revisitada: A república dos sonhos de Nélide Piñon*, analisa como o espaço atua como um personagem ou até mesmo como protagonista. A partir desse espaço, abarcando a Galícia, a Espanha e o Brasil, esses personagens questionam o significado de identidade. Nesse sentido, Piñon tenta rescrever a história do Brasil a partir do olhar daqueles que são marginalizados: os imigrantes e as mulheres.

Através do romance, Piñon explora a relação entre história e espaço e como esses influenciam na constituição da identidade de seus personagens. Apesar de não se enquadrar como um romance histórico propriamente dito, a escritora se apropria da história do Brasil e da Espanha como pano de fundo aos dramas familiares de Madruga. Dessa forma, alguns fatos históricos dos dois países afetarão diretamente a vida desses personagens.

De longe, Madruga e Venâncio acompanham pelos jornais a guerra civil espanhola e a ditadura de Francisco Franco. Enquanto no Brasil, vivenciam a ditadura militar que culmina no exílio da neta Breta à Paris. A notícia da morte de Getúlio Vargas é recebida com surpresa enquanto todos acompanham os seus desdobramentos no rádio. A autora também retrata a revolução brasileira de 1930, a presidência de Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília. Vale ressaltar que Piñon buscou acrescentar à sua narrativa acontecimentos históricos contemporâneos da época da publicação do romance, e assim abarcar o período de 1900-1980 da história do país.

Numa volta ao passado, mostra-se o protagonista Madruga ainda menino, aos 13 anos de idade. Ele nutre o desejo de chegar à América, mais precisamente ao Brasil. Assim como muitos galegos que se arriscaram a emigrar para o outro continente e não obtiveram sucesso, o jovem teme um destino semelhante. No entanto, Madruga não desiste do seu objetivo e decide deixar sua aldeia Sobreira, na Galícia, para aventurar-se a “fazer as Américas”, expressão que significa arriscar-se no Novo Mundo em busca de melhores condições de vida.

Num navio inglês saído do porto de Vigo a caminho do Rio de Janeiro, ele conhece Venâncio, um menino com a sua mesma idade. Apesar de possuírem personalidades tão díspares, os dois se aproximam durante a travessia do Atlântico em uma amizade que perduraria até a velhice. Já no Rio de Janeiro, Madruga esforça-se incansavelmente para obter sucesso na nova terra. Aos poucos, o rapaz mostra-se hábil para os negócios prosperando rapidamente ao aproveitar as oportunidades que lhe surgiam. Entretanto, os seus sentimentos desencontrados com o Brasil o fazem encarar a realidade de um estrangeiro, daquele que não possui os mesmos direitos de um homem nascido ali. Razão que o faz desejar que os seus filhos desvendem cada mistério que o país de dimensões continentais esconde. Para Nélida Piñon, o seu protagonista é definido como “generoso, prepotente, arrogante e conquistador.” (PIÑON apud DADDARIO, 1984, p. 19)

Ao passo que Madruga dedica-se ao sucesso financeiro, Venâncio ocupa-se em decifrar o Brasil através dos livros, encerrando-se por horas na Biblioteca Nacional. Dessa forma, entre leituras e passeios pelo centro do Rio de Janeiro, Venâncio vai dedicando-se em participar da história desse novo país que cada vez mais deseja apropriar-se de seus segredos. Um dos seus hábitos constantes é reclugar-se em seu apartamento com vistas à Baía da Guanabara para observá-la e imaginar o que teria atravessado aquelas águas em séculos anteriores.

Após o café da manhã, Venâncio ia direto ao paredão da Avenida Beira-Mar, onde se acalmava ao contemplar a Baía de Guanabara.

– O Brasil começou no fundo destas águas. É uma mentira afirmar que ele tenha nascido unicamente na Bahia. – confessou a Madruga.
Sob tal fascínio, Venâncio exagerava na defesa daquelas águas. Em cujo lodo, dizia, pousavam incontáveis memórias históricas, a maioria soterrada para sempre. (PIÑON, 2015, p. 187)

Esse hábito o faz escrever um diário de devaneios no qual se imagina como um homem nascido no Brasil no século XIX. Em seus escritos também se encontram Madruga, Eulália e Odete que compartilham momentos com personagens históricos como o pintor alemão Johann Moritz Rugendas, Tomás Cachaço e frei Leandro Joaquim. Venâncio também mantém em segredo alguns episódios de sua vida pessoal. Por exemplo, ele não revela a Madruga qual é a sua origem, fato que faz o amigo se irritar por não conseguir tomar o controle como ele faz com os demais que o rodeiam. Durante a trama, sabe-se que Venâncio advém de uma família cigana do sul da Espanha, possivelmente de Sevilha. Ele também é discreto quanto às cartas que recebe da família enquanto está no Brasil. O personagem opta por uma vida solitária em seu apartamento e sem a constituição de uma família recorrendo à imaginação e sendo guardião do significado de sonhar.

Madruga, ao contrário de Venâncio, regressa à Espanha em busca de uma esposa galega após progredir financeiramente no Brasil. Eulália, filha de Dom Miguel, é a escolhida para casar-se. Assim como Xan, avô de Madruga, Dom Miguel é portador das lendas galegas transmitindo-as à filha que, por sua vez, as cultivará difundindo-as para os filhos nascidos no continente sul-americano.

Recolhendo-se às poucas palavras e às atitudes comedidas, Eulália é descrita por sua timidez e por sua capacidade de resignação diante das intempéries matrimoniais. Frente às adversidades enfrentadas, ela recorre à sua devoção religiosa como mola propulsora. Conforme analisa Villarino Pardo (2000), a personagem Eulália por ser originária da Galícia representa na obra um apego aos valores conservadores recebidos de sua criação. Por isso, ela aceita as decisões de Dom Miguel e Madruga como forma de obediência ao que lhe é imposto. Assim, ela habitua-se a silenciar-se diante das decisões do marido. Villarino Pardo (2000) pontua que o silêncio de Eulália é perpetuado não apenas nas decisões do seio doméstico, mas diante da ausência de voz para contar a sua visão sobre sua terra natal na Galícia. Desse modo, o esposo assume o papel central de descrever e recontar os primórdios daquela família galega a partir do seu ponto de vista.

A vinda de Eulália ao Brasil, ao contrário de Madruga e Venâncio, não parece ser motivada por sua própria vontade, mas por um desejo em acompanhar o marido em busca de sua república dos sonhos. Já no Brasil, Eulália manterá o hábito de sempre ir à missa

acompanhada de Odete, a sua fiel escudeira. Odete, a criada negra da família, trabalha com total admiração e devoção à Eulália. Todavia, ela carece de um seio familiar, necessitando mentir sobre uma inexistente família para que não seja vista como desamparada e solitária. Ela é a única que consegue transitar pelo universo íntimo de Eulália partilhando de seus segredos.

Quinlan (2010) analisa que Eulália representa a figura de uma matriarca reclusa, um estereótipo da Idade Média no qual mantém-se dedicada à vida doméstica, centrando-se apenas em torno dessa. A autora também pontua que o que o leitor conhece de Eulália é dito por seu marido, pela neta Breta ou por Venâncio através de sua identidade imaginada e recriada em seus diários.

No entanto, ao longo do romance, percebe-se que há dois momentos nos quais Eulália assume às rédeas da situação: primeiro, na escolha do nome de sua primeira filha e quando pressente que a morte a rodeia decidindo que chegou o seu momento final. Ela passa de uma imagem de uma mulher abnegada para reclamar o direito de sua vida. Em relação à filha, Eulália insiste que se chamará Esperança. “- Não me pergunte as razões, Madruga. Mas esta filha vai se chamar Esperança.” (PIÑON, 2015, p. 464). A escolha do nome não parece arbitrária, já que a jovem representará no romance a luta e a resistência contra o núcleo familiar inserido na sociedade falocêntrica. Para Zolin, a personagem “rompe com os ideais patriarcais que a escravizam e se entrega à busca da plenitude, às aventuras.” (ZOLIN, 2003, p. 202)

A família de Eulália e Madruga foi aumentando conforme os cinco filhos foram nascendo: Miguel, Esperança, Bento, Antônia e Tobias. De acordo com Moniz (1993), três dos filhos de Madruga se apresentam como diferentes facetas do pai. Miguel, o primogênito, é o arquétipo do libertino, aquele que suas conquistas amorosas e sexuais se sobressaem na construção do personagem. Bento herda o lado racional e empreendedor do patriarca. No entanto, esse não recebe o afeto dos seus genitores, sentindo-se o esquecido entre os filhos. Tobias, o filho mais novo, afeiçoa-se a Venâncio, seu padrinho. Assim como o pai, ele é impetuoso e poderia ser o herdeiro para ser o “contador de histórias” da família. Porém, ele não se mantém imparcial, rebelando-se contra a sociedade opressora ao defender as classes subalternas e os presos torturados durante a década de 1970. Por isso, para o pai, Tobias e Venâncio se classificam como perdedores, como aqueles que estão à margem dos que terão voz para perpetuar a história.

Esperança e Antônia, as filhas do casal, têm personalidades opostas. A primeira é vista como uma jovem ativa que não se amedronta com quem deseja se opor a ela. Assim, ela é descrita como “uma guerreira com elmo e espada”. (PIÑON, 2015, p. 550). Por seu temperamento desafiador, Esperança e Madruga viverão constantes conflitos porque ele não

aceita a sua rebeldia e transgressão, expulsando-a de casa quando ela se envolve com um homem casado. Para a autora, Esperança percebe-se condenada à uma sociedade dominada pelos homens e, dessa forma, passa a usar da paixão e sensualidade. (PIÑON apud FREITAS, 1984) Porém, o que se percebe é que essa filha, que constantemente não aceita sua imposição, é a que mais guarda semelhanças físicas e comportamentais com Madruga.

Antônia, por sua vez, aceita com passividade e submissão todos os passos que o pai decide para a sua vida. Ela é vista como a filha insignificante da família, aquela que não tem voz, porém é consciente da posição de preterida em que é posta. Desse modo, ela e Esperança entrarão em um clima de animosidades e ofensas. O destino de Antônia é um casamento infeliz. O pai determina que a filha se casará com Luís Filho, um rapaz descendente de uma família tradicional quatrocentona. A decisão de casá-la com alguém da elite brasileira faz com que Madruga ganhe um passe livre à camada privilegiada do país.

A partir dessas personagens femininas pode-se fazer uma leitura a partir da teoria feminista. No livro *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A república dos sonhos, de Nélide Piñon*, Zolin (2003) afirma que a obra faz emergir uma leitura sobre a trajetória de diferentes fases da emancipação feminina através das personagens Eulália, Esperança e Breta. Essas três figuras femininas que assumem importância ao longo do romance são apresentadas a partir da ótica masculina.

A primeira delas, Eulália, tem a vida guiada segundo os preceitos do pai Dom Miguel e do marido Madruga que “havam-lhe explicado a vida pela metade”, (PIÑON, 2015, p. 38) ou seja, segundo a visão patriarcal, cerceando-lhe seus próprios questionamentos e vontades. Para ela restam o silêncio e a conformidade com a vida traçada a partir dos desejos de Madruga.

Esperança, situa-se entre duas gerações, sendo uma personagem de transição entre a mudez da sua mãe e a filha Breta, que respaldada pelo movimento feminista, encontrará subsídios para afirmar-se contra a dependência masculina. Ironicamente, Esperança, a filha que trouxe tantos desgostos a Madruga também foi quem deu à luz a Breta. A neta nascerá longe da casa dos avós, passando a viver com eles após a morte de Esperança. Percebe-se que Breta usufrui de conquistas semeadas pela mãe. Ao analisar a personagem, Zolin acredita que nos deparamos “com uma mulher liberada, com direito à voz e vez no universo social em que é ambientada”. (ZOLIN, 2003, p. 171)

Breta, assim chamada em homenagem à Bretanha, uma das terras celtas, recebe esse nome para cumprir o desejo de Madruga de que uma das netas assim se chamaria. Vista como uma dolorosa lembrança daquela filha altiva e insolente, Breta logo torna-se a neta mais querida. Aos 10 anos é escolhida pelo avô para ir à Espanha e conhecer a Galícia, onde logo se

familiarizaria com a vida no povoado, amando-o como se ali tivesse nascido. “Escolhi Breta para me acompanhar à Espanha. Ela tinha dez anos e um olhar precocemente corrompido pela realidade. (...) Pretendia rever a Galícia através do primeiro olhar que Breta pousasse naquela terra agreste e verde.” (PIÑON, 2015, p. 169)

Conforme vai crescendo, a menina é a incumbida de ser a confidente de Madruga, escutando-o contar sobre sua infância humilde na Galícia, sobre o avô Xan e as lendas celtas. Desse modo, Madruga a torna responsável para eternizar a história daquela família através de um romance. Logo, Esperança que se percebia enquanto mulher subalterna e por isso, sem direito a escrever seu próprio destino é revivida por Breta que consegue ser aquilo o que deseja ser: uma escritora.

A cadeira de balanço, de uso exclusivo de Madruga, fazia-o sentir-se num barco à deriva. Os movimentos pendulares, mais acelerados, tumultuavam-lhe os pensamentos. Forçando-o a refletir sobre a morte, quando ainda preferia explicar a vida. Sobre tudo afiar a memória, e deixá-la de herança para Breta. (PIÑON, 2015, p. 33)

Para Moniz (1993), Piñon explora através do uso de arquétipos, a construção da personagem Breta ao atribuir-lhe recordações que não vivenciou e que lhe foram confessadas pelo avô. Portanto, o que se percebe na trajetória do personagem Madruga é que ele consegue atingir o seu objetivo de prosperar e acumular riqueza, porém perde a sua capacidade de sonhar e vê sua família entrar em conflito por disputas por herança. Para a jornalista Susana Schild (1984), o patriarca Madruga pode ser descrito como:

Um dos personagens-chave do livro, é um vencedor. E à medida que acumula o ouro, perde uma das heranças básicas: o direito de contar as histórias que ouvia do avô. Nesta perda privava-se também da capacidade de entender o país, o que só recupera muito mais tarde, através da neta, a escritora. (SCHILD, 1984, p.1)

A jovem, como representante legítima dessa terra brasileira, emprestará sua consciência para perpetuar a memória daqueles que não conheceu, como os familiares da Galícia e dos seus avós e tios na esperança de que esses não sejam apagados pela história.

Finalmente, nos últimos capítulos, o pressentimento de Eulália se cumpre e ela falece depois de uma semana, vindo a completar o ciclo com a frase que inicia o romance. A casa de Madruga agora já parece mais vazia, os filhos partiram e ele e Venâncio repousam na sala enquanto se mantêm em silêncio. Breta aparece para romper esse sentimento taciturno que paira na casa do avô.

Ao me ver, Madruga sorri com indisfarçável ansiedade. Logo, porém, acalma-se. A vida já não o comove. Mais discreto, Venâncio agradece a gentileza. Sento-me com eles. Não sei por quanto tempo. Apenas sei que amanhã começarei a escrever a história de Madruga. (PIÑON, 2015, p. 717)

Com essa estrutura circular criada por Piñon, tem-se a sensação de que Breta escreverá toda a saga familiar de Madruga que acabou de ser narrada. O final do romance também revela o nascimento de uma escritora e de que a história de Madruga será eternizada conforme ele sempre sonhou.

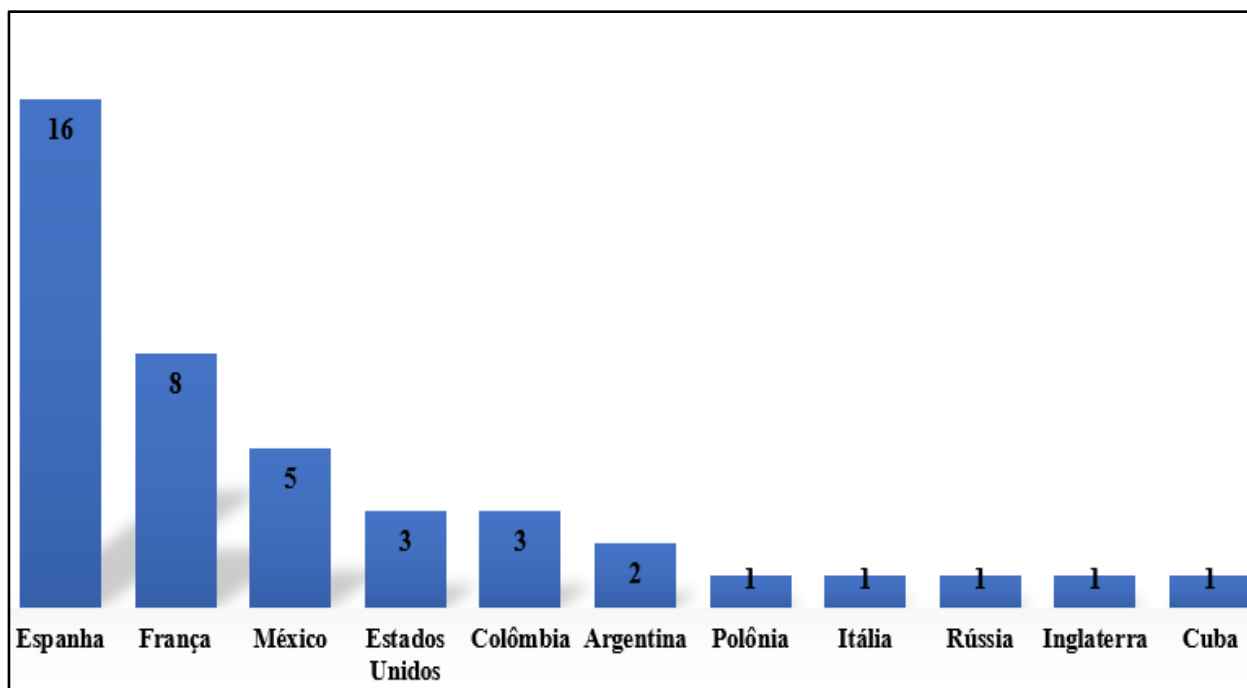
3 NÉLIDA PIÑON NO SISTEMA RECEPTOR ESPANHOL

Neste capítulo, objetivamos tratar da circulação das traduções das obras de Nélida Piñon na Espanha. No entanto, refletir sobre essa circulação também implica considerar aquelas que foram publicadas na América Latina pelo diálogo estabelecido entre os mercados editoriais de língua espanhola. Além disso, igualmente apresentaremos alguns dados sobre a recepção de *La república de los sueños* no país europeu. E, finalmente, encerraremos este capítulo com a apresentação de Elkin Obregón Sanín, tradutor para o espanhol de *La república de los sueños* e de alguns outros títulos de Nélida Piñon.

3.1 A circulação das traduções de Nélida Piñon na Espanha

Atualmente, Nélida Piñon tem 23 livros publicados no Brasil, dos quais 16 foram traduzidos para 8 idiomas e 11 países (ver Anexo A) conforme os dados coletados para a formulação do gráfico apresentado a seguir⁵.

Figura 1: Número de títulos traduzidos de Nélida Piñon por país - (1960-2019)



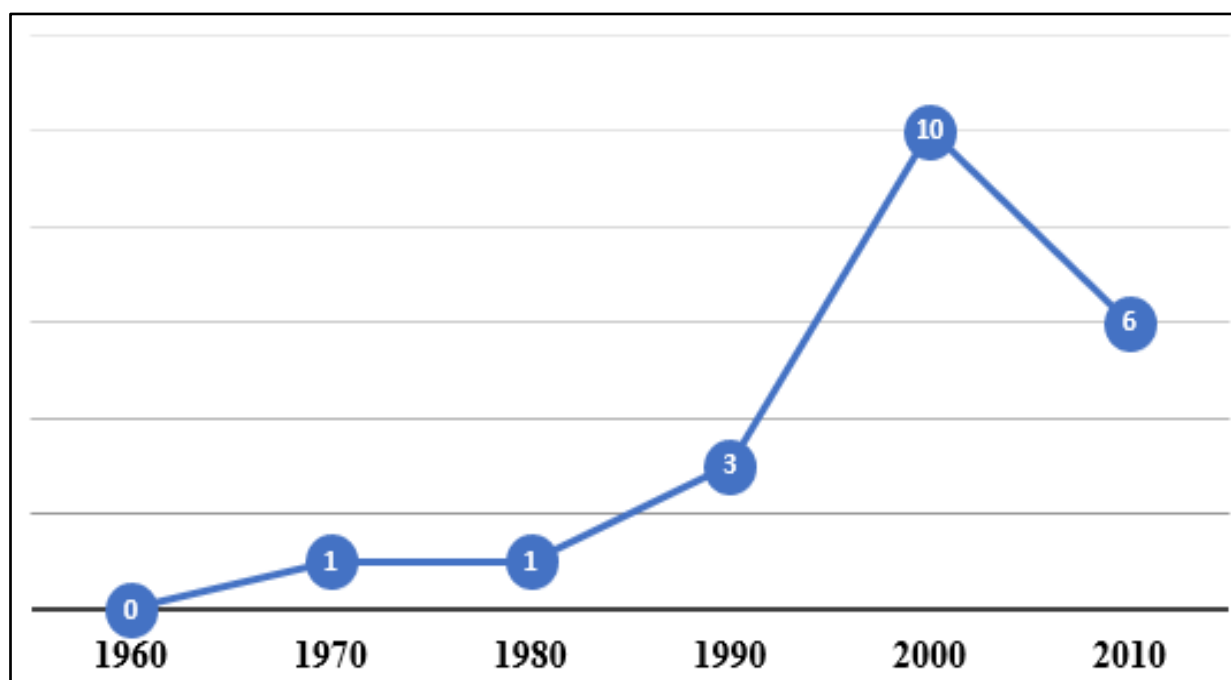
Fonte: Elaborado pela autora

⁵ Para a formulação do gráfico foram consideradas apenas traduções integrais de obras da autora publicadas entre 1960 e 2019. Não foram incluídas reimpressões ou reedições. Os dados utilizados para a elaboração do gráfico foram extraídos da página de Nélida Piñon no site da Academia Brasileira de Letras, do livro *Brazilian authors translated abroad*, de Joanna Ivete Magno (1994), da *Base de datos de libros publicados en España*, além de sites de livrarias.

Como se pode observar na Figura 1, a Espanha assume o posto do país que mais traduziu suas obras no período compreendido entre 1960 e 2019, contabilizando 16 títulos publicados. Em seguida, encontra-se a França com 8 diferentes títulos traduzidos. O México assume a terceira posição com 5 obras traduzidas no país. Nos postos seguintes encontram-se os Estados Unidos e a Colômbia, com 3 obras traduzidas cada. A Argentina aparece com 2 títulos publicados. E, finalmente, com 1 título traduzido aparecem a Polônia, a Itália, a Rússia, a Inglaterra e Cuba.

Primeiramente, antes de adentrar em quais títulos de Nélda Piñon foram traduzidos na Espanha, apresentamos a seguir um gráfico da circulação de suas obras no país (Figura 2). A partir do gráfico, que compreende os anos de 1960 a 2019, identificaremos alguns pontos que foram relevantes para a difusão da escritora na Espanha. Para a elaboração do gráfico também consideramos as traduções para as línguas-oficiais no estado espanhol, a saber, o espanhol, o galego, o basco e o catalão. Como fonte de pesquisa para a sua elaboração, utilizamos a base de dados intitulada *Base de datos de libros editados en España*⁶, que recenseia os livros publicados naquele país a partir de 1972.

Figura 2: Número de títulos de Nélda Piñon publicados na Espanha por década – (1960 - 2019)



Fonte: Elaborado pela autora

⁶ A *Base de datos de libros editados en España*, do Ministério da Educação, Cultura e Esporte do governo espanhol é gerida pela Agência Espanhola do ISBN.

Segundo o gráfico apresentado acima, pode-se observar que nas primeiras décadas – 1960, 1970, 1980 – houve uma baixa inserção de traduções da escritora no sistema receptor espanhol. Em relação a 1960, apesar de não se contabilizar no gráfico que houve alguma tradução de um título da escritora, essa década marca a primeira inserção de suas traduções naquele país. Embora não tenha havido a publicação de uma obra completa traduzida, houve a tradução de contos e de fragmentos de romances, como será exposto adiante.

A partir de 1990, é visível o aumento de publicações de obras traduzidas da autora no país. Essa constatação é confirmada nos anos 2000, quando se apresenta o maior número de obras traduzidas na Espanha. Apesar de a década de 2010 apresentar um descenso nesse número de títulos traduzidos, também se verifica que a escritora publicou menos obras no Brasil durante o período. Desse modo, na década de 2000 são traduzidos os títulos mais recentes da escritora e a recuperação de alguns anteriormente publicados no polo doméstico. Já a partir de 2010 há o equilíbrio entre as obras publicadas no país natal e as traduzidas na Espanha, muitas das quais editadas com uma diferença de um ano ou de meses em relação ao Brasil.

As relações entre Nélida Piñon e a Espanha datam desde antes da sua própria existência, pelos seus laços familiares originários da Galícia. Posteriormente, após assumir o ofício de escritora, foi esse o país que mais publicou suas traduções (Ver Anexo B). Oficialmente, seu lançamento no sistema receptor espanhol data de 1968, graças à edição da *Revista de Cultura Brasileña*⁷ dedicada à escritora.

A *Revista de Cultura Brasileña*, sob a direção do poeta e tradutor Ángel Crespo dedicou o número 24, de março de 1968, a apresentar aquela jovem escritora brasileira aos leitores espanhóis. É interessante pontuar que, naquela época, Piñon ainda era uma escritora em via de consagração em seu próprio país, fato que causou estranheza ao escolhê-la como destaque na *Revista*.

O próprio Ángel Crespo e Pilar Gómez Bedate, sua esposa, se encarregaram de escrever uma carta de apresentação intitulada *Nélida Piñon, de Guia Mapa a Tempo das frutas*, na qual ressaltavam como ela resgatava características do romance tradicional. Naquele momento, Piñon havia publicado três livros no Brasil – *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961), *Madeira Feita Cruz* (1963) e *Tempo das frutas* (1966) – e o texto dos autores teve como objetivo fazer uma análise aprofundada das respectivas obras.

⁷ A *Revista de Cultura Brasileña* foi uma publicação idealizada pelo poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto sob a direção de Ángel Crespo. A *Revista* foi publicada entre 1962 e 1981 pela Embaixada do Brasil em Madri. Atualmente novas edições são publicadas de maneira esporádica.

Sobre *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* foi apontado como o romance era experimental e estava construído em torno de uma linha temática psicológica. Além disso, Crespo e Gómez Bedate analisavam como Mariella, personagem principal, remete à figura da Virgem Maria em diálogo com o Arcanjo Gabriel, assim como suas relações intertextuais com outras obras da literatura ocidental.

Em *Madeira feita cruz*, os autores observam algumas semelhanças com o primeiro romance. A atmosfera religiosa mostra-se igualmente bem representada. Os personagens estão imersos em um misto de mistérios e milagres em negação de seus instintos em favor do espírito místico. Eles também pontuam que *Madeira feita cruz* guarda alguns pontos em comum com a peça de teatro *A anunciação de Maria*, de Paul Claudel. Segundo Crespo e Gómez de Bedate, o romance de Piñon traz uma ambientação medieval, nomes dos personagens semelhantes e algumas características entre eles.

Em relação a *Tempo das frutas*, é ressaltado uma mudança entre os primeiros romances, apoiados na temática religiosa e o presente livro que se volta a um estudo naturalista do ser humano. Para os autores, o primeiro ponto atrativo desse livro de contos é a ausência de hermetismo. Ainda são observadas umas séries de características nos contos: escassez de vocabulário, a reiteração dos mesmos substantivos, a abundância dos gerúndios e a brevidade dos períodos oracionais.

Além dessa extensa análise da obra de Piñon, a edição também apresenta traduções assinadas por Ángel Crespo de fragmentos dos romances *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* e *Madeira feita cruz*, e dos contos *Suave estação*, *A força do poço* e *A vaca barriguda*, de *Tempo das frutas*.

O número especial também apresenta uma nota de própria autoria de Nélide Piñon na qual ela relata alguns episódios de sua vida pessoal e se descreve como uma brasileira de raízes espanholas. Por isso, ela acredita que felizmente essas duas nacionalidades se expressam em seus conflitos linguísticos e literários. Finalmente, o volume é concluído com uma análise de *Tempo das frutas*, assinada pela tradutora Eliane Zagury.

Enquanto isso, no Brasil, em 1969, Nélide Piñon recebia o seu primeiro prêmio por *Fundador*. Com esse romance ela é distinguida com uma Menção Especial do Prêmio Walmap (1970). Foi justamente esse romance a ser o primeiro livro traduzido integralmente da escritora. *Fundador* foi publicado pela editora argentina Emecé, em 1973, com tradução da poetisa Ida Vitale. Conforme aponta Villarino Pardo (2009), o lançamento dessa tradução em terras argentinas foi recepcionado pelo excelente sucesso de público e crítica. Essa boa recepção

contribuiu inclusive para que Nélide Piñon participasse da *Feria del libro de Buenos Aires* daquele mesmo ano.

Além desse pioneirismo assumido pela Argentina como o primeiro país a traduzir um título de Piñon, outras editoras do continente latino-americano também foram responsáveis por publicar suas obras. Por exemplo, a editora Norma publicou três de seus títulos para a Colômbia e para outros países do continente. É importante salientar que duas de suas obras receberam diferentes traduções para o espanhol nos mais diversos países. Foi o caso das traduções de: *Sala de armas* (Argentina, Plus Ultra 1983; Cuba, Arte y Literatura, 1989; Espanha, Debolsillo, 2002) e *A doce canção de Caetana* (Espanha, Mondadori, 1989; Colômbia, Editorial Norma, 1994).

Já na Europa, após a aterrissagem entusiasta em solo espanhol pela *Revista de Cultura Brasileña*, apenas uma década mais tarde, em 1978, que Nélide Piñon teria a tradução de uma obra completa no país. Novamente foi Ángel Crespo quem assumiu o papel como tradutor, dessa vez do romance *Tebas do meu coração*. Inicialmente esse projeto tradutório estava a cargo do professor e tradutor galego Basilio Losada, que após um ano de trabalho abandonou-o, sendo realizado por Crespo. Sobre a experiência, Pilar Gómez Bedate (1997) recupera, em seu artigo *Literatura de Brasil*, uma citação de Losada na qual ele afirmava que *Tebas de mi corazón* era uma obra fundamental da literatura, mas foi incapaz de traduzi-la, tendo Crespo desempenhado um bom trabalho em seu lugar.

Tebas de mi corazón (1978) foi publicado pela editora Alfaguara, que no final dos anos 1990 viria a se tornar a casa editorial oficial de Piñon no país. Naquele momento, a escritora concedeu algumas entrevistas à imprensa escrita sobre o seu lançamento na Espanha. Piñon contou a Rosa María Pereda (1978), jornalista do *El País*, que com *Tebas do meu coração* ela teve como objetivo romper a sintaxe, que significaria ao mesmo tempo que romper o pensamento. A sua intenção foi extrapolar a lógica atual ocidental.

Enquanto isso, o escritor Miguel Bayón (1978) do *Diario 16* apresentava Nélide Piñon a partir de três características marcantes: brasileira, galega e escritora. É interessante observar que desde aquela época Piñon se mostra consciente sobre um dos temas que mais ecoarão em suas entrevistas no exterior: a posição periférica ocupada pela literatura brasileira. A escritora se queixou da falta de igualdade comercial existente entre escritores brasileiros e hispano-americanos. Ainda acrescentou que no Brasil se lia escritores de língua espanhola, mas que o movimento inverso não acontecia. Lamentando, ressaltou a grandeza de Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade, porém que esses não recebiam o valor merecido entre os seus vizinhos latino-americanos.

Além do espaço ocupado com entrevistas publicadas pela imprensa espanhola, o lançamento de *Tebas de mi corazón* também recebeu algumas críticas, como a assinada pela escritora Carmen Martín Gaité para o *Diario 16*. Segundo a opinião de Martín Gaité (1978), o romance transgredia as normas habituais do tempo e do espaço com a descrição da cidade de Santísimo. Para a escritora, a invenção dessa cidade consegue ir além daquelas criadas por Gabriel García Márquez em *Cien años de soledad* e Gonzalo Torrente Ballester, em *La saga/fuga de J.B.*

Na década de 1980, observa-se um movimento semelhante a de 1970. Nélida Piñon teve o seu segundo livro traduzido na Espanha apenas em 1989, marcando um longo período de 11 anos da publicação de *Tebas de mi corazón*. O romance *La fuerza del destino* foi publicado pela Ediciones Versal e traduzido por Mario Merlino. Anos mais tarde, Merlino (2005) recordou em sua coluna no jornal *El País* o momento no qual a escritora o recepcionou na Academia Brasileira de Letras. Segundo suas palavras “gracias a ella [Nélida Piñon] se hizo pasillos y vitrinas de sueño mi recorrido por las salas de aquel edificio, en el 203 de la Avenida Presidente Wilson”.⁸ (MERLINO, 2005, p. 34)

Para o crítico literário Leopoldo Azancot (1990), em resenha publicada em *El País*, *La fuerza del destino* se trata de um romance com vontade de inovar, complexo, apaixonado e que está a serviço da busca do sentido da arte. Como uma obra que se inspira na ópera homônima de Giuseppe Verdi, Azancot (1990) opina que Piñon tenta apropriar-se dessa arte musicada ao convidar o leitor e ouvintes a participarem dessa recriação. Finalmente, ele conclui que o romance é divertido e de uma grande riqueza verbal.

Nessas primeiras décadas, observa-se a importância que os tradutores tiveram para a tradução e difusão das obras de Nélida Piñon. Ángel Crespo e Mario Merlino, além de tradutores, também foram divulgadores da literatura brasileira na Espanha. Em algumas ocasiões, Nélida Piñon manifestou sua opinião sobre as traduções e tradutores de suas obras.

Sobre o tema, Dasilva (2005) aponta, por exemplo, as conferências realizadas pela escritora na Columbia University sob o título de *Como vejo a tradução dos meus textos* (1978) e *A tradução e o agente recriador* (1974) proferida pelo PEN Club de Nova York. Nessa última conferência, Piñon expôs sobre seu ponto de vista acerca do papel assumido pelos tradutores. Para ela, não há arte sem artista. Não há um texto transplantado e germinado sem o coautor artista, que buscou criar em outra língua as equivalências daquela, em cujo texto aparentemente se fixou para forjar-lhe o arcabouço. (PIÑON, 1974)

⁸ Graças a ela [Nélida Piñon] se tornaram corredores e vitrines de sonho o meu passeio pelas salas daquele edifício, no número 203 da avenida Presidente Wilson. (MERLINO, 2005, p. 34, tradução nossa).

Mais recentemente, no livro *Voices-overs: translations and Latin American literature* (2002), um dos capítulos é dedicado à Nérida Piñon no qual ela expõe suas impressões sobre as traduções de suas obras. A escritora comenta que nem sempre pode participar durante o processo tradutório porque ou não tem domínio das línguas a serem traduzidas ou porque as traduções já chegam até ela como um projeto concluído. No entanto, ela acrescenta que participou das traduções para o inglês assinadas por Helen Lane (*The republic of dreams* e *Caetana's sweet song*) e em alguns trechos do romance *A república dos sonhos* traduzido para o espanhol por Elkin Obregón Sanín. Segundo a sua opinião, suas obras não são difíceis de traduzir embora tenham suas complexidades. Desse modo, a escritora espera que os tradutores sejam capazes de percorrer e decifrar cada camada de suas sentenças.

Além da figura dos tradutores como grandes responsáveis por ecoar nomes da literatura brasileira no exterior, identifica-se que a consagração no polo doméstico foi um dos fatores determinantes para a circulação das traduções da autora. Ainda na década de 1980, em 1989, Nérida Piñon havia sido eleita como a mais nova imortal da Academia Brasileira de Letras. Além da repercussão a nível nacional, a imprensa espanhola também noticiou o fato. O *Diario de Ibiza* (1989), destaca em uma nota intitulada de *Hija de gallegos elegida para la Academia de Letras*, que Piñon havia sido a quarta mulher a assumir tal posição na instituição. Como o próprio título ressalta, os laços familiares que a escritora nutre com o país passam a ter destaque quando algo sobre ela é noticiado na imprensa local.

De maneira semelhante, o *Faro de Vigo* (1990) também informa que uma escritora brasileira de ascendência galega ocupa uma poltrona entre os imortais brasileiros. Na mesma matéria encontram-se algumas curiosidades que a relacionam com o universo literário latino-americano. Por exemplo, sua amizade com Mario Vargas Llosa e o fato de que esse lhe dedicou o livro *La guerra del fin del mundo*. E as amizades que nutria com Gabriel García Márquez e Clarice Lispector. Desse modo, o nome de Nérida Piñon vai tornando-se recorrente na imprensa espanhola a partir do início da década de 1990.

Em 1990, foi publicado o livro *La dulce canción de Cayetana* pela casa editorial Literatura Random House. Também traduzida por Mario Merlino, é válido ressaltar que apenas quatro anos depois recebeu uma retradução por Elkin Obregón Sanín pela editora colombiana Norma. Nos anos 1990, a produção literária da escritora era mais difundida no continente latino-americano graças à editora Norma que publicava suas obras para vários países de língua espanhola do continente. Além de *La dulce canción de Caetana*, Elkin Obregón Sanín também traduziria *A república dos sonhos* para a mesma casa editorial colombiana, em 1991. Esse romance também foi traduzido para o inglês por Helen Lane e publicado pela editora estado-

unidense University of Texas Press e pela inglesa Picador. Na França, o romance recebeu a tradução de Violante do Canto e Yves Coleman pela casa editorial Éditions des femmes.

Em 1999, chega às livrarias espanholas a edição de *La república de los sueños* que já havia circulado no continente latino-americano nos anos anteriores. É através desse romance que marca a inserção maciça no cenário literário espanhol ao entrar para o catálogo da importante casa editorial Alfaguara. Ainda em 1999, foi publicado *La roda del vent*, o único livro da escritora dedicado à literatura infanto-juvenil e traduzido para o catalão por Goretti López pela Editorial Cruïlla.

Na década seguinte, é inquestionável a projeção internacional atingida por Piñon a partir de 2005. Uma das provas desse feito foi, por exemplo, a edição da prestigiosa revista estado-unidense *World Literature Today* que pela primeira vez dedicou um número monográfico a um escritor da América Latina. Ainda naquele ano, a brasileira recebeu o Premio Príncipe de Asturias de las Letras⁹ outorgado pela Fundación Príncipe de Asturias, tendo concorrido com 31 outros escritores de 16 nacionalidades. O júri ressaltou que a decisão de a premiar era pela sua incitante produção que abarcava uma mestiçagem cultural sendo capaz de agrupar diversas tradições literárias.

Naquele momento, a escritora recebia muita atenção da imprensa espanhola que estampava em suas páginas diversas entrevistas. Por exemplo, o jornal *ABC* dedicou uma entrevista de página dupla na qual ressaltava sua emoção ao ser galardoada com o prêmio e revelava quais eram as suas paixões literárias. A escritora confessou ao jornalista Antonio Astorga (2005) que *A república dos sonhos* era o seu livro que abraçaria por ser sua suma teológica, por se tratar de uma síntese narrativa do papel da literatura. Dessa forma, o romance mostra-se duplamente notório por sua importância na própria trajetória de Piñon e por suas edições posteriores no Brasil, Portugal e Espanha comemorando os 30 anos de seu lançamento, em 1984.

Para Dasilva (2005), essa projeção internacional de Piñon deve-se à sua atividade intelectual que transita entre os espaços de língua espanhola e portuguesa. Essa opinião também foi compartilhada pelo escritor mexicano Carlos Fuentes no momento em que discursava quando a brasileira foi galardoada com o Premio de Literatura Latinoamericana y del Caribe Juan Rulfo (1995):

Não há fato mais triste e menos justificável na América Latina que a persistência de uma demarcação alexandrina rígida entre as duas Américas do Sul, a hispânica e a lusófona. O Brasil e a América espanhola, ao desconhecem-se, reduzem-se. Somos

⁹ A partir de 2014, o Premio Príncipe de Asturias e a Fundación Príncipe de Asturias passaram a se chamar Premio Princesa de Asturias e Fundación Princesa de Asturias.

duas faces da mesma moeda, a cara e a coroa, e dividir esse escudo significa ficarmos sem metade do nosso ser. Nélida Piñon, o prêmio a Nélida Piñon vem reparar esse divórcio doloroso e desnecessário. (FUENTES, 1997, n.p.)

Assim como Carlos Fuentes pontua em seu discurso, o diálogo entre a escritora e a América Hispânica sempre esteve presente em sua trajetória. Por exemplo, no tocante às traduções, foram os países do continente latino-americano a serem os primeiros a traduzir obras de Nélida Piñon, conforme já mencionado. Além disso, a escritora sempre manteve um fluxo de viagens para divulgações de livros, palestras, participações em feiras do livro nos países de língua espanhola.

No Brasil, o final da década de 1980 e o início da década de 1990 marcam o ingresso de Piñon na Academia Brasileira de Letras e a sua consolidação no cenário literário do país. À medida que a escritora se estabelece no sistema doméstico, isso repercutirá em suas traduções e no recebimento dos mais importantes prêmios literários do continente.

O prestígio literário recebido por esses prêmios internacionais também influenciou em novas edições dos seus já editados livros na Espanha e de traduções dos seus mais recentes livros publicados no Brasil. Em 2005, *La república de los sueños* ganha uma nova edição na Espanha, assim como a tradução para o galego, *A república dos sonhos*, recebe uma nova reedição após seu lançamento no ano anterior.

No entanto, a presença de Piñon mostra-se mais marcante quando se trata da Galícia. Além das homenagens e prêmios recebidos no espaço galego, a obra literária da autora também foi fruto de pesquisa de teses e dissertações de universidades da comunidade autônoma. Sobre o tema, Dasilva (2005) aponta os trabalhos realizados por Fernández del Riego, 2000; González Tosar, 1990; Tarrío Varela, 2002; Villarino Pardo, 1999, 2001 e 2002 que analisaram alguma obra ou a própria trajetória da escritora e sua relação com a Galícia como temas de análise.

Sem dúvida, esse acolhimento de Piñon por parte dos galegos também se deve à sua constante reivindicação de suas raízes locais responsáveis por aflorar a sua imaginação de escritora conforme ela expôs: “Meu amor por Galícia permitiu-me percorrer os itinerários da imaginação” (PIÑON, 1998, p. 19). Aliás, esse é um dos temas constantes durante os discursos proferidos em toda a sua carreira literária, seu sentimento de brasileira recente e suas raízes ancestrais da Península Ibérica.

Ainda em 2005, *Voces del desierto* foi publicado pela Alfaguara e novamente contando com a tradução de Mario Merlino. No Brasil, *Vozes do deserto* (2004) foi o romance vencedor do Prêmio Jabuti de melhor romance e livro de ficção de 2005. Uma vez mais, Nélida Piñon percorreu a Espanha divulgando a sua nova publicação. Um desses eventos ocorreu na cidade

galega de Vigo para os leitores do jornal *Faro de Vigo*. Piñon foi apresentada pelo escritor Xosé Luís Méndez Ferrín que a definiu como um dos pilares da literatura galega. Sobre o romance, Ferrín destacou que permite a "reflexión sobre a arte do relato, sobre a ansiedade do narrador, sobre os mecanismos da ficción".¹⁰ (FERRÍN apud LÓPEZ, 2005, n.p.)

Na ocasião do lançamento, mais uma vez a seção *Babelia* do jornal *El País* dedicou um espaço para a entrevista que Nélida Piñon concedeu ao jornalista Juan Arias (2005). Nessa extensa entrevista, a escritora pôde responder questões sobre o seu novo romance e as motivações que a impulsionaram a reescrever a história de Sheherazade e *As mil e uma noites*.

A partir da tradução de *Voces del desierto*, observa-se que suas obras publicadas no Brasil rapidamente são traduzidas na Espanha. Desse modo, nas décadas passadas nas quais demoravam alguns anos até que suas obras fossem traduzidas, a partir de 2005 se constatará uma redução para um ano ou até meses desde a edição no polo doméstico até sua circulação no país europeu.

Nos anos 2008, 2009 e 2013, Nélida Piñon afastou-se da ficção para publicar os livros de memórias e ensaios intitulados de *Aprendiz de Homero*, *Coração andarilho* e *Livro das horas*, respectivamente. *Aprendiz de Homero* e *Corazón andariego* foram traduzidos por Montserrat Mira. Enquanto *Libro de horas* já havia circulado pela América Latina graças à editora mexicana Fondo de Cultura Económica naquele mesmo ano, e pela mesma tradução de Elkin Obregón Sanín.

Piñon regressa à narrativa através da coletânea de contos *A camisa do marido*, publicada em 2014 e editada na Espanha no ano seguinte pela Alfaguara. A tradução esteve a cargo da catalã Roser Vilagrassa. Marta Sanz (2015), em crítica para o periódico *El País*, opina que os contos ali presentes apresentam a atmosfera do gênero criminal. Como se os leitores fossem detetives, a leitura vai apresentando pouco a pouco pistas através de um cenário territorial diversificado. As cidades de Lisboa, Rio de Janeiro, São Paulo são ali retratadas. Além disso, Sanz também pontua que há em alguns contos um pano de fundo religioso, e a violência também é o fio condutor que une essas narrativas.

A tradução seguinte publicada na Espanha foi a do livro *Filhos da América* que recebeu o título de *La épica del corazón*. Novamente indica-se que apenas um ano divide o tempo de publicação no Brasil e na Espanha, editados em 2016 e 2017, respectivamente. Nesse livro, a escritora reflete sobre o mundo das letras e as suas inspirações e paixões literárias. Na ocasião

¹⁰ "a reflexão sobre a arte do relato, sobre a ansiedade do narrador, sobre os mecanismos da ficção." (FERRÍN apud LÓPEZ, 2005, n.p., tradução nossa)

do lançamento, Piñon foi até a cidade de Madri. Carolina Casco (2017), do jornal *El Mundo*, indica que além de apresentar vestígios sobre a sua criação literária, Piñon evoca os escritores que marcaram a sua vida como Julio Cortázar e Clarice Lispector. Ela conclui a sua resenha opinando que *La épica del corazón* está impregnada de nostalgia, muito característica das letras hispanas.

O último livro traduzido na Espanha, até 2020, foi *Una furtiva lágrima*. Uma vez mais, Piñon submerge nas suas memórias familiares e literárias para compor esse livro. A premissa de *Una furtiva lágrima* nasceu após o diagnóstico equivocado de que só lhe restariam poucos meses de vida. Desse modo, ela planejou esses últimos dias retomando suas memórias ao escrever uma espécie de diário. Na Espanha, *Una furtiva lágrima* chegou às livrarias quase que simultaneamente que no Brasil, em 2019. Para Nadal Suau (2019) da revista *El Cultural*, a escritora premia os leitores com um livro estupendo no alto dos seus oitenta anos de inteligência narrativa. Ele está repleto de recordações do passado familiar, cultural e literário, confissões de amor por seus amigos e mascotes. O jornalista também indica que uma série de dualidades permeiam o texto nelidiano.

Durante sua trajetória como escritora, Nélida Piñon sempre se mostrou consciente do espaço periférico ocupado pela literatura brasileira. Desse modo, ela atribui o recebimento do Premio internacional de Literatura Latinoamericana del Caribe Juan Rulfo como um dos responsáveis para a visibilidade recebida a partir de meados dos anos 1990. Nos anos 2000, viria a ser legitimada na Espanha ao receber o prêmio literário mais importante do país, o Premio Príncipe de Asturias de las Letras. Essa legitimação viria a trazer uma maior inserção de suas obras naquele polo receptor. A partir daquele momento, não apenas alguns de seus títulos seriam traduzidos, mas todas as suas obras publicadas no Brasil rapidamente são encontradas em língua espanhola no país.

Portanto, a partir desse panorama da circulação das traduções de Nélida Piñon na Espanha, se pode observar alguns fatores que foram decisivos: os já mencionados prêmios literários no polo doméstico e receptor, seus laços familiares com o país que a fazem possuir uma afinidade maior com os seus possíveis leitores, uma grande editora como é a Alfaguara que pode promover eventos promocionais em cada novo lançamento e uma agência literária como a de Carmen Balcells que tem forte presença e credibilidade no universo das letras hispânicas.

3.2 Recepção de *La república de los sueños* na Espanha

Em 1999, a tradução de *A república dos sonhos* desembarcou em solo espanhol através da editora Alfaguara. Como mencionado anteriormente, a edição desse romance marca definitivamente a volta da publicação de obras de Nélide Piñon pela casa editorial que perdura até os dias atuais. Apesar de ser publicada no país europeu, a tradução é a mesma assinada por Elkin Obregón Sanín. Até a presente data, essa tradução teve quatro edições no país, a saber, 1999, 2005, 2013 e 2014. Apenas a edição de 2014 não foi publicada pela Alfaguara, mas pela Círculo de lectores¹¹.

O lançamento de *La república de los sueños* aconteceu em 21 de maio de 1999, na cidade de Madri. Após o evento de lançamento, a escritora participou de entrevistas e palestras promovendo o livro pelo país. Em entrevista para a jornalista Paula Pérez (1999), do *Faro de Vigo*, Piñon explicou que no romance as Américas são escritas a partir da idealização, porque a república como ela descreve é uma utopia inalcançável. Ela ainda menciona que a Galícia tem uma forte presença na obra e que gostaria que uma adaptação cinematográfica fosse gravada na região.

Na época da publicação da primeira edição na Espanha, alguns críticos dedicaram seus comentários à obra. Para Dario Villanueva (1999), professor da Universidade de Santiago de Compostela, *La república de los sueños* é um romance fascinante pela visão que uma neta de galegos tem sobre a Galícia. Além disso, Villanueva oferece aos leitores um resumo da obra, apontando a Breta como a narradora principal que poderia ser interpretada como um *alter ego* de Nélide Piñon. O professor ainda analisa o título do romance que, segundo a sua opinião, uma interpretação limitada identificaria um pessimismo por parte dos brasileiros ao constatar a ruptura entre o sonho de uma nação em crescimento e sua realidade imediata. No entanto, para ele, o sonho também significa um atributo móvel que impulsiona a todos os personagens da obra.

No suplemento cultural *Babelia* do jornal *El País*, José Ernesto Ayala-Dip (1999) opina que no romance, Piñon abandona a sintaxe difícil e a vontade experimental de *Tebas de mi corazón*. Em *La república de los sueños*, explica o crítico literário, a prosa é direta como corresponde a um propósito realista. Porém, há um tom solene que perpassa em toda a obra, inclusive os protagonistas não conseguem se desvencilhar dele. Mencionando o livro *Os Buddenbrooks*, de Thomas Mann, Ayala-Dip (1999) analisa que a obra da brasileira também

¹¹ A Círculo de Lectores, extinta em 2014, foi um clube de leitura da Espanha que nos últimos anos de funcionamento estava sob o controle do grupo editorial Planeta.

vai em direção ao romance social ou político. Contudo, aos personagens de Piñon, em sua opinião, lhes falta acúmulo de experiências próprias e diálogos internos, uma trama de psicologia individual que vai orientando sobre o mundo em que vivem. Apesar de acreditar que a construção dos personagens não explique com clareza suas motivações para tais ações, ele finaliza a crítica afirmando que através do romance se pode entender muito da história recente do Brasil.

A publicação de *La república de los sueños* também suscitou algumas críticas por parte da imprensa catalã. De acordo com Òscar Pàmies (1999), escritor e colunista do *El Periódico de Catalunya*, o romance se excede no uso de sinônimos e metáforas ornamentais criando diálogos delirantes e impossíveis. Além de ressaltar os tópicos galegos e brasileiros presentes na obra, Pàmies (1999) faz menção ao trabalho tradutório realizado por Elkin Obregón Sanín. Para ele, o tradutor teve méritos na obra que, segundo a sua opinião, foi traduzida de forma literal e lapidada.

Assim como Pàmies (1999) recordou a figura do tradutor em sua crítica, Dario Villanueva (1999) também formulou sua opinião sobre a tradução assinada por Obregón Sanín. De acordo com Villanueva (1999), a tradução é correta salvo em algumas exceções pelo uso de barbarismos, como, por exemplo, os termos *decolar* e *rasquiña*. Esses termos denominados de barbarismos pelo professor espanhol, podem ser entendidos, por exemplo, no caso de *decolar*, pelo uso de palavras que não são pertencentes à língua espanhola, possivelmente um lapso do tradutor ao se influenciar pela língua portuguesa. Já em relação à *rasquiña*, seu uso é mais difundido em países de língua espanhola da América Latina, podendo até mesmo ser pejorativo. Outro ponto indicado por Villanueva (1999) é que há a sensação de que o tradutor incrementou notavelmente o tom solene de alguns personagens.

Como pode-se perceber, a primeira edição de *La república de los sueños* não passou despercebida pela imprensa espanhola. As matérias e críticas dedicadas a ela apresentavam além de um resumo da obra, alguns dados biográficos de Piñon, como a sua origem familiar galega ou até mesmo ampliando esse laço ao descrevê-la como uma extensão da Galícia no Brasil.

Por um lado, é interessante observar que a publicação dessa tradução marca o regresso da escritora em solo espanhol, mesmo com o seu lançamento no Brasil ter acontecido há 15 anos, ou seja, esse romance escolhido não estava entre os mais recentes de Piñon. As razões que motivaram essa escolha não podem ser apontadas com precisão, mas uma das possibilidades pode ser pela temática diretamente relacionada à Espanha. Desse modo, esse retorno às livrarias espanholas com um romance dedicado à imigração espanhola no Brasil

também é tido por Piñon como o responsável por sua projeção no cenário internacional. A *república dos sonhos* foi o título de Piñon mais traduzido e o com o maior número de edições no exterior, recebendo a última tradução para um novo idioma, o galego, em 2004.

Justamente no ano seguinte, após receber o Premio Príncipe de Asturias de las Letras, *La república de los sueños* é novamente reeditado pela Alfaguara. As informações sobre a nova edição foram ofuscadas pelo importante prêmio recebido no país. No entanto, a capa do livro recebeu uma faixa vermelha indicando que Piñon havia sido galardoada com o prêmio mencionado. Esse fato certamente suscitou a curiosidade daqueles que transitavam nas livrarias e se deparavam com a notícia de que uma escritora brasileira foi premiada no território espanhol por um prestigioso prêmio nacional.

Nas vésperas da comemoração dos 30 anos de seu lançamento no Brasil, *La república de los sueños* recebe duas novas edições na Espanha. Uma novamente pela Alfaguara e a outra pela Círculo de Lectores, em 2013 e 2014, respectivamente. Sem dúvida a publicação de edições comemorativas no polo receptor denota a importância da obra tanto na trajetória de Nélida Piñon quanto pelo seu valor literário, ainda mais quando se pensa em uma escritora de uma língua periférica, como é o caso do português.

Apesar de não se ter informações sobre o número de triagens e de vendas no país europeu, aponta-se que sua inserção tardia no sistema receptor, após 15 anos de sua publicação no Brasil, representa um interesse particular por uma obra de uma escritora de língua portuguesa que permanece à margem quando se trata de literatura traduzida. Demonstrando assim a importância de *La república de los sueños* como uma retomada entre os laços que unem a escritora e a Espanha e que ainda não estavam consolidados nas décadas anteriores.

3.3 Elkin Obregón Sanín: tradutor de *La república de los sueños*

Nascido em 1940 na cidade colombiana de Medellín, Elkin Obregón Sanín antes da tradução literária, dedicou-se a vários ofícios, como o de caricaturista, escritor, desenhista e pintor. Porém, foi através de suas caricaturas que ficou conhecido em seu país. Durante as décadas de 1960 a 1980, ele desenhou caricaturas para os jornais *El Mundo* e *El Colombiano*. Nesses periódicos, ele tinha uma tira cômica chamada *Los invasores*, onde a chegada dos espanhóis à América era tratada com um humor crítico. Com *Los invasores*, desenhou cerca de 600 vinhetas publicadas nos jornais de Medellín fazendo-lhe ganhar visibilidade na área e sendo um dos pioneiros do gênero *comic* na Colômbia.

Antes de trabalhar com as tiras cômicas, Obregón Sanín desenhava caricaturas de escritores como Virginia Woolf, William Faulkner, Manuel Mejía Vallejo, Alberto Aguirre, conforme menciona Mário Cárdenas (2019) para a página da revista *Bakanica*. Graças à essa carreira, recebeu o prêmio CPB (*Círculo de Periodistas de Bogotá*) de melhor caricaturista da Colômbia em 1986 e o Premio a Las Artes y Las Letras, outorgado pelo governo de Antioquia, em 2004. Desse modo, quando se buscam informações sobre Obregón Sanín, sobressaem-se dados sobre sua faceta como caricaturista e ilustrador ou ainda como escritor. Portanto, parece que o ofício de tradutor da literatura brasileira permanece oculto para quem não conhece muito de sua trajetória.

Quando se trata de obras sob a sua autoria, ele publicou *Grafismos* (1978), *Más grafismos* (1986) e *Los invasores* (1992) nas quais agrupou algumas de suas mais importantes tiras cômicas impressas anteriormente em periódicos colombianos. Já os livros *Memórias enanas* (2000) e *Papeles seniles* (2011), Obregón Sanín apresenta uma reunião de anedotas, recordações da infância e juventude, crônicas que dividem páginas com desenhos e pinturas de aquarela.

Através de uma das crônicas do seu livro autobiográfico *Memórias enanas* (2000), pôde-se conhecer que a sua relação com a literatura brasileira remonta à sua infância. O tradutor relata o dia em que o pai o presenteou ainda menino com o livro *Historia del mundo* [História do Mundo, 1933], de Monteiro Lobato. Ansiosamente, ele e os irmãos esperavam receber livros do escritor brasileiro em cada data comemorativa, assim tornou-se um apaixonado por Monteiro Lobato e pelos tão famosos personagens Dona Benta, Narizinho, Pedrinho e a boneca Emília. Anos mais tarde, já adulto, em um bar na cidade de São Paulo, ele conta de forma bem-humorada como foi confundido por Monteiro Lobato causando-lhe alegria pelo episódio.

Em entrevista concedida para esta dissertação em maio de 2020 (ver Apêndice A), Obregón Sanín¹² declara que também foi na infância que a língua portuguesa lhe atraía pela primeira vez, mesmo sem conseguir decifrar de qual idioma se tratara. Ele relata que em sua casa havia um disco de vinil no qual a canção *Sabiá lá na gaiola* (Hervé Cordovil e Mário Vieira) lhe parecia curiosa por suas palavras que lhe soavam em um idioma indecifrável. Anos mais tarde, em 1974, na cidade de São Paulo, pôde escutar outra vez a canção e entender o que aquelas palavras lhe diziam, tornando-se uma grande descoberta para ele. Igualmente, foi no Brasil, onde percebeu que a tradução lhe parecia um ofício possível.

¹² Entrevista concedida em 16 de maio de 2020 por meio de videochamada. Ver o teor completo da entrevista no Apêndice A.

Cuando yo llevaba hace unos meses en Brasil empecé a leer y a irme dando cuenta de cómo eran las cosas y de que ya podía traducir del portugués. Entonces eso me dio una gran alegría. Recuerdo que la primera traducción que hice fue de la revista *Veja*. Al comienzo de esa revista salía siempre distintas cosas y me encontré una entrevista con el tema del cine. Era una entrevista con el director norteamericano llamado John Huston y me di cuenta de que la podía traducir al español. Disfruté tanto que cuando [la editorial] *Norma* me propuso que tradujera a Machado de Assis, yo estaba feliz.¹³ (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p.)

Ao longo de suas quase três décadas dedicadas à tradução, Obregón Sanín traduziu cerca de 30 títulos entre romances e livros de poesias da literatura brasileira e portuguesa. (ver Anexo C) Um olhar panorâmico sobre a sua história como tradutor mostra o vínculo importante com a editora colombiana Norma. Conforme ele menciona na entrevista, foi através de um convite de Iván Hernández Arbeláez, antigo editor da coleção *Cara y cruz* que pôde integrar ao corpo de tradutores da casa editorial.

Em entrevista à pesquisadora María Victoria Tipiani (2013), Hernández Arbeláez explica que a partir da década de 1980 houve a iniciativa pela editora Norma em promover a atividade da tradução na Colômbia, já que antes a maioria delas eram originárias da Espanha. Desse modo, formou-se um grupo de tradutores da língua inglesa, francesa e portuguesa, ação que foi copiada por outras editoras do país. Dentre esses tradutores, estava Elkin Obregón Sanín. Ele recorda que não havia outros tradutores da língua portuguesa, sendo ele o responsável por traduzir os títulos de Nélide Piñon publicados por Norma.

Conforme anteriormente mencionado, o seu interesse pela língua portuguesa e a literatura brasileira surgiu ainda na infância. Além de admirador de Monteiro Lobato, Obregón Sanín se confessa um grande apreciador de Machado de Assis, tendo a oportunidade de traduzi-lo posteriormente em contos para antologias e o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. No prólogo de sua autoria na tradução de contos *Misa de gallo y otros cuentos* (1990), ele opina que a influência de Machado de Assis ecoou a escritores do século XVIII até mais recentes, como Nélide Piñon e finaliza repetindo uma frase de Jorge Luis Borges para o escritor Rubén Darío: “todos le deben algo, aun aquellos que nunca lo han leído.”¹⁴ (OBREGÓN SANÍN, 1990, p. 6)

A sua experiência no Brasil o fez apaixonar-se pela música brasileira. Conforme conta a jornalista Nubia Amparo Mesa Granda (2016), foi através de Obregón Sanín que pôde

¹³ Quando eu estava há uns meses no Brasil, comecei a ler e a me dar conta de como eram as coisas e de que já podia traduzir do português. Então isso me deu uma grande alegria. Recordo que a primeira tradução que fiz foi da revista *Veja*. No início dessa revista sempre se publicavam coisas distintas e encontrei uma entrevista com o tema do cinema. Era uma entrevista com o diretor norte-americano chamado John Huston e me dei conta de que podia traduzi-la para o espanhol. Disfrutei tanto que quando [a editora] Norma me propôs que traduzisse Machado de Assis, eu estava feliz. (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p., tradução nossa)

¹⁴ Todos lhe devem algo, mesmo aqueles que nunca o leram. (OBREGÓN SANÍN, 1990, p. 6, tradução nossa)

conhecer as canções de Caetano Veloso, Maria Betânia e Chico Buarque. Ela ainda acrescenta que recebeu recomendações para que lesse as obras de Machado de Assis. Em entrevista concedida à Ana María Cano Posada (2013), o tradutor revela que o conto que mais lhe cativa é *Quincas Berro d'água*, de Jorge Amado, além de admirar diversos poetas de língua portuguesa.

O seu gosto pela música e literatura brasileira o levaram a traduzi-la. Em entrevista que Valeria Zapata Giraldo (2017) recupera do periódico Nexus (2014), Obregón Sanín comenta que nunca estudou para nenhum de seus ofícios, tudo aconteceu de forma empírica. Por influência do pai que era arquiteto, ingressou no curso de Arquitetura na Universidad Pontificia Bolivariana, nunca concluindo-o. Preferindo dedicar-se às suas paixões: o desenho, a tradução e a literatura.

Ele relata com brevidade em seu livro *Memórias enanas* (2000) rascunhos de suas traduções enviados à Ferreira Gullar, que posteriormente viria a traduzi-lo com o livro *Poema Sujo*. Além de Ferreira Gullar e Machado de Assis, durante sua trajetória Obregón Sanín traduziu diversas obras narrativas, sobressaindo-se as de Nélide Piñon e Rubem Fonseca e ainda perpassando pela poesia com a tradução de *Tres poetas brasileños* (1994) trazendo uma seleção de poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond e João Cabral de Melo Neto.

Até o final de 2020, o tradutor colombiano assinava a coluna mensal intitulada *Caído del zarzo* na revista *Universo Centro* onde integrava o corpo de colunistas desde 2011. Em sua coluna, ele dissertava sobre os mais diversos temas, sobressaindo-se a literatura. Paralelamente ele continuou traduzindo esporadicamente. Elkin Obregón Sanín faleceu em 23 de janeiro de 2021, na sua cidade natal de Medellín.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos autores e teorias que fundamentam o aporte teórico a esta pesquisa que tem como objetivo realizar uma análise descritiva da tradução para o espanhol do romance *A república dos sonhos*, da escritora brasileira Nélide Piñon. Para a realização da mencionada análise, adotaremos o modelo proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011) para a descrição de traduções.

Esse modelo subdivide-se em quatro etapas: dados preliminares, níveis macrotextual e microtextual e contexto sistêmico. No entanto, na presente dissertação serão abordadas as três primeiras etapas do modelo. Para a análise dos dados preliminares, os autores sugerem que se observem os elementos paratextuais da obra em questão. Para subsidiar essa observação sobre os paratextos das edições publicadas na Espanha de *La república de los sueños*, recorreremos a Gérard Genette (2018), Marie-Hélène Catherine Torres (2011) e Teresa Dias Carneiro (2014). No nível macrotextual, temos como objetivo verificar o tratamento global escolhido pelo tradutor para a sua tradução. A análise macrotextual buscará compreender a influência do denominado espanhol neutro e seus efeitos no mercado editorial literário, assim como em *La república de los sueños*¹⁵. Para tal, elencamos as autoras Eva Bravo García (2008), Julia Benseñor (1993) e Norma Carriburo (2003). Finalmente, a análise conclui-se com o nível microtextual no qual optamos por analisar quais foram as estratégias utilizadas para a tradução dos IECs segundo as pesquisas realizadas por Javier Franco Aixelá (2013) e Carla Melibeu Bentes (2005).

Diante do exposto, o capítulo se organizará de acordo com as seguintes subseções: 4.1 O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp para a descrição de traduções; 4.2 Paratextos editoriais; 4.3 Itens de especificidade cultural em tradução.

4.1 O modelo metodológico de Lambert e Van Gorp para a descrição de traduções

Esta subseção apresenta o modelo metodológico para descrição de traduções proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011), destacando-se questões pertinentes aos interesses dessa pesquisa.

¹⁵ Para uma melhor visualização do tema abordado, essa seção estará incluída no próximo capítulo no qual adentra-se na análise aqui proposta a fim de exemplificar com trechos da tradução de *La república de los sueños*.

José Lambert e Hendrik Van Gorp, no texto intitulado *On Describing Translations* (1985), apresentam um esquema metodológico para a descrição de traduções formulado a partir dos paradigmas teóricos desenvolvidos por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury no contexto da chamada hipótese do polissistema. Esse esquema visa oferecer orientações sistemáticas para que os pesquisadores possam analisar os diversos aspectos da tradução possibilitando sua adequação a diferentes cenários históricos e sociais.

Segundo os pesquisadores, esse esquema hipotético tem como principal vantagem estudar traduções desvinculando-se de ideias tradicionais enraizadas em questões de “fidelidade” ou de “qualidade tradutória”, as quais, em sua maioria, são essencialmente normativas e priorizam o texto-fonte. Eles ainda propõem uma série de questionamentos que podem guiar os pesquisadores, tais como: a análise do vocabulário, do estilo tanto no texto-alvo quanto no texto-fonte; o papel das traduções no desenvolvimento de uma determinada literatura; crítica da tradução em determinadas literaturas e épocas específicas.

O modelo proposto por Lambert e Van Gorp compreende aspectos fundamentais para o entendimento da atividade tradutória como seus aspectos textuais, “sua recepção e até aspectos sociológicos como distribuição e crítica da tradução” (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 213). O esquema metodológico divide-se em: dados preliminares, macronível, micronível e contexto sistêmico. Pela sua abrangência, os autores consideram inviável analisar todos os componentes microestruturais e afirmam que “a tarefa do estudioso será estabelecer quais relações são as mais importantes.” (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 211)

A partir desse modelo metodológico é possível apreender as normas que atuam em produtos específicos ou, se analisados em uma maior escala, na atividade tradutória do polissistema literário da cultura-alvo. Por isso, os autores destacam a importância de que os estudiosos considerem uma análise mais abrangente:

Não podemos analisar adequadamente traduções específicas se não levarmos em consideração outras traduções pertencentes ao(s) mesmo(s) sistema(s), e se não analisarmos as mesmas em vários níveis micro e macroestruturais. Não é nem um pouco absurdo estudar um único texto traduzido ou um único tradutor, mas é absurdo desconsiderar o fato de que esta tradução ou este tradutor possui elos (positivos ou negativos) com outras traduções e tradutores. (LAMBERT; VAN GORP, 2011, p. 221)

Lambert e Van Gorp ainda salientam que, para uma análise textual da tradução, seria viável selecionar diversos fragmentos a fim de estudá-los a partir do ponto de vista de regras textuais específicas. Assim, pode-se observar se o tradutor traduz palavras, frases, parágrafos, metáforas, sequências narrativas, por exemplo. Essa análise ainda pode ser apoiada por dados

estatísticos que possibilitarão observar as consistências das estratégias tradutórias utilizadas pelo tradutor. A partir dessas primeiras constatações, o estudioso pode selecionar novos excertos a fim de analisar se o tradutor acrescenta ou exclui parágrafos, palavras, características literárias ao longo de toda a obra ou em determinados trechos. Para uma visão mais geral e panorâmica, é recomendável selecionar novos trechos em que surjam dificuldades com a intenção de confirmar ou refutar hipóteses levantadas e ainda verificar os critérios e prioridades que regem a atividade do tradutor.

Com base nos resultados obtidos, os autores sugerem que pode-se levantar uma série de questões como: se o tradutor sempre traduz segundo os mesmos critérios, se a resposta for negativa, quais seriam as razões?; no caso dos tradutores-escritores, sua obra “criativa” segue os mesmos padrões que suas traduções e a de outros tradutores?; ele teoriza sobre regras e normas da tradução?; há conflito entre a teoria e a prática? Esses são alguns questionamentos indicados por Lambert e Van Gorp (2011) sobre a prática dos tradutores que ajudam a nortear os pesquisadores.

Nesse modelo de descrição de traduções, a primeira etapa consiste em um levantamento de informações preliminares, dos elementos paratextuais que compõem a obra, tais como capa, contracapa, data da impressão, página de rosto, título, autor, editora, notas de rodapé e metatextuais como prefácios e críticas sobre a obra. Na segunda etapa, no nível macrotextual, observa-se a estruturação dos capítulos e seus títulos, a divisão desses em parágrafos e frases, a estrutura global da tradução. Nessa etapa são levantados alguns questionamentos e hipóteses a serem respondidos no próximo nível. Nessa terceira etapa, a microtextual, analisam-se questões acerca da seleção vocabular, padrões gramaticais, formas de reprodução da fala, níveis de linguagem, entre outros. Na quarta etapa, examina-se o contexto sistêmico, identificando as relações macro e microtextuais da obra em questão, relações com outros textos, sendo traduções ou não naquele sistema receptor.

Diante do exposto, temos como intuito analisar a tradução para o espanhol de *A república dos sonhos* de acordo com três etapas mencionadas do modelo metodológico, a saber: dados preliminares, análises macrotextual e microtextual. Destacamos que na primeira etapa, além das reflexões apresentadas pelos teóricos, consideraremos os estudos de Gérard Genette (2009), Marie-Hélène Catherine Torres (2011) e Teresa Dias Carneiro (2014) sobre os paratextos editoriais.

No nível microtextual, nos propomos a analisar as estratégias utilizadas para a tradução dos IECs segundo Javier Franco Aixelá (2013) e Carla Melibeu Bentes (2005). Igualmente almejamos responder se a tradução analisada teve o efeito de apagamento ou de acentuação dos

elementos culturais brasileiros. Após a leitura da obra *A república dos sonhos*, identificamos a presença de itens culturais que não necessariamente são oriundos e/ou exclusivos da cultura brasileira (nomes de alimentos, de animais, de plantas), nos motivando a indagar qual o tratamento dado para a tradução desses termos e se houve alguma diferenciação entre essas categorias. Portanto, a análise microtextual estende-se para IECs de origem latino-americana e galega.

4.2 Paratextos editoriais

No livro *Seuils* (1987), traduzido para o português como *Paratextos editoriais*, Gérard Genette explica que os paratextos são “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores” (GENETTE, 2018, p. 9). O autor ainda acrescenta que dificilmente um livro se apresenta no estado nu ao público, mas que esse está acompanhado de produções verbais ou não-verbais, como uma capa, nome do autor, um prefácio, ilustrações que permitem garantir sua presença no mundo e sua recepção. Assim, Genette subdivide os paratextos em duas categorias: peritexto e epitexto. Os peritextos são definidos como partes integradas ao livro, ou no mesmo volume, tais como os prefácios, posfácios, notas de tradução, capa, contracapa, entre outros. Já os epitextos, não se encontram no corpo do livro, mas relacionam-se diretamente a ele, como uma resenha sobre a obra ou uma entrevista do autor.

Francisco Francimar Alves (2014), na tese intitulada *Os paratextos das antologias brasileiras de contos de Edgar Allan Poe no século XXI*, opina que os paratextos são cartões de visita de um livro, sua porta de entrada para que o leitor pense em adentrá-lo. Para ele, os paratextos “consistem, portanto, de elementos informativos e de relevante importância na construção de uma obra e caracterizam-se por serem facilitadores da leitura, ajudando a explicá-la” (ALVES, 2014, p. 117). O leitor através da capa, por exemplo, pode-se sentir atraído pela obra, sentindo-se motivado a lê-la.

Cabe mencionar que Genette (2018) não tinha os livros traduzidos como objeto de análise em sua obra mencionada. Dessa forma, aspectos relativos à tradução não foram contemplados, como a presença ou não do nome do tradutor ou se a obra se apresenta como um texto traduzido ou, ainda, se há notas do tradutor, por exemplo.

Nesse sentido, sobre os paratextos de obras traduzidas, Marie-Hélène Catherine Torres (2011), no livro *Traduzir o Brasil: paratexto e discurso de acompanhamento*, analisa os paratextos como índices morfológicos e discurso de acompanhamento. Torres (2011) compreende como índice morfológico “todas as informações que figuram nas capas externas –

frente e verso – e nas capas internas dos livros (páginas de rosto, páginas do falso título etc.)”. E discurso de acompanhamento, segundo a autora, é “qualquer marca paratextual (prefácio, pareceres etc.)” (TORRES, 2011, p. 17).

Ainda sobre os paratextos de livros traduzidos, Teresa Dias Carneiro (2014) comprova que a bibliografia existente se centra nas obras originais, enquanto as traduções são postas em um segundo plano. Ademais, acrescenta a autora, as pesquisas disponíveis sobre os paratextos de obras traduzidas estavam no campo da aplicabilidade e não teorizavam sobre o tema, razão que a motivou para a elaboração de sua tese de doutorado. Na tese intitulada *Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido: caso das traduções de obras literárias francesas no Brasil a partir de meados do século XX*, Carneiro (2014) apresenta uma série de parâmetros que orientam o estudo dos paratextos de uma tradução.

O primeiro ponto mencionado por Carneiro (2014) diz respeito à presença do nome do tradutor e onde esse se apresenta na obra traduzida. A inserção desse dado na capa ou na folha de rosto, por exemplo, é determinada pelo editor no âmbito das regras da coleção em que a obra está inserida. Quando o nome do tradutor aparece na capa, deve-se observar a localização em que se encontra, se está em uma posição visível e se há destaque ou não. A autora aponta a relação entre a notoriedade do tradutor e o destaque recebido na capa; por exemplo, se o tradutor é um acadêmico (professor universitário ou especialista em determinado autor), um tradutor profissional ou se é um tradutor-escritor. Ela ainda observa que há a tendência de os tradutores-escritores ganharem maior destaque nos paratextos das obras traduzidas do que os tradutores profissionais. Isso porque os tradutores-escritores conferem capital simbólico podendo ainda contribuir para o aumento de vendas do livro traduzido.

A partir do *corpus* compilado e analisado em sua tese, Carneiro (2014) apresenta uma proposta de modelo de análise elencando diversos critérios a serem observados sobre as especificidades dos paratextos de obras traduzidas: a existência de prefácios/posfácios/introduções assinados pelo tradutor; se esses mencionam algo sobre o processo tradutório; se há prefácios/posfácios/introduções escritos por outrem que comentem sobre a tradução ou o tradutor e qual o teor desta menção; se há outras menções ao tradutor ou à tradução em outros elementos paratextuais, por exemplo, quarta capa, orelha do livro, dados biográficos do tradutor; qual é a posição do nome do tradutor – se em uma posição de destaque, aparecendo na capa ou na quarta capa, ou somente na ficha catalográfica; de que maneira a biografia do tradutor determina ou influencia a visibilidade do seu nome na edição analisada; a presença ou não das notas do tradutor, e como essas conferem uma maior visibilidade ao processo tradutório.

A partir do exposto acima segundo os teóricos mencionados, temos como objetivo verificar e analisar de que maneira as traduções de *A república dos sonhos* se apresentam aos leitores. Desse modo, além de compreender os elementos gráficos que compõem as capas das edições publicadas na Espanha, ainda apontamos como objetivo identificar de que modo a figura do tradutor se faz presente no objeto de análise dessa pesquisa.

4.3 Itens de especificidade cultural em tradução

No artigo *Culture-specific items in translation* (1996), o pesquisador e professor espanhol Javier Franco Aixelá explica que comumente se definem os itens de especificidade cultural (IECs) como termos que, por serem próprios de uma determinada cultura, apresentam dificuldades ao serem traduzidos. Como exemplo, ele cita os nomes de instituições, ruas, figuras históricas, nomes próprios, obras de arte etc. Aixelá ainda acrescenta que o IEC é o resultado de um conflito entre um termo do texto-fonte em sua transferência para o texto-alvo, ocasionando uma dificuldade na hora da tradução “em virtude da inexistência ou do diferente valor (tanto determinado pela ideologia, uso, frequência etc.) do item dado na cultura da língua alvo” (AIXELÁ, 2013, p. 213). Dessa forma, o pesquisador define os IECs como:

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo. (AIXELÁ, 2013, p. 193)

Esses itens, por estarem inseridos em dois contextos culturais diferentes no processo tradutório, são sujeitos à instabilidade, ou seja, é necessário considerar o poder de atuação que a cultura exportadora exerce na cultura receptora e vice-versa. Cada comunidade linguística tem uma série de hábitos, julgamentos de valor e sistemas de classificação que podem apresentar-se muito semelhantes ou diferentes. Portanto, o tradutor lidará com esses fatores que influenciarão em sua atividade tradutória.

Entretanto, explica Aixelá (2013), qualquer termo pode assumir a função de IEC. Dessa forma, deve-se considerar a sua função no texto e o modo como o IEC é percebido na cultura de chegada. Para exemplificar, o pesquisador cita a tradução de “cordeiro” na Bíblia. A palavra “cordeiro” pode ser considerada um IEC em um lugar onde este animal é desconhecido ou não remete à inocência e desamparo, como no caso da tradução do hebraico para a língua dos

esquimós, tornando-se assim um IEC. Logo, para a identificação de um termo como IEC é imprescindível considerar o contexto e o par de línguas envolvidas na tradução em questão.

Nesse sentido, Aixelá (2013) apresenta duas categorias para distinguir os IECs: os nomes próprios e as expressões comuns. Essa segunda categoria engloba o “mundo de objetos, instituições, hábitos e opiniões restritos a cada cultura e que não podem ser incluídos no campo dos nomes próprios” (AIXELÁ, 2013, p. 194). A categoria dos nomes próprios subdivide-se em: convencionais e carregados, baseando-se na teoria de Theo Hermans (1988). Aixelá (2013) explica que os nomes próprios convencionais não têm significados próprios, enquanto os carregados são aqueles que possuem algum significado particular, sejam eles personagens ficcionais ou não ficcionais.

Para a tradução dos IECs, o teórico então propõe a classificação dos procedimentos tradutórios que se agruparão de acordo com a natureza de conservação ou de substituição. A categoria de conservação engloba estratégias tradutórias que reproduzem os elementos culturais da cultura-fonte, à medida que a categoria de substituição reúne estratégias que modificam esses IECs de forma a aproximá-los da cultura-alvo.

Dentre as estratégias de conservação encontram-se os seguintes procedimentos: repetição, adaptação ortográfica, tradução linguística, explicação extratextual e explicação intratextual. A segunda categoria, de substituição, subdivide-se em: sinonímia, universalização limitada, universalização absoluta, naturalização, eliminação e criação autônoma.

A primeira das estratégias de conservação, a repetição, consiste em o tradutor manter o item cultural tal como escrito em seu texto-fonte, preservando o máximo teor possível da referência original. Um dos exemplos mais óbvios, segundo Aixelá (2013), são as traduções de topônimos. No entanto, essa estratégia pode revelar um aumento do caráter exótico e arcaico que acarretará o efeito de estranhamento para o leitor da língua-alvo.

A adaptação ortográfica inclui estratégias como a transcrição e a transliteração, principalmente quando a referência em questão está escrita em um alfabeto diferente do que os leitores da língua-alvo utilizam. O autor ainda menciona que essa era uma estratégia frequente utilizada nas traduções do inglês para o espanhol até a década de 1950. Como exemplo, a tradução de nomes e termos escritos em russo quando traduzidos para o inglês, suas ortografias eram alteradas. Assim, na tradução para o inglês de *O falcão maltês*, um russo chamado *Kemidov* torna-se *Kemidof*. (AIXELÁ, 2013)

A tradução linguística visa tornar inteligível termos que possam causar estranhamento ao leitor da língua-alvo. Dessa maneira, o tradutor opta por selecionar um termo próximo ao contexto da língua-fonte objetivando uma maior compreensão pelo público-alvo. Aixelá (2013)

demonstra essa estratégia através das unidades de medidas e as moedas, como no exemplo da tradução de *dollars* para *dólares*.

A explicação extratextual consiste na estratégia em que o tradutor considera que seja necessária alguma explicação do significado ou das implicações do IEC. Logo, ele decide acrescentar alguma explicação fora do corpo do texto, que pode vir em forma de notas do tradutor no rodapé da página ou fim de página, glossário, prefácios ou posfácios etc.

A explicação intratextual é semelhante à anterior, mas com a diferença de que a explicação acrescentada aparece no próprio corpo do texto. Aixelá (2013) menciona que esse tipo de procedimento é muitas vezes utilizado para desfazer algum tipo de ambiguidade, como, por exemplo, adicionar o primeiro nome de um personagem quando esse aparece substituído por um pronome no texto-fonte.

Passando à categoria das estratégias de substituição, a sinonímia apresenta-se como uma das possibilidades do procedimento tradutório. A sinonímia visa substituir palavras com o sentido semelhante, ou seja, por sinônimos ou referência paralela a fim de evitar a repetição do IEC em questão. O teórico ainda destaca que o uso da sinonímia é geralmente motivado por razões estilísticas que propriamente pelo IECs em si.

A universalização limitada ocorre quando o tradutor julga que o IEC é muito obscuro para os leitores ou que há um outro termo mais usual, e decide substituí-lo. Nessa substituição, os tradutores geralmente buscam um termo igualmente pertencente à cultura da língua-fonte, mas que seja um termo mais próximo de seus leitores.

Semelhante à anterior, a universalização absoluta acontece quando o tradutor não encontra um IEC mais familiar da cultura-fonte ou ainda por preferir apagar quaisquer conotações estrangeiras. Então, opta-se por uma referência que seja neutra para os leitores. Essa estratégia é demonstrada no exemplo da tradução de *a Chesterfield* para *um sofá*, sem fazer menção à marca. (AIXELÁ, 2013)

A naturalização é utilizada quando o tradutor decide levar o IEC até o contexto alvo. Nesse sentido, *dollars* poderia ser traduzido por *reais*. No entanto, explica o teórico, essa estratégia não é muito utilizada em tradução literária.

A eliminação ocorre quando o tradutor acredita que o IEC é inaceitável nos níveis estilísticos ou ideológicos ou ainda por acreditar que o termo é irrelevante para a compreensão, portanto, opta-se por omiti-lo no texto de chegada.

Finalmente, o último procedimento descrito por Aixelá é o de criação autônoma. Essa estratégia consiste no acréscimo de referências culturais não encontradas no texto-fonte. Para ilustrar a criação autônoma, o teórico menciona a tradução de títulos de filmes na Espanha.

A seguir, apresentamos uma síntese dos procedimentos tradutórios para os IECs segundo Aixelá (2013).

Quadro 1: Os IECs e suas possíveis manipulações segundo Aixelá (2013)

(a) Conservação	(b) Substituição
(a.1) Repetição	(b.1) Sinonímia
(a.2) Adaptação ortográfica	(b.2) Universalização limitada
(a.3) Explicação intratextual	(b.3) Universalização absoluta
(a.4) Explicação extratextual	(b.4) Naturalização
(a.5) Tradução linguística	(b.5) Eliminação
_____	(b.6) Criação autônoma

Fonte: Aixelá (2013)

No Brasil, encontram-se algumas dissertações e teses que analisam a tradução dos referentes culturais a partir da teoria de Javier Franco Aixelá. Uma dessas pesquisas foi desenvolvida por Carla Melibeu Bentes (2005), pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Na dissertação intitulada *Clifford Landers: tradutor do Brasil*, Bentes (2005) analisa as estratégias utilizadas para a tradução dos IECs em romances brasileiros vertidos para o inglês pelo mencionado tradutor. Baseando-se na teoria de Aixelá, Bentes (2005) propõe uma reclassificação para as estratégias tradutórias desses itens encontrados em seu *corpus* de análise. O modelo proposto por Bentes buscou classificar as estratégias segundo as tendências estrangeirizadoras, domesticadoras ou híbridas, de acordo com Lawrence Venuti (2004).

No livro *Translator's invisibility*, Venuti (2004) discorre sobre essas duas estratégias básicas ao processo tradutório a partir de suas observações sobre o contexto estadunidense. No entanto, em 1813, Friedrich Schleiermacher já apresentava em seu ensaio *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os diferentes métodos de tradução] ideias seminais das tendências de domesticação e estrangeirização descritas por Venuti. Para Schleiermacher, o tradutor pode percorrer dois caminhos: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 2010, p. 57)

Para Venuti (2004), esses dois caminhos mencionados por Schleiermacher assemelham-se às denominadas tendências de domesticação e estrangeirização. A domesticação pode ser

compreendida como aquela que aproxima o autor do leitor, havendo uma redução etnocêntrica do texto de origem em detrimento dos valores culturais da língua-alvo. Por sua vez, a estratégia de estrangeirização caracteriza-se por sua maior abertura em assimilar elementos estrangeiros ao texto traduzido. O teórico acrescenta que uma tradução estrangeirizadora tem consequências políticas e ideológicas, podendo ser compreendida como uma escolha ética.

Já o modelo apresentado por Bentes (2005) baseia-se no conceito dos IECs e suas possíveis manipulações formulado por Aixelá (2013), e nas tendências de domesticação e estrangeirização definidos por Venuti (2004). Dessa forma, a autora reavalia algumas categorias do modelo de Aixelá (2013), excluindo-as, modificando as categorias remanescentes e acrescentando outras. Bentes então apresenta uma reclassificação das novas categorias de acordo com a tradução de elementos textuais que remetem aos topônimos e aos nomes próprios e a chamada tradução explicativa.

A pesquisadora inicialmente sinaliza que as categorias de *universalização absoluta*, *universalização limitada* e *tradução linguística* mostram-se como as mais problemáticas não pela sua aplicabilidade, mas por sua definição. Essas categorias, segundo Aixelá (2013), implicam uma substituição de termos culturalmente marcados por uma referência “neutra”, dificultando julgar o grau de neutralidade dessa seleção, conforme explica Bentes (2005). Portanto, ela propõe a reclassificação das categorias de *universalização limitada* e *absoluta* em *tradução explicativa*.

Para essa classificação, a autora além de Aixelá (2013) fundamenta-se no modelo de Gerardo Vázquez-Ayora (1977). Bentes (2005) explica que Vázquez-Ayora (1977) produz um modelo transformacional da tradução, a partir da linguística gerativo-transformacional e a semântica estrutural, analisando as transformações realizadas pelo tradutor desde o texto-fonte até o texto na língua-alvo. O modelo de Vázquez-Ayora (1977) divide-se em dois eixos centrais: a *tradução oblíqua* e a *tradução literal*. A partir desses eixos, o autor elabora um quadro dividido em procedimentos principais e complementares. Na categoria dos procedimentos complementares, Bentes (2005) aponta as de *amplificação* e de *explicitação* como as mais importantes para a elaboração do seu modelo de reclassificação.

A *amplificação* acontece quando o tradutor julga fundamental desdobrar uma determinada palavra por necessidades sintáticas da língua-alvo. Para exemplificar, Bentes (2005) utiliza o verbo *to mean* na sentença: “*You know what he means* que é traduzido por *você sabe o que ele quer dizer*.” (BENTES, 2005, p. 65)

A seguinte subcategoria, a *explicitação*, é um tipo particular de amplificação, no qual o tradutor esclarece algo que não é familiar para os seus leitores, acrescentando informações ao texto-fonte, uma vez que essas não seriam facilmente perceptíveis pelo leitor da tradução.

A partir dessas contribuições de Vázquez-Ayora (1977), Bentes (2005) propõe a nova categoria chamada de *tradução explicativa*. Como o próprio nome sugere, é uma estratégia na qual se explica mais que se universaliza. De acordo com a autora, essa estratégia consiste em uma reformulação do IEC do texto-fonte em uma perífrase lexical, ou seja, o tradutor omitirá esse termo e o reformulará com suas próprias palavras.

A *tradução linguística* ou *tradução não-cultural*, segundo Aixelá (2013), engloba casos em que há a existência de termos “equivalentes” na língua-alvo ao léxico da língua-fonte, como no exemplo mencionado *dollars* e *dólares*. Entretanto, Bentes (2005) afirma que há outras ocorrências onde essa classificação torna-se dificultosa, como no caso da tradução dos topônimos e dos nomes próprios. Ela explica a sua constatação através dos exemplos: “*Ilha dos Frades*” (*Friars’ Isle*), “*Baixa da Jaqueira*” (*Jackfruit Hollow*), “*Ordem Terceira da Penitência*” (“*Third Order of Penitents*”) ou “*Gazeta de Notícias*” (“*News Gazette*”)” (BENTES, 2005, p. 63). Ainda sobre a *tradução linguística*, a pesquisadora constata, a partir do *corpus* analisado em sua dissertação, que essa classificação não é muito produtiva quando se trata do par de idiomas português-inglês, motivando-a a propor uma reclassificação.

Desse modo, Bentes (2005) julga necessário criar uma categoria para os casos de IEC que remetem a topônimos e a nomes próprios, como nos casos de estabelecimentos, instituições, agências, órgãos públicos etc. A pesquisadora chamou essa nova categoria de *tradução de nome próprio*. A *tradução de nome próprio* traduz integralmente o topônimo ou o nome próprio e classifica-se como uma estratégia domesticadora, segundo o conceito de Venuti (2004). Entretanto, assume caráter híbrido quando a tradução é parcial, como no exemplo, citado por Bentes (2005), de *Largo do Moura* que é traduzido como *Moura square*, situando-se como uma estratégia domesticadora por conservar o nome próprio *Moura* e estrangeirizadora pois traduz *Largo* por *square*.

A partir do exposto da reclassificação formulada por Bentes (2005), no quadro a seguir (Quadro 2), pode-se observar de modo sistematizado o modelo de Aixelá (2013) revisto pela pesquisadora e organizado a partir das tendências de estrangeirização e domesticação propostas por Venuti (2004).

Quadro 2: Classificação de estratégias tradutórias para os IECs proposto por Bentes (2005)

ESTRATÉGIA		
(a) Tendência domesticadora	(b) Tendência estrangeirizadora	(c) Tendência domesticadora e estrangeirizadora (híbrida)
(a.1) Tradução integral do nome próprio	(b.1) Repetição	(c.1) Glosa intratextual
(a.2) Tradução linguística		(c.2) Tradução parcial de nome próprio
(a.3) Naturalização		
(a.4) Eliminação		
(a.5) Tradução explicativa		

Fonte: Bentes (2005)

A partir do exposto, pretendemos empreender um diálogo entre Aixelá (2013) e Bentes (2005) a fim de analisar e classificar as estratégias adotadas para a tradução para o espanhol dos IECs no romance *A república dos sonhos*. A partir da categorização das estratégias tradutórias dos IECs adotadas pelo tradutor Elkin Obregón Sanín, a análise desdobra-se para agrupá-las segundo as tendências de estrangeirização e domesticação ou híbrida com o intuito de verificar qual a estratégia mais adotada no *corpus* mencionado.

5 ANÁLISE DESCRITIVA DA TRADUÇÃO PARA O ESPANHOL DE *A REPÚBLICA DOS SONHOS*

Neste capítulo, apresentaremos a análise descritiva da tradução para o espanhol de *A república dos sonhos* segundo o modelo metodológico proposto por Lambert e Van Gorp (2011). A partir desse modelo, adotaremos as três primeiras etapas adequando-se aos objetivos da análise pretendida. Na primeira etapa buscaremos examinar os dados preliminares presentes na tradução a partir da análise das capas das edições publicadas na Espanha, incluindo-se a tradução para o galego. No nível macrotextual pretendemos compreender a estratégia global utilizada na tradução de Elkin Obregón Sanín considerando o conceito de espanhol neutro e suas implicações no mercado editorial de língua espanhola. A terceira etapa, a microtextual, temos como intuito identificar e analisar o tratamento dado para a tradução dos IECs presentes em *La república de los sueños*.

5.1 Análise das capas das traduções de *A república dos sonhos* publicadas na Espanha

A etapa dos dados preliminares de acordo com o modelo proposto por Lambert e Van Gorp (2011) se dará pela visualização e análise das capas das edições publicadas na Espanha ¹⁶ de *A república dos sonhos*. Essa visualização seguirá a ordem cronológica de suas publicações no país europeu. Em seguida, também analisaremos a capa da edição galega, intitulada de *A república dos sonhos*.

A primeira edição de *La república de los sueños* foi publicada na Espanha pela Alfaguara, em 1999, quinze anos após sua primeira edição no Brasil. É importante destacar mais uma vez que essa tradução de Elkin Obregón Sanín já havia sido publicada anteriormente na Colômbia pela editora Norma, no ano de 1991.

Responsável por publicar *Tebas de mi corazón*, primeira obra de Piñon traduzida na Espanha no ano de 1978, a editora Alfaguara foi fundada em 1964, pelo escritor Camilo José Cela. A casa editorial se destaca atualmente pelo grande catálogo de escritores de língua espanhola. Em entrevista concedida à Tina García (2015), Pilar Reyes, diretora literária da Alfaguara, explica que a empresa passou por diversas etapas que se moldavam a partir dos critérios de cada diretor. Segundo Reyes, nos anos 70, Jaime Salinas abriu as portas para uma

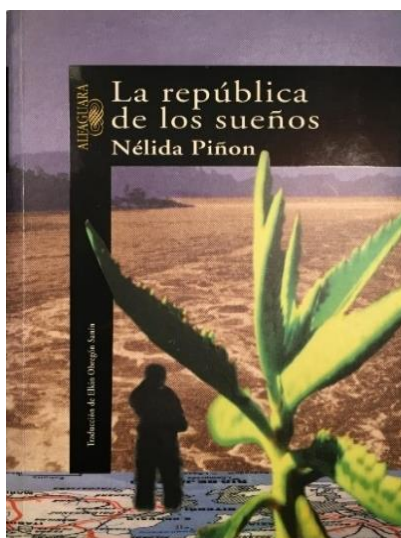
¹⁶ As imagens das capas utilizadas nesta dissertação foram coletadas nas páginas *Amazon España* (www.amazon.es) e *Todo Colección* (<https://www.todocoleccion.net/>)

série de traduções, quando essas ainda eram escassas na Espanha. Já na década de 1990, sob a direção de Juan Cruz, o catálogo retorna às suas origens e tem nomes de escritores espanhóis como Juan José Millás, Antonio Muñoz Molina, Manuel Rivas e Julio Llamazares como ponto central no catálogo. Desde 2009 como diretora editorial da Alfaguara, Reyes acredita que o catálogo deve ser preenchido por obras contemporâneas, sem importar de onde sejam os escritores. No entanto, ela afirma que a língua espanhola sempre exercerá um papel fundamental na casa editorial, já que o grupo está presente em toda a América Latina. Entre os escritores publicados pela editora destacam-se Gabriel García Márquez, Mario Vargas Llosa e José Saramago, razão que a faz ser conhecida pelo apelido de a casa editorial que abriga os ganhadores do Prêmio Nobel.

Atualmente, a Alfaguara tem em seu catálogo nove títulos de Piñon (*La república de los sueños* [1999], *Voces del desierto* [2005], *El aprendiz de Homero* [2008], *Corazón andariego* [2009], *Libro de horas* [2013], *La camisa del marido* [2015], *La épica del corazón* [2017], *Una furtiva lágrima* [2019] e *Un día llegaré a Sagres* [2022]), acompanhando o fluxo de publicações mais recentes da escritora no Brasil. O romance *La república de los sueños* destaca-se pelo número de reedições publicadas pela editora em 1999, 2005 e 2013, além de reimpressões.

Na capa da primeira edição publicada em 1999 (Figura 3), é possível visualizar informações como o nome da escritora e o título da obra no topo da capa, sendo que esse último ganha maior destaque. Igualmente, percebe-se que há o nome do tradutor Elkin Obregón Sanín na faixa lateral esquerda de cor preta, porém sem referência à língua de partida da tradução. É característica da editora informar o nome do tradutor em todas as capas dos livros publicados. Ainda na lateral esquerda, na parte superior, aparece o nome da editora acompanhado de seu símbolo na cor amarela. Não há referência quanto ao gênero, nem menção se o livro pertence a alguma coleção.

Figura 3: Capa de *La república de los sueños*, edição de 1999 – Alfaguara



Fonte: Amazon España

No que diz respeito à ilustração, encontra-se em primeiro plano uma vegetação que ocupa pouco mais da metade da capa. Mais ao fundo, nota-se uma silhueta masculina de costas localizada sobre um mapa; um olhar mais atento permite identificar que se trata do Rio de Janeiro, mais precisamente a Baía de Guanabara. Percebe-se ainda que a capa é dividida em dois planos. Em segundo plano, há a fotografia do que possivelmente podem ser as águas turvas de um rio com vegetação às margens. A leitura do romance revela a importância que os rios assumem na vida do protagonista Madruga onde ele se banhava desde a mais tenra idade e pescava trutas conforme crescia. No entanto, a leitura da obra também destaca a oposição entre os rios da Galícia, menos exuberantes e de pouca extensão, aos do Brasil com seus vários afluentes. Pode-se perceber ainda que o rio representado na ilustração apresenta um rastro característico de quando um barco se desloca nas águas. Uma das possíveis interpretações da imagem é que estaria representando o personagem principal enquanto observa o passado que deixou na Galícia.

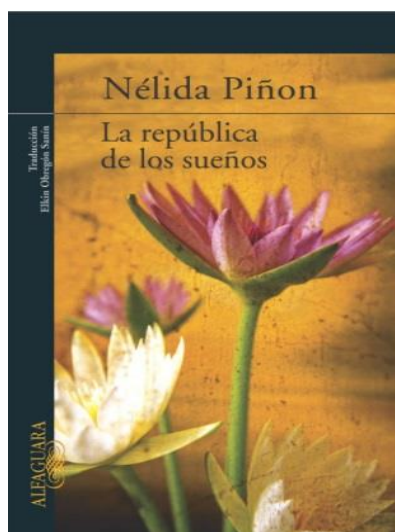
Após seis anos, em 2005, a tradução *La república de los sueños* recebe uma nova edição pela mesma editora. É importante mencionar que, em junho de 2005, Piñón é galardoada com o Premio Príncipe de Asturias de las Letras¹⁷ (atualmente Premio Princesa de Asturias de las

¹⁷ Fundado em 1981, o *Premio Príncipe de Asturias* destina-se, segundo a página *Fundación Príncipe de Asturias*, a galardoar "o trabalho científico, técnico, cultural, social e humano realizado por pessoas, equipes de trabalho ou instituições no âmbito internacional". Dessa forma, premia diversas categorias científicas, esportivas, artísticas, sociais e literárias. Dentre os escritores distinguidos com o prêmio, Nélida Piñón figura como o único escritor de língua portuguesa a recebê-lo. Além da brasileira, figuram nomes como Margaret Atwood, Amos Oz, Paul Auster, Mario Vargas Llosa e Carlos Fuentes.

Letras), tornando-se o primeiro escritor de língua portuguesa a receber tal reconhecimento. Portanto, essa nova edição surge em outubro, quatro meses depois da premiação.

A capa (Figura 4) apresenta o nome de Nélide Piñon no topo em maior destaque; abaixo há o título da obra em fonte de tamanho menor, igualmente na cor preta. Uma análise na página oficial da editora Alfaguara revela que esse passa a ser o novo padrão de suas capas, dando maior ênfase ao nome dos escritores e não ao título, ao contrário da edição anterior. Na faixa lateral esquerda de cor preta, encontra-se o nome do tradutor em letras brancas. Novamente não há menção quanto à língua de partida da tradução. Ainda na faixa lateral à esquerda há o nome da editora acompanhado de seu símbolo em cor amarela.

Figura 4: Capa de *La república de los sueños*, edição de 2005 – Alfaguara



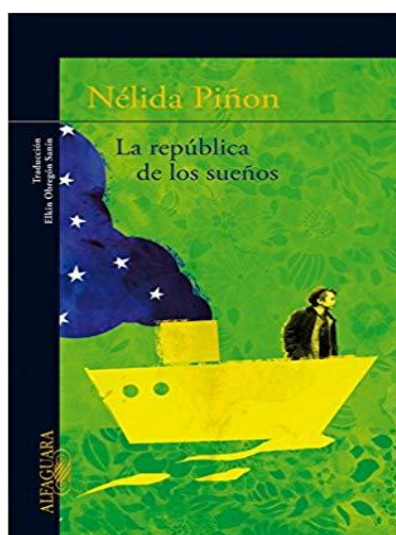
Fonte: *Amazon España*

Os elementos visuais presentes na segunda capa enfatizam quatro flores, duas nos tons de cor-de-rosa e duas brancas, com detalhes em amarelo, à frente de um plano de fundo na cor ocre com o aspecto de papel envelhecido. Essa tonalidade ocre pode evocar lugares cálidos e úmidos como uma tentativa, através da ilustração, em representar sonhos advindos de regiões tropicais, como é o caso do protagonista Madruga com o Brasil. Um rápido olhar na ilustração não revelaria temas que estavam presentes na capa anterior: travessia aquática e viagem.

A leitura do romance pode indicar pistas que induziria a compreender esta nova capa. O personagem Venâncio sempre presenteava Eulália com flores do campo, costume repetido a cada visita de domingo, fazendo com que a senhora alegremente adornasse o aparador com essas flores. Nesta capa não há referências visuais que saltem aos olhos cujo ponto central é o sonho de chegar ao Brasil – aspecto que será enfatizado na capa da edição de 2013.

A capa da edição de 2013 (Figura 5), também editada pela Alfaguara, apresenta os mesmos elementos textuais da anterior, publicada em 2005. O nome da escritora (em cor amarela) no topo da capa e o título abaixo em letras menores (em azul escuro). A faixa lateral preta igualmente traz o nome do tradutor Elkin Obregón Sanín, e novamente não há referência à língua do texto-fonte e nem ao gênero do livro. Abaixo da menção ao tradutor, vê-se o nome da editora com o seu símbolo na cor amarela, como na capa anterior.

Figura 5: Capa de *La república de los sueños*, edição comemorativa de 2013- Alfaguara



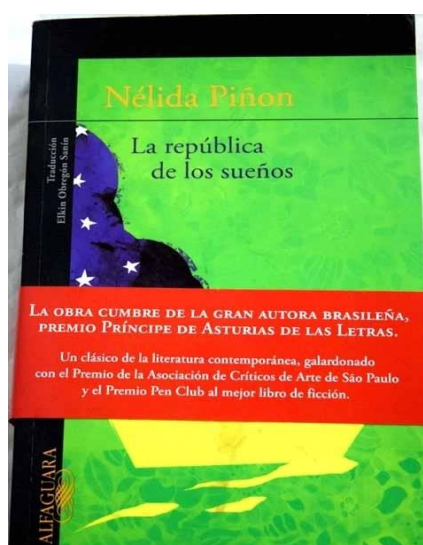
Fonte: Amazon España

O exame do material visual da capa desta edição indica uma imagem bem mais “abrasileirada” em comparação com as edições anteriores. As cores verde, amarelo e azul representam uma alusão à bandeira do Brasil igualmente acrescida das estrelas que a compõe. A fotografia de um menino trajado com roupas antigas de inverno dentro de um barco se contrapõe ao desenho de cores vivas. O plano de fundo possui flores e ramos em um tom de verde mais escuro sobre o qual navega o desenho de um barco amarelo. Pode-se vislumbrar que, para um leitor que não conhece a obra ou a vê exposta em uma livraria, essa capa poderia indicar que o romance diz respeito a um relato de viagem ou um enredo que retrata aventuras de um menino em alto-mar. Ademais, as cores escolhidas na capa podem apontar a um possível leitor que se trata de uma obra relacionada ao Brasil. Vale recordar que em 2013, o país estava às vésperas de sediar importantes eventos esportivos: Copa do Mundo de futebol (2014) e os Jogos Olímpicos de verão (2016), colocando o Brasil em evidência no cenário internacional.

É válido destacar que a presente edição foi publicada em comemoração aos 30 anos do lançamento de *A república dos sonhos* (1984) no Brasil. A partir dessa edição, observa-se ainda

que esse romance e os próximos livros de Piñon publicados pela Alfaguara (*El aprendiz de Homero* [2008], *Corazón andariego* [2009], *Libro de horas* [2013], *La camisa del marido* [2015] e *La épica del corazón* [2017]) recebem uma faixa vermelha na capa que tem por objetivo mencionar os mais importantes prêmios recebidos pela escritora nos âmbitos brasileiro e espanhol (Figura 6). Conforme pode-se visualizar na imagem, essa faixa vermelha apresenta em destaque que *La república de los sueños* é “la obra cumbre de la gran escritora brasileña, Premio Príncipe de Asturias de las Letras”, ou seja, evidencia-se o romance como o mais importante na carreira de Nélida Piñon. Além do Premio Príncipe de Asturias, citam-se distinções recebidas por sua obra no Brasil, como o Prêmio da Associação de Críticos de Arte de São Paulo e o Prêmio Pen Club de melhor ficção. Pode-se deduzir que essa cinta de cor vermelha pode atrair a atenção dos leitores em uma livraria, dada a importância que o Premio Principe de Asturias tem no país. Desse modo, essas distinções destacadas na capa podem conferir uma espécie de “selo de qualidade” indicando que o livro merece ser lido.

Figura 6: Capa de *La república de los sueños*, edição comemorativa de 2013, com destaque à cinta vermelha – Alfaguara



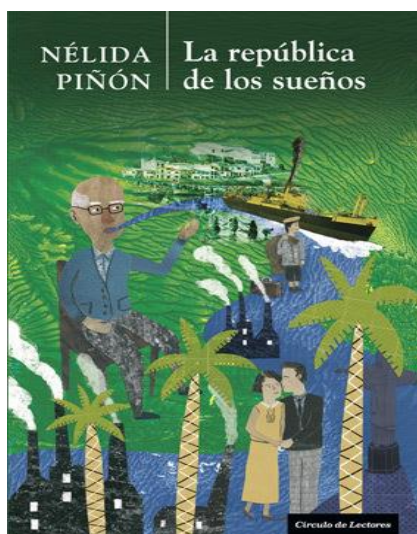
Fonte: *TodoColección*

A quarta edição de *La república de los sueños* foi publicada pela editora Círculo de Lectores, no ano de 2014. De acordo com a página da editora, a Círculo de Lectores foi fundada em 1962, na cidade de Barcelona. Tratava-se de uma rede social de clube de leitores onde mais de um milhão de associados tinham acesso às obras através de catálogos, internet e espaços da editora em livrarias. Em 2010, a Círculo de Lectores foi incorporada ao Grupo Editorial Planeta,

no entanto, em 2019, foi anunciado que a editora encerraria suas atividades após mais de cinco décadas de existência.

Esta nova edição (Figura 7), apresenta um elemento que se diferencia das mencionadas anteriormente, ela foi publicada em capa dura com o motivo de comemoração do 30^a aniversário de *A república dos sonhos* no Brasil. Apesar de ser publicada por outra editora, trata-se da mesma tradução realizada por Elkin Obregón Sanín. No tocante aos elementos verbais da capa, há o nome de Nélide Piñón no topo esquerdo e, ao lado direito, o título, ambos em letras brancas. O nome da editora Círculo de Lectores aparece em letras brancas no canto inferior direito da capa. Não há qualquer menção ao nome do tradutor e nem ao gênero literário da obra.

Figura 7: Capa de *La república de los sueños*, edição de 2014 – Círculo de Lectores



Fonte: Amazon España

A capa desta edição apresenta uma série de ilustrações que se relacionam diretamente com o enredo do romance. Por exemplo, pode-se observar o desenho de um senhor sentado em uma cadeira, claramente uma alusão ao hábito costumeiro de Madrugá ao sentar-se em uma cadeira de balanço contemplando o mar desde sua residência no Leblon. Pode-se visualizar que a travessia do oceano Atlântico e sua chegada ao Brasil são simbolizadas pela representação do mar que sai da boca do personagem ilustrando uma série de acontecimentos presentes no enredo. Assim, tem-se retratado possivelmente a Madrugá quando era um menino que, com pouco dinheiro e uma mala de roupas, embarcou num navio inglês no porto de Vigo para chegar ao Rio de Janeiro. No entanto, esse menino ilustrado na capa está vestido com trajes finos de uma criança pertencente à classe social alta, o que não representava a condição financeira de

Madrugada na infância. Já no Brasil, o imigrante galego se casou e prosperou financeiramente através de suas fábricas que igualmente estão representadas na capa. Também há menções diretas ao Rio de Janeiro por meio da imagem do Cristo Redentor e das palmeiras do Jardim Botânico. Um olhar minucioso na capa revela ainda figuras femininas vestidas de preto como símbolo da mulher galega do campo. Dessa forma, o exame visual da capa apresenta, por um lado, essa vida deixada pelo protagonista na Galícia e a chegada ao Brasil e todos os acontecimentos que sucederam desde então. Portanto, dentre as capas analisadas, essa é a que apresenta mais informações que dão pistas ao leitor que não conhece a obra.

Por último, a tradução galega realizada a quatro mãos por Carmen Torres París e María Dolores Torres París surge no ano de 2004, graças à Editorial Galaxia. De acordo com a página da Galaxia, a editora foi fundada em 1950 por Ramón Otero Pedrayo, Francisco Fernández del Riego e Ramón Piñeiro, importantes intelectuais galegos da época. Atualmente, o seu catálogo é composto por cerca de 1.000 títulos entre os quais pode-se encontrar clássicos da literatura galega como Rosalía de Castro, Eduardo Pondal e Curros Enríquez somando-se aos títulos traduzidos nos quais destacam-se James Joyce, William Shakespeare, Edgar Allan Poe e Nélida Piñon, único escritor brasileiro publicado pela editora até o momento.

Diferentemente das capas anteriores que possuem cores vívidas, a edição galega (Figura 8) apresenta-se discreta nesse aspecto. O nome de Nélida Piñon encontra-se na cor vermelha no topo da capa e abaixo há o título no mesmo tom em letras maiores. Não há menção quanto ao nome do tradutor e nem ao gênero do livro. É importante apontar que, como o sobrenome Piñon é de origem galega, a obra poderia facilmente passar-se como um título originalmente escrito em galego, já que não faz referência à tradução. O romance faz parte da coleção *Literaria*. Segundo a página da editora, a coleção engloba textos literários majoritariamente de escritores galegos, como Miguel Anxo Fernández, Daniel Asorey e Xosé Neira Vilas.

Figura 8: Capa de *A república dos sonhos*, edição de 2004 Editorial Galaxia



Fonte: Amazon España

Sobre os elementos visuais, esta é a única capa dentre as mencionadas anteriormente que faz referência direta à Galícia. Com efeito a capa traz um cartão postal antigo da Rúa de Cánovas del Castillo, na cidade de Vigo, de onde os personagens Venâncio e Madruga partem para o Brasil. Segundo José Ramón Campos Álvarez (1994), professor de História da Universidade de Vigo, os emigrantes galegos rumo à América partiam dos portos de Vigo, A Coruña, Carril e, mais tarde de Vilagarcía. No início do século XX, Vigo passa a ser o principal porto dos emigrantes que sonhavam em chegar ao Brasil e à Argentina, assim como os personagens Madruga e Venâncio. Atualmente há estátuas do escultor Ramón Conde localizadas na Rúa Cánovas del Castillo que homenageiam os emigrantes que, através do porto de Vigo, aventuraram-se a cruzar o Atlântico. Portanto, a partir da visualização da capa, um leitor galego pode deduzir que o tema da obra é a emigração pela imagem retratada do porto e o efeito envelhecido da foto remetendo a décadas anteriores em que a emigração galega era mais frequente.

Finalmente, com o intuito de melhor visualização dos dados analisados e de modo a recapitular, utilizamos o modelo proposto por Torres (2011) em seu livro *Traduzir o Brasil literário: paratexto e discurso de acompanhamento*.

A seguir, apresentamos um quadro (Quadro 3) que recompila, por ordem cronológica, os elementos presentes nas capas analisadas das traduções de *A república dos sonhos* publicadas na Espanha.

Quadro 3: Elementos presentes nas capas das traduções de *A república dos sonhos* publicadas na Espanha

Título	Nome da autora	Nome do tradutor	Editora	Indicação de gênero	Ano de publicação
La república de los sueños	Nélida Piñon	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	_____	1999
A república dos sonhos (galego)	Nélida Piñon	_____	Editorial Galaxia	_____	2004
La república de los sueños	Nélida Piñon	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	_____	2005
La república de los sueños	Nélida Piñon	_____	Círculo de Lectores	_____	2013
La república de los sueños	Nélida Piñon	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	_____	2014

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da visualização do quadro, é possível observar que todas as capas apresentaram, como era esperado, o nome da autora, título do romance e o nome da editora. No entanto, quando se trata do tradutor, apenas as edições da editora Alfaguara mencionaram o nome de Elkin Obregón Sanín logo na capa. Nenhuma das capas apresenta a língua-fonte do texto traduzido. Igualmente, as edições não fizeram menção ao gênero do livro.

Sobre os elementos visuais, evidenciou-se que as quatro capas de tradução para o espanhol trazem alguma referência a vegetações ou flores, de modo que a cor verde ganha destaque nas edições de 2013 (Figura 5) e 2014 (Figura 7). A edição de 2013 apresenta claras indicações às cores da bandeira do Brasil enquanto a edição da Círculo de Lectores apostou em trazer elementos que se relacionam ao enredo do livro. A capa da tradução galega (Figura 8), em oposição às demais, traz um antigo cartão postal do porto de Vigo, possibilitando que um leitor galego possa identificar-se com a obra por sua temática relacionada com o povo da Galícia.

5.2 Análise macrotextual

Nesta subseção analisaremos questões em torno ao registro linguístico empregado no texto fonte e suas respectivas escolhas tradutórias. Para a análise, toma-se como referência a edição comemorativa de 2015 de *A república dos sonhos*, publicada pela editora Record, e a edição de 2013 de *La república de los sueños*, editada pela casa editorial Alfaguara.

A república dos sonhos é um romance de 761 páginas divididas entre 37 capítulos não numerados. A edição de 2015, publicada em ocasião da comemoração dos 30 anos de sua

primeira publicação no Brasil, apresenta um prefácio intitulado *Emersão do Atlântida (breve leitura de A república dos sonhos)* assinada pelo escritor Alberto Mussa. No final do volume encontram-se uma série de anexos sob o título de *A história de A república dos sonhos*. Nesses anexos os leitores são apresentados a um compilado de manuscritos reunidos por Nélida Piñon no momento da escrita do romance, matérias de jornais anunciando o seu lançamento no Brasil e em Portugal, e as capas de todas as edições publicadas no Brasil e no exterior.

A edição espanhola também foi publicada em comemoração ao seu aniversário de 30 anos. Mas ao contrário da edição brasileira, *La república de los sueños* não apresenta prefácio, posfácio ou anexos que guiem os leitores sobre a tradução da obra ou outros detalhes sobre o enredo do romance.

Nas orelhas do volume são encontradas informações biográficas de Nélida Piñon, assim como uma lista dos prêmios mais importantes recebidos pela autora. Na segunda orelha que recebe o nome de *La crítica ha dicho* [A crítica disse] são reunidas opiniões proferidas por jornalistas do *El Nacional*, *La Nación*, *La Esfera*, *El Cultural* e do escritor mexicano Carlos Fuentes. Ao final da edição há uma seção intitulada *Sobre la autora* [Sobre a autora] onde aparecem as mesmas informações contidas na orelha do livro. Além disso, há uma nota informativa sobre o mais novo lançamento de Piñon pela editora Alfaguara, o livro *Libro de horas*. Nessa nota encontra-se um breve resumo e citações da crítica do *Publisher's weekly*, do *Le monde* e de Carlos Fuentes. Assim como a edição brasileira, a espanhola é composta por 37 capítulos não numerados.

Quanto à extensão do romance, verificamos que a edição brasileira analisada tem 687 páginas, excetuando-se os paratextos que a acompanham. A fonte utilizada no corpo do texto foi a Minion Pro Regular de tamanho 11. Enquanto a edição espanhola mencionada para esta análise tem 757 páginas, não havendo informações sobre a fonte selecionada ou o seu tamanho. A partir desses dados quantitativos, calculou-se que a tradução possui 70 páginas a mais, correspondente a um acréscimo de 10,18 % em relação ao volume da edição brasileira. Possivelmente pode-se indicar que no texto-alvo aconteceu o que Mona Baker (1996) chama de explicitação, um dos ditos universais da tradução. Os textos traduzidos apresentam mais itens em relação ao texto fonte como uma possível ocorrência da explicitação. Também foi possível identificar a presença de 35 notas de tradução de autoria de Elkin Obregón Sanín que se encontram situadas ao final de cada página.

Sobre a linguagem empregada em *A república dos sonhos*, Villarino Pardo (2000) analisa que Piñon, ao contrário dos romances anteriores, faz seu uso com muito mais clareza e

fluidez aproximando-se de um relato oral. Para atingir esse efeito, afirma a pesquisadora, frases curtas alternam-se com períodos mais longos assemelhando-se a um movimento ondulatório.

Com uma opinião convergente, Lenita Rimoli Esteves (2019), professora da Universidade de São Paulo, observa que Piñon optou por uma linguagem não estritamente culta na qual apresentam-se, por exemplo, estruturas frasais soltas ao utilizar pontos finais em vez de conjunções. Uma das hipóteses levantadas por Esteves está na própria narrativa. Breta, como a responsável por transformar sua história familiar do registro oral ao escrito tece algumas considerações sobre o ofício do escritor. Conforme pode-se observar no excerto seguinte.

– É preciso buscar a linguagem certa. Pobre do escritor que se equivoque nesta escolha. Sobretudo há que se escrever na língua principal, que o país está produzindo naquele momento. Se Montaigne tivesse escrito em latim, ninguém o recordaria agora. A mesma sorte não se deu com Francisco de Sanchez, um filósofo inscrito na corrente de Montaigne. Descrente ele dos avanços do seu tempo, apelou para o latim erudito, sem compreender os rumos da História. Com isto desprezou os movimentos sísmicos dos povos em formação, todos já reclamando o emprego da língua vulgar. (PIÑON, 2015, p. 697)

Outro traço assinalado por Esteves (2019) refere-se ao uso indiscriminado de termos espanhóis ou galegos não restringindo-se a aqueles personagens nascidos na Espanha. Ela opina que possivelmente há um “metanarrador” ou “narrador contrabandista” que empresta sua voz a todos os demais. Assim, termos como “*arrebato*”, “*de cerca*” são ditos tanto pelos personagens galegos quanto por aqueles nascidos no Brasil. Para a pesquisadora, essa confluência de vozes acaba resultando em uma unidade especial à obra.

Quando se volta à tradução para o espanhol de *A república dos sonhos*, primeiramente deve-se atentar-se que o seu primeiro polo receptor foram os países hispanofalantes que puderam lê-la graças ao projeto levado a cabo pelo tradutor Elkin Obregón Sanín e pela editora colombiana Norma. Obregón Sanín (2020) explicou em uma entrevista a nós concedida que as traduções publicadas pela casa editorial mencionada circulavam pelo continente latino-americano. Portanto, suas traduções foram pensadas em um leitor de língua espanhola do continente americano, evitando regionalismos ou os chamados *colombianismos*.

Yo hice cerca de treinta traducciones, todas del portugués al español. La idea que todos teníamos es que fueran traducciones que no eran muy locales, que no hubiera muchos términos colombianos porque no era una traducción para Colombia, sino digamos para la Latinoamérica, era tratar de cubrir todo ese ámbito. (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p.)¹⁸

¹⁸ Eu fiz cerca de trinta traduções, todas do português ao espanhol. A ideia que todos tínhamos é que fossem traduções não muito locais, que não houvesse muitos termos colombianos porque não era uma tradução para a Colômbia, senão digamos para a América Latina, era tratar de cobrir todo esse âmbito. (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p., tradução nossa)

Ainda sobre o seu posicionamento seguido em *La república de los sueños*, o tradutor acrescenta que “he tratado de manejar, en lo posible, un idioma hispanoamericano, una especie de “esperanto” de la lengua” (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p)¹⁹.

Apesar de o tradutor assumir como sua posição individual de realizar uma tradução pensada em atingir um maior número de leitores hispano-americanos, igualmente percebe-se que esse também era o posicionamento adotado pela editora Norma. Em entrevista à María Victoria Tipiani (2013), Iván Hernández Arbeláez, ex-editor da coleção *Cara y cruz*, afirma que as traduções publicadas pela casa editorial evitavam certos provincianismos muito regionais acreditando que o uso do espanhol denominado estándar poderia resultar mais atrativo para os leitores latino-americanos.

Os posicionamentos adotados pelo tradutor e pela editora faz-se pensar nos términos de espanhol pan-hispânico, espanhol internacional ou espanhol neutro, direcionando, assim, a análise macrotextual para esse tema.

A sua nomenclatura varia de acordo com o teórico: espanhol internacional (Eva Bravo García e Albert Gómez Font); espanhol neutro (Xosé Castro Roig, Isabel García Izquierdo e Lila Petrella); espanhol estándar (María Antonieta Andiön Herrero, Violeta Demonte Barreto), entre outros termos menos utilizados.

De acordo com Eva Bravo García (2008), linguista e professora da Universidad de Sevilla, e uma das maiores estudiosas sobre o tema do espanhol internacional, menciona que esse surgiu como uma consequência devido a distância entre a língua culta e estándar e a língua falada. Nesse contexto, de um idioma compartilhado entre 21 países e mais de 350 milhões de falantes, surge a necessidade de propor uma base linguística que pudesse ser compreendida em todo o âmbito hispânico apesar de suas fronteiras geográficas, políticas e econômicas.

Bravo García (2008) explica que o conceito de espanhol internacional destaca o caráter supranacional da língua. É um espanhol que vale para toda a comunidade linguística de diferentes procedências geográficas e sociais. Para tal, selecionam-se características que se afastam do eixo do espanhol peninsular para aproximar-se às formas hispano-americanas.

Sobre o tema, o *Diccionario Panhispánico de dudas* (2005) recomenda o conhecimento de todas as variedades da língua espanhola apesar de pontuar que apenas o domínio do registro culto constitui a base da norma e o suporte da transmissão do conhecimento permitindo ao indivíduo desenvolver o seu potencial comunicativo.

¹⁹ Tratei manipular, no possível, um idioma hispano-americano, uma espécie de “esperanto” da língua. (OBREGÓN SANÍN, 2020, n.p., tradução nossa)

Para Bravo García (2008) o espanhol internacional é uma classificação que incide no carácter que vincula a todos os países que compartilham o idioma. Desse modo, o espanhol internacional transcenderá as características próprias de cada país eliminando o local ou rural objetivando, na medida do possível, o uso não marcado da língua de qualquer dos territórios hispânicos. A internacionalidade da língua espanhola é percebida como uma virtude que joga em favor de sua difusão e melhor aceitação dos produtos que a contemplam já que garantem uma maior compreensão geral.

Bravo García (2008) indica que o denominado espanhol neutro significa a ausência de marcas nacionais ou locais que são traços indesejados no momento de promover um produto e para personagens do mundo midiático como atores, locutores e tradutores. O uso do espanhol neutro surge como uma alternativa consciente no âmbito comercial e empresarial que almejava reduzir custos. Por isso, traduções e meios de comunicações poderiam buscar essa neutralidade para que seus produtos pudessem circular em uma maior quantidade de países de língua espanhola.

O espanhol neutro não mostra indiferença perante as características nacionais, locais ou regionais, mas um desejo por superar as peculiaridades vinculadas à origem do falante. Isabel García Izquierdo (2009), professora da Universitat Jaume I, não acredita que seja possível existir um denominado espanhol neutro, no entanto ela tenta esboçar sua definição como:

Un artificio, pues, diferente de la norma culta, con carácter descriptivo, no prescriptivo, que unificase los usos estructurales y léxicoterminológicos (semi)especializados entre los diferentes hablantes del español. La posible existencia, pues, de dicho español neutro, que homogeneizase determinados usos, facilitase la cohesión de la lengua en determinados contextos y, como consecuencia, propiciase su consideración como lengua de prestigio no es todavía una realidad, pero tampoco un mito.²⁰ (GARCÍA IZQUIERDO, 2009, p. 34-35)

Para a autora, o problema do espanhol neutro está precisamente na falta de conservação da identidade linguística dos povos de língua hispana frente as regras de globalização. Assim como García Izquierdo (2009), a tradutora Patricia Wilson (2004) acredita que o espanhol neutro sempre trará marcas das variedades regionais, não sendo possível afirmar que haja um espanhol neutro que abarque todas elas de todos os países. Desse modo, afirma Wilson (2004),

²⁰ Um artifício, pois, diferente da norma culta, com carácter descritivo, não prescriptivo, que unifica os usos estruturais e lexicoterminológicos (semi)especializados entre os diferentes falantes do espanhol. A possível existência, pois, do dito espanhol neutro, que homogeneizasse determinados usos, facilitasse a coesão da língua em determinados contextos e, como consequência, propiciasse sua consideração como língua de prestígio não é ainda uma realidade, mas também não é um mito. (GARCÍA IZQUIERDO, 2009, p. 34-35, tradução nossa)

pode-se falar de um espanhol neutro argentino, um espanhol neutro chileno, um espanhol neutro colombiano etc.

No âmbito da tradução literária, a tradutora Julia Benseñor (1993) no artigo *El castellano neutro: sobre tremolinas y escândalos*, esboça conceitos do espanhol neutro considerando sua prática a partir da sua experiência no contexto editorial argentino. Sua discussão inicia refletindo sobre o caráter em constante modificação que ocorrem nas línguas, em especial o espanhol. A autora pontua quatro variantes que norteiam essas mudanças, que são elas: a temporal, a regional, a sociocultural e a funcional.

No que concerne à natureza temporal, Benseñor (1993) menciona as variações ocorridas diacronicamente na língua através das diferenças de uso dos falantes, a partir de palavras que entram em desuso ao longo do tempo. Quando se pensa em tradução literária, a variante temporal estará determinada pela ambientação da obra. Portanto, o tradutor deve realizar uma investigação a fim de apurar a linguagem utilizada segundo a temporalidade do que está sendo traduzido. Quando se trata de um romance contemporâneo, por exemplo, pode haver personagens de diferentes gerações que interfiram em como essa língua é utilizada, significando assim um ponto importante a ser percebido.

Por outro lado, a variante regional compreende as variedades que apresentam uma mesma língua em diferentes lugares, dando origem a noção de dialetos. Quando se trata da língua espanhola, encontra-se uma maior complexidade já que os seus falantes se encontram em 21 países caracterizados por fatores socio-históricos e culturais bem diversificados. Esses fatores não se esgotam apenas de um país para o outro, mas dentro do seu próprio território.

O terceiro critério apresentado pela tradutora analisa a importância do eixo sociocultural na tradução literária. Segundo esse critério, cada falante se expressa e é influenciado de acordo com o âmbito social e cultural no qual está inserido. Essa noção do sociocultural também agrega a tradicional oposição entre língua culta e vulgar. Em relação à língua culta considera-se a língua gramaticalizada e normalizada a partir daquelas instituições que a regulam. Em seu artigo, Benseñor (1993) pontua o papel da *Real Academia Española* como reguladora dos critérios de correção e norma do idioma.

Por último, Benseñor (1993) apresenta a noção de situacional ou funcional, de acordo com a nomenclatura de Ángel Rosenblat. Essa variante considera como o falante se posiciona em função da situação comunicacional em que se encontra. Portanto, a autora pontua a importância de observar no momento da tradução quem é o interlocutor, se é um homem, uma mulher, jovem ou idoso e a quem ele se dirige, se esses possuem uma relação próxima ou é o primeiro contato etc.

Esses quatro critérios descritos por Benseñor (1993) referem-se ao uso de caráter social, mas que igualmente existem fatores individuais que influenciam no uso da linguagem o que é chamado de *idioleto*.

Quando se volta à questão da tradução editorial, por exemplo, na Argentina, é muito provável que esse livro traduzido também seja distribuído em outras regiões de fala hispânica. Benseñor (1993) explica que nesse contexto, é pedido ao tradutor que neutralize marcas que apresentem inteligibilidade. No entanto, como ela opina, um espanhol que se despe de suas matizes regionais acaba por tornar-se uma língua fictícia na qual ninguém a fala.

Conforme aponta Benseñor (1993) o primeiro equívoco relacionado ao uso do espanhol neutro em tradução relaciona-se à eliminação de quaisquer marcas regionais relacionadas ao espectro sociocultural. Ao contrário dessa crença, ela acredita que o tradutor literário deve conservar os traços temporais, socioculturais e individuais de cada personagem. Benseñor (1993) opina que um dos pontos mais desafiadores da tradução literária está na presença de variedades dialetais. A tradutora finaliza o seu artigo pontuando que o castelhano neutro é um conceito muito mais restrito do que aparentemente se acredita.

Bravo García (2008) aponta alguns argumentos que criticam o uso do espanhol neutro. Esses argumentos englobam desde a falta de identidade, já que não é uma língua naturalmente falada por ninguém, até mesmo por sua perda de conhecimento linguístico pois não valoriza a riqueza de cada país e a debilidade da competência linguística por haver uma redução do seu uso.

Nesse âmbito da tradução literária editorial, a eleição da variedade do espanhol utilizada pelo tradutor depende do público leitor a ser atingido e do alcance editorial almejado. Para Beatriz Gómez-Pablos (2001), professora da Univerzita Komenského, as políticas editoriais podem orientar que o tradutor opte entre um espanhol neutro, semi neutro ou espanhol regional que são meramente do ponto de vista comercial já que linguisticamente os seus conceitos são abstratos. Segundo a autora, é mais vantajoso comercialmente optar por apenas uma tradução escrita em espanhol neutro.

O mercado editorial de língua espanhola tem sua centralidade na Espanha. Muitas traduções peninsulares também circulam na América de língua espanhola, mas são recebidas com estranheza por esses leitores. Nesse lado do oceano Atlântico, as editoras argentinas objetivam que suas traduções ultrapassem as barreiras de seu território. Para a linguista Norma Carricaburo (1999), o uso do *voseo* [o uso do pronome *vos*] deve ser evitado nas traduções argentinas para a opção pelo uso do pronome *tú* que está mais relacionado a outras variedades do espanhol. Carricaburo (1999) ainda aponta casos em que uma tradução argentina chega ao

mercado espanhol e são revisadas para que, por exemplo, *ustedes son* se transforme em *vosotros sois*. Nesse exemplo, ela opina que essas revisões atendem mais um critério de correção que ao mercado, já que *vosotros*, é de uso mais restrito da variedade peninsular, que *ustedes*.

Para o tradutor Fondebrider (2009) a eleição do espanhol neutro em uma tradução é uma consequência direta das editoras multinacionais e da globalização. Segundo ele, há um curto-circuito idiomático quando se considera o mercado editorial de língua espanhola e a onipresença da Espanha e da América Latina. Desse modo, opta-se pelo uso do espanhol neutro. A pesquisadora argentina Lila Petrella (1998) acredita que o objetivo principal do espanhol neutro é comercial para que o produto seja exportável para a maior quantidade de setores de mercado. Mirtha Federico (2001) opina que um dos efeitos da globalização é a preferência pela uniformidade em oposição à diversidade.

Apesar de alguns autores apontarem benefícios do uso do espanhol neutro, como para os meios comercial e de comunicação em massa, alguns atores do setor editorial não estão de acordo com a prática. A linguista e professora da Universidad Autónoma de Madrid, Violeta Demonte Barreto (2003), pontua que o espanhol neutro seria “una variedad común a un conjunto de dialectos, donde se elimina aquello que sea demasiado peculiar, particularmente en el terreno de la pronunciación, y se buscan formas léxicas y morfológicas transparentes y de consenso”²¹ (DEMONTE BARRETO, 2003, p. 4). Nessa construção, as variedades da língua espanhola não se manifestam de forma acentuada, embora persistam características fonéticas e prosódicas específicas de cada falante.

Como exposto anteriormente, a eleição da variedade do espanhol escolhida pelo tradutor depende do público leitor a ser atingido e do alcance editorial almejado. No caso de *La república de los sueños* essa seleção aponta para o uso do espanhol neutro já que a editora visava a sua circulação no território hispano-americano. Conforme Elkín Obregón Sanín (2020) explicou, ele teve autonomia para posicionar-se sobre o seu trabalho tradutório, não havendo interferência de diretrizes editoriais sobre qual variedade do espanhol a ser escolhida.

A primeira consideração apontada por ele foi a de evitar o uso dos chamados *colombianismos*, por serem culturalmente marcados acarretando, por exemplo, incompreensões quando *La república de los sueños* fosse editada em outros países. Na análise microtextual, que será contemplada a seguir, identificamos que o tradutor evitou traduzir expressões idiomáticas

²¹ Uma variedade comum a um conjunto de dialetos, onde se elimina aquilo que seja muito peculiar, particularmente no terreno da pronúncia, e que se buscam formas lexicais e morfológicas transparentes e de consenso. (DEMONTE BARRETO, 2003, p. 4, tradução nossa)

para aquelas existentes em seu país, inclusive quando essas têm o mesmo sentido que as escritas no texto fonte. Como alternativa, ele lançou mão da tradução linguística, mesmo quando essa estratégia ressignificava o sentido da expressão idiomática, não fazendo-se compreendê-la. E, ainda, ele recorreu à exclusão dessas expressões. No entanto, não se deve limitar essa questão apenas para a exclusão de regionalismos.

Igualmente, observamos que o tradutor optou pelo uso de um registro culto e muito formal, mesmo quando o texto fonte não apresentava tal formalidade. Essas constatações também foram sinalizadas por Dario Villanueva (1999) e Lenita Rimoli Esteves (2019) conforme já exposto.

A seguir apontaremos algumas dessas observações identificadas no texto alvo no qual encontram-se sinalizações desse registro culto da língua espanhola em *La república de los sueños*.

Quadro 4: Uso do verbo tornar(se) em *La república de los sueños*

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>
Por tal prática forçando-me a reter um país que corria o risco de tornar-se abstrato e inacessível para ela também. (p. 259)	Mostrando, al mismo tiempo, su gusto por la fantasía. Ante esto, yo procuraba ocultarle un país que corria el riesgo de tornarse , para ella también, abstracto e inaccesible. (p. 272)
No entanto, em meio a cachaça, o choro, a revolta, a frustração, iniciara-se a entronização daquilo que passava a ser a memória de Getúlio Vargas. (p. 315)	Sin embargo, en medio de la cachaza, el llanto, la revuelta y la frustración, comenzaba a fraguarse el mito en que habría de tornarse el recuerdo de Getulio Vargas. (p. 335)
Mas só de pensar que podia se transformar no assassino do pai, Bento tremeu. (p. 341)	Pensó, con angustia, que la simple intensidad de su ambición podría tornarse en un arma letal. (p. 363)
Tinha ela os olhos azuis como os meus, como se os tivesse deliberadamente roubado. Para tornar-se uma sucessora disposta a trair-me. (p. 669)	Como si me los hubiera robado deliberadamente, para tornarse una sucesora dispuesta a traicionarme. (p. 712)

Fonte: Elaborado pela autora

A partir da leitura do texto alvo, identificamos o uso do verbo pseudocopulativo *tornar(se)* nos excertos expostos no quadro 4. De acordo com o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005), o verbo *tornar(se)* na língua espanhola tem o sentido de *transformar(se)* e pode construir-se com um complemento predicativo ou com complemento introduzido por *en*. Segundo a gramática de Jean Coste e Augustín Redondo (1965), esse verbo é empregado sobretudo para referir-se a pessoas para descrição de mudanças físicas e psicológicas que não são consideradas permanentes. Margarita Porroche Ballesteros (1988) aponta que *tornar(se)* é

associado ao registro culto da língua espanhola na zona hispano-americana, embora seja utilizado com muito menos frequência atualmente.

Uma análise cotejada dos excertos do texto fonte e suas respectivas traduções revela, que no romance de Piñon, o verbo tornar-se na língua portuguesa não assume esse registro da norma culta, como é no caso da língua espanhola. Portanto, subentende-se que essa escolha foi motivada pelo tradutor que optou por utilizar um verbo correspondente ao registro literário e culto, de uso muito restrito. Desse modo, a leitura desses excertos demonstra um estilo solene que não é evocado no romance de Piñon.

Quadro 5: Uso da conjunção adversativa *mas* em *La república de los sueños*

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>
Havia naquela espanhola uma voragem que excedia ao fervor das labaredas lambendo a floresta seca. Mas de onde poderia provir uma ardência diante da qual a própria realidade parecia capitular? (p. 34)	Había en aquella española una voracidad superior al fervor de una llamarada que lamiese la floresta seca. Mas ¿de dónde podría venir un ardor ante el cual la propia realidad parecía capitular? (p. 12)
Mas que significado poderá ter para Breta este universo constituído de marcas cronológicas e de acidentes geográficos, que começam a me escapar? (p. 46)	Mas ¿qué significado podrá tener para Breta este universo hecho de marcas cronológicas y de accidentes geográficos que ya empiezan a dejarme? (p. 26)
Esta verdade me doía pelo corpo, mas que dor acumulava um corpo de 13 anos! Com a aventura em curso, mais instigante que a mágoa a infligir ao próximo! (p. 51)	Mas ¿qué dolor puede acumular un cuerpo de trece años! ¡Con la aventura ante los ojos, más apremiante que la amargura infligida al prójimo! (p. 31)
Mas com que gestos se desnudavam diante dela? (p. 72)	Mas ¿con qué gestos se desnudaban ante ella? (p. 57)

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 5 apresentam-se alguns excertos no quais o tradutor utilizou a conjunção adversativa *mas* em sua tradução. Na língua espanhola, a conjunção adversativa *mas* tem o mesmo sentido que *pero*, equivalendo ao *mas* da língua portuguesa. Segundo o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005), o seu uso hoje é literário e arcaizante. De acordo com o *Manual de la nueva gramática de la lengua española* (2010), essa conjunção é própria do estilo formal. Embora muito usada no espanhol clássico, nos dias de hoje é pouco frequente na língua oral, conforme o mencionado Manual.

O uso da conjunção adversativa *mas* no texto fonte não é identificado pelo registro culto da língua portuguesa, como ocorre nos excertos de suas respectivas traduções apresentadas no quadro 5. Uma possível leitura dessa estratégia tradutória optada por Obregón Sanín (2013) pode indicar uma tentativa de aproximação com a língua portuguesa, já que as duas palavras

possuem a mesma grafia ou ainda de optar por uma conjunção marcada pelo uso literário e culto. Entretanto, esse uso que é habitual em português se torna arcaísmo e seu emprego evocaria um estilo da língua caracterizado por sua solenidade.

Quadro 6: Uso da construção verbal *gustar de*

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>
Também Amâncio gostava de Madruga. (p. 90) Gostavam de banhar-se nele no verão, quando a corrente as levava até a curva próxima do moinho, de onde podiam voltar em rigorosas nadadas. (p. 173)	También Amancio gustaba de Madruga. (p. 78) Gustaban de bañarse en él durante el verano, cuando la corriente solía llevarlas hasta la curva cercana al molino, de donde se devolvían con vigorosas brazadas. (p. 171)
Xan gostava de esticar o sono um pouco mais. (p. 374)	Xan gustaba de prolongar el sueño un poco más. (p. 397)
Tinham gosto em fornicar nos intervalos das discussões tidas como sérias. (p. 392)	Gustaban de fornicar en los intermedios de discusiones tenidas como serias. (p. 416)

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro acima, selecionamos alguns excertos no texto alvo nos quais aparecem a construção verbal *gustar de*. Segundo o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005), o verbo *gustar* significa causar ou sentir atração ou prazer, é um verbo intransitivo que pode ser construído de duas maneiras. Na primeira, o sujeito é a causa do prazer ou a atração e a pessoa que o sente se expressa mediante um complemento indireto, como no exemplo: *Le gustaban los libros de literatura brasileña*. Essa é a construção mais habitual na língua espanhola e a utilizada na fala do cotidiano.

A segunda maneira, que é a utilizada por Obregón Sanín em sua tradução, se constrói por *gustar de*. Segundo o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005), nessa construção significa que a pessoa que sente o prazer é o sujeito e aquilo que o causa se expressa mediante um complemento introduzido por *de*, como no exemplo do texto alvo: *Xan gustaba de prolongar el sueño un poco más*. Essa construção é documentada sobretudo na língua escrita. Observa-se que o tradutor uma vez mais opta por uma construção que se afasta da língua corriqueira para aproximar-se de um registro culto e excessivamente formal, sob um estilo marcado pela sua solenidade.

Para a análise macrotextual, as afirmações de Elkin Obregón Sanín e as constatações de algumas resenhas críticas foram norteadoras para se refletir sobre o projeto tradutório seguido em *La república de los sueños*. Segundo o tradutor, seu texto foi pensado para um público hispano-americano e, desse modo, evitando-se os chamados *colombianismos*. Essa afirmação o fez aproximar-se do conceito de espanhol neutro e como esse é utilizado no mercado editorial literário. O *Diccionario panhispánico de dudas* (2005) indica que a base do espanhol neutro é

a sua norma culta. Outro aspecto é que se busca afastar-se do espanhol peninsular para aproximar-se às formas hispano-americanas.

Como o objetivo aqui não pretendia uma maior exploração dessa questão, ilustramos apenas alguns excertos nos quais o tradutor optou por registro culto e formal, mesmo quando o texto fonte não transmitiu essa mesma formalidade.

5.3 Procedimentos metodológicos para a análise microtextual

Nesta seção apresentaremos os procedimentos metodológicos realizados para a análise microtextual dos IECs presentes na tradução do português brasileiro para o espanhol em *A república dos sonhos*. Dessa maneira, os procedimentos metodológicos se dividem em duas etapas: a primeira compreende o levantamento dos possíveis candidatos a IECs no *corpus* mencionado; e a segunda, explica a separação e classificação desses IECs de acordo com as categorias organizacionais apresentadas por Elaine Espíndola (2005).

Para o levantamento desses IECs em *A república dos sonhos*, primeiramente realizamos a leitura integral do romance em sua língua-fonte observando a presença desses termos culturais. A leitura integral do livro nos permitiu levantar a hipótese se um IEC encontrado no *corpus* recebeu a mesma tradução ao longo do romance. Ainda, podemos nos questionar se IECs classificados em uma mesma categoria receberam ou não o mesmo tratamento por parte do tradutor. Para a identificação desses possíveis IECs não utilizamos programas computacionais de extração de termos.

Previamente, tínhamos como objetivo selecionar apenas os IECs pertencentes à cultura brasileira. No entanto, a partir da leitura e análise do romance, evidenciaram-se algumas referências culturais da América Latina e da Galícia, motivando a indagação sobre se houve alguma diferença de tratamento entre os IECs relativos à cultura brasileira, à latino-americana e à galega.

A partir da identificação dos IECs em *A república dos sonhos*, elaboramos um quadro comparativo no qual, na primeira coluna apresentam-se os excertos na língua-fonte e, na segunda coluna, encontram-se suas respectivas traduções em espanhol. Na terceira coluna, foram classificadas as estratégias tradutórias desses respectivos IECs segundo Aixelá (2013) ou Bentes (2005).

A leitura de *A república dos sonhos* revelou uma forte presença de topônimos pela rica descrição que Nélida Piñon faz do Brasil, em especial da cidade do Rio de Janeiro, onde a maior

parte da narrativa transcorre. Dessa forma, os topônimos aparecem em maior número no *corpus* analisado.

Inicialmente pretendíamos organizar os IECs em três grandes categorias: antropônimos, topônimos e outros IECs, abarcando desde comidas e bebidas a gentílicos brasileiros. Porém, observou-se que essa forma de organização seria extensa e acabaria por dificultar a análise e sua compreensão. Igualmente, por objetivar perceber se há algum padrão tradutório utilizado por Elkin Obregón Sanín, optamos por uma organização com várias subcategorias.

Para a classificação dos IECs, Aixelá (2013) os divide em duas categorias: os nomes próprios e expressões comuns. O primeiro grupo, o dos nomes próprios, subdivide-se em convencionais e carregados. Os nomes próprios convencionais abarcam aqueles antropônimos que não possuem significados, vistos como “desmotivados”. Enquanto os nomes próprios carregados incluem nomes ficcionais ou não-ficcionais que são vistos de alguma forma como “motivados”. Por sua vez, os IECs que não se referem a nomes próprios, intitulados de expressões comuns pelo autor, englobam objetos, instituições, hábitos e opiniões.

A classificação dos IECs apresentada por Aixelá (2013) é muito abrangente, o que acarretaria uma maior dificuldade de compreensão considerando um *corpus* extenso, como é o caso de *A república dos sonhos*. Desse modo, para uma melhor visualização dos IECs encontrados, optou-se por organizá-los de acordo com a proposta de Elaine Espíndola (2005).

Em sua dissertação intitulada *The use and abuse of subtitling as a practice of cultural representation: Cidade de Deus and Boyz ‘n the Hood*, Espíndola (2005) investiga qual foi o tratamento dado aos termos culturais na tradução das legendas dos filmes *Cidade de Deus* (2001) e *Boyz ‘n the Hood* (1991). Para a sua análise, a pesquisadora agrupou os termos culturais encontrados de acordo com as categorias a seguir:

- **Topônimos** – Essa categoria engloba os nomes de lugares, sejam eles naturais ou construídos pelo homem;
- **Antropônimos** – Nomes de pessoas famosas ou não, apelidos e nomes que possuem contextos regionais que adquirem *status* de identificação;
- **Formas de entretenimento**– Apresentações públicas, programas de TV e ainda jantares, festas, reuniões;
- **Meios de transporte** – Meios de transporte de pessoas e mercadorias;
- **Personagens fictícios** – Personagens pertencentes a livros, filmes, peças de teatro etc.;

- **Sistema jurídico brasileiro** – Regras de conduta inerentes à natureza humana ou essenciais para a organização da sociedade humana;
- **Instituições locais** – Organizações que servem à sociedade em diferentes áreas: “saúde, educação, trabalho, política, administrativa, artística.” (ESPÍNDOLA, 2005, p. 32);
- **Sistemas de medidas** – Unidades usadas para medir peso, velocidade, tamanho, comprimento etc. nas diferentes culturas;
- **Comida e bebida** – Qualquer substância líquida e sólida usada na alimentação dos seres humanos;
- **Sistema educacional** – Referências à educação, à escola e aos estudos;
- **Celebração religiosa** – Referências relacionadas às crenças religiosas;
- **Dialetos** – Para esta categoria Espíndola (2005) recorre à Halliday “variação relacionada ao usuário, a qual determina o *status* do falante como classe social, idade, gênero, educação etc.” (HALLIDAY, 1978, p. 110-111)

Apesar de as categorias de organização de Espíndola (2005) atenderem parcialmente aos objetivos aqui propostos para a análise dos IECs encontrados na tradução para o espanhol de *A república dos sonhos*, acrescentamos cinco categorias. Essas categorias foram pensadas a partir do levantamento dos IECs identificados no *corpus* mencionado e que não se enquadrariam em nenhuma das elencadas pela autora. São elas:

- **Fenômenos naturais e vegetação** – Essa categoria agrupa fenômenos naturais que ocorrem sem a intervenção humana no espaço geográfico do Brasil e ainda engloba os diferentes tipos de vegetação encontrados no país;
- **Fauna** – Engloba os animais da fauna brasileira ou existentes no território brasileiro;
- **Locais** – Nessa categoria encontram-se referências a lugares aos quais não são atribuídos um nome próprio, como acontece com os topônimos;
- **Gentílicos** – Serão classificados sob essa categoria os adjetivos pátrios brasileiros;
- **Expressões idiomáticas** – Nessa categoria serão selecionadas expressões idiomáticas pertencentes ao vocabulário brasileiro.

A partir da identificação dos IECs no texto-fonte e suas respectivas traduções, seguiremos a categorização organizacional segundo Espíndola (2005) acrescentando as cinco categorias mencionadas anteriormente. A partir desses IECs já organizados e suas estratégias

tradutórias classificadas segundo Aixelá (2013) e Bentes (2005), apresentaremos uma análise quantitativa que será dividida a partir dos três grandes grupos: antropônimos, topônimos e outros IECs. Essa análise quantitativa proporcionará uma melhor visualização das estratégias tradutórias com o intuito de responder se essas correspondem às tendências domesticadoras, estrangeirizadoras ou híbridas. Finalmente, a análise conclui-se com o objetivo de identificar se em *La república de los sueños* os IECs foram apagados ou acentuados de acordo com as estratégias tradutórias adotadas por Obregón Sanín.

5.4 Análise microtextual

Neste tópico analisaremos os procedimentos tradutórios adotados para alguns IECs encontrados na tradução para o espanhol de *A república dos sonhos*. Conforme mencionado anteriormente, essa tradução realizada por Elkin Obregón Sanín foi publicada primeiramente na Colômbia e, após oito anos, em 1999, foi editada pela primeira vez na Espanha pela Alfaguara.

Os contextos colombiano e espanhol nos quais a tradução circulou prioritariamente (mas não exclusivamente), com um intervalo de oito anos, apresentam, do ponto de vista linguístico e cultural, diferenças na leitura segundo o seu sistema receptor. Desse modo, para a análise, serão considerados os contextos colombiano e espanhol a fim de compreender o tratamento dado para a tradução desses IECs.

Para a análise microtextual, os IECs serão divididos em três grandes blocos: antropônimos, topônimos e outros IECs que não se enquadram nas duas primeiras categorias. Por sua vez, a categoria na qual se denomina de outros IECs se subdividirá de acordo com a classificação de Espíndola (2005) apresentada no subtópico sobre procedimentos metodológicos para a análise microtextual. Em cada uma dessas categorias, os IECs foram organizados conforme a estratégia tradutória utilizada segundo Aixelá (2013) ou Bentes (2005).

A partir desses dados apresentados na seção, será realizada a análise quantitativa a fim de identificar quais foram as estratégias tradutórias mais adotadas no texto-alvo. Igualmente, objetiva-se identificar se essas estratégias se enquadram sob a tendência domesticadora, estrangeirizadora ou híbrida, e, ao final, elucidar qual delas predominou na tradução do romance de Nérida Piñón.

Finalmente, esclarece-se que a análise realizada aqui é de caráter descritivo, já que não tem como intuito avaliar a qualidade da tradução mencionada. No entanto, com o objetivo de

enriquecer a discussão, em alguns exemplos serão mencionados caminhos que o tradutor poderia ter escolhido.

5.4.1 Antropônimos

Nesta seção trataremos como os antropônimos foram traduzidos em *La república de los sueños*. Para essa classificação, utilizaremos estratégias apresentadas por Aixelá (2013). O pesquisador espanhol baseia-se em Theo Hermans (1988) para explicar sobre a tradução dos nomes próprios. Por sua vez, esses são subdivididos em duas categorias: convencionais e carregados. Na primeira categoria encontram-se aqueles nomes tidos como “desmotivados” ou que não possuem significado próprio. Já os nomes carregados são aqueles que de algum modo são entendidos como “motivados”, ou seja, “variam de nomes e apelidos vagamente sugestivos a notoriamente ‘expressivos’, e incluem aqueles ficcionais, assim como nomes não ficcionais, cujas associações históricas ou culturais resultaram no contexto de uma cultura particular”. (AIXELÁ, 2013, p. 195)

O autor explica que, em relação ao tratamento dado à tradução dos nomes convencionais, há a tendência em repeti-los, transcrevê-los ou transliterá-los, exceto quando existe uma tradução pré-estabelecida, como nos casos de nomes de topônimos importantes, nomes de figuras históricas, santos etc. Já os nomes carregados possuem uma indeterminação maior sobre a estratégia tradutória adotada, havendo a tendência à tradução linguística.

Nessa primeira subcategoria da análise microtextual, serão apresentados alguns dos antropônimos encontrados no romance e suas respectivas traduções. Esses antropônimos estarão subdivididos a partir dos procedimentos tradutórios classificados segundo Aixelá (2013).

A partir da análise de *La república de los sueños*, identificamos que a estratégia mais utilizada para a tradução dos antropônimos foi a repetição, totalizando 15 ocorrências de diferentes nomes próprios. Em segundo lugar, com 5 casos encontrados, está a tradução linguística. E, por último, a adaptação ortográfica, com um exemplo encontrado na tradução de Obregón Sanín. Esses antropônimos detectados na obra de Piñon podem ser agrupados em três categorias: nomes dos personagens de origem galega ou espanhola, personagens nascidos no Brasil e, portanto, têm nomes em português, e nomes de figuras históricas.

A seguir, são apresentados esses antropônimos encontrados no texto de partida e suas respectivas traduções, seguidos da estratégia tradutória adotada segundo a classificação de Aixelá (2013).

Quadro 7: Estratégia de repetição para a tradução dos antropônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
À cabeceira, <u>Madruga</u> presidia os festejos e os hábitos implantados na casa desde a sua chegada à América. (p. 31)	Sentado a la cabecera, <u>Madruga</u> presidía los festejos y los hábitos implantados en la casa desde su llegada a América. (p. 9)	Repetição
Eulália cedia ao marido discretas porções de si mesma, ansiosa para recolher-se ao quarto, sempre seguida de <u>Odete</u> , a fiel escudeira. (p. 31)	Eulalia cedía al marido discretas porciones de sí misma, ansiosa de recogerse en su cuarto, siempre seguida de <u>Odete</u> , la fiel escudera. (p. 9)	Repetição
Só um filho ou outro, além de <u>Breta</u> , surgia-lhe ao final da tarde, a pretexto de lhe testar a antiga sagacidade empresarial. (p. 32)	Apenas si alguno de los hijos, además de <u>Breta</u> , se le aparecía al final de la tarde, con el pretexto de auscultarle su antigua sagacidad empresarial. (p. 10)	Repetição
Da casa do avô <u>Xan</u> , em Sobreira, podiam-se contemplar as montanhas que os celtas também reverenciaram no passado. (p. 32)	Desde la casa del abuelo <u>Xan</u> , en Sobreira, se podían contemplar las montañas que los celtas reverenciaron en el pasado. (p. 10)	Repetição
<u>Ceferino</u> e <u>Urcesina</u> eram os seres que me pariram entre gestos descuidados, francos diretos. (p. 51)	<u>Ceferino</u> y <u>Urcesina</u> me habían parido entre gestos descuidados, francos, directos. (p. 32)	Repetição
Agora sobretudo inquietos todos com as atividades de <u>Jango</u> na presidência. (p. 140)	Ahora, inquietos sobre todo con las actividades de <u>Jango</u> en la presidencia. (p. 135)	Repetição + explicação extratextual <i>Nombre con que se suele aludir en Brasil al presidente João Goulart.</i>
Tendo à frente destes movimentos homens de liderança como <u>Brizola</u> e <u>Arraes</u> . (p. 140)	Al frente de estos movimientos estaban líderes populares como <u>Brizola</u> y <u>Arraes</u> . (p. 135)	Repetição
<u>Bento</u> sentia-se preterido na casa e na escola. (p. 335)	<u>Bento</u> se sentía despreciado. (p. 357)	Repetição
Filha de um ministro do Supremo Tribunal Federal, íntimo amigo de <u>Juscelino</u> . (p. 216)	Hija de un ministro del Supremo Tribunal Federal, íntimo amigo de <u>Juscelino</u> . (p. 222)	Repetição + explicação extratextual <i>“Kubitschek, bajo cuya presidencia (1956-1961) se inauguró Brasilia.”</i>
<u>Vargas</u> tinha ao seu lado a filha <u>Alzira</u> . (p. 303)	<u>Vargas</u> tenía a su lado a su hija <u>Alzira</u> . (p. 321)	Repetição
Mas, além dela, em quem mais podia confiar, que o salvasse da aflição? <u>Tancredo</u> , Jango, mas em quem mais? (p. 303)	Pero, además de ella, ¿en quién más confiar, buscar alivio? <u>Tancredo</u> y Jango, quizá. (p. 321)	Repetição

Ressentia-se, no entanto, que lhe faltassem a graça de Miguel e a beleza de Esperança. (p. 335)	Sentía, no obstante, que le faltaban la gracia de Miguel y la belleza de Esperanza. (p. 357)	Repetição
--	---	-----------

Fonte: Elaborado pela autora

No subgrupo do procedimento tradutório da repetição, foram encontrados antropônimos de três categorias. No que se refere à natureza desses antropônimos, pôde-se constatar que há aqueles que são antropônimos reais, de figuras históricas brasileiras, os fictícios motivados e os fictícios não-motivados oriundos da Espanha e de origem galega e brasileira. A partir dessa primeira constatação, pôde-se perceber que o tradutor não se fixou em apenas uma dessas características ou da nacionalidade do nome dos personagens para traduzi-los, optando por repeti-los em seu texto.

Na categoria dos antropônimos de pessoas reais, indicamos no texto de Piñon nomes principalmente de figuras da política brasileira, como Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves, Getúlio Vargas, João Goulart, Miguel Arraes e Leonel Brizola. No caso desses antropônimos, conforme reproduzidos no quadro, detectamos um procedimento tradutório semelhante pois esses nomes próprios não apresentam características que divergem da ortografia da língua espanhola, como, por exemplo, acentos gráficos não utilizados ou o acréscimo desses acentos quando existentes no idioma. Portanto, a repetição foi utilizada pelo tradutor.

Como é possível visualizar no quadro, o tradutor julgou necessário acrescentar uma nota de rodapé explicando quem foram Juscelino Kubitschek e Jango, apelido recebido por João Goulart. De acordo com a primeira nota, é explicado que Kubitschek foi um presidente do Brasil que governava o país no momento da construção de Brasília. A segunda nota, como mencionado acima, esclarece a identidade de Jango para um leitor que não está familiarizado com esse apelido para o ex-presidente brasileiro. A julgar pelas notas incluídas no subgrupo dos antropônimos reais, não foi possível identificar o critério utilizado para acrescentá-las. Desse modo, identificamos que quando esses personagens da história brasileira aparecem no romance de Piñon, na maioria dos casos não há a inclusão de notas de tradução a fim de esclarecer quem foi determinado político, por exemplo. (ANEXO D)

No segundo subgrupo têm-se os personagens originários da Galícia: Madruga, Urcesina, Ceferino e Xan. Observamos que o tradutor manteve a grafia em seu texto-alvo, com exceção de Eulália, que será tratado no próximo tópico. Na terceira categorização aparecem os antropônimos pertencentes aos personagens do núcleo brasileiro: Miguel, Odete e Breta. No romance, pode-se considerar Breta como um antropônimo motivado, já que a jovem foi nomeada assim como uma homenagem à Bretanha, uma das terras celtas. Assim como

observado nos exemplos anteriores, o tradutor optou por repetir os antropônimos quando esses são compartilhados entre as duas línguas, conservando sua grafia, e quando não possuem elementos divergentes como, por exemplo, acentos ortográficos.

Quadro 8: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos antropônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
<u>Eulália</u> começou a morrer na terça-feira. (p. 31)	<u>Eulalia</u> comenzó a morir el martes. (p. 9)	Tradução linguística
<u>Venâncio</u> nunca faltava aos almoços. (p. 34)	<u>Venancio</u> nunca faltaba a los almuerzos. (p. 13)	Tradução linguística
<u>Antônia</u> é uma outra idiota, Deus fez-lhe o favor de levantá-las as da frente, pensou Madruga, recordando o provérbio português. (p. 75)	<u>Antonia</u> es otra idiota, sabe hablar porque Dios le hizo el favor, pensó Madruga, recordando el proverbio portugués. (p. 59)	Tradução linguística
Havia que castigar <u>Tobias</u> , incompetente e ingrato. (p. 75)	Había que castigar a <u>Tobías</u> , incompetente e ingrato. (p. 59)	Tradução linguística
Ressentia-se, no entanto, que lhe faltassem a graça de Miguel e a beleza de <u>Esperança</u> . (p. 335)	Sentía, no obstante, que le faltaban la gracia de Miguel y la belleza de <u>Esperanza</u> . (p. 357)	Tradução linguística

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre a estratégia da tradução linguística adotada pelo tradutor, inferimos algumas considerações. Em relação aos nomes Eulália e Venâncio encontrados no texto-alvo, esses são escritos sem o acento agudo, diferente da grafia no texto de partida. Na tradução, esses nomes receberam a grafia característica da língua-alvo, já que esses são partilhados também pelos países de língua espanhola. Em relação ao nome Eulalia, por exemplo, há santas na história espanhola homônimas, como Santa Eulalia de Mérida e Santa Eulalia de Barcelona.

Em relação aos antropônimos dos filhos de Madruga, o pai decidiu que esses carregariam nomes brasileiros, ao contrário dos pais galegos: “quando Esperança nasceu quis chamá-la de Amparo. Até então evitara nomes espanhóis para os filhos. Pois deviam-lhes bastar as marcas de origem espalhadas pelo corpo.” (PIÑON, 2015, p. 464)

No Quadro 8, apontam-se os exemplos dos antropônimos Antônia, Tobias e Esperança. No texto-alvo, esses receberam uma tradução linguística por também serem encontrados em língua espanhola, porém com diferentes grafias. Dessa forma, tem-se *Antonia*, *Tobías* e *Esperanza*. Os dois primeiros antropônimos divergem no par linguístico espanhol-português pela supressão do acento circunflexo e o acréscimo do acento grave, respectivamente. Quanto ao nome Esperança, igualmente há uma tradução linguística, pois, recebe a grafia da língua-alvo existente na cultura hispana. Possivelmente essa escolha por traduzi-lo pode ser deduzida

pela ausência do cedilha no alfabeto de língua espanhola, e a adoção de sua grafia tal como se conhece no Brasil causaria um estranhamento nos leitores do polo receptor.

No subgrupo dos antropônimos que receberam uma tradução linguística, pôde-se inferir que o tradutor preferiu aproximá-los da cultura-alvo, já que esses também estão presentes na língua espanhola, principalmente quando apresentam algum acento ortográfico ou letra não existente na língua em que o romance foi traduzido.

Quadro 9: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos antropônimos

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
E assinou, distraído: Bentinho . Como Eulália costuma chamá-lo na adolescência. (p. 600)	Y firmó, a toda prisa: Bentiño . Así solía llamarlo Eulalia. (p. 640)	Adaptação ortográfica

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa última categoria dos antropônimos, encontramos um exemplo no qual o tradutor optou por uma adaptação ortográfica. Conforme pode-se observar no quadro acima, o personagem Bentinho foi traduzido por *Bentiño*. Ao adotar essa adaptação ortográfica, o tradutor conserva a sonoridade do sufixo *-inho* do português com o *-iño* na língua-alvo. No entanto, o uso do sufixo que tem como intenção a conotação de um apelido familiar e carinhoso no contexto brasileiro não conserva essa característica em espanhol, já que o diminutivo nesse idioma não utiliza o sufixo *-iño*, mas algum desses sufixos: *-ito/-ita*; *-ico/-ica*; *-illo/-illa*; *-ucho/-ucha*; *-ín/-ina*; *-uelo/-uela*; *-ete/-eta*; *-uco/-uca*. Na língua espanhola, o nome se traduz por *Benito*, no entanto não há um diminutivo para ele. Desse modo, possivelmente o tradutor optou por manter a sonoridade da palavra em português, mesmo que a grafia *Bentiño* não transmita a ideia de um apelido para *Benito*.

5.4.2 Topônimos

Nesta seção, analisaremos como os topônimos presentes em *A república dos sonhos* foram traduzidos para o espanhol. Para essa análise, recorreremos à classificação proposta por Bentes (2005). A classificação da pesquisadora é organizada conforme os conceitos de Venuti (2004) de estrangeirização, domesticação ou híbrido. Esse fio condutor proporcionará identificar qual foi o tratamento dado por Obregón Sanín para a tradução desses termos.

O primeiro posicionamento levantado por Bentes (2005) em sua proposta é que a classificação organizada por Aixelá (2013) não contempla os topônimos em alguns dos procedimentos tradutórios elencados pelo autor. Como exemplo disso encontra-se a categoria de tradução linguística. Conforme expõe Bentes (2005), ela funciona perfeitamente para casos nos quais há termos equivalentes no par linguístico analisado, como *dollars* para dólares. No entanto, quando se trata dos topônimos, a tradução linguística não se mostra tão pertinente por não contemplar os mesmos.

Portanto, quando se encontram topônimos na tradução de *A república dos sonhos* como *Rua Mena Barreto* que Obregón Sanín traduz como *Calle Mena Barreto*, ou ainda *Praça Mauá* traduzido por *Plaza Mauá*, não há razões suficientes para classificá-lo como tradução linguística (não-cultural), segundo Aixelá (2013). Para casos como esses, Bentes (2005) propõe uma nova classificação chamada de tradução de nome próprio, subdividindo-a em tradução integral de nome próprio e tradução parcial de nome próprio. Desse modo, os exemplos apresentados acima estariam classificados como tradução parcial de nome próprio, assumindo, dessa forma, uma característica híbrida, pois traduz *rua* e *praça* para *calle* e *plaza*, respectivamente, mas mantém *Mena Barreto* e *Mauá*.

Embora a proposta de classificação apresentada por Bentes (2005) atenda parcialmente ao objetivo aqui proposto de verificar os procedimentos tradutórios adotados para os topônimos, igualmente recorreremos à classificação de Aixelá (2013) em alguns casos encontrados no *corpus*.

Nota-se que a problemática dos topônimos se mostra desafiadora quando se trata de sua tradução. Além da questão linguística entre os pares de línguas analisados, nesse caso o português e o espanhol, ainda há uma carga cultural que influencia nos procedimentos tradutórios a serem adotados. Dessa maneira, muitas vezes os topônimos são nomeados em homenagem a figuras históricas ou referentes a momentos históricos ocorridos – no caso do objeto analisado, no Brasil – ou esses ainda são nomeados a partir de características da paisagem local.

Conforme já mencionado, *A república dos sonhos* narra a saga dos imigrantes Madrugá e Venâncio desde sua chegada ao Brasil em 1913 até o início da década de 1980. Nesse recorte temporal, Piñon se debruça sobre o panorama sócio-histórico da época e um dos elementos apresentados por ela é traçar um mapa por onde os personagens se deslocam nesse novo país. Dessa forma, no texto nelidiano encontram-se muitas referências a ruas, avenidas, praças e estabelecimentos principalmente localizados no Rio de Janeiro. Portanto, o tópico de análise

dos topônimos também terá como objetivo entender se há algum padrão que guia a prática tradutória de Obregón Sanín quando se depara frente a esses termos.

Na subcategoria dos topônimos, devido ao grande número de ocorrências não serão analisados todo os itens encontrados em *A república dos sonhos*, senão alguns selecionados como representantes dos procedimentos tradutórios, para que ilustrem o tratamento dado a eles. A primeira constatação ao analisar panoramicamente os procedimentos tradutórios é que Obregón Sanín adotou uma diversidade de estratégias revelando inconstâncias em sua prática tradutória no que concerne aos topônimos de uma mesma categoria. Dentre as estratégias escolhidas, encontram-se em maior número a repetição do termo, contabilizando 16 casos. Em segundo lugar está a tradução parcial de nome próprio, totalizando 13 ocorrências, e em terceiro lugar encontra-se a tradução integral de nome próprio, apresentando 11 ocorrências. Em menor proporção estão as estratégias de eliminação, com 4 exemplos encontrados no texto-alvo, da adaptação ortográfica, com 3 ocorrências, e a explicação intratextual, aparecendo 2 vezes na tradução analisada.

A seguir, apresentaremos uma seleção dos topônimos encontrados em *A república dos sonhos*, assim como as estratégias tradutórias adotadas no texto-alvo. Desse modo, os quadros estão organizados em três colunas. Na primeira estão os excertos na língua-fonte; na segunda coluna estão suas respectivas traduções, e na última encontra-se a classificação da estratégia adotada, segundo Bentes (2005) ou Aixelá (2013). A partir dessa primeira identificação dos topônimos no texto-fonte, esses foram organizados de acordo com as estratégias tradutórias empregadas pelo tradutor e seguirá a seguinte ordem: tradução integral de nome próprio, tradução parcial de nome próprio, repetição, adaptação ortográfica e eliminação.

Quadro 10: Estratégia de tradução integral de nome próprio para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC de (Bentes)
As mães o procuravam no modesto escritório da Rua Primeiro de Março , por lhes faltar dinheiro para a contratação de um defensor reputado. (p. 59)	Las madres lo procuraban en el modesto despacho de la calle Primero de Marzo , pues no les alcanzaba el dinero para obtener los servicios de un defensor más acreditado. (p. 41)	Tradução integral de nome próprio
Retinha os rostos dos senadores e deputados da República, vistos em fotografia ou, em pessoa, na Rua do Ouvidor e na Confeitaria Colombo. (p. 114)	Retenía en su memoria los rostros de senadores y diputados de la República, vistos en fotografías, o en persona, en la calle del Oidor y en la Confitería Colombo. (p. 105)	Tradução integral de nome próprio
Recusava-se mesmo a voltar à vida de São Cristóvão , cenário	Se rehusaba incluso a regresar a la villa de San Cristóbal ,	Tradução integral de nome próprio

de privações que lhe magoaram a alma, e de que pretendia manter-se afastada. (p. 112)	escenario de privaciones que le habían dejado un sabor amargo, y de las que pretendía alejarse para siempre. (p. 103)	
Minha ossada irá para o <u>Cemitério São João Batista</u> , debaixo de uma mangueira, de preferência. (p.167)	Mis huesos reposarán en el <u>Cementerio de San Juan Bautista</u> , ojalá bajo un árbol de mango. (p. 164)	Tradução integral de nome próprio
Agora que o estudante Édson fora assassinado no <u>restaurante do Calabouço</u> ? (p. 261)	¿Ahora que el estudiante Edson había sido asesinado en el <u>restaurante del calabozo</u> ? (p. 275)	Tradução integral de nome próprio
Já não mais estando no Tejo. Mas em Porto Seguro e na <u>Bahia de Todos os Santos</u> . (p. 266)	Pues no estaba más en el Tajo, sino en Porto Seguro y en la <u>Bahía de Todos los Santos</u> . (p. 280)	Tradução integral de nome próprio
Quem queira uma encomenda da <u>Rua da Prata</u> , é só se inscrever. (p. 393)	Si alguien desea algún encargo de la <u>calle de la Plata</u> , sólo tiene que inscribirse. (p. 418)	Tradução integral de nome próprio
Vista do <u>Outeiro da Glória</u> , destacam-se os sobrados, o <u>Passeio Público</u> , que se debruça sobre a baía, e o Morro do Cão, a distância. (p. 395)	Vista desde la <u>Colina de la Gloria</u> , pueden apreciarse los soberbios caserones, el <u>Paseo Público</u> , que se asoma a la bahía, y el Morro do Cão, a la distancia. (p. 420)	Tradução integral de nome próprio
Como o pai, Miguel gostava de olhar o mar, nível da maré, a <u>Pedra da Gávea</u> , o caminho até <u>São Conrado</u> . (p. 500)	Como a su padre, le gustaba mirar el mar, el nivel de la marea, la piedra de la Gávea, el camino de <u>San Conrado</u> . (p. 531)	Tradução integral de nome próprio
E para reforçar, aliás, esta intenção, Venâncio constantemente acusava os habitantes do Rio de Janeiro, sob eminente inspiração de Cervantes, de arrastarem pelas ruas das Marrecas, <u>do Ouvidor da Assembleia</u> , pela Lapa, o fatal sentimento de estarem a serviço de uma realidade exacerbadamente carnavalizada. (p. 661)	Además, para reforzar esta intención, Venancio, bajo la evidente inspiración de Cervantes, acusaba una y otra vez a los habitantes de Río de Janeiro de arrastrar por las calles de Las Marrecas, <u>del Oidor, de La Asamblea</u> , el fatal sentimiento de estar bajo el imperio de una realidad exacerbadamente carnavalesca. (p. 703)	Tradução integral de nome próprio

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro apresentado, observa-se que o tradutor optou pela tradução integral quando esses topônimos possuem tradução linguística na língua espanhola. Desse modo, Obregón Sanín traduziu, por exemplo, *rua Primeiro de março*, *Rua do Ouvidor* e *Rua da Prata* por *calle Primero de marzo*, *calle del Oidor* e *calle de la Plata*, respectivamente.

Para Bentes (2005), esse tipo de escolha promove um apagamento da cultura de partida, sendo classificada como uma tendência domesticadora, utilizando o termo cunhado por Venuti (2004). Nesses três exemplos pode-se perceber um aspecto convergente: os topônimos possuem nomes comuns, ou seja, não são nomeados a partir de antropônimos de figuras históricas, por

exemplo. Por isso, o tradutor recorre à tradução linguística na língua espanhola permitindo que seja feita uma tradução integral do nome dessas ruas.

No entanto, também se encontram, no quadro apresentado acima, exemplos em que o tradutor recorreu a uma tradução integral daqueles topônimos que são nomeados a partir de antropônimos, como aqueles que têm nomes de santos. São os casos dos bairros de *São Cristóvão* e *São Conrado*, e do *Cemitério de São João Batista*, que no texto da língua-alvo foram traduzidos por *San Cristóbal*, *San Conrado* e *Cementerio San Juan Bautista*, respectivamente.

A partir dessas seis ocorrências destacadas na tradução, pode-se constatar que o tradutor recorreu a diferentes estratégias tradutórias quando se deparou frente a um topônimo no texto nelidiano. Igualmente, pode-se apontar, salvo algumas exceções que serão vistas posteriormente, que possivelmente o tradutor buscou traduzi-las integralmente quando se pode fazer uma tradução linguística na língua espanhola conservando o sentido do texto-fonte. Desse modo, ele aproxima o texto-alvo de seu leitor, tornando esses topônimos mais compreensíveis, mas afasta-o dos referentes da cultura brasileira.

Em relação ao exemplo do *restaurante do Calabouço*, identifica-se que, na língua espanhola, foi traduzido por *restaurante del calabozo*. De acordo com Marcelo Ridenti (2010), no livro *O fantasma da revolução brasileira*, o Restaurante Central dos Estudantes, mais conhecido como Calabouço, foi inaugurado em 1951 durante o governo de Getúlio Vargas na sede da União Nacional dos Estudantes (UNE), na praia do Flamengo. No ano seguinte, foi transferido para a Avenida General Justo, no centro do Rio de Janeiro. O Calabouço foi um restaurante frequentado por estudantes onde as refeições eram servidas com um preço mais acessível. Além de ser um espaço reservado para a alimentação, o Calabouço também foi palco do movimento estudantil criando a entidade Frente Unida dos Estudantes do Calabouço (FUEC), sob a presidência de Elinor Brito. Ainda segundo o autor, em 28 de março de 1968 os estudantes organizaram um protesto contra o aumento do valor da refeição. No final da tarde daquele mesmo dia, a polícia militar chegou ao Calabouço para dispersar os estudantes que estavam se organizando para o protesto. Como resposta, os estudantes adentraram ao local e se defenderam com paus e pedras. Nesse confronto, Edson Luís de Lima Souto, estudante secundarista paraense, foi assassinado.

Conforme o exposto acima, alguns dos lugares mencionados por Piñon (2015) em *A república dos sonhos* foram palco de episódios que ficaram marcados na história brasileira. Ao traduzir o topônimo *restaurante do Calabouço* por *restaurante del calabozo* escrito com a inicial em minúsculo, o leitor deduz que não se trata do nome de um lugar, mas que esse se

localiza em um calabouço. Ao se observar a estratégia da tradução integral do nome próprio, percebe-se que há um apagamento dos vestígios de um local que foi espaço do movimento estudantil brasileiro e onde foi assassinado o estudante Edson Luís, fato que inscreve o Calabouço na história do Brasil

Quadro 11: Estratégia de tradução parcial de nome próprio para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Bentes)
Próxima à <u>Praça Mauá</u> , a pensão cheirava a azeite e alho frito. (p. 107)	Cercana a la <u>Plaza Mauá</u> , la pensión olía a aceite y a ajo frito. (p. 97)	Tradução parcial de nome próprio
Dali, percorria as imediações a pé, dirigindo-se depois à Avenida Beira-Mar, atraído pelas águas da <u>Baía de Guanabara</u> . (p. 107)	Luego recorría a pie los alrededores para dirigirse después a la avenida Beira-Mar, atraído por las aguas de la <u>Bahía de Guanabara</u> . (p.97)	Tradução parcial de nome próprio
Em dois anos, decidiu que comprariam um prédio na <u>Rua Álvaro Alvim</u> . Embora em condições precárias, localiza-se na Cinelândia, uma área promissora, onde os cinemas e os teatros começavam a instalar-se. (p. 112)	Dos años después, decidió que comprarían un edificio de la <u>calle Álvaro Alvim</u> . Aunque amenazaba ruina, estaba localizado en Cinelandia, una zona promissoria, en donde empezaban a surgir cines y teatros. (p. 103)	Tradução parcial de nome próprio
Retinha os rostos dos senadores e deputados da República, vistos em fotografia ou, em pessoa, na Rua do Ouvidor e na <u>Confeitaria Colombo</u> . (p. 114)	Retenía en su memoria los rostros de senadores y diputados de la República, vistos en fotografías, o en persona, en la calle del Oidor y en la <u>Confitería Colombo</u> . (p. 105)	Tradução parcial de nome próprio
Inflamado, Silveira garantia-lhe em meio ao chope do Bar Adolfo, na <u>Rua da Carioca</u> , que o movimento ora em gestação, arrastando no seu bojo profunda insatisfação da pátria pelos fatos em curso, eclodiria até 1930. (p. 154)	Exaltado, Silveira aseguraba, mientras bebían cerveza en el Bar Adolfo de la <u>calle Carioca</u> , que el movimiento que ahora se gestaba, y que arrastraba en su interior la profunda insatisfacción que actualmente se vivía, no tardaría en estallar. (p. 150)	Tradução parcial de nome próprio
Na <u>Rua do Lavradio</u> , ele encontrou a caixa de um vermelho intenso, pintada com sangue de boi. Uma tinta de extração vegetal oriunda do pau-brasil. (p. 189)	En una tienda de la <u>calle Lavradio</u> , encontró un cofrecillo de color rojo intenso, pintado con tinturas de extracción vegetal. (p. 192)	Tradução parcial de nome próprio
Tanto era verdade, que Getúlio, titular do <u>Palácio do Catete</u> , enviava ali os seus espias para auscultarem o corpo místico da nação. (p. 196)	Tan cierto era esto, que Getulio, titular del <u>Palacio del Catete</u> , enviaba allá sus espías para que auscultaran el cuerpo místico de la nación. (p. 199)	Tradução parcial de nome próprio + glosa extratextual em forma de nota de tradução “Palacio Presidencial, en Río.” 22

²² Palácio presidencial, no Rio de Janeiro. (tradução nossa)

Montados a cavalo, de bombachas, lenços coloridos no pescoço, apearam bem em frente ao Obelisco, pero do <u>Palácio Monroe</u> . (p. 161)	Se apearon por fin frente al obelisco, cerca del <u>Palacio Monroe</u> . (p. 158)	Tradução parcial de nome próprio + glosa extratextual “ <i>Antiguo edificio del Congreso, hoy desaparecido.</i> ” ²³
Um festim nunca visto na vila da <u>Rua Mena Barreto</u> . (p. 231)	Un festín nunca visto en el conventillo de la <u>calle Mena Barreto</u> . (p. 239)	Tradução parcial de nome próprio
Como o pai, Miguel gostava de olhar o mar, nível da maré, a <u>Pedra da Gávea</u> , o caminho até São Conrado. (p. 500)	Como a su padre, le gustaba mirar el mar, el nivel de la marea, la <u>pedra de la Gávea</u> , el camino de San Conrado. (p. 531)	Tradução parcial de nome próprio
Evitando contar-lhe que, não muito longe do Leblon, do outro lado do túnel Rebouças, na <u>Rua Barão de Mesquita</u> , alguns homens, em tudo parecidos ao seu filho, introduziam naquele instante uma garrafa pelo ânus de uma mulher, recém-apanhada. (p. 587)	Evitaba contar, por ejemplo, que no muy lejos de Leblón, al otro lado del túnel Rebouzas, en la <u>calle Barón de Mesquita</u> , varios hombres introducían en aquel mismo momento una botella en el ano de una prisionera. (p. 626)	Tradução parcial de nome próprio
Aceitou que se vissem, à tarde, na <u>Praça Antero de Quental</u> , esquina com a Rua Ataulfo de Paiva. (p. 630)	Aceptó el encuentro. Se verían por la tarde, en la <u>plaza Antero de Quental</u> . (p. 670)	Tradução parcial de nome próprio

Fonte: Elaborado pela autora

Constatamos que na categoria dos topônimos não houve apenas uma estratégia tradutória utilizada. Não sendo possível apontar quais critérios foram adotados pelo tradutor para traduzi-los de uma maneira ou de outra. Em *Bahía de Guanabara, Plaza Mauá, Confitería Colombo*, classificamos essa estratégia como tradução parcial de nome próprio, possuindo uma tendência híbrida de acordo com Bentes (2005). Desse modo, o tradutor optou por traduzir, por exemplo, *rua, praça e palácio* por *calle, plaza e palacio*, respectivamente, porém conservando o nome próprio. Portanto, essa estratégia é híbrida porque traduz àquelas palavras que possuem tradução linguística na língua espanhola e mantém o nome próprio. Portanto, não há o apagamento do elemento da cultura brasileira, como no caso do subgrupo anterior da estratégia de tradução integral do nome próprio.

No quarto exemplo apresentado no quadro, tem-se no texto-fonte a menção à *Confeitaria Colombo*. Segundo Sílvia Soler Bianchi (2008), no livro *Entre o café e a prosa: memórias da Confeitaria Colombo no início do século XX*, essa confeitaria foi inaugurada em 1894, com a arquitetura e decoração que seguem as características da *belle époque*. Fundada

²³ Antigo edifício do Congresso, hoje desaparecido. (tradução nossa)

pelos portugueses Manoel José Lebrão e Joaquim Borges Meirelles, a confeitaria recebeu esse nome em homenagem a Cristóvão Colombo. As menções ao navegador português não pararam apenas no nome, o seu símbolo é a representação das três caravelas *Santa María, Pinta e Niña*. Situada na Rua Gonçalves Dias, logo, o local tornou-se ponto de encontro de jornalistas, escritores e intelectuais como: Olavo Bilac, Lima Barreto, Martins Fontes e Chiquinha Gonzaga.

É interessante observar que ao longo da obra o nome *Cristóvão Colombo* é citado duas vezes sendo traduzido por *Cristóbal Colón*, sendo uma tradução pré-estabelecida de uma figura histórica. Em relação à Confeitaria Colombo, que como já mencionado recebe esse nome graças ao sobrenome do navegador, o tradutor opta por mantê-lo, não adotando *Colón*. Apesar de conservar o nome próprio desse topônimo, os leitores de língua espanhola possivelmente não poderão perceber a referência à figura histórica do navegador.

Em relação aos topônimos *Palácio do Catete* e *Palácio Monroe*, o tradutor além de traduzi-los parcialmente, acrescentou uma explicação extratextual em forma de nota de tradução. De acordo com o *site do Museu da República*, o Palácio Nova Friburgo, atual Palácio do Catete, situado no bairro homônimo, foi construído entre 1858 e 1867 pelo comerciante Antônio Clemente Pinto, Barão de Nova Friburgo. O palácio tornou-se símbolo de poder econômico da elite cafeeira escravocrata do Brasil oitocentista. Durante o mandato do presidente Prudente de Moraes, em 1894, o prédio foi adquirido para ser sede da Presidência da República.

De acordo com Neill Lochery (2014), no livro *Brasil: os frutos da guerra*, durante o governo de Getúlio Vargas, o palácio era considerado o escritório no qual ele permanecia durante as manhãs. O Palácio do Catete também foi onde Getúlio Vargas se suicidou em 1954. Conforme a nota de tradução presente em *La república de los sueños*, há apenas a menção que é o palácio presidencial no Rio, não havendo explicações complementares que na atualidade o local não é mais utilizado com essa finalidade. Desse modo, opina-se que seria preferível acrescentar esses dados citados a fim de evitar um mal-entendido do contexto histórico.

No segundo caso, em relação ao Palácio Monroe, o tradutor também julgou necessário incluir uma nota de tradução. De acordo com Regina da Luz Moreira (2007), no artigo intitulado *O Palácio que virou memória: o Monroe e a construção do metrô carioca, polêmica em tempos da ditadura*, o palácio, inaugurado em 1906, foi o primeiro prédio construído na Avenida Central, no Rio de Janeiro. Esse palácio foi concebido como o pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de St. Louis e o seu nome foi uma homenagem ao ex-presidente norte-americano James Monroe. Ainda segundo a autora, ao longo de sua existência, o Monroe abrigou a Câmara

dos Deputados e o Senado Federal (de 1925 até 1960, que foi deslocado à Brasília após a sua construção). Na época do regime militar abrigou em suas dependências o Estado-Maior das Forças Armadas. Finalmente, o Palácio Monroe foi demolido em 1976 para dar lugar à construção do metrô carioca.

Retornando ao texto-alvo, a estratégia adotada por Obregón Sanín foi aliar a tradução parcial do nome próprio com explicação extratextual em forma de nota de tradução. Desse modo, o tradutor explica em sua nota que o Palácio Monroe foi um antigo edifício do Congresso que hoje já está desaparecido. Deduzimos que possivelmente o tradutor não quis acrescentar uma nota de tradução muito extensa na qual apresentasse dados adicionais. No entanto, igualmente como ocorreu com o Palácio do Catete, poderiam ser acrescentadas algumas informações complementares como a sua localização no Rio de Janeiro ou até o ano da sua demolição já que o tradutor mencionou que o palácio já não existe.

No subgrupo dos topônimos nos quais o tradutor optou por repeti-los no texto-alvo apontam-se duas tendências que pareceram guiar sua prática tradutória. A primeira abarca àqueles topônimos que não possuem um termo existente na língua espanhola para serem traduzidos, são os casos, por exemplo, de Paraíba, Alegrete, Petrópolis, Inhaúma, Goiás. Esses exemplos se apresentam em maior número de ocorrências encontradas nesse subgrupo dos topônimos.

A segunda tendência é a que se afasta do que vem sendo observado na prática tradutória de Obregón Sanín é a de manter os topônimos tal qual suas grafias na língua-fonte mesmo quando esses possuem termos que podem receber uma tradução linguística em espanhol. São os casos de [rua] Direita e do Sabão, Morro do Cão, Parque das Águas, Porto Seguro, São Paulo e [rua] das Marrecas. A seguir, apresentamos uma seleção dos topônimos em que o tradutor adotou a repetição.

Quadro 12: Estratégia de repetição para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
— Vamos à Petrópolis , ver o Imperador? Pedro II nos aguarda para o chá. (p. 97)	—¿ Vamos a Petrópolis , a ver al Emperador? Pedro II nos espera a tomar el té. (p. 85)	Repetição
Dali, percorria as imediações a pé, dirigindo-se depois à Avenida Beira-Mar , atraído pelas águas da Baía de Guanabara. (p. 107)	Luego recorría a pie los alrededores para dirigirse después a la avenida Beira-Mar , atraído por las aguas de la Bahía de Guanabara. (p.97)	Repetição

A casa de Odete, em <u>Inhaúma</u> , não ficava distante do morro onde sempre vivera. (p. 146)	La casa de Odete, en <u>Inhaúma</u> , no quedaba muy distante del morro donde siempre viviera. (p. 141)	Repetição
Logo a sobrinha casava-se, indo viver em <u>Pirenópolis, Goiás</u> . (p. 150)	Y, por fin, la sobrina se casaría, y se iría a vivir a <u>Pirenópolis, Goiás</u> . (p. 145)	Repetição
Os inimigos de Vargas estendendo-se desde as <u>Alterosas</u> até a <u>Paraíba</u> . (p. 240)	Los enemigos de Vargas se extendían desde las <u>Alterosas</u> hasta <u>Paraíba</u> . (p. 249)	Repetição
Gaúcho de <u>Alegrete</u> , Silveira fazia brilhante carreira política. (p. 154)	Gaúcho de <u>Alegrete</u> , Silveira iba afianzándose brillantemente en la política. (p. 150)	Repetição
Inflamado, Silveira garantia-lhe em meio ao chope do <u>Bar Adolfo</u> , na Rua da Carioca, que o movimento ora em gestação, arrastando no seu bojo profunda insatisfação da pátria pelos fatos em curso, eclodiria até 1930. (p. 154)	Exaltado, Silveira aseguraba, mientras bebían cerveza en el <u>Bar Adolfo</u> de la calle Carioca, que el movimiento que ahora se gestaba, y que arrastraba en su interior la profunda insatisfacción que actualmente se vivía, no tardaría en estallar. (p. 150)	Repetição
Já não mais estando no Tejo. Mas em <u>Porto Seguro</u> e na Bahia de Todos os Santos. (p. 266)	Pues no estaba más en el Tajo, sino en <u>Porto Seguro</u> y en la Bahía de Todos los Santos. (p. 280)	Repetição
Nos primeiros dias, vaguei a esmo pelo Largo do Paço, as ruas <u>Direita, Sabão</u> , São Pedro e Rosário. (p. 389)	Durante los primeros días vagué sin rumbo por la Plaza del Palacio, las calles <u>Direita, Sabão</u> , San Pedro y Rosario. (p. 412)	Repetição
Vista do Outeiro da Glória, destacam-se os sobrados, o Passeio Público, que se debruça sobre a baía, e o <u>Morro do Cão</u> , a distância. (p. 395)	Vista desde la Colina de la Gloria, pueden apreciarse los soberbios caserones, el Paseo Público, que se asoma a la bahía, y el <u>Morro do Cão</u> , a la distancia. (p. 420)	Repetição
Eulália, ela e as crianças, a passarem pelo <u>Parque das Águas</u> , com Madrugá à frente, em passadas largas. (p. 415)	Eulalia, ella y los niños paseaban un día por el <u>Parque das Águas</u> , con Madrugá presidiendo la marcha. (p. 441)	Repetição
Ali estava Zico a beber chope, suado, o terno branco amarrotado, enxugando a testa com o lenço perfumado de almíscar, que mandava vir de <u>São Paulo</u> , do bairro Liberdade. (p. 473)	Ahí estaba Zico, frente a él, bebiendo cerveza, secándose el sudor con el pañuelo perfumado de almizcle, traído expresamente de <u>São Paulo</u> . (p. 503)	Repetição
E para reforçar, aliás, esta intenção, Venâncio constantemente acusava os habitantes do Rio de Janeiro, sob eminente inspiração de Cervantes, de arrastarem pelas ruas das <u>Marrecas</u> , do Ouvidor da Assembleia, pela Lapa, o fatal	Además, para reforzar esta intención, Venancio, bajo la evidente inspiración de Cervantes, acusaba una y otra vez a los habitantes de Río de Janeiro de arrastrar por las calles de Las <u>Marrecas</u> , del Oidor, de La Asamblea, el fatal	Repetição

sentimento de estarem a serviço de uma realidade exacerbadamente carnalizada. (p. 661)	sentimiento de estar bajo el imperio de una realidad exacerbadamente carnavalesca. (p. 703)	
--	---	--

Fonte: Elaborado pela autora

No subgrupo dos topônimos aos quais o tradutor optou por repeti-los tal qual sua grafia no texto-fonte, encontram-se desde nomes de ruas, avenidas ao de cidades. Para a análise presente, se centrará nos seguintes topônimos do quadro apresentado: *Rua do Sabão*, *Morro do Cão*, *São Paulo* e *Parque das Águas*.

Os topônimos *Rua do Sabão* e *Morro do Cão* foram agrupados em uma única explicação por guardarem uma mesma característica no texto-alvo: a substituição do til pelo acento circunflexo em suas grafias em língua espanhola. Assim, em *La república de los sueños* tem-se [rua] *Sabão* e *Morro do Cão*. Apesar da grafia com o acento circunflexo, identificamos como uma repetição pois deduzimos que se trata de um lapso no momento de traduzi-los. As razões que levam a inferir isso é que na língua espanhola há termos existentes para os dois exemplos, assim *sabão* e *cão* poderiam ser traduzidos como *jabón* e *perro*, respectivamente, caso o tradutor optasse por uma tradução integral de nome próprio.

Durante a entrevista concedida por Obregón Sanín (2020) para essa dissertação, indagamos sobre os dois casos mencionados e o que motivou a inclusão do acento circunflexo em suas grafias. De acordo com o tradutor, o romance foi traduzido manualmente no final dos anos 1980, ao passo que uma amiga recebia as páginas e as datilografava numa máquina de escrever e, por isso, não era possível colocar o til nas palavras. Dessa forma, ele acredita tratar-se de um equívoco, já que as máquinas de escrever de alfabeto espanhol não possuem o til, mas sim o acento circunflexo. Por sua vez, esse considerado equívoco confessado pelo tradutor também revela uma desatenção na hora de revisá-la, permanecendo-o até as edições mais recentes publicadas na Espanha em 2013 e 2014.

Em relação ao topônimo *Parque das Águas*, consideramos que foi utilizada a estratégia tradutória da repetição apesar da grafia *Parque das Aguas* sem o acento agudo. Para tal, aponta-se que se o tradutor optasse por traduzir *Parque das Águas* no texto-alvo estaria *Parque de las Aguas*. Porém, na tradução ele decidiu manter o termo *das* da língua portuguesa. Desse modo, classificou-se esse procedimento tradutório como uma repetição.

No penúltimo excerto do quadro apresentado, encontra-se o topônimo *São Paulo* e sua repetição no texto-alvo. Esse também foi um dos exemplos discutidos pelo tradutor na entrevista mencionada anteriormente. Ele explicou que há alguns casos nos quais ele se guia pela sua intuição, o topônimo *São Paulo* é um desses exemplos.

Obregón Sanín (2020) relatou que na época em que fazia parte do quadro dos tradutores da Editorial Norma, uma das funcionárias lhe perguntou por que ele não traduzia *São Paulo* por *San Pablo*. Ele a respondeu que há palavras nas quais é preferível conservá-las no idioma de origem. Também se acrescenta que São Paulo não se trata de um topônimo de uma cidade desconhecida brasileira, mas de uma das mais importantes da América Latina. Por isso, a sua nomenclatura é facilmente reconhecida internacionalmente, não necessitando o uso de sua tradução pré-estabelecida na língua espanhola.

Quadro 13: Estratégia de eliminação para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Ali estava Zico a beber chope, suado, o terno branco amarrotado, enxugando a testa com o lenço perfumado de almíscar, que mandava vir de São Paulo, do <u>bairro Liberdade</u> . (p. 473)	Ahí estaba Zico, frente a él, bebiendo cerveza, secándose el sudor con el pañuelo perfumado de almizcle, traído expresamente de São Paulo. (p. 503)	Eliminação
Ganhara um ar taciturno, apesar do jardim e do sol vindo das <u>ilhas Cagarras</u> . (p. 556)	Ni siquiera la visión del jardín, espléndido bajo el sol, lo animaba a dejar su aire taciturno. (p. 592)	Eliminação
Aceitou que se vissem, à tarde, na Praça Antero de Quental, esquina com a <u>Rua Ataulfo de Paiva</u> . (p. 630)	Aceptó el encuentro. Se verían por la tarde, en la plaza Antero de Quental. (p. 670)	Eliminação
E para reforçar, aliás, esta intenção, Venâncio constantemente acusava os habitantes do Rio de Janeiro, sob eminente inspiração de Cervantes, de arrastarem pelas ruas das Marrecas, do Ouvidor da Assembleia, pela <u>Lapa</u> , o fatal sentimento de estarem a serviço de uma realidade exacerbadamente carnalizada. (p. 661)	Además, para reforzar esta intención, Venancio, bajo la evidente inspiración de Cervantes, acusaba una y otra vez a los habitantes de Río de Janeiro de arrastrar por las calles de Las Marrecas, del Oidor, de La Asamblea, el fatal sentimiento de estar bajo el imperio de una realidad exacerbadamente carnalesca. (p. 703)	Eliminação

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro acima, observam-se os exemplos nos quais o tradutor optou por excluir as referências aos topônimos do texto-fonte. A partir desses exemplos encontrados no texto de Piñon, pode-se identificar que esses topônimos aparecem como forma de apresentar um detalhamento maior sobre os lugares descritos. Por exemplo, quando a autora se refere à *Praça Antero de Quental*, esquina com a *Rua Ataulfo Paiva*, fornece ao leitor uma indicação mais precisa de onde a narrativa se desenrola. Ao passo que na tradução, Obregón Sanín opta por

excluir a menção à *Rua Ataulfo Paiva* possivelmente por julgar desnecessário fornecer dados tão precisos para um leitor que não está familiarizado à topografia do Rio de Janeiro. Desse modo, o tradutor opta por omiti-lo no texto-alvo não comprometendo o entendimento do romance.

Embora essas exclusões não comprometam o desenvolvimento da leitura, por um lado acreditamos que o leitor deixa de vivenciar elementos da cultura brasileira que poderiam ser enriquecidos se houvesse menção a eles. Por exemplo, ao excluir a referência ao bairro paulista da Liberdade também deixa de acrescentar a carga histórico-cultural que esse topônimo carrega. No livro *Bairros paulistanos de A a Z*, Levino Ponciano (2001) explica que o bairro da Liberdade recebeu esse nome de uma rua da capital de São Paulo devido ao 7 de abril de 1831, data em que imperador Dom Pedro I abdicou em favor do filho. Em 4 de maio daquele mesmo ano, o vereador Cândido Gonçalves Gomide indicou o nome Liberdade para marcar aquela data. No entanto, sua sugestão não foi aceita, nomeando assim um chafariz localizado no Largo de São Francisco. Porém, a denominação Liberdade popularizou-se se estendendo para o nome da rua e, conseqüentemente, do bairro. Portanto, a exclusão desse topônimo, que além de designar o nome de um bairro, também carrega consigo toda uma história que o fez ser nomeado assim, sendo apagada no texto-alvo.

Na subcategoria dos topônimos na qual classificamos que foi adotado o procedimento da adaptação ortográfica, encontram-se as seguintes ocorrências apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 14: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Em dois anos, decidi que comprariam um prédio na Rua Álvaro Alvim. Embora em condições precárias, localiza-se na Cinelândia , uma área promissora, onde os cinemas e os teatros começavam a instalar-se. (p. 112)	Dos años después, decidí que comprarían un edificio de la calle Álvaro Alvim. Aunque amenazaba ruina, estaba localizado en Cinelandia , una zona promisoría, en donde empezaban a surgir cines y teatros. (p. 103)	Adaptação ortográfica
Evitando contar-lhe que, não muito longe do Leblon , do outro lado do túnel Rebouças , na Rua Barão de Mesquita, alguns homens, em tudo parecidos ao seu filho, introduziam naquele instante uma garrafa pelo ânus de uma mulher, recém-apanhada. (p. 587)	Evitaba contar, por ejemplo, que no muy lejos de Leblón , al otro lado del túnel Rebouzas , en la calle Barón de Mesquita, varios hombres introducían en aquel mismo momento una botella en el ano de una prisionera. (p. 626)	Adaptação ortográfica

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro excerto, em relação à tradução de *Cinelândia*, identificamos que esse topônimo foi traduzido por *Cinelandia*, suprimindo o acento circunflexo presente em sua grafia na língua de origem. Conforme exposto anteriormente em relação à tradução dos topônimos, em *La república de los sueños* alguns desses receberam o acento circunflexo no texto-alvo, como nos casos de *Morro do cão* e [rua] do *Sabão*.

Em relação à *Cinelândia*, constatamos um movimento contrário, a exclusão do acento circunflexo inexistente na língua espanhola. Com exceção dos topônimos mencionados anteriormente, observamos a tendência da supressão desse acento quando esses aparecem no texto de língua-fonte. Por outro lado, se o tradutor optasse por manter o acento circunflexo, esse representaria uma marca de que aquela palavra é de origem estrangeira.

Igualmente presente no último quadro desse subgrupo encontra-se o topônimo *túnel Rebouças* e a sua tradução para *túnel Rebouzas* havendo uma adaptação ortográfica. O primeiro ponto observado é que esse túnel é nomeado assim em homenagem aos irmãos e engenheiros baianos André Rebouças e Antônio Rebouças. Assim como o acento circunflexo, atualmente na língua espanhola não há a letra ç. Desse modo, observamos que há a tendência da substituição do cedilha pelo z quando as palavras possuem traduções linguísticas na língua espanhola. Logo, essas são escritas com o z, como no caso de Rebouças no qual houve uma adaptação ortográfica.

Apesar da temática da Galícia estar fortemente presente em *A república dos sonhos*, deduz-se que a grafia de Rebouças por *Rebouzas* justifica-se por questões fonéticas, já que o ç na língua espanhola tem a sonoridade próxima do [θ], e, conseqüentemente, o grafema <ç> é traduzido pelo <z>

Quadro 15: Estratégia de explicação intratextual para a tradução dos topônimos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Perto do <u>Amarelinho</u> , naquele centro agônico e feérico, nutria a ilusão de contrariar o próprio temperamento reservado, tímido. (p. 195)	Cerca del <u>Bar Amarelinho</u> , en aquel centro agónico y feérico, alimentaba la ilusión de vencer su temperamento reservado y tímido. (p. 198)	Explicação intratextual + repetição
No verão fazia servir o café na cobertura, de onde via os <u>Dois Irmãos</u> . (p. 222)	En verano hacía servir el café en la terraza, desde donde contemplaba el <u>morro Dois Irmãos</u> . (p. 229)	Explicação intratextual + repetição

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dois casos apresentados acima, percebemos que houve uma preocupação por parte do tradutor em acrescentar uma referência ao leitor para que ele possa se situar sobre o que está sendo tratado. Afinal, para um leitor hispano-americano ou espanhol, uma sentença que se refere a um *Amarelinho* ou a *Dois irmãos* não lhe traria qualquer referência do que é apresentado. Desse modo, o tradutor opta por incluir uma explicação intratextual ao acrescentar *bar e morro* aos topônimos *Amarelinho* e *Dois irmãos*, apesar de esses termos possuírem traduções linguísticas em espanhol.

O Bar Amarelinho, situado na Cinelândia, foi fundado em 1921, época que o centro da cidade do Rio de Janeiro abrigava teatros e cinemas. De acordo com a página *Diário do Rio*, o bar anteriormente recebeu o nome de Café Rivera, mudando para Amarelinho por causa da coloração do edifício onde se encontra. Nos dias atuais, o bar se mantém no endereço completando um século de existência. No texto-fonte, não há a referência de que Amarelinho se trata de um bar, possivelmente por sua tradição na história do Rio de Janeiro, desperdiçando acrescentar esse indicativo. No entanto, no texto-alvo, o tradutor julgou necessário incluir essa explicação intratextual para que o leitor de língua espanhola pudesse situar-se do que é tratado no excerto já que o contexto não fornece dados suficientes para tal.

No segundo caso do quadro, é interessante observar a escolha tradutória ao decidir acrescentar o termo *morro*. Ao longo da tradução, a palavra *morro* aparece anteriormente relacionada à personagem Odete que mora em Inhaúma, perto de um morro, ao qual o tradutor também opta por repeti-lo. Naquela primeira ocorrência, ele acrescenta uma nota de tradução explicando que a população pobre e marginalizada do Rio de Janeiro mora nos morros. O termo *morro* é repetido reiteradamente na tradução quando esse aparece no texto-fonte.

Embora, se faça menção na nota de tradução que o *morro* é uma forma de referir-se ao local de moradia da população pobre do Rio de Janeiro, no exemplo do quadro acima não pode ser englobado no mesmo caso. Já que quando se refere ao *morro Dois irmãos* considera-se a paisagem geográfica e ponto turístico do Rio de Janeiro. Portanto, a nota de tradução aparece como generalizadora, não incluindo casos como o citado e que poderia ocasionar um equívoco de que se trata de mais uma comunidade carioca.

5.4.3 Outros itens de especificidade cultural

No último grupo de IECs encontrados na tradução de *A república dos sonhos*, agrupamos sob a nomenclatura de outros IECs àqueles que não podem ser inseridos dentre os

antropônimos ou topônimos. Os denominados de outros IECs incluem-se desde termos referentes a comidas e bebidas a expressões idiomáticas.

Como forma de melhor visualização dos IECs encontrados no *corpus*, adotamos a classificação em categorias organizacionais proposta por Espíndola (2005) para os referentes culturais. Desse modo, os outros IECs presentes nessa seção se subdividirão em: comidas e bebidas, gentílicos, formas de entretenimento, expressões idiomáticas, fauna, instituições locais, fenômenos naturais e vegetação, locais e personagens fictícios. Para a identificação das estratégias tradutórias adotadas por Obregón Sanín utilizaremos a classificação formulada por Aixelá (2013).

5.4.3.1 Comidas e bebidas

A primeira categoria analisada, a de comidas e bebidas, apresenta duas características: é o grupo que possui o maior número de IECs encontrados nesse subtópico da análise microtextual e, a segunda, é que também se mostra como a categoria com o maior número de diferentes estratégias tradutórias adotadas. Pode-se visualizar a seguir que o tradutor recorreu a oito diferentes estratégias de tradução de IECs classificadas de acordo com Aixelá (2013).

A partir desse levantamento inicial, constatamos que a maior parte das estratégias adotadas se aproximam do conceito de domesticação de Venuti (2004). Dessa maneira, a universalização absoluta compõe a maior parte dessas ocorrências, contabilizando oito diferentes termos. A naturalização, por sua vez, aparece com três ocorrências. O tradutor optou por eliminar um IEC em duas ocorrências. Ao passo que em apenas um caso o tradutor optou por repetir um termo tal como é escrito em português. Igualmente, com uma ocorrência, estão as estratégias de tradução linguística e a de adaptação ortográfica.

A seguir esses IECs estarão organizados conforme a estratégia tradutória segundo Aixelá (2013).

Quadro 16: Estratégia de universalização absoluta para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
No domingo de Ramos, que coincidiu com a segunda semana de chegada de Madruga a Sobreira, ele enviou-lhe uma caixa de <u>marrom-glacê</u> , encomendada em Pontevedra. (p. 88)	El Domingo de Ramos, que coincidió con la segunda semana de estadía de Madruga, le envió éste una <u>caja de dulces</u> , que había encargado a Pontevedra. (p. 75)	Universalização absoluta

Cada vez dormia menos, exaltado pelo sentimento de haver engolido uma estranha mistura de azeite de dendê, de oliva, de <u>babacu</u> , vinagre, ervas daninhas, e tudo o mais que não se etiquetava. (p. 114)	Cada vez dormía menos, exaltado por la sensación de haberse tragado una extraña mezclanza de <u>aceite de coco</u> , oliva y dendé, de vinagre, hierbas venenosas, y muchas otras cosas no clasificables. (p. 106)	Universalização absoluta
Sobretudo em aceitar a <u>goiabada cascão de Campos</u> , dentro de uma lata vermelha adornada de ramagem. (p. 142)	Sobre todo, se obstinaba en rehusar la <u>mermelada de guayaba de Campos</u> , con su recipiente rojo adornado de flores. (p. 137)	Universalização absoluta
Madrugada providenciou às pressas um <u>guaraná</u> com gelo, no copo de papel. (p. 241)	Madrugada le sirvió a toda prisa un <u>refresco</u> con hielo. (p. 250)	Universalização absoluta
— Até mesmo cachaça. Está na hora de você provar uma <u>branquinha</u> . — disse contente. (p. 341)	— Inclusive una cachaza. No nos caería mal una <u>copita</u> — decía contento. (p. 364)	Universalização absoluta
Madrugada saltava nas estações à cata de pastéis, <u>empadas</u> , <u>brevidades</u> , <u>mães-bentas</u> , <u>broas de milho</u> . (p. 462)	En las estaciones, Madrugada descendía en busca de pasteles, <u>emparedados</u> , <u>rosas y tortas de maíz</u> . (p. 491)	Universalização absoluta

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro exemplo do quadro, apesar de *marrom-glacê* não se referir a um item específico da cultura brasileira, optou-se por analisar a solução tradutória a fim de observar qual foi o tratamento dado para um item cultural de origem europeia. Sobre o surgimento do marrom-glacê, Sérgio de Paula Santos (2002), no livro *O vinho e suas circunstâncias*, menciona que ele é provavelmente originário dos gregos que costumavam confeitar as frutas com o mel. Já no Renascimento, essa técnica foi mantida e muito apreciada na corte francesa. Em 1893, o gastrônomo espanhol Angel Muro relata o consumo de uma compota de castanha com baunilha.

Em espanhol, o doce marrom-glacê é conhecido por *castaña confitada* [castanha confitada] ou ainda pelo nome francês *marron glacé*. Em *A república dos sonhos*, é mencionada uma caixa de marrom-glacê encomendada em Pontevedra, na Galícia. De acordo com Álvaro Cunqueiro (2004), no livro *La cocina gallega*, a castanha é muito apreciada na culinária galega, principalmente utilizada no preparo de sobremesas.

Ao observar a tradução do termo *marrom-glacê*, percebemos que o tradutor opta por eliminar qualquer referência à sobremesa traduzindo-a por *caja de dulces* [caixa de doces], classificando-se como uma universalização absoluta, segundo Aixelá (2013). Essa escolha em traduzir por *caja de dulces* chama a atenção pois o marrom-glacê tem origem europeia e é um doce que possivelmente os leitores espanhóis estão familiarizados. No entanto, é válido lembrar que essa tradução foi pensada na publicação e circulação para países hispano-americanos.

Portanto, possivelmente o tradutor pode ter julgado que marrom-glacê estava muito distante desses leitores ao resolver apagar qualquer referência a ele.

No segundo excerto, em relação ao termo *babaçu*, apontamos que o tradutor opta por traduzi-lo por *aceite de coco* [óleo de coco]. A palavra *babaçu* origina-se do tupi-guarani *ibá-guaçu* e significa fruto grande. É uma palmeira típica do norte e nordeste brasileiro e os seus frutos são chamados de coco. Ao traduzir *babaçu* por *aceite de coco* pode-se fazer duas leituras. A primeira sugere que a estratégia adotada se afasta do *babaçu* para compreendê-lo como um óleo extraído do coco, e assim transformando-o em outro produto. E a segunda leitura pode-se deduzir que o tradutor encontra esse fruto do *babaçu* de formato de coco e o traduz da maneira escolhida, afastando-se da especificidade do *babaçu* propriamente dito, mas conservando a sua forma.

A partir dos anos 2000, percebe-se uma ampliação do uso do termo *babaçu* na língua espanhola com a grafia *babasú* ou *babasu* relacionando-o com os seus benefícios, dentre outros, para a estética e a beleza. Ao utilizar o campo de busca do *site* de notícias espanhol *El País*, encontra-se a referência mais antiga ao termo *babasú* datando de 2015²⁴. Ao repetir esse processo no *site* do jornal colombiano *El Espectador*, é mostrada se uma referência ao termo que data de 2013²⁵.

No entanto, apesar da difusão do termo nas últimas décadas, encontra-se no livro *Botánica de los cultivos tropicales* (1968), de Jorge León uma referência aos *cocos babasú* no qual o autor faz uma menção sobre as palmeiras e os seus frutos. Igualmente foram localizadas menções ao *babaçu* em relatórios de agricultura da Espanha dos anos 1950. Embora haja referências ao *coco babasú* na língua espanhola anteriores à tradução, vale lembrar que essa foi realizada no final dos anos 1980, e que o tradutor não contava com recursos digitais, como a internet. Portanto, avaliamos que apesar de haver essas menções, não é possível mensurar o alcance da circulação do termo *babasú* na língua espanhola. Ou ainda, podemos considerar que a opção por traduzir *azeite de babaçu* por *aceite de coco* foi uma estratégia consciente do tradutor ao decidir por um termo mais neutro entre as culturas de origem e de chegada.

No próximo excerto do quadro, destaca-se o IEC *goiabada cascão* da cidade de Campos. Esse doce difere-se da tradicional goiabada porque se prepara em um tacho de cobre e as goiabas são utilizadas inteiras, inclusive com as suas cascas, motivo que é nomeada de

²⁴ Las ‘quebradeiras’ brasileñas luchan por la igualdad de género
https://elpais.com/elpais/2015/09/23/planeta_futuro/1443023577_931271.html

²⁵ Nuevo tratamiento para la piel de mujeres maduras
<https://www.elspectador.com/cromos/estilo-de-vida/nuevo-tratamiento-para-la-piel-de-las-mujeres-maduras/>

“cascão”. Até os dias atuais, a cidade de Campos de Goytacazes se destaca como um dos grandes produtores de doces típicos do país, entre eles a goiabada cascão.

No texto-alvo, a *goiabada cascão* foi traduzida por *mermelada de guayaba*. Segundo o *Diccionario de gastronomía*, uma *mermelada* é um doce elaborado principalmente com frutas em pedaços ou trituradas, açúcar e outros ingredientes ao paladar. Depois, todos os ingredientes são cozinhados por redução e às vezes acrescenta-se água até formar uma massa meio gelatinosa. Ao contrário da goiabada, a *mermelada* pode ser feita das mais variadas frutas. Desse modo, houve a necessidade do tradutor em acrescentar *guayaba* [goiaba] na frase. Os dois doces também diferem na consistência. A goiabada é mais firme e pode ser moldada de acordo com o formato da embalagem em que se encontra, ao contrário da *mermelada* que é bem mais rala.

Dependendo da região da América Hispânica, há outras nomenclaturas para o doce feito com goiabas, como *dulce de guayaba*, *membrillo de guayaba* ou *bocadillo de guayaba*, sendo esse terceiro término utilizado na Colômbia e Venezuela. Assim, analisa-se que a opção por traduzir *goiabada cascão* por *mermelada de guayaba* adentra em um terreno bem mais conhecido por países de língua espanhola em oposição ao *bocadillo de guayaba* de uso regional. Portanto, entende-se que o tradutor buscou traduzi-la por um doce que não é característico da cultura colombiana e, por isso, classificou-se que ele usou de uma universalização absoluta segundo Aixelá (2013).

No próximo exemplo do quadro, em relação à bebida *guaraná*, o tradutor apaga qualquer menção ao IEC ao traduzi-lo para *refresco*. O termo *guaraná* já está dicionarizado na língua espanhola, apesar de não se ter informações da data precisa dessa inclusão, podendo ser posterior ao momento em que *A república dos sonhos* foi traduzida. O *Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española* (doravante *DRAE*) define *guaraná* como um arbusto da família das sapindáceas com hastes tortuosas de três a quatro metros com flores brancas e fruto capsular ovoide, de três divisões, cada uma com uma semente de cor negra por fora e com a amêndoa amarelada que depois de tostada é usada para a fabricação de uma bebida refrescante. O dicionário também indica que na Bolívia, Paraguai e Nicarágua o termo é usado para referir-se à uma pasta preparada com sementes de guaraná, cacau e tapioca. Enquanto no Paraguai é uma bebida gaseificada feita do guaraná. Portanto, apesar de a palavra *guaraná* estar incluída no vocabulário de língua espanhola, o texto-alvo não guarda qualquer menção a ela.

Sobre o termo *branquinha*, tem-se um dos apelidos para referir-se à cachaça, ou seja, no excerto de língua-fonte há a especificação de qual bebida alcoólica os personagens se referem. No entanto, quando se observa a tradução, o termo *copita* [tacinha] indica um modo

genérico de referir-se a qualquer bebida alcóolica. Porém, podemos fazer uma outra leitura. No início do excerto há a menção de que se trata de uma cachaça. Portanto, ao utilizar o termo *copita* já estaria subentendido de qual bebida seria servida. Além disso, observamos que o tradutor optou por manter o diminutivo da palavra *branquinha* no texto-alvo ao acrescentar o sufixo *-ita* na palavra *copa*. Desse modo, percebemos que apesar de não fazer uma referência direta ao termo do texto-fonte, o tradutor faz uma escolha que não compromete o entendimento da obra.

No último excerto do quadro, encontram-se três ocorrências que estão no campo lexical dos doces. Em relação às *mães-bentas*, Luís da Câmara Cascudo (2008), no livro *Antologia da alimentação no Brasil*, menciona que o doce recebe esse nome graças à Benta Maria da Conceição Torres, mais conhecida como Mãe Benta. Ela, que era uma famosa doceira do Rio de Janeiro no século XIX, criou a receita de pequenos bolos preparados com farinha de arroz, gemas, leite de coco, erva-doce e canela. A receita original ainda levava goma de mandioca e polvilho de goma. Depois de preparados, os bolinhos são postos em formas individuais para serem consumidos.

Sobre as brevidades, Iara do Carmo Callegaro e Armesto López (2017) explicam que elas se assemelham a um bolo e têm como ingredientes a fécula de mandioca ou de milho, ovos e açúcar. Sua massa fica com uma textura bem leve e a sua consistência se assemelha a uma broa. A brevidade é definida como um bolinho feito de polvilho, araruta ou maisena e que é muito comum na Bahia, Sudeste e Centro-Oeste.

Agora, quando se volta ao texto-alvo, encontra-se que esses dois tipos de bolos foram traduzidos para o termo *roschas*. Para a análise dessa escolha tradutória, levantamos duas hipóteses. A primeira e a que aparece indicada no quadro acima é de que o tradutor agrupou as *brevidades* e *mães-bentas* em um só termo para as traduzir por *roschas*, valendo-se de uma universalização absoluta. A outra possível leitura é que houve uma exclusão de algum dos termos destacados, não sendo possível descobrir qual foi. Portanto, para a análise, adotamos a hipótese de que o tradutor agrupou as brevidades e *mães-bentas* em um só termo por se tratar de dois tipos de bolo por possivelmente haver alguma semelhança entre elas.

No excerto mostrado no texto de língua-fonte há a sequência de cinco comidas: *pastéis*, *empadas*, *mães-bentas*, *brevidades* e *broas de milho*. Ao passo que no excerto de língua-alvo há apenas quatro: *pasteles*, *emparedados*, *roschas* y *tortas de maíz*. No questionário enviado para o tradutor por e-mail, uma das perguntas consistia em averiguar como ele se posicionava diante da tradução de um IEC e de quais estratégias tradutórias eram adotadas por ele. Um dos exemplos que serviram como exemplificação do seu fazer tradutório foi esse excerto

mencionado. Obregón Sanín (2020) opina que há alguns casos, como a menção a alimentos considerados genéricos por ele, que se torna desnecessário fornecer muitos esclarecimentos pois pareceria algo cansativo. Por isso, ele não julga necessário acrescentar algo mais em sua tradução, como talvez uma nota de rodapé.

Diante do excerto analisado, quando avaliamos a sua escolha tradutória para *roschas*, encontra-se no *DRAE* que o termo se refere aos pães ou massas em formato de rosca. Com essa escolha, o termo *roschas* afasta-se de qualquer referência aos doces brasileiros para algo considerado mais neutro entre as culturas de origem e de chegada.

Dando sequência ao último IEC presente no excerto, encontra-se a tradução de *broas de milho* para *tortas de maíz*. A broa de milho, típica da Galícia, de Portugal e do Brasil, é uma espécie de pão de milho e farinha de trigo com um miolo denso e a crosta mais firme e quebradiça. Enquanto uma *torta* é descrita pelo *DRAE* como uma massa de farinha com outros ingredientes de forma redonda e cozida à fogo lento ou qualquer massa disposta a esse formato. Na Colômbia, as *tortas* são os bolos servidos, por exemplo, nos aniversários, podendo ser confeitados e recheados ou nas suas versões mais simples, sem recheio.

Quando se compara uma broa de milho a uma *torta de maíz*, apontamos que o tradutor opta por um termo mais neutro, ou seja, facilmente identificável pelos leitores de língua espanhola. Desse modo, essa escolha tradutória revela que os dois alimentos não guardam semelhança seja pela consistência ou o tamanho, já que as broas são menores e mais densas que um bolo. Portanto, ele novamente escolhe por não conservar esse IEC, e que por sua vez não causará estranhamento em seus leitores.

Finalizando esse excerto, indicamos a tradução de *empadas* para *emparedados*. De acordo com o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005), a palavra *sándwich*, usada na língua espanhola como um anglicismo, designa o conjunto de dois ou mais fatias de pão, normalmente o de molde, entre as quais se incluem os mais diversos ingredientes. É a forma majoritariamente utilizada pelos falantes cultos no âmbito hispano. Embora em alguns países da América, como Colômbia, Venezuela, Chile e Peru também circulem variações no registro coloquial como *sánduche* ou *sánguche*. Evitando-se o uso de anglicismo, há sua versão em língua espanhola com o mesmo sentido que são os *emparedados*, palavra que foi posta em circulação no final do século XIX.

No livro *Donde dice...debiera decir*, Alberto Gómez Font (2006) explica que um *sándwich* é um *emparedado* quando esse é feito com pães de forma. No entanto, se utiliza-se outro tipo de pão, é recebida a nomenclatura de *bocadillo* na Espanha e *torta* no México. A partir do exposto, consideramos que o tradutor optou por traduzir *empadas* por algo que se

afasta de qualquer referência ao salgado brasileiro e, dessa maneira, essa escolha aproxima-se do seu público-alvo.

Quadro 17: Estratégia de naturalização para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Unicamente aguçar os ouvidos diante das longas frases de Madruga que, uma vez iniciadas, não se esgotavam em meio aos chopos e <u>salgadinhos</u> . (p. 161)	Se limitaba a escuchar con toda atención aquellas largas parrafadas que, al calor de las cervezas y los <u>pasabocas</u> , parecían no terminar nunca. (p. 158)	Naturalização
Madruga saltava nas estações à cata de <u>pastéis</u> , empadas, brevidades, mães-bentas, broas de milho. (p. 462)	En las estaciones, Madruga descendía en busca de <u>pasteles</u> , emparedados, rosas y tortas de maíz. (p. 491)	Naturalização
Às vezes, mastigávamos <u>pitangas</u> depois do pequeno almoço. (p. 407)	A veces masticábamos <u>grosellas</u> después del desayuno. (p. 433)	Naturalização

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro apresentado acima, agrupamos as ocorrências em que o tradutor recorreu à naturalização para traduzir os IECs da categoria. O primeiro exemplo refere-se à tradução de *salgadinhos*. No contexto brasileiro, quando há menção aos salgados imagina-se àqueles preparados com massa e que são levados ao forno ou fritos e recheados com queijo, frango, carne ou outros. Obregón Sanín os traduziu por *pasabocas*. De acordo com o *DRAE*, esse termo é utilizado na Colômbia, Equador e Panamá e se refere às pequenas porções de comidas servidas como aperitivo onde geralmente vêm espetadas por um palito e acompanhadas por uma bebida.

Avaliamos que esse procedimento tradutório se classifica como uma naturalização por seu termo estar diretamente relacionado e utilizado no contexto receptor. Segundo Lope Blanch (2003), no livro *Cuestiones de filología hispanoamericana*, a palavra *pasabocas* é considerada um colombianismo, apesar de *DRAE* não a mencionar como tal. Por exemplo, na Espanha há as palavras *tapas* e *pinchos* para essas pequenas porções de comidas servidas em bares, restaurantes etc. No México são chamados de *botanas* e no Chile de *picadillos*. Desse modo, apontamos que como a tradução de *A república dos sonhos* circulou pelo continente latino-americano e circula pela Espanha, o uso de *pasabocas* causaria um estranhamento nos leitores por sua escolha culturalmente marcada com a Colômbia.

Dando sequência ao quadro da categoria de comidas e bebidas aos quais o tradutor optou pelo procedimento da naturalização, encontra-se o termo *pastéis* no texto-fonte e sua tradução para *pasteles*. A primeira observação a ser feita para essa escolha é que a palavra *pastel* em língua espanhola assume diferentes conotações conforme a cultura-alvo. O *DRAE* define *pastel* como uma massa de farinha e manteiga, cozida ao forno em que comumente é envolta com

algum creme ou doce e, às vezes, carne, frutas ou peixe. Fernando Díez Losada (2004), no livro *La tribuna del idioma*, explica que há várias referências na língua espanhola para denominar um bolo de aniversário: *pastel*, *bizcocho*, *torta*, *tarta*. Nesse sentido, o autor também menciona que o uso da palavra *pastel* resulta muito genérico porque pode confundir-se com o recheado com carne e outros alimentos servido como uma refeição principal.

A página *Así hablamos*, dedicada ao vocabulário utilizado na América Latina, afirma que um *pastel* na costa norte colombiana é um *tamal*, uma espécie de pamonha recheada. Porém, ao contrário dos *tamales* que são preparados com milho, os *pasteles* na Colômbia são feitos com arroz, azeitonas, alcaparras, ovos e passas e os mais variados recheios salgados podendo ter o formato de meia-lua ou redondos. Portanto, quando se interpreta a escolha por traduzir *pastéis* por *pasteles* pode se mostrar dúbia conforme o contexto receptor. Ora pode ser entendido como uma aproximação do salgado que se conhece no Brasil ora como doce. Porém, tomando-se como referência o contexto do tradutor, identificamos essa estratégia tradutória como naturalização porque essa alternativa escolhida por ele aproxima-se ao que se conhece por *pastel* no Brasil, relacionando-se diretamente à Colômbia.

Em relação à tradução do termo *pitanga*, indicamos que Obregón Sanín opta por traduzi-la por *grosella*. Essa escolha vocabular, assim como a anterior, mostra-se ambígua quando se consideram os contextos colombiano e espanhol. Na Colômbia, *grosella* é uma das nomenclaturas utilizadas para referir-se à pitanga. *Eugenia uniflora*, nome científico da pitanga, apesar de ser uma fruta originária do Brasil, é facilmente adaptável às mais diversas condições climáticas e de solo e pode ser encontrada na América Central, Flórida, Califórnia, conforme explica Pimentel Gomes (2002) no livro *Fruticultura brasileira*.

Julián Díaz Robledo (2004), no livro *Descubre los frutos exóticos*, menciona que essa fruta recebe diversos nomes no contexto de língua espanhola como: *pitanga*, *cereza de Surinam*, *cereza de Brasil*, *cereza de Cayena*, *ñangapiry* e *cereza Carré*. Assim como menciona Díaz Robledo (2004), Frans Geilfus (1994) no livro *El árbol al servicio del agricultor: guía de especies*, reconhece o nome pitanga para a fruta que tal se conhece no Brasil, além das nomenclaturas citadas anteriormente. De acordo com o *DRAE*, *pitanga* é uma palavra utilizada nas Ilhas Canárias, Argentina e Uruguai e é o fruto do pitangueiro.

Portanto, essa estratégia tradutória poderia ser classificada conforme o contexto no qual o texto-alvo é lido. Na Colômbia, a *grosella* seria a tradução para a fruta brasileira. Enquanto na Espanha estaria se referindo a outra fruta, a groselha propriamente dita.

Quadro 18: Estratégia de eliminação para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Onde pelas manhãs, no período de férias, junto ao café, ao bolo de milho, à broa, biscoitos de polvilho e queijo de Minas, chegavam-lhe os peões ansiosos para contar suas aventuras. (p. 522)	El dilema de Don Mariano, que tal vez fuese el suyo propio, trajo a la mente de Luis Filho la hacienda de su abuelo, en Minas, en donde, durante sus épocas de vacaciones, le llegaban al desayuno, junto al café y el queso mineiro, las historias de los peones. (p. 553)	Eliminação
Uma vida a ser diariamente tragada junto com o café com leite, a geleia, o queijo de minas e o pão quente. (p. 608)	Una vida que consumiría diariamente, junto con el pan y el alimento de la mesa. (p. 649)	Eliminação

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro acima, observamos que o tradutor eliminou dois IECs: *biscoitos de polvilho* e *queijo de Minas*. No entanto, uma leitura mais atenta dos excertos revela que a eliminação não foi exclusiva apenas dos termos destacados.

No primeiro exemplo, pode-se notar que na tradução houve uma reescrita das sentenças ocasionando a eliminação de vários itens alimentícios, embora esses não se enquadrem como um IEC. Também pode ser observado que no texto-alvo houve uma reestruturação no parágrafo.

No exemplo seguinte, percebe-se que no texto-fonte, há a menção de uma série de alimentos: café com leite, geleia e pão quente e o IEC destacado, *queijo de Minas*. Porém, identifica-se que o tradutor assume uma posição semelhante ao exemplo anterior e opta por uma série de exclusões e os resume como “*el pan y el alimento de la mesa*” [o pão e o alimento da mesa].

A análise dos dois excertos apresentados sugere que a eliminação dos IECs não está diretamente relacionada aos mesmos, mas de uma tentativa de reescrever as sentenças do texto-fonte e condensando-as ao excluir algumas palavras do campo semântico dos alimentos.

Quadro 19: Estratégia de tradução linguística para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Cada vez dormia menos, exaltado pelo sentimento de haver engolido uma estranha mistura de azeite de dendê , de oliva, de babaçu, vinagre, ervas daninhas, e tudo o mais que não se etiquetava. (p. 114)	Cada vez dormía menos, exaltado por la sensación de haberse tragado una extraña mezcla de aceite de coco, oliva y dendé , de vinagre, hierbas venenosas, y muchas otras cosas no clasificables. (p. 106)	Tradução linguística (não cultural)

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro excerto do quadro acima, destacamos o item *azeite de dendê*. No texto-alvo o tradutor optou por traduzi-lo por *dendê*. No livro *Dendê: símbolo e sabor da Bahia*, Raul Lody (2009) explica que a palmeira dedém (*Elaeis guineensis* L.) é originária da costa da África, através dela as populações nativas a utilizam para consumo próprio, alimentação dos animais, para o vinho do dendê e, principalmente para o azeite de dendê. Na Bahia, a planta encontrou um ambiente favorável para que fosse cultivada no país. Por isso, esse ingrediente aparece com destaque na preparação de moquecas enriquecendo o acervo culinário baiano. Hoje, a palmeira dedém encontra-se em expansão no continente americano porque o óleo de palma vem sendo procurado pelas indústrias. Desse modo, ela já é cultivada na Colômbia e América Central. No Brasil, o dendê recebe as mais diversas nomenclaturas. É chamado de azeite de cheiro, epô, óleo de dendê, azeite de dendê e óleo de palma.

Na língua espanhola, encontra-se que o *DRAE* não reconhece a palavra *dendê* identificada no texto-alvo. Porém, no *Diccionario de gastronomía*, o *dendê* é definido como o óleo extraído da polpa do fruto da palmeira *Elaeis guineensis* nativa da África. O seu óleo é branco amarelado e de consistência viscosa. O dicionário também indica que o produto está presente na gastronomia brasileira especialmente na Bahia. Ele também é conhecido como *aceite de palma* [óleo de palma].

Visto que o termo *dendê* é conhecido no ramo gastronômico, classificamos que o tradutor fez uma tradução linguística (não-cultural) ao adotar esse procedimento. Também averiguamos que, à diferença do texto-fonte no qual a palavra *dendê* vem acompanhada de *azeite*, Obregón Sanín optou por utilizar o termo *aceite* uma única vez se referindo aos diferentes tipos presentes na sentença.

Quadro 20: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
— Até mesmo <u>cachaça</u> . Está na hora de você provar uma branquinha. — disse contente. (p. 341)	— Inclusive una <u>cachaza</u> . No nos caería mal una copita — decía contento. (p. 364)	Adaptação ortográfica + explicação extratextual em forma de nota de rodapé <i>Cachaça, en portugués. Aguardiente de caña.</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Pode-se visualizar na ocorrência acima que a palavra *cachaça* foi adaptada ortograficamente para *cachaza*. A primeira vez que o termo aparece no texto-alvo, o tradutor

acrescenta uma nota de tradução na qual menciona a grafia da palavra em língua portuguesa e a explicação de que é uma aguardente de cana.

Constatamos que a palavra *cachaza* aparece no dicionário de língua espanhola. Segundo o *DRAE*, uma das acepções para o vocábulo é justamente uma aguardente feita do melaço de cana. Desse modo, o termo já está dicionarizado e reconhecido naquele idioma com a grafia de *cachaza*.

Quadro 21: Estratégia de repetição para a tradução de comidas e bebidas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Os vizinhos haviam prometido colaborar com a farofa , o arroz de frango, a maionese, o bolo, sem falar nos seus alegres e ruidosos corações. (p.231)	Los vecinos habían prometido colaborar con la farofa , el arroz con pollo, la mayonesa, el bizcocho, para no hablar de sus ruidosos y alegres corazones. (p. 239)	Repetição

Fonte: Elaborado pela autora

Na categoria analisada de IECs que se classificam como comidas ou bebidas, o termo *farofa* foi o único repetido por Obregón Sanín. É interessante observar que a grafia da palavra não está em itálico ou qualquer outro destaque de que não é pertencente ao vocabulário da língua espanhola, de forma que essa aparece como um empréstimo no texto-alvo.

Sobre essa escolha tradutória, Obregón Sanín (2020) na entrevista concedida para essa pesquisa, explica que através do contexto o leitor apreende de que se trata de uma refeição realizada no Brasil. Por isso, ao trazer a palavra *farofa* em sua tradução, ele espera que o leitor possa vislumbrar algo da cultura brasileira no texto-alvo. O tradutor ainda acredita ser desnecessário acrescentar explicações para o vocábulo *farofa*, seja no corpo do texto ou em forma de nota de rodapé. Ele opina que o contexto do parágrafo e da narrativa fornecem indícios suficientes para que o leitor deduza de que se trata de um alimento consumido na culinária brasileira.

5.4.3.2 Gentílicos

Na categoria dos gentílicos, das quatro ocorrências encontradas, duas foram classificadas com a estratégia tradutória de adaptação ortográfica. Enquanto uma recebeu a tradução linguística (não-cultural) e a última teve seu termo repetido no texto-alvo.

Quadro 22: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos gentílicos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
A maioria, por longos anos, enfeitou as fazendas de café do Vale do Paraíba, as mansões <u>baianas</u> , pernambucanas, <u>mineiras</u> . (p. 300)	La mayoría había adornado durante años las haciendas de café del Valle del Paraíba las mansiones <u>bahianas</u> , pernambucanas, <u>mineras</u> . (p. 318)	Adaptação ortográfica

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação à tradução do gentílico *baianas*, encontramos que esse recebe a grafia de *bahianas* no texto-alvo. Desse modo, avaliamos que houve uma adaptação ortográfica segundo a classificação de Aixelá (2013). No entanto, o *DRAE* define *bahiano* como alguém natural ou pertencente às Ilhas da Bahía, departamento hondurenho. Embora não haja menção ao estado brasileiro, observa-se que os meios de comunicação de língua espanhola como os jornais espanhol *El País*, o colombiano *El Espectador* e o argentino *Clarín* o empregam com esse sentido. Dessa maneira, acreditamos haver um consenso com a grafia em língua espanhola de *bahiano* para o gentílico da Bahia.

No segundo excerto do quadro, examinamos que a escolha pela grafia *mineras* implica dizer que assume outra conotação na língua-alvo. Na língua espanhola, de acordo com o *DRAE* *minero* ou *minera* indica algo pertencente ou relativo à mineração e ainda a alguém que trabalha nas minas. Assim, percebemos que o termo escolhido com essa grafia muda o significado da palavra que deixa de ser um gentílico para indicar uma profissão. Portanto, avaliamos que essa grafia pode ter sido um lapso no momento de traduzi-la já que em outras ocorrências há a repetição da palavra tal qual sua grafia na língua portuguesa.

Quadro 23: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos gentílicos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
<u>Gaúcho</u> de Alegrete, Silveira fazia brilhante carreira política. (p. 154)	<u>Gaúcho</u> de Alegrete, Silveira iba afianzándose brillantemente en la política. (p. 150)	Tradução linguística (não cultural) + explicação extratextual em forma de nota de rodapé “Nombre que se da en Brasil a los oriundos de los estados del sur (Paraná, Santa Catarina y Río Grande do Sul).” ²⁶

²⁶ Nome que se dá no Brasil aos oriundos dos estados do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (tradução nossa)

--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao gentílico *gaúcho*, classificamos o procedimento empregado como uma tradução linguística porque há a palavra *gaucho* no vocabulário de língua espanhola. *Gaucho*²⁷ é a denominação dada para um homem nascido nas planícies da Argentina, Uruguai, Paraguai, Brasil (Rio Grande do Sul) e na região sul do Chile e da Bolívia. Assim como os exemplos anteriores que apresentaram algumas inconstâncias, podemos perceber um equívoco na nota de tradução na qual afirma que um gaúcho é alguém oriundo da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Esse equívoco poderia indicar que nessa trajetória de quase 30 anos desde que a tradução foi publicada pela primeira vez, não houve uma revisão ou atualização para que pontos como esse fossem solucionados.

Quadro 24: Estratégia de repetição para a tradução dos gentílicos

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC de acordo com Aixelá
A maioria, por longos anos, enfeitou as fazendas de café do Vale do Paraíba, as mansões baianas, pernambucanas , mineiras. (p. 300)	La mayoría había adornado durante años las haciendas de café del Valle del Paraíba las mansiones bahianas, pernambucanas , mineras. (p. 318)	Repetição

Fonte: Elaborado pela autora

No excerto acima, o tradutor optou por repetir o gentílico *pernambucanas*, mas não fez qualquer menção de explicá-lo de forma intratextual ou extratextual como foi no caso de gaúchos. Porém, pelo contexto do exemplo apontado, o leitor poderia inferir de que se trata de mais um gentílico brasileiro.

5.4.3.3 Formas de entretenimento

Na categoria de formas de entretenimento, das cinco ocorrências encontradas, predominou a estratégia tradutória de repetição, totalizando três casos. Nas duas últimas, o tradutor optou pela universalização absoluta e a tradução linguística (não-cultural) de acordo

²⁷ A figura do *gaucho* é muito cultuada na literatura argentina, denominada literatura *gauchesca*. Um dos mais conhecidos do gênero são os livros *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta de Martín Fierro* (1878), de José Hernández.

com a classificação de Aixelá (2013). A seguir, apresentamos os IECs encontrados e suas análises.

Quadro 25: Estratégia de repetição para a tradução das formas de entretenimento

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Lacerda a desferir fulminantes golpes contra Getúlio, outra vez ocupante do Palácio do Catete, por meio dos seus artigos na <u>Tribuna da Imprensa</u> , enquanto arregimentava a classe média e alguns setores militares. (p. 302)	Lacerda lanzaba fulminantes dardos contra Getulio, de nuevo instalado en el Palacio del Catete, a través de sus artículos en la <u>Tribuna da Imprensa</u> . (p. 320)	Repetição
Só a <u>Última Hora</u> , de Wainer, um jornal sobre o qual pesava a acusação de ser financiado pela Presidência, defendia Getúlio Vargas. (p. 303)	Sólo la <u>Última Hora</u> , de Wainer, un diario sobre el cual pesaba la acusación de ser financiado por la Presidencia, defendía a Getulio Vargas. (p. 321)	Repetição
Não longe dali, ensaiava-se um <u>samba de breque</u> . O sambista tinha voz modulada, mexia os ombros sem quase deslocar-se da cadeira. (p. 473)	No lejos de ellos, varios hombres tocaban una <u>samba de breque</u> . El cantor, de voz bien modulada, movía los hombros con suave cadencia. (p. 502)	Repetição + explicação extratextual em forma de nota de rodapé “Tipo de samba carioca, surgida en la década del 30, en el cual la melodía se ve interrumpida por súbitas pausas, o breques.” ²⁸

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dois excertos expostos no quadro, apontamos que o tradutor optou por repetir os nomes dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Última hora* mantendo suas grafias como na língua portuguesa e o destaque em itálico próprio para nomes de obras, periódicos etc.

No terceiro excerto, em relação ao termo *samba de breque*, além de repeti-lo, ele julga necessário acrescentar uma explicação extratextual em forma de nota de tradução. Nessa nota, ele indica que esse samba se diferencia por suas interrupções na melodia ou os chamados breques.

Quadro 26: Estratégia de universalização absoluta para a tradução das formas de entretenimento

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Não longe dali, ensaiava-se um samba de breque. O <u>sambista</u> tinha voz modulada, mexia os ombros sem quase deslocar-se da cadeira. (p. 473)	No lejos de ellos, varios hombres tocaban una samba de breque. El <u>cantor</u> , de voz bien modulada, movía los hombros con suave cadencia. (p. 502)	Universalização absoluta

Fonte: Elaborado pela autora

²⁸ Tipo de samba carioca surgido na década de 30 no qual a melodia se vê interrompida por súbitas pausas ou breques. (tradução nossa)

Apesar de o tradutor manter o termo *samba de breque*, indicamos que ele opta por escolher um termo mais neutro para *sambista* ao traduzi-lo por *cantor*. O *DRAE* define a palavra *cantor* como alguém que canta e tem a música como ofício e também adjetivo usado para as aves que são capazes de emitir sons. Na língua espanhola também existe *cantante*, um termo mais usual, que segundo o *Diccionario panhispánico de dudas* (2005) significa a pessoa que se dedica a cantar profissionalmente.

A opção por traduzir por *cantor* escolhida por Obregón Sanín não se refere especificamente a alguém de um gênero musical específico como é o caso do sambista. No entanto, notamos que no excerto selecionado nas línguas fonte e alvo há anteriormente a menção do samba de breque podendo deduzir que o cantor é do gênero samba. Portanto avaliamos que a escolha feita pelo tradutor não prejudica a apreciação da obra, fazendo-se compreender pelo leitor.

Quadro 27: Estratégia de tradução linguística para a tradução das formas de entretenimento

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Venâncio lia todos os jornais da cidade, em especial <i>O Paiz</i> . (p. 162)	Venancio leía todos los periódicos de la ciudad, en especial <i>El País</i> . (p.159)	Tradução linguística (não-cultural)

Fonte: Elaborado pela autora

Seguindo uma direção oposta aos casos anteriores nos quais o tradutor repete o termo em português, ele optou por traduzir o jornal *O Paiz* por *El País*, valendo-se de uma tradução linguística (não-cultural). Essa escolha mostra-se problemática porque na Colômbia e Espanha possuem jornais com o nome de *El País* que poderia levar o leitor colombiano ou espanhol a pensar de que se trata de um periódico local. Entretanto, uma observação atenta do contexto pode solucionar que, por exemplo, o jornal espanhol *El País* surgiu apenas em 1976, posterior ao período em que o personagem Venâncio se encontrava no momento narrado.

5.4.3.4 Expressões idiomáticas

Na categoria de expressões idiomáticas, foi possível observar que o tradutor empregou três estratégias diferentes para traduzi-las segundo a classificação de Aixelá (2013). Na maior parte dessas ocorrências, ele optou pela universalização absoluta, totalizando cinco casos. Em segundo lugar, está a tradução linguística (não-cultural) com duas ocorrências. E, por último,

houve uma eliminação de uma expressão idiomática conforme pode-se visualizar nos quadros que serão apresentados a seguir.

Quadro 28: Estratégia de universalização absoluta para a tradução das expressões idiomáticas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Quando quiser é só me pôr no <u>olho da rua</u> . (p. 156)	Cuando quieras hacerlo, <u>me despides</u> , y aquí no ha pasado nada. (p. 153)	Universalização absoluta
Você já viu um único cidadão brasileiro capaz de cantar o hino <u>de cabo a rabo</u> ? (p. 593)	¿Habrà un solo brasileño que logre cantar ese dichoso himno <u>del comienzo al fin</u> ? (p. 632)	Universalização absoluta
A despeito até da sua competência e do ilustre sobrenome, Luís Filho devia reconhecer, em balanço rigoroso, que a fortuna de Madruga, hoje, arrombava um maior número de portas do que o peso do seu sobrenome <u>quatrocentão</u> . (p. 214)	A pesar de su competencia y de sus pergaminos, Luis Filho debía reconocer, en un balance riguroso, que la fortuna de Madruga, hoy, abría mayor número de puertas que el peso de su apellido <u>linajudo</u> . (p. 220)	Universalização absoluta
O novo <u>pracinha</u> apresentava-se com o uniforme mais bem passado do regimento. (p. 228)	El nuevo <u>recluta</u> lucía el más impecable uniforme de todo el regimiento. (p. 235)	Universalização absoluta
Botafogo tem um herói/ salve Cláudio, o <u>pracinha</u> / o Velhinho sabe o que faz/ tudo por Deus e pela pátria. (p. 228)	Botafogo tiene un héroe / ave Claudio, el <u>soldado</u> / el Viejo sabe lo que hace / todo por Dios y por la patria. (p. 236)	Universalização absoluta

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro acima, percebe-se nos dois primeiros excertos citados – *olho da rua* e *de cabo a rabo* – que o tradutor opta por traduzir uma expressão idiomática por seu significado. Com esse posicionamento, ele escolhe não as traduzir por outras expressões idiomáticas com o significado semelhante na cultura de chegada.

A expressão *no olho da rua* é, segundo o dicionário *Michaelis*, o lugar para onde se manda alguém que foi demitido ou com quem não se quer mais conviver. Identificamos que o tradutor toma o sentido da expressão coloquial ao traduzi-la por *me despides* [me despede] e ainda acrescenta à sentença *y aquí no ha pasado nada* [e aqui não aconteceu nada]. Na língua espanhola, também há expressões que guardam esse mesmo sentido de pôr alguém no olho da rua. De acordo com o *DRAE*, a expressão *poner a alguien de patitas en la calle* [por alguém de patinhas/pezinhos na rua] significa despedir alguém ou expulsá-lo. A partir da escolha tradutória por *-me despides-* percebemos que Obregón Sanín evita optar por uma expressão coloquial ao utilizar algo que carrega esse mesmo sentido. Desse modo, avaliamos que essa estratégia foi possivelmente pensada na tradução de *A república dos sonhos* que inicialmente

circulou pelos países de língua espanhola da América Latina. Ao traduzi-la por uma expressão culturalmente marcada da Colômbia, por exemplo, provavelmente causaria a incompreensão dos leitores dos outros polos receptores já que a tradução foi pensada em um leitor médio hispano-americano.

Já em *de cabo a rabo* é interessante pontuar que há a mesma expressão em língua espanhola. Segundo o *DRAE*, *de cabo a rabo* é utilizada no registro coloquial significando do princípio ao fim. Há outra expressão semelhante que é *cabo a cabo*, ou seja, o tradutor tinha um acervo na língua espanhola no qual ele poderia lançar mão para utilizá-lo em sua tradução. A partir da escolha por traduzi-la por *del inicio al final*, deduzimos que o tradutor escolheu manter o sentido da frase, mas evitou uma expressão do registro coloquial da língua espanhola ao optar por algo mais neutro.

Em relação à expressão *sobrenome quatrocentão* observamos que no texto-alvo foi traduzida por *apellido linajudo*. O termo quatrocentão está diretamente relacionado à história de São Paulo. Os denominados pertencentes à elite quatrocentona derivavam diretamente dos primeiros colonos do estado. Esses membros haviam assumido posições importantes no passado como na política.

Nesse sentido, quando analisamos a escolha de Obregón Sanín para traduzir a palavra *quatrocentão*, observa-se que ele se apropria de uma característica importante do significado para o texto-alvo: àqueles pertencentes à uma linhagem. A palavra *linajudo*, segundo o *DRAE*, é atribuída a alguém pertencente de uma grande linhagem. Portanto, *linajudo* vai de encontro à uma família pertencente à elite, como sugere o termo *quatrocentão*, sem fazer menção direta ao contexto histórico brasileiro.

Nos dois últimos exemplos do quadro, aponta-se a tradução da palavra *pracinha* para *recluta* e *soldado*. O termo *pracinha* designa um soldado da Força Expedicionária Brasileira enviado à Segunda Guerra Mundial para lutar contra as Forças do Eixo. Esses soldados recebiam essa alcunha carinhosa pela imprensa e a população da época. O primeiro ponto a ser observado no texto-alvo é que o tradutor variou quanto à escolha tradutória – *recluta* e *soldado*. Sobre essa variação entre *recluta* e *soldado*, uma das possibilidades de interpretação é que o tradutor tentou evitar a repetição de um desses termos já que esses apresentam várias ocorrências no romance de Piñon (Ver Anexo D). Por sua vez, a significação desses termos mostra-se bem mais ampla e que não resgatam ou fazem menção a esse episódio da história do Brasil.

Quadro 29: Estratégia de tradução linguística para a tradução das expressões idiomáticas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Jamais <u>deu nome aos bois</u> , como ele próprio dizia. (p. 157)	Jamás <u>daba nombres a los bueyes</u> , como él mismo solía decir. (p. 154)	Tradução linguística (não-cultural)
— A mentira e a verdade <u>são farinhas do mesmo saco</u> , Tobias. (p. 552)	—Verdad y mentira <u>son harina del mismo saco</u> , Tobías. (p. 565)	Tradução linguística (não-cultural)

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dois exemplos acima percebe-se que houve uma tradução linguística das expressões idiomáticas em questão. No primeiro caso a expressão *dar nome aos bois* é traduzida literalmente. Desse modo, *dar nombre a los bueyes* não terá sentido na língua espanhola e será entendida literalmente pelo que a frase sugere, ou seja, alguém que atribuíria nomes aos bois. Assim, a aceção da expressão idiomática que significa denunciar todos os envolvidos não será compreendida pelo leitor-alvo. Portanto, parece haver tido um equívoco na escolha tradutória para a expressão em questão.

No segundo excerto encontra-se a expressão *são farinhas do mesmo saco* que foi traduzida literalmente por *son harina del mismo saco*. O primeiro ponto observado é que no âmbito hispano existe a expressão que é “*son harina del mismo costal*”²⁹ que possui o mesmo significado que em português. Há ainda *los mismos perros con distinto collar* [os mesmos cachorros com diferentes coleiras] que uma vez mais tem o mesmo sentido da expressão mencionada no texto-fonte. Diante das opções existentes no polo receptor, não é possível inferir o que motivou o tradutor a optar por traduzir literalmente a expressão em português e não utilizar uma das versões já conhecidas pelos leitores de língua espanhola. Uma leitura possível pode ser a tentativa de evitar o uso de uma expressão idiomática que poderia variar o seu entendimento segundo o polo receptor desses leitores e, assim, ocasionar o estranhamento.

Quadro 30: Estratégia de eliminação para a tradução das expressões idiomáticas

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Para todos os efeitos, devia evitar aquela mulher, que confundia grosseiramente a América com as vísceras dos porcos. Ou <u>alhos com bugalhos</u> . Privada pois do instinto de grandeza e de sonho. (p. 49)	A cualquier precio debía evitar a esa mujer, que confundía de modo grosero América con las vísceras de los puercos. Privada del instinto de la grandeza y del sueño. (p. 30)	Eliminação

Fonte: Elaborado pela autora

²⁹ Segundo o *DRAE*, um *costal* é um saco grande usado para transportar grãos, sementes ou outras coisas.

No quadro anterior, identificamos que o tradutor optou por eliminar a expressão *alhos com bugalhos*. Quando se buscam expressões com essa mesma conotação na língua espanhola, encontra-se, por exemplo, *no hay que mezclar churras con merinas*³⁰ [não há que misturar *churras* com *merinas*] que significa que não se deve misturar duas coisas distintas. Porém, é uma expressão utilizada na Espanha e que se deve ressaltar que a tradução foi pensada primeiramente para um leitor de espanhol da América Latina. Com esse mesmo sentido, há ainda a expressão *no confundir la gimnasia con la magnésia* [não confundir a ginástica com a magnésia] que faz um jogo de palavras através de suas sonoridades. Essas seriam algumas das opções que o tradutor poderia ter optado caso quisesse traduzir a expressão para o contexto da língua espanhola. Entretanto, avaliamos que a escolha tradutória por excluir a expressão *alhos com bugalhos*, não prejudicou a apreciação do trecho selecionado.

5.4.3.5 Fauna

No subgrupo intitulado de fauna, identificamos apenas a ocorrência do termo *cutia* no qual recebeu a estratégia de universalização absoluta nos dois excertos em que se encontra.

Quadro 31: Estratégia de universalização absoluta para a tradução da fauna

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Até hoje não visitou o Passeio Público, para ver ao menos as <u>cutias</u> , que são mais livres que nós. (p. 115)	Ni siquiera has ido al Paseo Público, al menos para mirar las <u>ardillas</u> , que son más libres que nosotros. (p. 106)	Universalização absoluta
As <u>cutias</u> da praça cruzavam velozes à sua frente. (p. 339)	Las <u>ardillas</u> de la plaza pasaban veloces frente a él. (p. 361)	Universalização absoluta

Fonte: Elaborado pela autora

No quadro 31, encontramos no texto-fonte o termo *cutia*. Na tradução, percebe-se que esse roedor foi traduzido por *ardilla* [esquilo]. O nome *cutia* origina-se do tupi *aku'ti* e são pequenos mamíferos roedores encontrados na América Central e do Sul. No Brasil, esses roedores vivem em áreas do Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica. De acordo com a região, são usados em espanhol diversos termos para fazer referência a esses roedores, dentre os quais estão *dasyprocta* (seu nome científico), *agutí*, *ñequé* e *picure*.

³⁰ *Churras* e *merinas* são raças de ovelhas originárias da Espanha.

Em relação à tradução do termo *cutia*, encontram-se nas duas ocorrências no texto-alvo a escolha por *ardillas*. Esses dois animais se assemelham por serem roedores de pequeno ou médio porte. Apesar de serem mais conhecidos como animais da América do Norte ou Europa, no Brasil os esquilos são conhecidos pela nomeação de serelepe ou caxinguelê. Essa espécie também pode ser encontrada em outros países do continente como Argentina, Guiana, Guiana Francesa, Venezuela e Suriname.

Quando analisamos essa escolha tradutória feita por Obregón Sanín, podemos perceber que ele optou por um animal diferente da cutia, porém são da mesma classe dos roedores e de mesmo porte. Possivelmente essa escolha tradutória foi motivada pelo esquilo ser um animal mais conhecido e que não causaria estranhamento nos leitores dos países de língua espanhola por onde a tradução circulou. Desse modo, consideramos que ele escolheu um termo mais neutro em relação à *cutia*, sendo classificado como uma universalização absoluta segundo Aixelá (2013).

5.4.3.6 Instituições locais

Na categoria de instituições locais, notamos que o tradutor utilizou a mesma estratégia tradutória para as ocorrências do texto-fonte: tradução linguística. Valendo-se de uma transparência linguística entre as duas línguas para traduzi-las.

Quadro 32: Estratégia de tradução linguística para a tradução das instituições locais

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Ao sinal de qualquer debilidade no organismo, seguia para a <u>Beneficência Espanhola</u> . (p. 152)	Al menor signo de malestar, acudía al <u>Instituto de Beneficencia Española</u> . (p. 148)	Explicação intratextual + tradução linguística (não cultural)
Filha de um ministro do <u>Supremo Tribunal Federal</u> , íntimo amigo de Juscelino. (p. 216)	Hija de un ministro del <u>Supremo Tribunal Federal</u> , íntimo amigo de Juscelino. (p. 222)	Tradução linguística (não-cultural)
Não percebia então, na sua cegueira teimosa, que tão logo o filho pusesse os pés no Brasil, iriam ofertar-lhe um emprego na <u>Caixa Econômica Federal</u> , que era, aliás, o sonho de muito doutor? (p. 231)	¿No percibía ella, en su ceguera obstinada, que tan pronto el hijo pusiese los pies en el Brasil, irían a ofrecerle un empleo en la <u>Caixa Económica Federal</u> , que era, por cierto, el sueño de muchos señoritos? (p. 239)	Tradução linguística (não-cultural)
Sobretudo porque o <u>Tribunal de Contas</u> agia de acordo com uma farsa montada a pretexto de acelerar a implantação da	En especial porque el <u>Tribunal de Cuentas</u> procedía de acuerdo con una farsa montada con el pretexto de acelerar la	Tradução linguística (não-cultural)

Capital e o desenvolvimento do país. (p. 216)	construcción de la capital y el desarrollo del país. (p. 222)	
Vencendo rapidamente a distância que o separava do Banco Lar Brasileiro . (p. 601)	Ya en la calle, aceleró la marcha, y se encaminó sin vacilaciones hacia el edificio del Banco Lar Brasileño . (p. 641)	Tradução linguística (não-cultural)

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao primeiro exemplo no quadro, *Instituto de Beneficencia Española*, percebe-se que o tradutor optou por fazer uma explicação intratextual ao acrescentar a palavra *Instituto*. Desse modo, opinamos que ele julgou necessário dar uma explicação aos seus leitores por acreditar que pelo contexto não seria possível identificar do que se tratava.

No exemplo abaixo, em relação ao Supremo Tribunal Federal, avaliamos que essa escolha tradutória também poderia ser classificada como uma repetição. No entanto, é válido mencionar que as línguas portuguesa e espanhola compartilham a mesma grafia para os termos destacados. Portanto, valendo-se do procedimento tradutório escolhido para as outras instituições no qual mostrou-se como tendência dominante, decidimos acrescentá-la como uma tradução linguística.

5.4.3.7 Fenômenos naturais e vegetação

Na categoria na qual denominamos de fenômenos naturais e vegetação encontramos no texto de Piñon os seguintes termos: *sertão*, *seca*, *caatinga* e *pororoca*. Para traduzi-los, o tradutor recorreu a três diferentes estratégias como apresentadas a seguir.

Quadro 33: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Às vezes, surgiam-lhe inquietações obscuras, quando jurava se internar sertão adentro. (p. 67)	A veces le surgían oscuras inquietudes que lo llevaban a desear internarse en lo profundo del Sertón . (p. 50)	Adaptação ortográfica + explicação extratextual em forma de nota de rodapé “Lugar inculto, distante de poblaciones o terrenos cultivados” (Diccionario Aurelio Buarque de Holanda). En Brasil, se da este nombre por antonomasia a una vasta y árida zona del interior del Nordeste, que se extiende a lo largo de varios estados.”
Destas áreas, porém, cobertas de sangue, partiam sinais que o sertão , a caatinga, o pampa, todas as províncias	De esas zonas sin embargo, cubiertas de sangre, partían señales que el Sertón , la Caatinga, la pampa, las regiones	Adaptação ortográfica

brasileiras, interpretavam com justeza. (p. 196)	todas de Brasil, interpretaban con justeza. (p. 200)	
---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora

É interessante observar a escolha tradutória para o termo *sertão*. O tradutor opta por traduzi-lo por *Sertón*, palavra não dicionarizada pelo *DRAE*, por exemplo. Classificamos essa estratégia como adaptação ortográfica pois o termo recebe uma espécie de “espanholização”, ou seja, o ditongo nasal -ão não existente na fonética de língua espanhola transforma-se em -ón. Verifica-se que ocorre o que John Cunison Catford (1980) chama de tradução fonológica, isto é, a fonologia da língua-fonte é modificada a fim de encontrar um fonema similar na língua-alvo. Para situar os leitores, o tradutor optou por acrescentar uma nota de rodapé com o significado do Dicionário Aurélio Buarque de Holanda para o termo, além de uma explicação com suas próprias palavras.

Ao buscar indícios que pudessem responder sobre essa grafia e escolha tradutória, recorda-se a um grande clássico da literatura brasileira, *Grande Sertão: Veredas*, romance publicado por João Guimarães Rosa, em 1956. *Grande Sertão: Veredas* ganhou sua primeira tradução para o espanhol peninsular em 1967 sob o título de *Gran Sertón: Veredas* e foi publicado pela editora *Seix Barral*. Nessa edição, encontra-se uma introdução assinada pelo tradutor Ángel Crespo, na qual explica algumas diretrizes que nortearam suas escolhas tradutórias para o romance. Em relação à palavra *sertón* presente no título, ele explica que “(...) *sertón* no tiene equivalente en castellano, pero ya ha sido adoptado por el que se habla en Hispanoamérica.” (...) ³¹(CRESPO, 1975, p. 17)

Essa citação de Ángel Crespo nos motivou a buscar traduções anteriores à *Grande Sertão: Veredas* que já tivessem empregado o termo *sertón*. Desse modo, encontra-se a tradução argentina do livro *Os sertões* publicada em 1938 com o título de *Los sertones*. Saindo do contexto das obras brasileiras traduzidas para o espanhol, o termo *sertón* também é utilizado pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa no livro *La guerra del fin del mundo* (1981) que trata da Guerra de Canudos.

Igualmente pode-se observar que a escolha em traduzir *sertão* por *sertón* ainda vem sendo utilizada em traduções mais recentes. Conforme a retradução de *Gran Sertón: Veredas* (2009) assinada por Florencia Garramuño e Gonzalo Aguilar e publicada na Argentina pela editora Adriana Hidalgo.

³¹ “sertão não tem equivalente em castelhano, mas já foi adotado pelo que se fala na América Hispânica”. (CRESPO, 1975, p. 17, tradução nossa)

Quadro 34: Estratégia de repetição para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Acaso o interior do Brasil encontra-se de fato nas campinas descascadas pela <u>seca</u> ? (p. 67)	¿Acaso el interior del Brasil se halla realmente en los campos agrietados por la <u>seca</u> ? (p. 50)	Repetição + explicação extratextual em forma de nota de rodapé “ <i>Fenómeno de prolongadas sequías, que afecta cíclicamente al nordeste brasileño.</i> ”
Destas áreas, porém, cobertas de sangue, partiam sinais que o sertão, a <u>caatinga</u> , o pampa, todas as províncias brasileiras, interpretavam com justeza. (p. 196)	De esas zonas sin embargo, cubiertas de sangre, partían señales que el Sertón, la <u>Caatinga</u> , la pampa, las regiones todas de Brasil, interpretaban con justeza. (p. 200)	Repetição + explicação extratextual em forma de nota de tradução “ <i>Vegetación de arbustos espinosos que se da en lugares semiáridos de Brasil. Por extensión, esos mismos lugares.</i> ” ³²

Fonte: Elaborado pela autora

Na categoria de fenómenos naturais e vegetação, identificamos no texto de Piñon os termos *caatinga* e *seca*. Para a tradução deles, o tradutor optou pela estratégia de repeti-los acrescentando uma explicação extratextual em forma de nota de tradução. A primeira observação que se faz é que *Caatinga* não aparece em itálico no texto-alvo que seria uma das maneiras de indicar que aquela palavra não pertence àquele vocabulário. A segunda observação feita é que apesar da palavra *seca* também pertencer ao vocabulário de língua espanhola, o termo não é amplamente utilizado para significar um fenômeno climático em oposição a *sequia* que é majoritariamente empregado para esse sentido. Segundo o *DRAE*, algumas acepções para *seca* são: algo que carece de água ou outro líquido, falta de água em um manancial ou rio, adjetivo dado para as frutas que possuem casca e não são suculentas entre outros. Esse dicionário também sinaliza que a palavra *seca* é utilizada no México, Cuba, Guiné Equatorial e República Dominicana para designar a época do ano em que há pouca chuva ou a ausência dela que pode perdurar por meses.

Conforme o tradutor indica em sua nota de tradução, há na variedade de língua espanhola o termo *sequía*. Esse substantivo indica um fenômeno climatológico de um tempo seco de grande duração que pode ocorrer dentre outros países, na Colômbia e na Espanha. Desse modo, podemos perceber que apesar de haver um termo – *sequía* – existente na língua-alvo e amplamente utilizado, o tradutor optou por repetir a palavra *seca*.

³² Vegetação de arbustos espinhosos encontrados em lugares semiáridos do Brasil. Por extensão, esses mesmos lugares. (tradução nossa)

Quadro 35: Estratégia de universalização absoluta para a tradução dos fenômenos naturais e vegetação

A república dos sonhos	<i>La república de los sueños</i>	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Ou se preocupa apenas em fazer com o que o seu sêmen se rivalize com a pororoca do rio Amazonas? (p. 276)	¿O sólo te interesa equiparar tu semen a una oleada del río Amazonas? (p. 291)	Universalização absoluta

Fonte: Elaborado pela autora

Ainda na categoria dos fenômenos naturais, encontra-se no texto-fonte a palavra *pororoca*. A *pororoca* é um fenômeno natural que acontece quando há o encontro das águas fluviais e oceânicas, especialmente no rio Amazonas causando um grande estrondo de onde deriva da palavra do tupi *poro'roka*. Esse encontro das águas provoca o surgimento de grandes ondas que podem atingir até 10 metros de altura. Esse fenômeno natural não acontece apenas no Brasil. Em francês esse fenômeno da natureza é denominado de *mascaret* e em espanhol de *macareo*.

Ao verificar a tradução escolhida para *pororoca*, verificamos que o tradutor optou por *oleada*, mesmo com a existência do termo *macareo* que designa um fenômeno natural semelhante ao que acontece no Brasil. A palavra *oleada* deriva de *ola* [onda] e o *DRAE* define como o embate ou golpe de uma onda, movimento impetuoso de muitas pessoas e ainda a aparição repentina de algo em grande quantidade. Atualmente a palavra *oleada* vem sendo empregada pelos meios de comunicação da Espanha, por exemplo, para indicar a nova onda de contágio causada pela COVID-19.³³

Diante do exposto, pode-se observar que o termo *oleada* carrega em si significações variando conforme o contexto em que é utilizada, o que não ocorre com a palavra *pororoca*. A escolha por traduzir *pororoca* por *oleada* implica dizer que o termo escolhido não carrega em si o significado de um fenômeno natural, mas um movimento habitual das águas, quando empregado no contexto do texto-alvo.

5.4.3.8 Locais

No subtópico intitulado locais, ou seja, aqueles que não se enquadram como topônimos por não apresentarem um nome próprio, constatamos que o tradutor adotou uma estratégia

³³ A Fundación del español urgente (FUNDEÚ) explica que os termos *ola* e *oleada* estão sendo usados indistintamente quando se trata de noticiar os novos casos da COVID-19. No entanto, apesar do uso da palavra *oleada* ser adequada, é recomendável optar por *ola* nesses casos.

<https://www.fundeu.es/recomendacion/brote-y-rebote-ola-y-oleada-matices/>

semelhante. A posição adotada frente aos IECs apresentados na categoria mostra que o tradutor escolheu repetir os termos em português acompanhados de uma explicação extratextual em forma de nota de tradução.

Quadro 36: Estratégia de repetição para a tradução dos locais

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
Uma luxúria que, antevista pelo branco caçador, poderia motivá-lo a arrancar a sobrinha das encostas da favela para saboreá-la por uma temporada. (p. 145)	Una lujuria que, presentida por el cazador blanco, podría incitarlo a arrancar a la sobrina de las laderas de la favela para saborearla por una temporada. (p. 140)	Repetição + explicação extratextual em forma de nota de tradução “ <i>Vivienda o conjunto de viviendas paupérrimas. Tugurio(s).</i> ” ³⁴
A casa de Odete, em Inhaúma, não ficava distante do morro onde sempre vivera. (p. 146)	La casa de Odete, en Inhaúma, no quedaba muy distante del morro donde siempre viviera. (p. 141)	Repetição + explicação extratextual em forma de nota de tradução “ <i>En Río de Janeiro se nombra así, por antonomasia, a las faldas y colinas en donde habita la población más pobre y marginada.</i> ” ³⁵

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro excerto, aponta-se o termo *favela* e sua repetição no texto-alvo. Além de repeti-lo, o tradutor acrescentou uma nota de rodapé na qual o leitor pode se informar que uma favela é um conjunto de vivendas paupérrimas. No entanto, no final da nota de tradução é possível observar a menção a *tugurios*, um dos termos existentes na variedade do espanhol colombiano para designar esse conjunto de habitações da camada da população pobre.

De acordo com o *DRAE*, há o indicativo de que *favela* é uma palavra proveniente do português brasileiro definindo-a como um barraco ou *chabolas*³⁶, um bairro marginal de *chabolas*. O conceito de *tugurios* segundo o *DRAE* são moradias ou estabelecimentos pequenos e de mal aspecto. Nesse sentido, *barriada* também é um modo de fazer referência a esses bairros marginais.

Ricardo Soca (2010), no livro intitulado *La fascinante historia de las palabras*, explica que ao longo do século XX, esses bairros marginais tiveram várias denominações na América Latina: as *callampas* de Quito e Santiago, as *villas miseria* de Buenos Aires, os *cantegriles* de Montevideu, os *tugurios* de Bogotá e os *barrios* de Caracas. O autor aponta que o termo *favela*

³⁴ Casa ou conjunto de casas paupérrimas. *Tugurio (s)*. (tradução nossa)

³⁵ No Rio de Janeiro, se nomeia assim, por antonomásia, as encostas e colinas onde habitam a população mais pobre e marginalizada. (tradução nossa)

³⁶ De acordo com o *DRAE*, *chabolas* são moradias de escassas proporções e pobremente construídas em regiões suburbanas.

foi incorporado ao *DRAE* e usado nos meios de comunicação da Espanha, apesar de haver a palavra *chabola*.

Podemos observar que na língua espanhola há várias alternativas que se adequariam para referir-se a uma *favela*. Conforme aponta Soca (2010), o uso da palavra *tugurio* relaciona-se diretamente ao contexto colombiano. Portanto, opinamos que a opção do tradutor por manter o termo *favela* em sua tradução está ligado a um dos estereótipos direcionados ao Brasil. Desse modo, o leitor ao se deparar com a palavra *favela* facilmente saberá de que contexto se trata. E, pelo termo *favela* estar presente no dicionário de língua espanhola, ele encontra-se respaldado para usá-la em sua tradução.

Diretamente relacionado ao IEC anterior, destacamos no quadro o termo *morro* e sua repetição no texto-alvo. O dicionário *Michaelis* define *morro* primeiramente pela sua conotação geográfica, uma elevação de terreno circundada por declives e uma rocha que se sobressai de uma planície. O segundo significado é o que mais se adequa ao contexto do romance de Piñon é que um morro é um conjunto de casas construídas sem qualquer planejamento e dos mais diversos materiais para abrigarem pessoas de baixa renda, favelas.

Na língua espanhola também existe a palavra *morro*. De acordo com o *DRAE*, dentre seus significados, um *morro* é um monte pequeno ou penhasco arredondado. Visualiza-se que na nota de tradução há a explicação de que o morro é o modo de tratar por antonomásia as colinas onde a população marginal habita no Rio de Janeiro.

Identificamos que na obra, mais do que referir-se ao morro como um acidente geográfico, é um modo de tratar sobre as favelas do Rio de Janeiro onde mora a personagem Odete. Assim como a favela guarda essa imagem estereotipada do Brasil, o morro aparece diretamente relacionada a ela. Apesar de a palavra *morro* ser compartilhada com o vocabulário de língua espanhola, o tradutor julgou necessário explicá-la segundo o contexto brasileiro.

5.4.3.9 Personagens fictícios

Na categoria dos personagens fictícios, observamos que o tradutor adota duas estratégias tradutórias diferentes. A tradução linguística assume o primeiro posto com três ocorrências. Ao passo que a adaptação ortográfica aparece uma única vez.

Quadro 37: Estratégia de tradução linguística para a tradução dos personagens fictícios

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
------------------------	----------------------------	---

— Basta ler atentamente as travessuras de <u>Narizinho</u> , de <u>Emília</u> e de Pedrinho, para compreender melhor o Brasil. (p. 561)	— Basta leer atentamente las travesuras de <u>Naricita</u> , de <u>Emilia</u> y de Pedriño, para comprender el Brasil. (p. 596)	Tradução linguística (não-cultural)
Até finalmente encontrar, entre as folhas do seu <u>Dom Casmurro</u> , o bilhete que lhe completou a coleção. (p. 652)	Encontró al fin, en las páginas de su <u>Don Casmurro</u> , el papel que completaba la colección. (p. 693)	Tradução linguística (não-cultural) + repetição

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos quadros acima, podemos analisar que Obregón Sanín recorreu a uma tradução linguística como procedimento tradutório para os nomes desses personagens da ficção brasileira: *Narizinho*, *Emília* e *Dom Casmurro*.

No primeiro exemplo, em relação aos personagens de *Sítio do Picapau Amarelo*, primeiramente é importante mencionar que há traduções para o espanhol publicadas na América Latina que datam a partir da década de 1940³⁷. Nessas traduções, o nome da personagem *Narizinho* é traduzido para *Naricita*, o que é uma tradução linguística. O mesmo ocorre com o nome da boneca *Emília* que recebe a grafia daquele idioma.

No segundo excerto, o nome de *Dom Casmurro* recebe uma tradução linguística, já que o pronome de tratamento *dom* também existe na língua espanhola, *don*, e há a repetição do termo *Casmurro*.

Quadro 38: Estratégia de adaptação ortográfica para a tradução dos personagens fictícios

A república dos sonhos	La república de los sueños	Classificação da estratégia de tradução do IEC (Aixelá)
—Basta ler atentamente as travessuras de Narizinho, de Emília e de <u>Pedrinho</u> , para compreender melhor o Brasil. (p. 561)	—Basta leer atentamente las travesuras de Naricita, de Emilia y de <u>Pedriño</u> , para comprender el Brasil. (p. 596)	Adaptação ortográfica

Fonte: Elaborado pela autora

No entanto, o nome do personagem *Pedrinho*, nas traduções para o espanhol de *Sítio do Picapau Amarelo* anteriormente mencionadas, é chamado de *Perucho*, um apelido carinhoso para o nome Pedro. Enquanto no texto-alvo analisado, o tradutor opta por traduzi-lo por *Pedriño*. Ao tomar essa decisão, possivelmente motivada pela sonoridade da palavra *Pedriño*,

³⁷ Na Argentina, no ano de 1945, as primeiras traduções de *Sítio do Picapau Amarelo* receberam o título de *La finca del Benteveo Amarillo*, pela Editorial Américalee.

ele acrescenta o sufixo *-iño* ao nome Pedro que guardaria semelhanças sonoras com Pedrinho em português. No entanto, o sufixo *-iño* em espanhol não está vinculado ao diminutivo, como acontece na língua portuguesa. Portanto, podemos inferir que essa tomada de decisão em acrescentar esse sufixo esteja relacionada à sonoridade já que havia traduções anteriores para o espanhol que o nomeavam de Perucho.

Ao considerar que essa tradução também foi publicada na Espanha, é importante observar que o diminutivo da língua galega se manifesta através dos sufixos *-iño/-iña*. Pensando nesse contexto, um leitor poderia ser induzido a pensar que Pedriño se trata de um personagem fictício galego já que o enredo do romance traz a cultura galega como um dos seus temas.

5.4.4 Análise microtextual: conclusão

Após a leitura cotejada da tradução dos IECs no texto-alvo, seguimos à análise quantitativa das estratégias utilizadas para traduzi-los a fim de responder qual dessas foi a mais adotada pelo tradutor. Igualmente, também objetivamos identificar se essas estratégias tradutórias se enquadram nos conceitos de estrangeirização e domesticação, de Venuti (2004) ou na de tendência híbrida de acordo com a classificação de Bentes (2005). Para essa análise quantitativa, consideramos o número de ocorrências de estratégias tradutórias dos diferentes IECs. Desse modo, cada um desses itens foi contabilizado apenas uma vez, exceto aqueles que apresentaram variações de singular, plural, feminino e masculino como, por exemplo, mineiro/mineira/mineiros; gaúcho/gaúcha que foram consideradas cada uma dessas ocorrências separadamente.

A partir do levantamento das estratégias tradutórias dos IECs apresentados na análise microtextual e do seu número de ocorrências, elaboramos quadros para sua melhor visualização. A partir desses dados quantitativos, utilizamos o programa *Excel* para gerar a porcentagem de cada uma dessas estratégias tradutórias identificadas no *corpus*.

Os quatro quadros elaborados foram: o primeiro para as estratégias tradutórias dos antropônimos, seguido dos topônimos e, por último, o dos outros IECs. Finalmente, no quarto quadro, esses dados foram compilados a partir das três categorias de estratégias tradutórias: o de tendência estrangeirizadora, domesticadora e híbrida a fim de visualizar qual delas predominou em *La república de los sueños*.

Quadro 39: Estratégias utilizadas para a tradução dos antropônimos

Estratégia	Número de ocorrências	Porcentagem do número de ocorrências de estratégias tradutórias
Repetição	15	58%
Tradução linguística	5	19%
Explicação extratextual	2	15%
Adaptação ortográfica	1	8%
Total de ocorrências identificadas	23	100%

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos dados quantitativos, identificamos que o tradutor recorreu a quatro estratégias para traduzir os antropônimos, sendo a repetição a mais utilizada, com 15 ocorrências. A tradução linguística, por sua vez, aparece em seguida com 5 ocorrências. Em terceiro lugar aparece a explicação extratextual com dois casos encontrados e, por último a adaptação ortográfica aparecendo uma vez.

Em termos venutianos, pode-se considerar que a repetição, a mais utilizada nesse subgrupo de IECs correspondendo a 58%, é classificada como uma estratégia estrangeirizadora. Assim, o tradutor optou por manter esses nomes próprios, alguns deles por serem de figuras políticas e históricas do Brasil, mas sem uma tradução pré-estabelecida. No outro grupo, estão aqueles antropônimos cujas grafias não se diferenciam quando escritos na língua portuguesa e espanhola.

Já a estratégia de tradução linguística agrupou aqueles antropônimos que também existem na cultura de língua espanhola, mas que possuem uma grafia diferente em relação à língua portuguesa, como foram os casos de *Esperanza* e *Venancio*. Essa estratégia tradutória se insere no grupo de tendência domesticadora ou de conservação, conforme o termo utilizado por Aixelá (2013).

A explicação extratextual apareceu como uma estratégia auxiliar, no caso dos antropônimos, à repetição; essa estratégia se insere como tendência estrangeirizadora. E, por último, seguindo a mesma tendência está a adaptação ortográfica. Nessa estratégia, o tradutor optou por manter a sonoridade do nome de Bentinho ao traduzi-lo por *Bentiño*.

Portanto, a análise quantitativa das estratégias de tradução dos antropônimos revelou que Elkin Obregón Sanín recorreu a um maior número de estratégias classificadas como de tendência estrangeirizadora.

Quadro 40: Estratégias utilizadas para a tradução dos topônimos

Estratégia	Número de ocorrências	Porcentagem do número de ocorrências de estratégias tradutórias
Repetição	16	31%
Tradução parcial de nome próprio	13	25%
Tradução integral de nome próprio	11	22%
Eliminação	4	8%
Adaptação ortográfica	3	6%
Explicação intratextual	2	4%
Explicação extratextual	2	4%
Total de ocorrências identificadas	51	100%

Fonte: Elaborado pela autora

No subgrupo dos topônimos, identificamos 51 ocorrências distribuídas em 7 estratégias tradutórias diferentes. A que aparece em primeiro lugar é a de repetição, com 16 ocorrências e sendo identificada como uma estratégia de tendência estrangeirizadora. Em seguida encontra-se a tradução parcial de nome próprio, com 13 ocorrências, aparecendo como a única estratégia de tendência híbrida segundo Bentes (2005). Em terceiro lugar está a tradução integral de nome próprio que se insere como uma das estratégias ditas domesticadoras com 11 aparições no texto-alvo.

Ainda no grupo das estratégias tradutórias agrupadas sob a tendência domesticadora está a eliminação, com 4 ocorrências no texto traduzido. Em quinto lugar está a adaptação ortográfica, aparecendo com 3 ocorrências. E, por último, estão as explicações intratextual e extratextual, com 2 ocorrências cada. Essas três últimas estratégias se inserem entre as de tendência estrangeirizadora.

Esses dados quantitativos revelaram que dessas 7 estratégias tradutórias encontradas no texto alvo, 4 são de tendência estrangeirizadora (repetição, adaptação ortográfica, explicação intratextual e explicação extratextual). Essas estratégias contabilizaram 23 ocorrências, correspondendo a 45% desse total de 51.

As estratégias tradutórias domesticadoras (tradução integral de nome próprio e eliminação) aparecem em menor número, somando 15 ocorrências, o que corresponde a 29% dos casos. No último grupo está a tradução parcial de nome próprio, classificada como uma

estratégia de tendência híbrida de acordo com Bentes (2005). Essa estratégia apareceu em 13 ocorrências, correspondendo a 25% desse total

Quadro 41: Estratégias utilizadas para a tradução dos outros IECs

Estratégia	Número de ocorrências	Porcentagem do número de ocorrências de estratégias tradutórias
Universalização absoluta	20	29%
Tradução linguística	16	23%
Repetição	14	20%
Adaptação ortográfica	7	10%
Explicação extratextual	7	10%
Eliminação	3	3,9%
Naturalização	3	3,9%
Explicação intratextual	1	0,1%
Sinonímia	1	0,1%
Total de ocorrências identificadas	72	100%

Fonte: Elaborado pela autora

No subgrupo denominado de outros IECs, os dados quantitativos indicaram que foram escolhidas o maior número de diferentes estratégias para traduzi-los, somando nove delas, e que esses itens também foram os mais encontrados no texto-fonte. A estratégia mais utilizada foi a de universalização absoluta, com 20 ocorrências. De acordo com a teoria de Venuti, pode-se compreender que essa estratégia se aproxima do seu conceito de domesticação, pois o tradutor apaga essa marca cultural ao optar por um termo mais neutro entre as duas culturas, como foi no caso de *guaraná* que foi traduzido por *refresco*.

Em segundo lugar, encontra-se a tradução linguística, com 16 ocorrências. Essa estratégia se insere como estrangeirizadora. Em seguida, com 14 ocorrências, está a repetição. Por sua vez, o tradutor recorreu à adaptação ortográfica em 7 casos, assim como a de explicação extratextual. Essas três últimas estratégias tradutórias também se agrupam como tendência estrangeirizadora.

Em um menor número estão as estratégias de eliminação, com 3 ocorrências e a naturalização. A explicação intratextual e sinonímia, aparece em último, com 1 ocorrência cada

uma. Excetuando-se a explicação extratextual, as outras estratégias tradutórias se enquadram como tendência domesticadora.

Essa análise quantitativa da categoria dos intitulados de outros IECs nos revelou que o tradutor recorreu na maioria dos casos às estratégias estrangeirizadoras (tradução linguística, repetição, adaptação ortográfica, explicação extratextual e explicação intratextual). A soma dessas estratégias estrangeirizadoras contabilizou 45 ocorrências, correspondendo a 63,1% de um total de 72 IECs encontrados no *corpus*. Enquanto as estratégias de tendência domesticadora (universalização absoluta, eliminação, naturalização e sinonímia) somaram 27 ocorrências, resultando em 36,9% desses casos no subgrupo dos outros IECs.

Após a apresentação dos dados quantitativos das estratégias tradutórias expostas anteriormente em cada subgrupo, buscamos identificar qual tendência foi predominante no texto-alvo analisado.

Na tradução de *La república de los sueños*, o tradutor adotou 11 diferentes estratégias para esses antropônimos, topônimos e outros IECs totalizando, 146 ocorrências. Esse levantamento mostrou que a tendência predominante foi estrangeirizadora. (Quadro 42) Portanto, para a elaboração do quadro a seguir, somamos cada uma das ocorrências das estratégias tradutórias mencionadas na análise microtextual e as classificamos como estrangeirizadoras, domesticadoras e híbridas.

Quadro 42: Somatório das estratégias tradutórias conforme a tendência

Tendência	Número de ocorrências	Porcentagem do número de ocorrências de estratégias tradutórias
Tendência estrangeirizadora	92	63%
Tendência domesticadora	42	28%
Tendência híbrida	13	9%
Total do número de ocorrências	147	100%

Fonte: Elaborado pela autora

Segundo o quadro, pode-se visualizar que a tendência predominante na tradução de *La repúblicas de los sueños* foi a estrangeirizadora, conforme mencionado anteriormente. Nesse grupo foram encontradas as seguintes estratégias e seu número de ocorrências: repetição (45), tradução linguística (21), adaptação ortográfica (12), explicação extratextual (11) e explicação intratextual (3), totalizando 92 ocorrências. Desse modo, as estratégias tradutórias classificadas como tendência estrangeirizadora apresentaram a porcentagem de 63%.

As estratégias tradutórias de tendência domesticadora somam 42 ocorrências e são elas: universalização absoluta (20), tradução integral de nome próprio (11), eliminação (7), naturalização (3) e sinonímia (1). As estratégias dessa categoria apresentaram a porcentagem de 28%.

A estratégia tradutória de tradução parcial de nome próprio insere-se na tendência híbrida segundo Bentes (2005). Essa tendência aparece em menor porcentagem no texto-alvo com 9% correspondendo a 13 ocorrências no *corpus* analisado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo principal realizar uma análise descritiva da tradução para o espanhol do romance *A república dos sonhos* (1984), da escritora brasileira Nélida Piñon (1937). Para essa análise, utilizamos o modelo metodológico para a descrição de traduções proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp (2011). Como objetivos específicos, averiguamos primeiramente os dados preliminares a partir do tratamento recebido pelas capas das edições publicadas na Espanha a fim de interpretar como essas foram inseridas no sistema receptor espanhol. No nível macrotextual, optamos por analisar de que maneira o conceito de espanhol neutro e suas reverberações no mercado editorial literário influenciaram no projeto tradutório assinado por Elkin Obregón Sanín. No nível microestrutural, identificamos e interpretamos as estratégias adotadas para a tradução dos IECs segundo Javier Franco Aixelá (2013) e Carla Melibeu Bentes (2005). Após a coleta de dados e sua interpretação, tivemos o intuito de identificar se o texto alvo, *La república de los sueños*, teve como resultado o apagamento ou a acentuação dos IEC, ou em outras palavras, se essa seguiu predominantemente a tendência domesticadora ou estrangeirizadora, de acordo com Lawrence Venuti (2004).

Antes de seguir à análise propriamente dita, apresentamos um panorama de Nélida Piñon no sistema literário brasileiro e espanhol. Com uma trajetória de seis décadas dedicadas à literatura, a escritora publicou contos, crônicas, memórias, ensaios e romances. Seu acervo literário soma-se 23 títulos dentre os quais, sobressaem-se os romances *Fundador* (1969), *A casa da paixão* (1972), *Tebas do meu coração* (1974), *A força do destino* (1977), *A república dos sonhos* (1984) e *Vozes do deserto* (2005). Um percurso pela sua biografia nos permitiu identificar como a sua herança familiar galega reverberou na sua vocação literária e, principalmente em suas obras, como é o caso de *A república dos sonhos*, o objeto de estudo desta pesquisa.

Já no exterior, desde jovem, a escritora percorreu vários países divulgando suas obras, participando de feiras literárias e palestras. Essa experiência a fez observar como a literatura brasileira se situava à margem quando se tratava de tradução. Seus compatriotas não eram lidos e nem conhecidos entre os vizinhos latino-americanos. No entanto, é a partir desse intenso fluxo mantido com diversos intermediários como outros escritores e agentes literários que Piñon foi se inserindo no sistema literário internacional, principalmente dentre os países de língua espanhola.

Desde a década de 1970, ela estabeleceu laços profissionais e amicais com a agente literária catalã Carmen Balcells. E é justamente nessa década que um livro seu recebeu sua primeira tradução. O romance *Fundador* foi traduzido na Argentina em 1973. A partir do levantamento de traduções de seus títulos, identificamos que dos 23 livros publicados no Brasil, 16 deles receberam traduções para 11 países, destacando-se a Espanha como o país que mais publicou suas traduções, com 16 títulos. Esse levantamento de títulos traduzidos também indicou que *A república dos sonhos* foi a sua obra mais editada e traduzida para diferentes línguas. Assim, o romance recebeu edições nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Colômbia e Espanha (em espanhol e galego).

A partir da análise das capas das quatro edições com tradução para o espanhol, e uma para o galego, verificamos a presença de elementos gráficos que remetem à brasilidade, sejam nas cores verde, amarela e azul de nossa bandeira ou até mesmo pela presença de pontos turísticos como o Cristo Redentor e as palmeiras imperiais do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Por outro lado, a capa da edição galega seguiu em direção oposta, retratando um cartão postal do porto de Vigo, o mesmo que os personagens Madruga e Venâncio partiram para o Brasil. Portanto, observamos que enquanto as capas das edições em espanhol escolheram elementos visuais que trazem a temática do Brasil ou ainda referências ao próprio enredo, a capa da edição galega, *A república dos sonhos*, faz alusão ao seu próprio passado no qual muitos galegos partiram para América em busca de melhores condições de vida, como é o caso de Madruga.

Para a realização da análise macrotextual, tivemos a entrevista com o tradutor Elkin Obregón Sanín como elemento norteador para compreender o seu trabalho tradutório e as diretrizes editoriais de Norma. A partir de seu depoimento, compreendemos que em *La república de los sueños* houve a intenção de editá-la para a América Latina. Dessa maneira, em seu projeto tradutório, evitou-se a utilização de termos regionais da Colômbia que dificultariam o seu entendimento nos outros países de língua espanhola. Esse exame macrotextual também revelou que o tradutor optou por construções do registro culto e muito formal da língua espanhola mesmo quando o romance de Piñon não evocava tal intencionalidade.

Para a análise microtextual investigamos o tratamento dado para a tradução dos IECs, primeiramente realizamos um levantamento de seus possíveis candidatos para depois categorizá-los. Para essa classificação, utilizamos a proposta de Elaine Espíndola (2005) na qual ela categoriza esses referenciais culturais em 12 grandes grupos. Essa categorização atendeu parcialmente ao objetivo proposto. Após a leitura do romance, houve a necessidade de acrescentar 5 categorias às já apresentadas pela autora.

Assim, a análise microtextual subdividiu-se em três grandes grupos: antropônimos, topônimos e outros IECs que não se enquadram nos dois primeiros. O grupo dos outros IECs subdividiu-se em: comidas e bebidas, gentílicos, formas de entretenimento, expressões idiomáticas, fauna, instituições locais, fenômenos da natureza e vegetação, locais e personagens fictícios.

No grupo dos antropônimos, identificamos 23 ocorrências nas quais o tradutor recorreu a 4 estratégias para traduzi-los, predominando as tendências que se classificam como estrangeirizadoras. A estratégia tradutória que predominou foi a de repetição. Foi possível observar que alguns desses antropônimos são compartilhados entre as línguas de origem e de chegada, justificando que esses tenham sido mantidos. No entanto, quando a grafia dos antropônimos divergia na língua espanhola, o tradutor optou pela tradução linguística.

Na categoria dos topônimos, foram identificadas 51 ocorrências. Para traduzi-las, o tradutor adotou a 7 estratégias tradutórias, tendo a repetição como a mais presente no texto alvo. O exame das estratégias tradutórias adotadas para os topônimos também revelou o predomínio da tendência estrangeirizadora. É válido observar que o tradutor seguiu diferentes estratégias quando se viu diante desses topônimos de uma mesma categoria como, por exemplo, nomes de ruas. Portanto, não mostrou uma coerência que pudéssemos perceber qual foi o elemento que norteou suas escolhas.

No grupo ao qual denominamos de outros IECs, apresentamos uma subdivisão em 9 categorias no qual verificamos a presença de 72 ocorrências. Para a tradução desses IECs, o tradutor optou por 9 estratégias tradutórias, sendo a universalização absoluta a estratégia predominante e, portanto, de tendência domesticadora. No entanto, o somatório das estratégias tradutórias revelou o predomínio das classificadas como estrangeirizadoras. Vale ressaltar, por exemplo, que no subgrupo intitulado de comidas e bebidas, o tradutor optou majoritariamente pela universalização absoluta, ou seja, selecionando um termo considerado neutro entre as culturas de origem e de chegada. Desse modo, ele optou por apagar as referências culturais brasileiras para dar lugar as consideradas neutras entre as culturas de partida e de chegada.

Para a tradução das expressões idiomáticas, por exemplo, igualmente predominou a estratégia tradutória de universalização absoluta, no qual o tradutor buscou transmitir o sentido da frase mesmo quando existiam expressões idiomáticas correspondentes na língua espanhola. Igualmente identificamos que o tradutor optou por repetir IECs que são representativos da cultura brasileira, como foram os casos de favela, samba, caatinga, seca, morro. A partir dessa análise, inferimos que o tradutor julgou necessário mantê-los, possivelmente por representarem

estereótipos da cultura do país. Dessa forma, têm-se como efeito a construção de imagens difundidas do Brasil, pelo samba, pela favela, pelas paisagens de seca e caatinga do nordeste.

A análise quantitativa das estratégias tradutórias adotadas no nível microtextual nos permitiu concluir que a tendência estrangeirizadora predominou em *La república de los sueños* correspondendo a 63%. A tendência domesticadora apresentou 28% das ocorrências encontradas no texto alvo e, por último encontra-se a tendência híbrida, com 9%.

Esperamos, com esta pesquisa, contribuir para a área dos Estudos da Tradução e, principalmente, no exame do par linguístico português-espanhol, animando a que outros pesquisadores adentrem no universo literário de Nélida Piñon e de suas traduções. Os pontos aqui abordados podem ensejar pesquisas que posteriormente serão realizadas. A seguir, expomos duas possibilidades no campo dos Estudos da Tradução: i) por sua extensão, a análise de *A república dos sonhos* pode ser estendida a fim de atingir um maior número de IEC, através de programas computacionais, que possibilitarão um alinhamento entre o par linguístico a ser estudado a fim de propor dados quantitativos mais abrangentes; ii) ainda tomando como base a obra aqui mencionada, pode-se examinar as estratégias adotadas para a tradução dos IEC nas diferentes línguas-alvo em que a obra *A república dos sonhos* foi traduzida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIXELÁ, Javier Franco. Itens Culturais Específicos em Tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho; Roseni Silva. **Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4679170/mod_resource/content/1/AIXELA%CC%81%20Itens%20especi%CC%81ficos%20em%20traduc%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 16 out 2019.

ALFAGUARA. Disponível em: <<https://www.megustaleer.com/editoriales/alfaguara/AL>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ALMEIDA, Eros Ramos de. A república dos sonhos premiada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 ago. 1998, p. 5.

ALMEIDA, Miguel de. Nélida e a solidariedade dos sonhos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 ago. 1984, p. 61.

ALVES, Francisco Francimar de Sousa. **Os paratextos das antologias brasileiras de contos de Edgar Allan Poe no século XXI**. 232f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

AMAZON ESPAÑA. Disponível em: <<https://www.amazon.es/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

ANDRADE, Maria Julieta Drummond. Nélida Piñon – o compromisso com a consciência. **O Globo**, Rio de Janeiro, Segundo Caderno, 19 ago. 1984, p. 8.

ARIAS, Juan. "La gran novela es siempre un texto arqueológico". **El País**, Madri, 15 out. 2005, n.p. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2005/10/15/babelia/1129333150_850215.html>. Acesso em: 30 out. 2020.

ASÍ HABLAMOS. Disponível em: <<https://www.asihablamos.com/word/palabra/Pastel.php>>. Acesso em: 21 out. 2021.

ASTORGA, Antonio. "La literatura es plasma, todos los días me pongo sangre joven". **ABC**, Madri, 16 jun. 2005, p. 56-57.

AYALA-DIP, José Ernesto. Los sueños y las derrotas. **El País**, Madri, 12 jun. 1999, p. 111.

AZANCOT, Leopoldo. Deseos y venganzas. **El País**, Madri, 4 fev. 1990, p. 2.

BAKER, Mona. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold (ed). **Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p. 177-186.

BASE DE DATOS DE LIBROS EDITADOS EN ESPAÑA. Disponível em: <<http://www.culturaydeporte.gob.es/cultura/libro/bases-de-datos-del-isbn/base-de-datos-de-libros.html>>. Acesso em: 16 mar. 2020.

BAYÓN, Miguel. Nélica Piñón [sic]: brasileña, gallega y escritora. **Diario 16**, Madri, 30 out. 1978, p. 29.

BENSEÑOR, Julia. El castellano neutro: sobre tremolinas y escándalos. **Idiomanía**, Buenos Aires, ano 2, n. 19, 1993, n.p.

BENTES, Carla Melibeu. **Clifford Landers**: tradutor do Brasil. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

BERG, Marli. Sonhar é preciso. **Manchete**, Rio de Janeiro, 12 jan. 1985, p. 96.

BIANCHI, Sílvia Soler. **Entre o café e a prosa**: memórias da Confeitaria Colombo no início do século XX. São Paulo: Editora Terceira Margem, 2008.

BRAVO GARCÍA, Eva. El español internacional: valoración actual y usos específicos. In: CONGOSTO MARTÍN, Yolanda, MÉNDEZ GARCÍA, Elena. **Variación lingüística y contacto de lenguas en el mundo hispánico**: in memoriam Manuel Alvar. Madri: Editorial Iberoamericana/Vervuert, 2011, n.p. Disponível em: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/40505/El_espanol_internacional_valoracion_actu.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 mai. 2020.

CALLEGARO, Iara do Carmo; ARMESTO LÓPEZ, Antón. **Culturas alimentares, biodiversidade e segurança alimentar no território de identidade**. Jundiaí: Paco editorial, 2017.

CAMPOS ALVAREZ, José Ramón. La emigración gallega a América (1880-1930) integración y retorno. **Minius**, Vigo, n. 2, p. 133-145, 1994. Disponível em: <<http://minius.webs.uvigo.es/docs/2-3/art09.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

CANO POSADA, Ana María. En tono de crítica. In: OBREGÓN SANÍN, Elkin. **Crónicas**. Medellín: Fondo Editorial Universidad Eafit, 2013.

CÁRDENAS, Mario. El hombre que dibujó a los invasores. **Bakanika**, Medellín, 26 ago. 2019, n.p. Disponível em: <<https://www.bakanika.com/seccion-historias/el-hombre-que-dibujó-a-los-invasores.html>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

CARNEIRO, Teresa Dias. **Contribuições para uma teoria do paratexto do livro traduzido**: caso das traduções de obras literárias francesas do Brasil a partir de meados do século XX. 2014. 398 f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CARRICABURO, Norma. **El voseo en la literatura argentina**. Madri: Arco libros, 1999.

CASCO, Carolina. Nélica Piñón: "Cuando el talento desmedido de las mujeres aparecía, eran condenadas". **El Mundo**, Madri, 20 nov. 2017, n.p. Disponível em: <<https://www.elmundo.es/cultura/literatura/2017/11/20/5a0ee292468aeb80498b45bc.html>>. Acesso em: 18 out. 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia da alimentação no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2008.

CATFORD, John Cunnison. **Uma teoria linguística da tradução**. Tradução do Centro de Especialização de Tradutores da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo: Cultrix, 1980.

CÍRCULO DE LECTORES. Disponível em: <<https://www.circulo.es/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

COSTA, Cecília. Carmen Balcells, a poderosa agente literária que revolucionou contratos. **O Globo**, Rio de Janeiro, Prosa & verso, 07 abr. 2011, p. 2.

COSTE, Jean; REDONDO, Augustín. **Syntaxe de l'espagnol moderne**. Paris: SEDES, 1965.

CRESPO, Ángel; GÓMEZ BEDATE, Pilar. Nélica Piñon, de Guia Mapa a Tempo das frutas. **Revista de Cultura Brasileira**, Madri: Embajada del Brasil en Madrid, 1968, p. 5-26.

CUNQUEIRO, Álvaro. **La cocina gallega**. Vigo: Editorial Galaxia, 2004.

DADDARIO, Heloísa. A silenciosa aventura da criação literária. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1984, p. 19.

DASILVA, Xosé Manuel. A república dos sonhos de Nélica Piñon, en galego. **Revista Viceversa**, Vigo, n.11, 2005, p. 57-76.

DEMONTE BARRETO, Violeta. Lengua estándar, norma y normas en la difusión actual de la lengua española. **Circunstancia**: Revista de Ciencias Sociales del Instituto Universitario de Investigación Ortega y Gasset. n.1, 2003, n.p.

DIÁRIO DO RIO. Disponível em: <<https://diariodorio.com/historia-do-bar-amarelinho-da-cinelandia/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

DICCIONARIO DE GASTRONOMÍA. Disponível em: <<https://diccionariodegastronomia.com/>>. Acesso em: 23 out. 2020.

DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em: <<https://dle.rae.es/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

DICCIONARIO PANHISPÁNICO DE DUDAS. 1ª ed. Madri: Santillana, 2005.

DÍEZ LOSADA, Fernando. **La tribuna del idioma**. Cartago: Editorial Tecnológica de Costa Rica, 2004.

EDITORIAL GALAXIA. Disponível em: <www.editorialgalaxia.gal>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ESPÍNDOLA, Elaine. **The use and abuse of subtitling as a practice of cultural representation**: Cidade de Deus and Boyz 'n the Hood. 182f. Dissertação (Mestrado em inglês: estudos linguísticos e literários) – Programa de Pós-graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

ESTEVEES, Lenita Rimoli. Dois projetos de tradução para a República dos Sonhos, de Nérida Piñón. **Ilha Desterro**. 2019, vol.72, n.2, p. 379-397. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2175-80262019000200379&script=sci_arttext>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FAJARDO, Elias. Observadora do mundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 set. 2012, p. 6.

FEDERICO, Mirtha. **Globalización: ¿es el traductor el nuevo Quijote de la aldea global?** In: Tercer congreso latinoamericano de traducción e interpretación. De Babel a internet. v. 2, Buenos Aires: Colegio de traductores públicos de la ciudad de Buenos Aires, 2001.

FERREIRA, Ricardo Telles. Uma escritora que faz de seu ofício profissão. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 1 ago. 1980, p. 8.

FONDEBRIDER, Jorge. **La utopía del castellano neutro**. Buenos Aires: Centro cultural de España en Buenos Aires e Círculo de traductores literarios de Buenos Aires, 2009.

FREITAS, Kit. No novo romance de Nérida, os sonhos dos nossos imigrantes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 ago. 1984, p. 8.

FUENTES, Carlos. Da Galiza ao Brasil. **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, 12 mar. 1997, n.p.

FUNDACIÓN PRINCESA DE ASTURIAS. Disponível em: <<http://www.fpa.es/>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

GABAGLIA, Marisa Raja. A literatura é a minha paixão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 mar. 1972, p. 12.

GARCÍA, Tina. “La industria editorial es un reflejo más de un comportamiento social: la necesidad de la novedad” Entrevista a Pilar Reyes, directora editorial de Alfaguara. **AH Magazine**, Madri, 2015, n.p. Disponível em: <http://www.ahmagazine.es/pilar-reyes-alfaguara/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

GARCÍA BRAVO, Eva. **El español internacional**. Madri: Arco Libros, 2008.

GARCÍA IZQUIERDO, Isabel. El español neutro en los discursos de especialidad: ¿mito, utopía o realidad?. **Íkala**: Revista de lenguaje y cultura, Medellín, v.14, n. 23, p. 15-38, 2009.

GEILFUS, Fran: **El árbol al servicio del agricultor: guía de especies**. Turrialba: Enda Caribe, 1994.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018.

GOMES, Pimentel. **Fruticultura brasileira**. São Paulo: Nobel, 2007.

GÓMEZ BEDATE, Pilar. Literatura de Brasil. **El País**, Madri, 1997, n.p. Disponível em: <https://elpais.com/diario/1997/10/08/opinion/876261603_850215.html>. Acesso em: 02 nov. 2020.

GÓMEZ FONT, Alberto. **Donde dice... debiera decir...** Buenos Aires: Editorial Áncora, 2006.

GÓMEZ-PABLOS, Beatriz. **Las traducciones de América de Franz Kafka a ambos lados del océano.** In: Tercer congreso latinoamericano de traducción e interpretación. De Babel a internet. v. 2, Buenos Aires: Colegio de traductores públicos de la ciudad de Buenos Aires, 2001.

HALLIDAY, Michael. **Language as social semiotic:** The social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HERMANS, Theo. On Translating Proper Names, with Reference to De witte and Max Havelaar. In: WINTLE, Michael. (Org.). **Modern Dutch Studies.** Londres: Athlone, 1988, p. 11-13.

JOZEF, Bella. De escritoras e prêmios. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1996, p. 6.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. **Sobre a descrição de traduções.** In: LAMBERT, José. Literatura e tradução: textos selecionados de José Lambert. Trad. De Marie-Hélène Catherine Torres, Lincoln P. Fernandes. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

LEÓN, Jorge. Botánica de los cultivos tropicales. San José: Instituto Interamericano de cooperacion para la agricultura, 1968.

LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

LODY, RAUL. **Dendê: símbolo e sabor da Bahia.** São Paulo: SENAC São Paulo, 2009.

LOPE BLANC, Juan M. **Cuestiones de filología hispanoamericana.** Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

LÓPEZ. Rafa. Nélica Piñón: "Estar en Galicia es estar en mi casa, en la fuente de mis memorias". **Faro de Vigo**, Vigo, 29 out. 2005, n.p. Disponível em: <<https://www.farodevigo.es/sociedad/2005/10/29/nelida-pinon-galicia-casa-fuente-18277029.html>>. Acesso em: 16 out. 2020.

LUZ, Amanda. Vozes do deserto é tributo de Nélica Piñón à arte de contar histórias. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 out. 2017, n.p. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/10/1928699-vozes-do-deserto-e-tributo-de-nelida-pinon-a-arte-de-contar-historias.shtml>>. Acesso em: 17 set. 2020.

MAGNO, Joanna Ivete. **Brazilian authors translated abroad.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

MANUAL DE LA NUEVA GRAMÁTICA DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Madri: Espasa, 2010.

MARRECO, Maria Inês de Moraes. **Visões caleidoscópicas da memória em Lygia Fagundes Telles e Nélica Piñón.** Jundiaí: Paco editorial, 2013.

MARTÍN GAITE, Carmen. La distorsión de Jauja. **Diario 16**, Madri, 12 mar. 1978, p. 21.

MEIRELES, Maurício. Laços de família. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 nov. 2014, p. 10.

MERLINO, Mario. La literatura como acto migratorio. **El País**, Madri, 15 jun. 2005, p. 34.

MESA GRANDA, Nubia Amparo. El maestro Elkin Obregón. Al poniente, Medellín, 22 dez. 2016. Disponível em: <<https://alponiente.com/el-maestro-elkin-obregon/>>. Acesso em: 17 mai. 2020.

MESTRINEL, Reinaldo. Bienal do Livro acaba com venda recorde. **O Globo**, Rio de Janeiro, Segundo caderno, 28 ago. 1984, p. 2.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MILLEN, Mànya. Nélida Piñon quer evitar a armadilha do sucesso. **O Globo**, Rio de Janeiro, Prosa & Verso, 2 mai. 1998, p. 2.

MONIZ, Naomi Hoki. **As viagens de Nélida Piñon, a escritora**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MORA, Rosa. Nélida Piñon hace un canto a Brasil, al cosmopolitismo y a la cultura del mestizaje. **El País**, Madri, 11 de jul. 2003, n.p. Disponível em: <https://elpais.com/diario/2003/07/11/cultura/1057874402_850215.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

MOREIRA, Regina da Luz. O Palácio que virou memória: o Monroe e a construção do metrô carioca, polêmica em tempos da ditadura. In: GOMES, Ângela Maria de Castro (coord). **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MUSEU DA REPÚBLICA. Disponível em: <<http://museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>>. Acesso em: 12 out. 2020.

NOGUEIRA PINTO, Jaime. Nélida Piñon. "Machado de Assis é prova de que o Brasil não pode falhar tanto". **Observador**, Lisboa, 03 mar. 2019, n.p. Disponível em: <<https://observador.pt/especiais/nelida-pinon-machado-de-assis-e-prova-de-que-o-brasil-nao-pode-falhar-tanto/#:~:text=%22Costumo%20repetir%20uma%20frase%3A%20se,prova%20de%20que%20osomos%20capazes.%22>>. Acesso em: 18 out. 2020.

OBREGÓN SANÍN, Elkin. **Memorias enanas**. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2000.

OBREGÓN SANÍN, Elkin. Algunos nombres y fechas en torno a Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Misa de gallo y otros cuentos**, Bogotá: Editorial Norma, 1990.

PÀMIES, Òscar. L'esquerde l'art sumptuari. **El Periódico de Catalunya**, Barcelona, 30 jul. 1999, p. 123.

PEREDA, Rosa María. Nélica Piñón [sic]: “Quebrar la lógica es romper el sistema”. **El País**, Madri, 27 out. 1978, p. 27.

PÉREZ, Paula. “Los escritores brasileños no triunfan porque no van al exílio”. **Faro de Vigo**, Vigo, 28 maio 1999, p. 50.

PETRELLA, Lila. El español “neutro” de los doblajes intenciones y realidades en Hispanoamérica. In: CORTÉS BARGALLÓ, Luís; MAPES, Carlos; GARCÍA TORT, Carlos. (coord.). **La lengua española y los medios de comunicación**. v. 2, Cidade do México: Siglo XXI, 1998.

PIÑÓN, Nélica. **A república dos sonhos** (Edição comemorativa de 30 anos). Rio de Janeiro: Record, 2015.

PIÑÓN, Nélica. **La república de los sueños**. Tradução de Elkin Obregón Sanín. Madri: Alfaguara, 2013.

PIÑÓN, Nélica. **Coração andarilho** – memórias. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PIÑÓN, Nélica. **A épica do coração**. A Coruña: Real Academia Galega, 2014.

PIÑÓN, Nélica. Metamorphosis. In: BALDERSTON, Daniel; SCHWARTZ, Marcy. **Voices-overs: translations and Latin American literature**. Nova Iorque: State University of New York Press, 2002, p. 52-54.

PIÑÓN, Nélica. A tradução e o agente recriador. **Minas Gerais Suplemento Literário**, Belo Horizonte, 22 mar. 1974, n.p.

PIÑÓN, Nélica. Retorno ao centro. In: VILLANUEVA, Dario. **Discursos da investidura de D^a Nélica Piñón como doutora “honoris causa”**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1998, p. 11-22.

PIÑÓN, Nélica. **Discurso de Posse na presidência da Academia Brasileira de Letras: memória da viagem**. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/nelida-pinon/memoria-da-viagem>>. Acesso em: 16 out. 2020.

PONCIANO, Levino. **Bairros paulistanos de A a Z**. São Paulo: SENAC SP, 2001.

PORROCHE BALLESTEROS, Margarita. **Ser, estar y verbos de cambio**. Madri: Arco Libros, 1988.

PRADO, Marcus. Palavras de Nélica na UFPE. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03 out. 1984, B-2.

PRADO, Zélia. Nélica Piñón: “O livro é um trabalho geral, não uma celebração individual”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 30 set. 1984, n.p.

PROENÇA FILHO, Domício. A inquieta ficção de uma mulher cidadã e escritora. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 set. 1998. Ilustrada, p.4.

QUINLAN, Susan. A história revisitada: A república dos sonhos de Nélide Piñon. **Revista Iberoamericana**, Pittsburgh, 2010, vol. LXXVI, n. 230, p. 133-151. Disponível em: <<https://revistaiberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6652/6828>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

RÉGIS, Sônia. “A república dos sonhos” – Entre a imaginação e a realidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Suplemento Literário, 6 jan. 1985, p. 8.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

RIVAS, Lêda. Nélide Piñón [sic] no Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, 12 out. 1984, Seção B, p. 1.

ROBLEDO DÍAZ, Julián. **Descubre los frutos exóticos**. Madri: Ediciones Norma-Capitel, 2004.

ROSA, João Guimarães. **Gran Sertón: Veredas**. Tradução de Ángel Crespo. Barcelona: Seix Barral, 1975.

SABINO, Fernando. Dito & feito. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 7 abr. 1985, p.2.

SABÓIA, Napoleão. Inédito de Nélide. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 10 maio 1984, p.1

SANTOS, Sérgio de Paula. **O vinho e suas circunstâncias**. São Paulo: Senac, 2002.

SANZ, Marta. Que el relato nunca acabe. **El País**, Madri, 29 set. 2015, n.p. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2015/09/24/babelia/1443104789_706223.html>. Acesso em: 18 out. 2020.

SCHILD, Susana. Nélide Piñon e sua “República dos sonhos”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 ago. 1984, p.1.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Sobre os diferentes métodos de tradução**. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC-Núcleo de Tradução, 2010. v. 1, p. 38-100.

SOCA, Ricardo. **Las fascinantes historias de las palabras**. Buenos Aires: Interzona Editorial, 2010.

SUAU, Nadal. Una furtiva lágrima. **El Cultural**, Madri, 4 nov. 2019, n.p. Disponível em: <<https://elcultural.com/una-furtiva-lagrima>>. Acesso em: 23 out. 2020.

TIPIANI, María Victoria. El proceso editorial de la traducción en Colombia: entrevista a Iván Hernández Arbeláez, editor de Cara y Cruz, Editorial Norma. **Mutatis Mutandis Revista Latinoamericana De Traducción**, Medellín, v. 6, n. 2, p. 567-572, dez/2013. Disponível em: <<https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/15495/15452>>. Acesso em: 16 mai. 2020.

TODOCOLECCIÓN. Disponível em: <<https://www.todocoleccion.net/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil Literário**: paratexto e discurso de acompanhamento. Vol. 01. Florianópolis: Copiart, 2011.

VÁZQUEZ, Juana. Una epopeya del Brasil. **Esfera**, Madri, 4 set. 1999, p. 17.

VÁZQUEZ-AYORA, Gerardo. **Introducción a la traductología**: curso básico de traducción. Washington: Georgetown University Press, 1977.

VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility**: a History of Translation. London: Taylor & Francis e-Library, 2004.

VILLANUEVA, Dario. La república de los sueños - Nélica Piñón. **El Cultural**, Madri, 15 jul. 1999, n.p. Disponível em: < <https://www.elcultural.com/revista/letras/La-republica-de-los-suenos/14532>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

VILLARINO PARDO, María del Carmen. **Aproximação à obra de Nélica Piñón. A república dos sonhos**. 2000. 716f. Tese (Doutorado em Filologia Galega Português) – Programa de Pós-Graduação em Filologia. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela. Disponível em: <<https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/9722>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

VILLARINO PARDO, María del Carmen. Nélica Piñón no campo literário brasileiro em 1969. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 34. Brasília, jul./-dez. 2009, p. 147-155.

VILLARINO PARDO, María del Carmen. Elementos para a construção do imaginário galego através de alguns produtores e produtos literários de galegos no Brasil (1970-1990). In: RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, Olivia, MARIÑO SÁNCHEZ, Laura. **Novas achegas ao estudo da cultura galega II**. Enfoques socio-históricos e linguístico-literario. A Coruña: Universidade da Coruña, 2009, p. 383-395.

WILSON, Patricia. **La constelación del sur**. Traductores y traducciones en la literatura argentina del siglo XX. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2004.

ZAPATA GIRALDO, Valeria. Elkin Obregón: “Yo nací con un lápiz en la mano”. **Valeria Zapata Giraldo**, Medellín, 19 set. 2017, n.p. Disponível em: <<https://valerianazg.wordpress.com/2017/09/19/elkin-obregon-yo-naci-con-un-lapiz-en-la-mano/>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão**: a imagem feminina em A república dos sonhos, de Nélica Piñón. Maringá: Eduem, 2003.

ANEXO A

Quadro: Títulos traduzidos de Nélida Piñon (1960 – 2019)

Título em português	Título traduzido	Idioma	País de publicação	Tradutor	Editora no exterior	1ª Edição no Brasil	Ano de publicação no exterior
A camisa do marido	La camisa del marido	Espanhol	Espanha	Roser Vilagrassa	Alfaguara	2014	2015
A casa da paixão	La maison de la passion	Francês	França	Geneviève Leibrich	Stock	1972	1980
A casa da paixão	La maison de la passion	Francês	França	Geneviève Leibrich	Édition des femmes	1972	1987
A casa da paixão	A casa da paixón	Galego	Espanha	Marga do Val	Editorial Galaxia	1972	2006
A doce canção de Caetana	La dulce canción de Cayetana	Espanhol	Espanha	Mario Merlino	Mondadori	1987	1990
A doce canção de Caetana	Caetana's sweet song	Inglês	Estados Unidos	Helen Lane	Knopf	1987	1992
A doce canção de Caetana	Dulce canción de Caetana	Espanhol	Colômbia	Elkin Obregón Sanín	Editorial Norma	1987	1994
A doce canção de Caetana	Sladkaia pesn' kaetany	Russo	Rússia	V. Fedorova	Moscow Raduga	1987	1993
A doce canção de Caetana	La dolce canzone di Caetana	Italiano	Itália	Virginiacarla Caporali	Voland	1987	2010
A força do destino	La force du destin	Francês	França	Geneviève Leibrich	Édition des femmes	1977	1987
A força do destino	La fuerza del destino	Espanhol	Espanha	Mario Merlino	Versal	1977	1990
Aprendiz de Homero	El aprendiz de Homero	Espanhol	Espanha	Montserrat Mira	Alfaguara	2008	2008
A república dos sonhos	A república dos sonhos	Galego	Espanha	María Dolores Torres París	Editorial Galaxia	1984	2004
A república dos sonhos	The republic of dreams	Inglês	Estados Unidos	Helen Lane	Knopf	1984	1989
A república dos sonhos	The republic of dreams	Inglês	Estados Unidos	Helen Lane	University of Texas Press	1984	1991
A república dos sonhos	The republic of dreams	Inglês	Inglaterra	Helen Lane	Picador	1984	1994
A república dos sonhos	La république des rêves	Francês	França	Violante do Canto e Yves Coleman	Édition des femmes	1984	1991
A república dos sonhos	La república de los sueños	Espanhol	Colômbia	Elkin Obregón Sanín	Editorial Norma	1984	1991
A roda do vento	La roda del vent	Catalão	Espanha	Goretti López	Editorial Cruilla	1996	1999
Filhos da América	La épica del corazón	Espanhol	Espanha	Rosa Martínez Alfaro	Alfaguara	2016	2017
Fundador	Fundador	Espanhol	Argentina	Ida Vitale	Emecé	1969	1973
Fundador	Zalozyciel	Polonês	Polônia	Janina Z. Clave	Wydawnictwo Literackie	1969	1977
Fundador	Fundador	Francês	França	Violante do Canto e Yves Coleman	Éditions des femmes	1969	1998
Livro das horas	Libro de horas	Espanhol	Espanha	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	2012	2013

Livro das horas	Libro de horas	Espanhol	México	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica	2012	2013
Livro das horas	Mon livre d'heures	Francês	França	Didier Voita e Jane Lessa	Édition des femmes	2012	2018
O calor das coisas ³⁸	El calor de las cosas y otros cuentos	Espanhol	México	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica	1980	2000
O pão de cada dia	El pan de cada día	Espanhol	Colômbia	Elkin Obregón Sanín	Editorial Norma	1994	1999
Sala de armas	Sala de armas	Espanhol	Argentina	Maria Elena del Río	Plus Ultra	1973	1983
Sala de armas	Sala de armas	Espanhol	Cuba	Jorge Aracelio Pomar Montalvo	Arte y Literatura	1973	1989
Sala de armas	Sala de armas	Espanhol	Espanha	Elkin Obregón Sanín	Debolsillo	1973	2002
Sala de armas	El calor de las cosas y otros cuentos	Espanhol	México	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica	1973	2000
Sala de armas	La salle d'armes	Francês	França	Violante Do Canto e Yves Coleman	Édition des femmes	1973	2005
Tebas do meu coração	Tebas de mi corazón	Espanhol	Espanha	Ángel Crespo	Alfaguara	1974	1978
Tebas do meu coração	Tebas de mi corazón	Espanhol	Espanha	Ángel Crespo	Alfaguara/ Consejo Nacional para la Cultura y las Artes	1974	1991
Tempo das frutas	Le temps de fruits	Francês	França	Violante do Canto e Yves Coleman	Éditions des femmes	1966	1993
Tempo das frutas	Tiempo de las frutas y otros cuentos	Espanhol	México	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica	1966	2000
Uma furtiva lágrima	Una furtiva lágrima	Espanhol	Espanha	Roser Vilagrassa	Alfaguara	2019	2019
Vozes do deserto	Voices of the desert	Inglês	Estados Unidos	Clifford Landers	Knopf	2004	2009
Vozes do deserto	Voces del desierto	Espanhol	Espanha	Mario Merlino	Alfaguara	2004	2005
Vozes do deserto	Le voci del deserto	Italiano	Itália	Virginia Clara Caporali	Voland	2004	2008
—————	Le jardin des oliviers	Francês	França	Annick Moureau	Findakly	—————	1998
—————	Il nuevo regno	Italiano	Itália	Adelina Aletti	Giunti	—————	1989

³⁸ O livro *El calor de las cosas y otros cuentos* (2000), publicado pela editora Fondo de Cultura Económica é composto pelas seguintes coletâneas de contos: *O calor das coisas*, *Tempo das frutas* e *Sala de armas*. No quadro acima essas obras foram mencionadas separadamente, mas foram publicadas em um volume único.

ANEXO B

Quadro: Traduções de obras de Nérida Piñon publicadas na Espanha (1960 – 2021)

Título em português	Título traduzido	Tradutor	Editora na Espanha	1ª Edição no Brasil	Ano de publicação na Espanha
Tempo das frutas	El calor de las cosas y otros cuentos	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica	1966	2005
A casa da paixão	A casa da paixón (galego)	Marga do Val	Editorial Galaxia	1972	2006
Sala de Armas	Sala de armas	Elkin Obregón Sanín	Debolsillo	1973	2002
Tebas do meu coração	Tebas de mi corazón	Ángel Crespo	Alfaguara	1974	1978
A força do destino	La fuerza del destino	Mario Merlino	Ediciones Versal	1977	1989
O calor das coisas	El calor de las cosas y otros cuentos	Elkin Obregón Sanín	Fondo de Cultura Económica de España	1980	2005
A república dos sonhos	La república de los sueños	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	1984	1999/2005/ 2013/
A república dos sonhos	La república de los sueños	Elkin Obregón Sanín	Círculo de Lectores	1984	2014
A república dos sonhos	A república dos soños (galego)	María Dolores Torres París	Editorial Galaxia	1984	2005
A doce canção de Caetana	La dulce canción de Cayetana	Mario Merlino	Literatura Random House	1987	1990
A roda do vento	La roda del vent (catalão)	Goretti López	Editorial Cruïlla	1996	1999
Vozes do deserto	Voces del desierto	Mario Merlino	Alfaguara	2004	2005
Aprendiz de Homero	El aprendiz de Homero	Montserrat Mira	Alfaguara	2008	2008
Coração andarilho	Corazón andariego	Montserrat Mira	Alfaguara	2009	2009
Livros das horas	Libro de horas	Elkin Obregón Sanín	Alfaguara	2012	2013
A camisa do marido	La camisa del marido	Roser Vilagrassa	Alfaguara	2014	2015
Filhos da América	La épica del corazón	Rosa Martínez Alfaro	Alfaguara	2016	2017
Uma furtiva lágrima	Una furtiva lágrima	Roser Vilagrassa	Alfaguara	2019	2019
Um dia chegarei a Sagres	Un día llegaré a Sagres	Roser Vilagrassa	Alfaguara	2020	2021

ANEXO C

Quadro: Títulos traduzidos por Elkin Obregón Sanín

Autor	Título em português	Título traduzido	Editora da edição traduzida	Ano de publicação da tradução
Joaquim Maria Machado de Assis	Missa de galo	Misa de gallo y otros cuentos	Editorial Norma	1990
Manuel Antônio de Almeida	Memórias de um sargento de milícias	Memorias de un sargento de milicias	Editorial Norma	1990
Nélida Piñon	A república dos sonhos	La república de los sueños	Editorial Norma	1991
Daltan Trevisan	Cemitério de elefantes	Cementerio de elefantes	Editorial Norma	1993
Nélida Piñon	A doce canção de Caetana	Dulce canción de Caetana	Editorial Norma	1994
Manuel Bandeira/ Carlos Drummond de Andrade/ João Cabral de Melo Neto	—————	Tres poetas brasileños	Ediciones La Balsa	1994
Lygia Bojunga Nunes	Seis veces Lucas	Seis veces Lucas	Editorial Norma	1995
Lygia Bojunga Nunes	A bolsa amarela	La bolsa amarilla	Editorial Norma	1997
Eça de Queiroz	A ilustre casa de Ramires	La ilustre casa de Ramires	Editorial Norma	1997
Marina Colasanti	Longe como o meu querer	Lejos como mi querer y otros cuentos	Editorial Norma	1998
Lygia Bojunga Nunes	Corda bamba	Cuerda floja	Editorial Norma	1998
Ferreira Gular	Poema sujo	Poema sucio	Editorial Norma	1998
Nélida Piñon	O pão nosso de cada dia	El pan nuestro de cada día	Editorial Norma	1999
Joaquim Maria Machado de Assis	Conto de escola	Cuento de escuela y 17 cuentos más	Universidad pontificia Bolivariana	2001
Graciliano Ramos	Vidas secas	Vidas secas	Editorial Norma	2001
Rubem Fonseca	Histórias de amor	Historias de amor	Editorial Norma	2001
Joaquim Maria Machado de Assis	Memórias Póstumas de Brás Cubas	Memorias Póstumas de Bras Cubas	Editorial Norma	2002
Rubem Fonseca	E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto	Y de este mundo prostituto y vano sólo quise un cigarro entre mi mano	Editorial Norma	2003
Ana Maria Machado	O mar nunca transborda	El mar nunca desborda	Editorial Norma	2003
Rubem Fonseca	Pequenas criaturas	Pequeñas criaturas	Editorial Norma	2004
Marina Colasanti	O real mais que real	Fragatas para tierras lejanas: conferencias sobre literatura	Editorial Norma	2004

Rubem Fonseca	Mandrake, a Bíblia e a Bengala	Mandrake la biblia y el bastón	Editorial Norma	2006
Rubem Fonseca	Diário de um fescenino	Diario de un libertino	Editorial Norma	2006
Rubem Fonseca	O doente Molière	El enfermo Molière	Editorial Norma	2007
Rubem Fonseca	Ela e outras mulheres	Ella y otras mujeres	Editorial Norma	2008
Rubem Fonseca	O seminarista	El seminarista	Editorial Norma	2010
Nélida Piñon	Livro das horas	Libro de horas	Fondo de Cultura Económica	2012
Patricia Reis	A fada Dorinda e a bruxa do mar	La [sic] hada Dorinda y la bruja del mar	Planeta Junior	2013
Maria Inês Almeida	Quando eu for... grande	Cuando sea grande	Planeta Junior	2013
Alexandre Honrado	Palhincócegas	Rasquipaji	Planeta Junior	2013
Monteiro Lobato	As renações Narizinho	Las travesuras de Naricita	Ministerio de Cultura de Colombia	2019

ANEXO D

Quadro: Notas do tradutor presentes em *La república de los sueños*

Sertón	«Lugar inculto, distante de poblaciones o terrenos cultivados» (Diccionario Aurelio Buarque de Holanda). En Brasil, se da este nombre por antonomasia a una vasta y árida zona del interior del Nordeste, que se extiende a lo largo de varios estados.
Seca	Fenómeno de prolongadas sequías, que afecta cíclicamente al nordeste brasileño.
Planalto	Meseta. Sobre un planalto está edificada Brasília, y la palabra ha pasado a tomarse, en el habla cotidiana, como sinónimo del gobierno mismo.
Morriña	En gallego en el original. Término que alude a un sentimiento de nostalgia y melancolía, similar a la saudade portuguesa.
Bandeirantes	Se llamaba así en Brasil a los expedicionarios que partían, usualmente de São Vicente o São Paulo (siglos XVI y XVII), hacia el interior, en plan de conquistas, o en busca de minas.
Jango	Nombre con que se suele aludir en Brasil al presidente João Goulart.
Favela	Vivienda o conjunto de viviendas paupérrimas. Tugurio(s).
Morro	En Río de Janeiro se nombra así, por antonomasia, a las faldas y colinas en donde habita la población más pobre y marginada.
Senzala	Grupo de casas o alojamientos que, en las haciendas de Brasil, estaban destinadas a los esclavos.
Gaúcho	Nombre que se da en Brasil a los oriundos de los estados del sur (Paraná, Santa Catarina y Río Grande do Sul).
Cédula modelo 19	Cédula de extranjería.
Todo o campo é unha oración.	Esta frase, y la anterior en cursiva, en gallego en el original.
Palacio del Monroe	Antiguo edificio del Congreso, hoy desaparecido.
Palacio del Catete	Palacio Presidencial, en Río.
Caatinga	Vegetación de arbustos espinosos que se da en lugares semiáridos de Brasil. Por extensión, esos mismos lugares.
Niteroi	Ciudad separada de Río por las aguas de la Bahía de Guanabara. En la época del relato, se llegaba a ella desde Río por lancha o ferry en unos veinte o treinta minutos.
Juscelino	Kubitschek, bajo cuya presidencia (1956-1961) se inauguró Brasília.
El viejo	Getulio Vargas.
Villa	Vila, en el original. La palabra, en la acepción correspondiente al texto, designa un tipo de viviendas familiares humildes, unidas en una sola edificación, y provistas de un área o patio común. Equivale al conventillo de otros países latinoamericanos. También designa un conjunto de vilas, que pueden conformar un barrio entero o parte de él.
Escuela de Sagres	Célebre escuela náutica, fundada en esa ciudad portuguesa por Enrique el Navegante, en el siglo XV.
—Si te prenden, Breta, nada puedo hacer por ti.	Hay aquí un posible juego de palabras. Isca de Peixe, para efectos del texto, es un pasabocas de pescado. Pero Isca puede traducirse como carnada.
la Leopoldina o la Central	Los dos ramales ferroviarios que sirven los suburbios de Río de Janeiro.
Gregorio	Gregorio Fortunato, llamado El Ángel Negro, en esa época jefe de la guardia personal de Getulio Vargas. Su presunta vinculación al atentado de la calle Tonelero fue uno de los principales argumentos esgrimidos por la oposición para responsabilizar de esos hechos al propio Presidente.
Cachaza	Cachaça, en portugués. Aguardiente de caña.
Laborismo	Trabalhismo. Bandera política de Getulio Vargas, de la cual resultó la creación de la C. L. T. (Consolidación de las Leyes del Trabajo), vigente hasta hoy.
Olivenza	Ciudad de la provincia de Badajoz, que perteneció alternativamente a España y Portugal. En 1801 fue anexada definitivamente al territorio español.
Batuques	Designación común a ciertas danzas afrobrasileñas, acompañadas de cánticos y de instrumentos de percusión.
Mina	Individuo del grupo tribal fanti-acanti, oriundo de Guinea.
Candomblé	Religión de origen iorubano o nagó, afincada sobre todo en el estado de Bahía. Por extensión, cualquiera de las fiestas celebradas en honor de sus dioses u Orixás.

Casa grande	Nombre que se daba en las grandes haciendas a las casas de los amos.
Conto	O conto de reis. Antigua moneda brasileña.
Samba de breque	Tipo de samba carioca, surgida en la década del 30, en el cual la melodía se ve interrumpida por súbitas pausas, o breques.
Naricita, Emilia y Pedriño	Famosos personajes de las historias infantiles de Monteiro Lobato.
Política del café con leche	El nombre obedeció al hecho de que, en los primeros tiempos de la República Vieja, ocuparon alternadamente la presidencia representante del estado de São Paulo, tradicional productor de café, y de Minas Gerais, productor de leche y quesos.
Este último, por cierto, inspirador de un mito afincado en el Brasil, capaz de inspirar nuevos anhelos al pueblo, o de atarlo a una infructífera esperanza, llevado de la cual desatendía a sus enemigos, mientras esperaba confiadamente el regreso del rey Breta visitaba diariamente la casa.	Alude a un mito o leyenda popular del Brasil, de tipo mesiánico, según el cual Don Sebastián, rey de Portugal, ha de regresar algún día, a salvar al pueblo de sus males. Don Sebastián (1554-78) tiene importancia en la historia de Brasil por haber ensayado la división del territorio en dos grandes zonas autónomas, cuyas respectivas capitales fueron Bahía y Río de Janeiro. Nunca estuvo en Brasil.

APÊNDICE A

Entrevista com o tradutor Elkin Obregón Sanín realizada por videoconferência no dia 16 de maio de 2020 entre 16:30 e 17:37 por Dayse Helena Viana de Albuquerque Gouveia.

D. G. - En primer lugar, quisiera agradecerle desde ya su inmediata respuesta y su amabilidad por haber aceptado participar en esta entrevista. Y, sobre todo, agradecerle que haya cedido una parte de su precioso tiempo para compartir su conocimiento y hacer un repaso de sus memorias como traductor.

E. O. S. – Dayse, Cuéntame, ¿dónde aprendiste español? ¿Por qué hablas tan bien español?

D. G. - Bueno, es que estudio español en la universidad. Yo soy estudiante de la Universidade Federal da Paraíba que está situada en João Pessoa, donde vivo. Estoy en el último año de la Maestría en literatura, cultura y traducción y he elegido la novela de Nélida Piñon *A república dos sonhos* para analizar la traducción. Mi análisis es sobre las traducciones de Nélida Piñon en España y después empecé a buscar informaciones sobre usted, el traductor de la obra. No he encontrado muchas informaciones, sino sobre su labor de caricaturista, por eso tuve la curiosidad de contactarle. Entonces, a través de la revista *Universo Centro* pude contactarlo.

E. O. S. - Bueno, Dayse, te cuento que la mayoría de las traducciones que yo hice, no todas, pero la gran mayoría, fueron para la editorial *Norma*, una editorial colombiana. Inclusive *La república de los sueños* se tradujo para esa editorial. El ejemplar que tú tienes es el español, pero yo la hice para *Norma*. Yo hice cerca de treinta traducciones, todas del portugués al español. La idea que todos teníamos es que fueran traducciones que no muy locales, que no hubiera muchos términos colombianos porque no era una traducción para Colombia, sino digamos para la Latinoamérica, era tratar de cubrir todo ese ámbito. Pero si se me fueron colombianismos fue sin querer.

D. G. – Yo tenía esa duda porque al leer la traducción me parecía que algunos términos eran de Colombia, pero no estaba segura si también eran hablados en otros países de Latinoamérica. ¿Quisiera saber cómo usted empezó a traducir para la editorial Norma? ¿Si había otro traductor del portugués en la editorial?

E. O. S. – Norma era una editorial, en los años ochenta, que solo se ocupaba de libros escolares y cuadernos y esas cosas. De pronto, no sé por qué quisieron meterse en el campo de la literatura propiamente y tuvieron una idea que me parece admirable es que quisieron tener su propio cuerpo de traductores, porque antes las traducciones normalmente se compraban, o eran españolas o eran mexicanas o eran argentinas. Del portugués, con excepción de un libro, *Agosto*, de Rubem Fonseca que no traduje yo. De resto, todas las traducciones que yo recuerde, las hice yo. Había traductores del inglés, del francés y siempre con esa idea de que teníamos que cubrir una lengua latinoamericana. Entonces, una de las colecciones de *Norma*, que se llamaba *Cara y cruz*, el director era Iván Hernández, un buen amigo mío, y él me sugirió si yo quería traducir un libro. Siempre me ha llamado la atención ese oficio de traducir y ese libro fue unos cuentos de Machado de Assis que se llamó *Misa de gallo y otros cuentos*.

D. G.- ¿La idea de traducir libros de Nérida Piñon, fue algo de la editorial o fue una idea suya?

E. O. S. - Por ejemplo, con Machado de Assis me sugirieron los cuentos, pero no los elegí yo. Con Nérida Piñon, en la editorial había otra colección llamada *La otra orilla* y la idea de traducirla no fue mía. Tenían ese libro y si yo quería traducirlo, yo dije sí. Yo ya conocía a Doña Nérida, yo ya había leído unos cuentos de ella que me había traído de Brasil y terminé haciendo la traducción de cinco o seis libros de ella.

D. G. – Sí, yo tengo otras traducciones tuyas. Tengo el libro *El calor de las cosas y otros cuentos*.

E. O. S. - Claro, esa es una edición mexicana para la editorial Fondo de Cultura Económica. Tres libros de cuentos de ella que me resultó muy difícil. Cuentos tan difíciles de traducir.

D. G. - ¿Qué le pareció traducir *A república dos sonhos*?

E. O. S. - Dayse, mi experiencia es que ninguna traducción es fácil. Unas más difíciles que otras. Pero yo pensaba que tratándose de Nérida Piñon y una novela de ochocientas páginas no resultó menos difícil que de lo que yo temía. La disfruté mucho porque es una bella novela. Entonces me la pasé muy bien.

D.G. - ¿Usted recuerda cuántos meses le llevó para traducirla?

E. O. S. - Casi un año.

D. G.- En aquella época, me imagino que usted usaba la máquina de escribir para traducir.

E.O. S. No, ya existía la computadora, pero yo no la tenía. Una amiga mía la tenía y me dijo “si quieres yo te digito eso”. Pero yo escribía a mano y le pasaba mis páginas y ella las iba pasando al computador. Así se hizo. Eso fue en la década de ochenta.

D.G. He leído en uno de sus libros que cuando usted era niño le gustaba leer cuentos de Monteiro Lobato.

E.O. S. Yo de niño me leía Monteiro Lobato, me fascinaba y todavía me fascina. Hace menos de un año, una editorial de Bogotá me encargó una traducción de Monteiro Lobato. Lo que me pidieron que hiciera fue el comienzo de las historias infantiles de *Narizinho* y *Pedrinho*, veinte páginas.

D.G. Cómo usted ve la labor de traducir? Por ejemplo, ¿cuándo usted recibe un libro para traducirlo, qué aspectos cree que son más importantes? ¿Cree que es posible suprimir algo en una traducción?

E.O. S. Primero de todo, te cuento que soy totalmente empírico, yo jamás tuve nociones académicas sobre la traducción. Pienso que no se puede suprimir nada, parece un pecado imperdonable. Yo ya leí traducciones donde el traductor se ha saltado cinco o seis páginas pensando que nadie lo va a descubrir. Tiene que ser muy honesto. Si algo le parece difícil hay que traducirlo.

D.G. – Usted tuvo la oportunidad de hablar con Nélida Piñon para aclarar dudas mientras traducía sus obras?

E. O. S. – Yo tuve la oportunidad de conocerla años después en ocasión de un encuentro de escritores que se hizo en Bogotá. La conocí y como buena brasileña es una persona encantadora, dulce, muy querida, muy suave y amable. Pero nunca le hice consultas sobre mi trabajo de traductor con su obra.

D.G.- Yo sé que usted vivió algunos años en Brasil, ¿no?

E. O. S. – Un año y después he vuelto tres veces más, pero en estancias más cortas. Pero es que Brasil me fascinó. Fue en el año 1974. Estuve completamente enamorado de ese país y lo fui descubriendo: sus escritores, su música, sus costumbres y eso para mí fue una fascinación total.

D. G. – ¿Antes de vivir en Brasil, ya sabía hablar portugués?

E. O. S. – Te cuento una anécdota muy simpática. Cuando yo era muy niño, llegó a mi casa un vinil con una canción que para mí sonaba en un idioma totalmente desconocido. Y yo de niño me aprendí esa canción como un loro y la cantaba con los sonidos que me llegaban. Muchos años después, viviendo en Brasil conocí la canción y me di cuenta de que era brasileña y eso fue como un absoluto descubrimiento. Y la canción decía: “*sabiá lá na gaiola fez um buraquinho*”. Pero yo de niño no entendía eso.

D. G. – **Usted me ha dicho que todavía traduce, pero no como en la época de la editorial Norma.**

E.O. S.- No, ahora es esporádicamente. Como te digo, ese texto pequeño de Monteiro Lobato, yo lo traduje hace unos pocos meses. Pero yo creo que no, el último libro que traduje, libro propiamente dicho, fue uno de Nélida para México que creo que se llama *Pan de cada día*. Es un libro de textos cortos muy bonitos. Es muy lindo. El último libro que traduje fue ese.

D. G - ¿Cuándo usted recibía un libro para traducirlo, solía leerlo todo para después traducirlo o lo leía mientras lo traducía?

E.O. S. – Te voy a confesar una cosa. No los leía. A medida que los iba traduciendo los iba leyendo por dos razones: primero porque iba sintiendo el entusiasmo por el libro y eso me daba como un impulso muy bonito para traducirlo. Y segundo, porque si me ponía a leerlo antes, sé que lo leía ya sabiendo que lo iba a traducir. Entonces era una lectura muy poco fluida contaminado por buscar cómo iba a traducir eso. Era un sufrimiento, una vez lo ensayé y no fui capaz.

D.G. – **Sobre los aspectos culturales, que es algo que estoy analizando en la traducción de *A república dos sonhos*. Para usted, los términos que aparecen en la obra, como, por ejemplo, *farofa*, *samba de breque*, ¿cómo pensaba traducirlos? ¿Pensaba en algo más próximo a los lectores de lengua española o pensaba repetir el término en portugués con una nota al pie de página, por ejemplo?**

E.O.S. – ¿Entiendes la palabra malicia? Yo como traductor, a veces digo “esa palabra mejor la dejo como está porque una traducción para mí debe sonar al idioma en el que se va a leer, pero que tenga en un telón de fondo el sabor del idioma original, en este caso el portugués. Entonces este es un juego de equilibrio que a mí me parece sutil y bonito, siempre es un reto. Por ejemplo, una palabra que te llamó la atención es *farofa*. Para qué me voy a poner a traducir *farofa*, porque sonando así sé que es una harina semiprocessada de maíz que se usa mucho como

condimento en platos brasileños. ¿Pero para qué me pongo a explicar todo eso? Si estamos hablando de un párrafo en que se sabe que se está hablando de alimentos para que el lector sienta como es el sabor brasileño.

D.G. – Yo me acuerdo de otro ejemplo con la fruta *pitanga* donde usted la tradujo como grosella. En el primer momento, tengo que confesarle que pensaba en la fruta grosella que hay en Europa. Después busqué en páginas de *internet* colombianas que grosella es la fruta *pitanga*.

E.O.S. – Yo ya no me acuerdo, Dayse. Pero hace poco mirando el libro, refrescándolo *La república de los sueños*, me di cuenta de que cometí un error minúsculo en *samba de breque* porque lo puse en femenino la *samba* que es en masculino. Nadie se dio cuenta, pero bueno, es un pecado.

D.G. - Algo que me llamó la atención fue que la palabra *São Paulo* está escrita como en portugués, pero la *Rua de Sabão* está como *Calle de Sabão* y no lleva la tilde del portugués, sino el acento circunflejo, no sé si por la máquina de escribir, mi primera hipótesis fue esa.

E.O. – No, puede ser un error mío que no puse la tilde, porque con la máquina de escribir no me hubiera permitido. Pero con ochocientas páginas uno se puede equivocar.

D. G. - ¿Después de traducir los libros, había un editor que los revisaba o era un revisor?

E. O. S.– Yo con la editorial *Norma* he tenido una suerte maravillosa que nadie me ha molestado. Digamos, por alguna razón me hice digno de que se creyera en mí. Y a partir de ese momento nunca nadie me supervisó ni me dijo nada ni “por qué escribió eso ni por qué puso eso”.

D.G. – Entonces las directrices editoriales no interferían a la hora de elegir, por ejemplo, ¿palabras que parezcan malsonantes para algo más suave o en otros casos?

E. O. S.– Dayse, no sé qué decir con relación a los otros traductores, pero yo creo que no. Respetaban mucho el trabajo del traductor, nunca me dijeron eso, jamás me dijeron. Con los otros dos o tres traductores de aquí de mi ciudad con los que tenía alguna relación, tengo entendido que jamás los molestaron tampoco para nada.

D.G. Tengo las traducciones para el inglés y el francés de *A república dos sonhos* y tuve la curiosidad de comparar el número de notas al pie de página. En la traducción del inglés

no hay ninguna mientras que la traducción del francés hay 155 notas al pie de página. En la suya hay 35 notas. ¿Qué criterios le guiaron a la hora de incluir esas notas?

E.O. S. - La idea que creo que debía tener todo traductor era de incluir el menor número posible de notas al pie de página, porque si una nota al pie de página si no es totalmente necesaria es un motivo perturbador que interrumpe la lectura. Hay veces que es necesario. En esa novela, *La república de los sueños*, como recorre un periodo histórico muy importante de Brasil, de Getulio Vargas y de los momentos políticos y otra serie de asuntos. El lector ajeno a Brasil no iba a notar, entonces, le pedí ayuda a un gran amigo mío que vivió muchos años en Brasil para que me ayudara en eso y los dos íbamos solucionando los problemas casi todos de tipo histórico, pero también de otras cosas. Por ejemplo, me acuerdo un momento que se habla del *candomblé*, aquí nadie sabe qué es *candomblé*, entonces hay que contarlo.

D.G. – **En la disertación también analizo los nombres de las calles. Hay muchos nombres de calles en la novela, como *Rua Primeiro de março*, por ejemplo.**

E.O.S. – Como te digo, Dayse, hay veces que pienso que esa calle es mejor dejarlo así porque suena bonito y suena a Brasil. En cambio, este otro puede causar alguna confusión o no es necesario. Una chica de la editorial *Norma* me preguntó por qué yo ponía *Rio de Janeiro* y no *Río de Enero*. Son cosas que uno sabe que no se puede hacer. En cambio, *São Paulo* jamás la traduje.

D. G. – **¿Qué le llevo a traducir obras de la literatura brasileña?**

E. O. S. – Yo sentía como una afición al hecho por traducir, me llamaba la atención. Cuando yo llevaba unos meses en Brasil, empecé a leer y a irme dando cuenta de cómo eran las cosas y de que ya podía traducir del portugués. Entonces eso me dio una gran alegría. Recuerdo que la primera traducción que hice fue de la revista *Veja*. Al comienzo de esa revista salían siempre distintas cosas y me encontré una entrevista con el tema del cine. Era una entrevista con el director norteamericano llamado John Huston y me di cuenta de que la podía traducir al español. Disfruté tanto que cuando *Norma* me propuso que tradujera a Machado de Assis, yo estaba feliz.

D. G. – **¿Usted notaba si había interés por parte de la editorial *Norma* en traducir la literatura brasileña?**

E.O.S. – Yo creo que no mucho. *Norma* se jugó esa carta, pero yo sentía que con Nélida que era una escritora muy importante. Quiero pensar que las traducciones que hice yo contribuyeron

algo para que fuera conocida, también hay el hecho de que ella fue gran amiga de la editora catalana Carmen Balcells. Todo eso influyó mucho. Yo tuve el placer de traducirle el discurso que pronunció cuando le dieron el *Premio Príncipe de Asturias*. Eso era como una comprobación de que era un nombre que tenía resonancia en el mundo de lengua española. Pero, en general, aquí el interés por los escritores brasileños yo sabía que no era mucho. Me encargaban de las traducciones y yo las hacía encantado de la vida. Por ejemplo, aquí siempre se ha leído a Jorge Amado, era el brasileño que se vendía. Graciliano Ramos, Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles esa gente aquí no se leía y ni se lee.

D.G. ¿Usted quiere compartirme algo más de la traducción de *A república dos sonhos* o de otras traducciones de Nélida Piñon?

E. O. S. – Creo que todo traductor tiene que sentirse escritor, sino no llega a ninguna parte. No tiene que ser Jorge Luis Borges, pero tiene que sentirse escritor porque la labor de traducir pasa por la labor de escribir. Ha sido un placer haberte conocido y cualquier duda que tengas puedes escribirme.

D. G. Muchísimas gracias, otra vez más le agradezco por haber compartido su tiempo para aclarar algunas dudas.

APÊNDICE B

ENTREVISTA COM ELKIN OBREGÓN SANÍN REALIZADA POR E-MAIL (TRADUTOR DE *A REPÚBLICA DOS SONHOS*, DE NÉLIDA PIÑON)

TRAYECTORIA PROFESIONAL

- 1. Además de ejercer como traductor durante más de veinte años, usted es caricaturista y escribe para una revista, entre otras actividades. ¿Sigue siendo actualmente la traducción su principal actividad?**

No, ahora mis trabajos en ese campo son muy esporádicos.

- 2. Usted ya ha publicado diversos libros de memorias y crónicas. ¿En ese sentido, usted considera que su labor como escritor influye en sus traducciones o viceversa? ¿De qué manera?**

Pienso que influye, y espero aclarar esto un poco más adelante.

- 3. ¿Qué le llevó a hacerse traductor de portugués-español? ¿Tuvo alguna formación específica a lo largo de su carrera?**

Siempre me atrajo ese oficio, no sé por qué. Pero soy por completo empírico.

- 4. ¿Cómo aprendió portugués? ¿Además del portugués, usted también traduce de otras lenguas?**

Aprendí por ósmosis, pues viví cerca de un año en São Paulo. No, solamente del portugués.

- 5. ¿Cómo surgió su interés por la literatura brasileña?**

Siempre he sido lector, y el tesoro literario que encontré en Brasil me fascinó (por lo demás, algo, aunque muy poco, había leído antes).

- 6. ¿Cómo empezó a traducir para la editorial Norma?**

Un amigo, Iván Hernández, dirigía la Colección Cara y Cruz del área literaria de *Norma*. Iván me invitó a seleccionar y traducir algunos cuentos de Machado de Assis para esa colección. El libro se llamó “*Misa de gallo y otros cuentos*”, y así empezó una labor que se prolongó, más o menos, 20 años...

7. ¿Usted ya recibió una beca o apoyo financiero (por parte de alguna Embajada, Fundación o Instituto Cultural, por ejemplo) para traducir una obra brasileña o portuguesa? En caso afirmativo, ¿cuál beca o apoyo financiero?

Nunca, ninguna.

SELECCIÓN DE OBRAS

1. ¿Cómo llegaron hasta usted esos libros para que los fuese traduciendo? ¿Quién le propuso traducirlos? ¿O fue usted quien se lo sugirió al editor? ¿Con el tiempo, hubo algún cambio a lo largo de ese proceso?

No recuerdo haber sugerido ninguno, eran señalados por los editores. Tal vez hay una excepción, *Sempreviva*, de Antonio Callado, libro sugerido por mí. (Por cierto, el libro salió con una serie de erratas e imprecisiones, salidas de no sé dónde, y de las que soy del todo inocente. También salió sin crédito de traductor, una anomalía que, dadas las circunstancias, fue buena para mí.

2. ¿Qué es lo que le lleva a aceptar la traducción de una novela? En otras palabras, ¿por qué usted piensa que es necesario traducir determinado autor o determinada obra?

No sé, es curioso, pero todas esas obras me agradaban, por conocimiento o intuición.

3. En el caso de *A República da Sonhos*, ¿cómo se dio esa elección? (¿Fue usted quien propuso la traducción? ¿Fue el editor el que se lo propuso? ¿Hubo otro intermediario?)

No, fue el editor.

4. ¿Usted ya conocía o ya había leído los libros de Nélida Piñon antes de traducir *A república dos sonhos*?

Había leído unos cuentos suyos, muy pocos.

LABOR DE TRADUCCIÓN

1. ¿Qué representa para usted la labor de traducción?

Me gusta mucho, me parece algo creativo, y además una especie de reto, sin duda muy estimulante.

2. ¿Para usted, qué es una buena traducción?

En términos generales, aquella “que no se nota”... pero también la que, de algún modo, deja percibir, como una especie de telón de fondo, el ámbito de donde viene.

3. ¿A qué aspecto o aspectos usted da prioridad a la hora de trabajar en una traducción?

Pues no sabría decirlo, todo depende del texto que tengas entre manos.

4. Con respecto a su método de trabajo, ¿usted suele hacer la traducción al mismo tiempo que la primera lectura de la obra o prefiere primero leer el texto hasta el final antes de comenzar a traducirlo?

Suelo traducir al mismo tiempo en que voy leyendo.

5. ¿Llegó a haber interferencias o condicionantes derivados de las directrices editoriales (normas internas, plazos ...) en su trabajo de traducción, ya sea en el caso de sus elecciones lingüísticas, en la supresión o atenuación de términos malsonantes o vulgares, en la restauración del estilo del texto original o en el uso de notas explicativas etc.?

No, no, nunca recibí presiones de ninguna clase.

6. ¿Con qué dificultades se encontró al traducir las obras literarias de ficción?

Cada texto tiene, por así decirlo, su propio ámbito de problemas (estilo o manera del autor, época, escenario, un largo etcétera. Corresponde al traductor identificar ese ámbito, y tratar de recrearlo sin desvirtuarlo.

7. ¿En qué situaciones usted recurre al uso de notas al pie de página?

Se debe evitarlas en lo posible, claro. En el caso del libro de Nérida, muchas se hicieron necesarias, a mi juicio, por las muchas referencias históricas y locales del texto, poco o nada comprensibles para el lector medio iberoamericano.

8. A lo largo de su experiencia con las editoriales, ¿quién solía revisar sus traducciones? ¿Un revisor, un editor? ¿En ese caso, estas revisiones llegaron a ser aprobadas por usted?

Por fortuna, siempre se me dio libertad total.

TRADUCCIÓN DE *A REPÚBLICA DOS SONHOS* Y OBRAS DE NÉLIDA PIÑON

1. ¿Cuáles fueron los mayores desafíos (lingüísticos, de estilo, culturales, etc.) que usted se encontró a la hora de traducir las obras de Nélida Piñon? ¿Cómo fue resolviéndolos?

Sería muy largo de enumerar, querida Dayse. Confío en que respuestas anteriores den un poco de luz sobre el asunto.

2. ¿A la hora de trabajar en la traducción al español de *A república dos sonhos*, usted tomó como referencia al lector colombiano o al lector hispanoamericano en general? ¿Es decir, la toma de decisiones con relación a los elementos lingüísticos y culturales se orientaron, en términos geográficos, hacia qué lector?

Pienso que una traducción debe evitar el peligro de ser muy local (pecado en el que a veces caen, por ejemplo, los traductores españoles). He tratado de manejar, en lo posible, un idioma hispanoamericano, una especie de “esperanto” de la lengua. Pero no siempre es fácil. A veces aparecen obstáculos que te obligan a marchar armado de la intuición...

3. La traducción de los elementos culturales representa un desafío para los traductores. En el cuadro abajo le presento ejemplos que hemos extraído en la traducción de *A república dos sonhos*. ¿Qué criterios guían su decisión (mantener la misma palabra que el original, traducirla, eliminarla, etc.) al traducir estos elementos?

Los criterios varían, según cada caso. Cuando se puede, no está nada mal preservar un poco de “color local” (como en el caso de “farofa”, del que ya hablamos). Otras veces, ciertas preparaciones alimenticias más genéricas, como en el cuadro 2, creo que suplen aclaraciones tal vez innecesarias, o incluso fatigosas

Os vizinhos haviam prometido colaborar com a farofa , o arroz de frango, a maionese, o bolo, sem falar nos seus alegres e ruidosos corações. (PIÑON, 2015, p. 231)	Los vecinos habían prometido colaborar con la farofa , el arroz con pollo, la mayonesa, el bizcocho, para no hablar de sus
---	---

	ruidosos y alegres corazones. (PIÑON, 2013, p. 239)
Madruga saltava nas estações à cata de <u>pastéis, empadas, brevidades, mães-bentas, broas de milho</u> . (PIÑON, 2015, p. 462)	En las estaciones, Madruga descendía en busca de <u>pasteles, emparedados, roscas y tortas de maíz</u> . (PIÑON, 2013, p. 491)

4. ¿Tuvo ocasión de mantener contacto con Nélida Piñon para aclarar eventuales dudas mientras traducía *A república dos sonhos* u otras obras de esta escritora?

No, por suerte. Ese tipo de contactos, dado el muy frecuente ego de los escritores, sólo debe buscarse en ocasiones extremas.

5. ¿Hubo de alguna forma interferencias por parte de la editorial en la traducción de *A República dos sonhos* (por ejemplo, en cuanto al estilo, registro lingüístico ...)?

No... Tuve suerte en eso.

6. ¿Qué criterios le guiaron a la hora de incluir las notas al pie de página en la traducción de *A República dos sonhos*?

Ya creo haberlo mencionado arriba. En buena proporción, clarificaciones de tipo histórico, y también local, o cultural.

PIÑON, Nélida. **A república dos sonhos** (Edição comemorativa de 30 anos). Rio de Janeiro: Record, 2015.

_____. **La república de los sueños**. Tradução de Elkin Obregón Sanín. Madri: Alfaguara, 2013.